
NATALIA JASTER
LIE
FOOLISH KINGDOMS
BOOK THREE

Avisos



A presente tradução foi efetuada de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

SALEM WITCHES

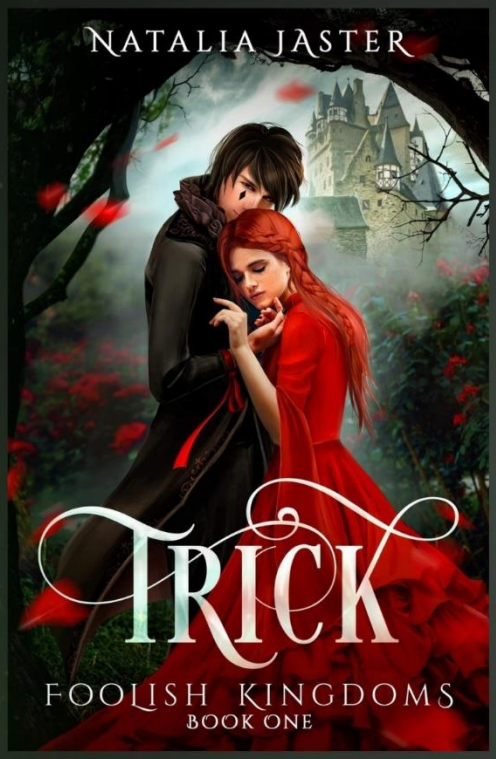
TRADUÇÕES



Setembro, 2020

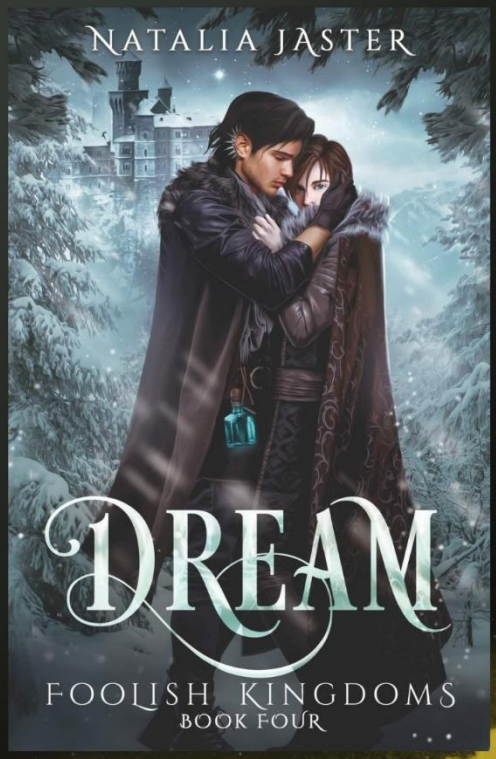
Foolish Kingdoms

Ordem de Leitura









SINOPSE

A ladra conspiradora. O cavaleiro implacável. E a floresta sombria onde um conto de fadas se esconde...

A Ladra

No Reino do Outono, Aspen é uma garota em fuga. Ela é uma garota que conhece o caminho da mentira.
Ela é a ladra que roubou da Coroa.

O Cavaleiro

Das sombras de um castelo, Aire é um homem em perseguição. Ele é um homem que vê através da traição de Aspen.
Ele é o cavaleiro implacável a caçando.

A floresta

Em uma floresta de conto de fadas, um par de almas incompatíveis são jogadas juntas - apenas para encontrar um vínculo inesperado.
Enganoso e apaixonado.

PRÓLOGO

FANTASIA

Era uma vez, uma mentirosa.

No Reino do Outono, ela fora criada das árvores e tinha um coração em forma de noz. Ela era vaidosa. Ela era má.

E sim, ela contava mentiras. Muitas.

Por que essa garota mereceria um conto de fadas?

Garotas como ela não merecem suas próprias histórias, muito menos ganham finais felizes. Elas não colhem a glória, nem atraem o honesto e nobre cavaleiro. Elas não eram mansas o suficiente, ou gentis o suficiente, para serem recompensadas.

Para serem desejadas. Serem amadas.

Era isso que os contos de fadas queriam que o mundo pensasse. Porque geralmente, contos de fadas eram estúpidos.

Mas não este. Este conto era diferente.

Tão diferente quanto a própria garota. A garota de madeira feita de árvores.

Começou assim: *Antes* de viver uma garota de madeira, vivia uma floresta. Em algum lugar especial entre os carvalhos imponentes, um pobre animal fica preso em uma armadilha. Era uma criatura rara, valorizada por seu pelo em vez de sua vida.

Mas antes que um caçador pudesse descobrir sua captura, um pobre lenhador aconteceu com o animal. Com fome, o lenhador poderia vendê-lo e colocar comida na mesa.

Em vez disso, o madeireiro libertou a criatura, reparando sua perna e depois recuperando sua saúde, oferecendo a última ração de nozes.

O animal comeu apenas três nozes da pilha e depois acariciou seu salvador, agradecido por ter sua vida restaurada.

O estranho tinha sido generoso com a natureza, por isso a natureza fez o mesmo pelo estrangeiro. Como recompensa por esse ato amável, a poderosa estação do Outono abençoou o trio de sobras, transformando-os em tesouros da terra. Cada noz daria vida a quem a possuísse. E cada uma de uma maneira distinta.

A primeira, uma vida feliz.

A segunda, uma nova vida.

A terceira, uma vida restaurada.

A primeira bolota de noz foi dada ao socorrista do animal. As outras duas foram varridas pelo vento, aterrissando em algum lugar desconhecido dentro das infinitas florestas, campos e pomares do reino, esperando serem encontradas pelas próximas almas dignas.

As pessoas adoeceram e envelheceram. Casais ansiosos por filhos.

Essas bolotas de noz raras pareciam bons negócios. Seria possível reconhecê-las a partir do sulco único marcado na concha: linhas, semelhantes à borla de uma pluma. Ninguém sabia ao certo qual morador da floresta havia sido preso, mas o sulco sugeria que poderia ter sido um pássaro terrestre.

Ao longo do século, as pessoas caçavam nas florestas, procurando as bolotas de noz restantes, mas seguiam para casa de mãos vazias. Eventualmente, elas desistiram de procurar.

Então, uma marceneira tropeçou na segunda bolota de noz enquanto colhia suprimentos florestais para seu ofício. Percebendo o que descobrira, o carpinteiro teve uma ideia e levou o prêmio para sua última criação: Um fantoche com um buraco no peito.

Naquela noite, ela usou a bolota de noz para preencher aquele buraco - o buraco onde o coração deveria estar. Ela anexou a esta figura de madeira, que ela estava esculpindo por si mesma. Porque ela estava sozinha e queria companhia... e oh, ela conseguiu.

Quando a bolota de noz se encaixou, os olhos da boneca se abriram.

E aquele corpo de madeira se tornou curvas esvoaçantes. E esses lábios se tornaram um sorriso enganador. E essa bolota de noz se tornou um pulsar duro.

E aquela mente se tornou um ninho de mentiras, sem precisar de um final viçoso, sem querer um cavaleiro nobre e sem se preocupar com a verdade chata.

Não quando eu poderia me divertir muito mais.

Não quando eu poderia causar um dano tão brilhante.

Sim. Aqueles olhos eram meus.

Aquela garota era eu.

CAPÍTULO UM

HONESTIDADE

A essa distância, a donzela com cordas parecia quase real. Os olhos, a boca - e especialmente o nariz, que se inclinava para cima, zombando do ângulo da minha espada enterrada no peito dela, como se eu não tivesse conseguido esfaqueá-la corretamente.

Puxei a lâmina, desejando fazê-la passar novamente, um pensamento verdadeiramente escuro para um cavaleiro de honra.

Meus camaradas aplaudiram, irmãos e irmãs de armas enchendo o pátio de treinamento com o barulho e o choque de luvas blindadas. Enquanto o barulho discordante ecoava em meus ossos, vi a garota em sua forma mais verdadeira: uma grande boneca pendurada no galho de uma árvore, pendurado ao nível dos olhos, com um X pintado no peito.

Ela era uma coisa irreal, uma coisa falsa, é claro.

Claro que ela era. O que mais ela poderia ser?

Ela, aquilo, era apenas um fantoche. Eu faria bem em me concentrar na tarefa em questão, não me debruçar sobre contos de fadas infernais.

O amanhecer alcançou o horizonte, uma luminosa coroa de sol. Do lado de fora da cidadela e da cidade baixa, o céu polido tocava os campos de colheita do nosso reino, matizando os caules de milho e aveia.

Eu dei um passo para trás, girando minha espada. A lâmina cortou o ar - os sussurros de uma ponta afiada - quando eu a girei uma vez, mergulhando-a na minha bainha.

Quando eu era garoto, desejava um cavalo.

Quando eu era um garoto mais velho, eu desejava que uma espada fosse com aquele cavalo.

Quando eu era um garoto muito mais velho, desejava que fosse um cavaleiro, para que usasse tanto a espada quanto o cavalo.

Minha história era simples. Na terra das folhas que caíam, vivia um cavaleiro que acreditava em apenas três coisas: cavalheirismo, bravura e honestidade.

O último, acima de tudo. Verdade, a força vital da honra.

As onipotentes Estações - a própria natureza governando os reinos da Primavera, Verão, Outono e Inverno - nunca mentiram. Como tal, seus súditos também não deveriam.

As mentiras pertenciam a um mundo falso, destinado a coletar poeira nas páginas de livros fantasiosos e caluniadores. Contos de fadas eram mentiras que depreciavam crianças, difamavam mulheres, desonravam homens e glorificavam desejos superficiais. Mães e pais traíam seus filhos, maridos e esposas se manipulavam, príncipes beijavam princesas adormecidas sem pedir permissão, e princesas se casavam com eles de qualquer maneira.

Os contos de fadas desprezavam vícios como ciúmes e ganância, mas ainda assim: mentiras.

Mentiras que premiavam idiotas por sua tolice, enquanto no mundo de carne e osso, vilões reais nem sempre eram punidos, e os realmente bons nem sempre viviam felizes para sempre.

Eles nem sempre *viviam*.

Olhei para o cemitério cheio de bétulas além da cidadela, onde nobres enterravam seus entes queridos. Enquanto eu olhava naquela direção, meu

polegar roçou o anel em volta do meu dedo, o círculo metálico raspado com a idade.

Contos de fadas faziam promessas falsas. Eu sabia disso muito bem.

Que outros, exceto eu, submetiam-se a histórias e fábulas, aqueles contos de fogueiras carregadas da história da minha casa, aqui em Mista, o Reino do Outono.

A história sobre bolotas de noz, eu menosprezava.

Meus dedos viajaram do meu anel para o punho da minha arma. Bati no queixo, convocando o próximo escudeiro, que engoliu o comprimento da sua garganta. Quando o rapaz levantou sua lâmina, meus olhos se voltaram para o alvo, seu rosto sem gênero.

O que me inspirou a supor que era uma mulher?

Talvez a expressão do boneco tivesse me levado à idiotice. Talvez aquele enrugado, cauteloso nariz tivesse me levado a imaginar uma vida para seu dono, uma que fugisse dos limites da realidade, testando assim meus próprios limites.

Na terra das folhas que caíam, vivia um cavaleiro...

O escudeiro empurrou, mas errou o coração do boneco. Naquele momento, alívio - alívio misterioso - percorreu minhas veias, a vergonha disso aquecendo minha pele, ardendo como o tapa de um traidor. Eu segurei o cotovelo do rapaz e o instalei para o lado, silenciando as vaias ao nosso redor.

Minha espada assobiou de sua bainha mais uma vez. Meu corpo girou, perfurando o pescoço de madeira com uma força limpa nas costas que decapitou a figura.

— Assim. — Eu instruí.

Aplausos se seguiram. Nosso grupo queimou os pedaços, meu olhar se desviou quando deslizei minhas mãos - deslizei meu dedo com o anel - em

luvas de couro. A fumaça passava pelo ar da manhã, o boneco caindo aos pedaços.

Nós nos recompensamos com canecas enquanto nos sentamos em volta de uma fogueira, compartilhando cerveja e histórias da semana, do mês e do ano. Essas eram narrativas reais de pessoas reais, relatos de admiradores agradáveis e política diária, debates sobre tolice e loucura, comparações de artesanato com armas, argumentos sobre qual moinho produzia o melhor grão e qual taberna servia a melhor espuma e quais tinham as melhores barmaids ou barmen. Era uma conversa de cavaleiros, selada com lições, palestras e risadas.

A Realeza me convocaria para uma conferência em breve. O castelo, de alvenaria pintada de nogueira e janelas emolduradas em persianas de um vermelho beterraba profundo, presidia pacificamente atrás de nós. Uma mulher soldada empurrava outra, e tudo estava normal.

Tudo deveria ter corrido bem, exceto que a luz da manhã mudou, explodindo pelo gramado. Uma brisa acordou as copas das árvores das florestas distantes de Outono, as folhas de cobre e vermelho batendo palmas não em elogios, mas em premonições. Pareciam as páginas de um manuscrito.

Os outros soldados muitas vezes me tiravam as Estações, acusando-me de clarividência e de ter uma mente de vidente, embora esses seres não existissem. Seja como for, senti uma torção, uma guinada inesperada no ar, carregada de antecipação e mudança.

Na terra das folhas que caíam, vivia um cavaleiro...

Eu me levantei, sinalizando o fim do nosso descanso. Minha cota de malha brilhava como água, arrastando meus ombros para baixo enquanto caminhávamos de volta para a fortaleza, indo para o arsenal.

O cheiro de madeira queimada me seguia. Incapaz de me ajudar, estiquei a cabeça por cima do ombro mais uma vez, olhando para o pátio de treinamento, para os restos de cinzas do poço. Não, o corpo nas cordas não tinha sido real. Não, eu não acreditava que tivesse sido. Donzelas de madeira não ganhavam vida, nem sorriam, nem encantavam. Certamente, as marionetes não enganavam.

De fato, apenas uma pessoa real poderia fazê-lo.

Mesmo assim, apenas uma alma perversa brincaria com uma nobre.

Apenas um mentiroso faria algo assim.

CAPÍTULO DOIS

FANTASIA

—Claro, não é perigoso. — Prometi.

Açúcar e especiarias cobriam essas palavras, uma colher de chá de sinceridade, uma colher de sopa de diversão. Um sabor desonesto. Um que beliscava a porra da língua.

Do lado de fora das muralhas da cidadela, o filho do pedreiro hesitou. — Você tem certeza?

Eu estreitei os olhos e sacudi uma folha perdida da minha saia de bolso cinza carvão, os parafusos dos nós dos dedos batendo juntos. —Estou ouvindo coisas, ou parece que você está duvidando da minha palavra?

—Não —, o menino apressou-se. —Não, quero dizer-

—Parece que ele duvida de mim. —Inclinei minha cabeça, reunindo os rostos à esquerda e depois os à direita.

Meia dúzia de meninos e meninas concordaram, balançando a cabeça e murmurando, com os braços cruzados. Serviu o garoto certo por ter a coragem de me questionar.

—Ou talvez você tenha mudado de ideia. Talvez você não queira fazer parte do meu círculo. Talvez você tenha encontrado um melhor para participar. — Inclinei minha cabeça, certificando-me de que o sol do Outono atingisse minhas maçãs do rosto, esculpidas com perfeição. —Ou você é um covarde.

—Eu não sou assim. — Protestou o garoto.

—Olhe para mim quando estiver falando com você.

O filho do pedreiro obedeceu. —Ninguém me chama de covarde. Se o fizer, é mentira.

Na verdade, não. Eu sabia a diferença entre mentiras e meras observações. Por dezoito anos, eu aprendi a diferença entre mentiras e todo o resto.

De fato, meu nariz me ensinou essa diferença; o apêndice tendia a mudar de tamanho por causa da distinção. Mas eu sabia como controlar isso.

Inclinando-me para a frente, sussurrei: —Está tudo bem em admitir que você está com medo.

—Não tenho nada para admitir.

—Que alívio. O problema é que eu tenho padrões...

—Eu vou fazer isso.

Era assim. Iniciações tinham planejamento e esquemas. Eu tinha dado uma tarefa básica, a primeira em um palheiro de requisitos antes de aceitar o rapaz em meu círculo. Se ele não pudesse realizar esta simples, uma tarefa de iniciante, ele não iria mais longe comigo.

Um sorriso de satisfação. Inclinei minha cabeça em direção à parede, além da qual erguia o castelo, a semente de maçã do Reino do Outono. A fortaleza tinha dezenas de varandas e torres de topo plano, pontos de vista a partir dos quais ver e ser visto.

O garoto foi embora. Levantei minha mão para o lado e um dos meus servos colocou um chapéu de penas na palma da mão. Empoleirando o chapéu em cima da minha cabeça, inclinei-o em um ângulo alegre e murmurei para o grupo: —Esperem por mim.

Mas não por ele. Ele não estava voltando.

Eu dei um passo à frente, meus saltos de botas esmagando folhas mortas perdidas. Eu as ultrapassei, esperando que o rapaz me seguisse. Caminhamos ao longo do fosso até chegarmos a um aglomerado de faias.

Meu dedo saltou entre cada tronco grosso. —Uni, duni — Eu apontei um dedo para a árvore esquerda —Tê.

O garoto embaralhou quando eu puxei uma vara do meu bolso, moldada em ângulos deformados e irregular ao longo de um lado, a parte superior bifurcada. Coloquei o graveto no tronco, deixando-o deslizar em um espaço camuflado dentro da casca.

Torcendo meu pulso, o estômago da faia destravou, quebrando uma porta. Os degraus de toras levavam fundo para dentro de um túnel de madeira antiga que brilhava mesmo abaixo do solo, facilitando a visão. Cavava o solo como uma toca de toupeira, com raízes de árvores penduradas no teto.

Muitas passagens secretas levavam ao castelo. Eu descobri sobre isso depois de acariciar o aprendiz do serralheiro. Essa trava em particular só podia ser aberta com um bastão da forma intrincada correta. Seria impossível criar uma réplica - se o invasor não fosse eu.

Guiei o rapaz ao longo da passagem sob o fosso, depois subi à luz do dia através do útero com crosta de outra árvore. Espiei e guiei o esperançoso para uma pista, fechando a porta atrás de mim. Pátios cercavam o castelo, alguns separados por arcadas fechadas. O esconderijo de faias havia nos deixado do lado de fora do quarteirão fechado dos vendedores, onde nobres e criados andavam por ali, ocupados demais ou egoístas para nos notar.

Eu poderia me relacionar. Nada me interessava muito, a menos que eu me beneficiasse.

Sem olhar para trás, torci o dedo para o rapaz seguir, correndo em direção a um dos portões. —Agora—, eu disse, apontando através da treliça

em direção a um carrinho cheirando a doçura carbonizada. —Pule este portão e me traga uma dúzia deles.

—O c-comerciante está bem ali. — O garoto objetou.

—Então distraia ele. Intimide-o ou flerte com ele para um tesão. Aperte sua bunda com uma mão e pegue com a outra. Se você não consegue lidar com uma manipulação básica, o que vou fazer com você? Eu não sou amiga de qualquer um.

Com tantos rostos ao redor, levou alguns minutos, além de algumas tentativas esfarrapadas, para ele passar pelo portão. Enquanto ele lidava com o carrinho mercante, eu me afastei na direção oposta, mantendo a cabeça baixa, não querendo que alguém chegasse perto demais de mim. Ao longo dos anos, a cidade baixa se acostumou a ver meu rosto. Eles se acostumaram com a... singularidade disso. Pelo menos, eles tinham no meu bairro.

Eles também foram alimentados com uma boa história de como eu era assim, o que tornava mais fácil contornar minha aparência, o que impedia que os rumores se espalhassem, de modo que ninguém fora da minha cidade já tivesse ouvido falar de mim. Em resumo, os moradores da cidadela não estavam cientes da minha existência, mesmo que eu estivesse aqui uma vez antes.

Ontem, para ser exata. Eu fui convocada pela coroa.

Convocada sob condições de sigilo, o que significava que não podia me gabar.

Mas tudo bem. Ser chamada aqui me oferecia algo melhor.

Eu roubei outro vislumbre das torres.

Você tem algo ali que me pertence.

Meu olhar voou sobre as muralhas do castelo. Seus cantos e recantos. Suas janelas e colunas. Suas trepadeiras de mirtilo e caixas de janelas cheias de taboa.

Como apenas quadras selecionadas foram fechadas, passei por um arco aberto e depois por outro, absorvendo os detalhes. Eu já tinha planejado como entrar hoje à noite, mas não era especialista nisso. Não entrava em fortalezas o tempo todo. Eu mantive meus olhos abertos, procurando por fendas e pontos fracos, observando petiscos extras para mais tarde.

A iniciação me deu uma desculpa para explorar a área mais uma vez antes do anoitecer. Dois pássaros, uma pedra.

Nobres passeavam com suas melhores roupas, em redemoinhos de veludo e pontos de couro. Vi um gramado cercado, onde homens e mulheres atiravam espadas um para o outro. O barulho de aço. O empurrão e puxão dos grunhidos.

No dia anterior, quando pus os pés na cidadela, olhei para o esquema de longe. Mas naquela época, tinha sido o bobo da corte treinando na grama, seu peito nu brilhando enquanto ele fazia cambalhotas.

O amante da princesa não era um rapaz como os do meu círculo. Não, o bobo da corte era um homem, totalmente crescido. Todas as manhãs, Sua Alteza acordava ao lado daquele corpo ágil e batia nos quadris. Aposto que o bobo da corte a mimava com todas as posições que ele deveria saber. Cara de sorte, brilhante.

Hoje, cavaleiros lotavam o quintal. Claro, a visão distante de corpos duros me fez bem, mas a visão de armas fez mais. Eu gostaria de poder ver essas ferramentas de perto, suas bordas, cabos e inscrições.

O sino da torre tocou, balançando no alto. Afastei-me do pátio de treinamento e voltei para o portão, onde o menino estava em uma poça de suor. Ele precisou de menos tempo do que eu esperava. Pontos para ele.

Ele ainda estava do outro lado. Para ele voltar, eu teria que vigiar.

Primeiras coisas primeiro. Estendi minha mão, na qual ele depositou uma bolsa contendo seis baforadas de branco. Eu adorava marshmallows, mas os da cidadela cheiravam mais ricos do que na cidade baixa. Outro detalhe que eu notei ontem.

Suspirei. —Eu disse, uma dúzia.

—Você tem que estar brincando —, o menino rosnou. —Eu não vou voltar para lá.

—Então tenha uma vida agradável.

—Você disse que isso não era perigoso.

—Ilegal, com certeza. Mas não é perigoso. Se você acha que não há diferença, bem, isso não é culpa minha.

—Você é uma mentirosa, Aspen.

Eu zombei. —Confie em mim. Se eu estivesse mentindo, você saberia.

Todo mundo saberia disso. Meu nariz tornaria óbvio.

E eu quero dizer, sério? Ele desistiu depois disso? Eu tinha previsto isso, embora não quisesse estar certa. De qualquer forma, eu tinha um plano de contingência para testá-lo ainda mais, experimentá-lo quanto ao tamanho.

O garoto reclamou: —Se eu voltar para mais, serei pego. Não posso estar no seu círculo se estou no estoque.

Eu dei a ele uma vez. —Olhe para você, com seus olhos de corça e lábios virgens. Um dia de encarceramento. Dois, no máximo.

—Por que você faria isso?

—Porque eu sou uma vadia.

Veja, era por isso que não invejava meus vizinhos ou amigos. O povo deste reino, benevolente e cortês, com sua carne e ossos. Seus corações batendo. Suas consciências. Sempre, seus princípios de Outono eram divulgados nos piores momentos possíveis, arruinando minha diversão.

O bom de ser apenas metade deles era que eu possuía apenas metade de suas fraquezas.

—Sou uma cadela —, repeti. —e quando você tem inimigos, vai querer uma cadela do seu lado, não uma fada madrinha. Você sabia o que era necessário para ingressar no meu círculo. Você sabia o risco de pular esse portão. Você tem bolas. Agora me mostre que você tem cérebro.

—Se não o fizer, conhecerá seus limites e nos poupará o tempo perdido. — Eu sorri. —Entende? Estou fazendo um favor a você.

—Sua mãe tola nunca te contou? Você teria que ser real para ser uma vadia. Não uma marionete.

Meu queixo endureceu. Um estalo soou entre nós.

Poderia ter sido *real* ou *fantoche* que acertaria em cheio. De qualquer maneira, iniciação feita.

Eu não era um fantoche, nenhuma boneca, nenhuma marionete. Eu tinha juntas e dedos da madeira de Mista. Não casca de pele, mas madeira macia como uma mesa. Madeira dura e inflexível onde eu precisava, como meus braços. Madeira flexível e elástica em outros lugares, como minha boca e seios.

Eu tinha sobrancelhas escuras e uma tangente de outros tons de marrom em cada fibra do meu cabelo. As camadas até os quadris e frisadas, macias como as de todos os outros.

Um pequeno nó de árvore empoleirava-se acima do meu lábio superior, como minha marca de beleza.

E uma bolota de noz aninhada dentro do meu peito, exatamente onde um coração deveria estar.

Sim, o xingamento não ajudou. Mas tivemos um problema maior.

Eu tracei a boca do garoto com uma unha curta e sólida. —Minha mãe não é tola.

Afastando-me, joguei os marshmallows pelo portão e os levantei. O único tratamento restante desapareceu no decote da minha camisa, o tamanho do meu peito ocultando-o.

—Se você conseguir se livrar disso, parabéns —, eu disse. —Venha me encontrar em casa. Eu serei a que festejará este marshmallow e me perguntarei por que você demorou tanto.

Entrando na sombra, enfiei meus dedos na boca e assobiei. —Ladrão!

O garoto empalideceu. Atrás dele, as pessoas pararam. O comerciante viu as guloseimas roubadas espalhadas pelo filho do pedreiro e começou a pedir um guarda. Enquanto a comoção aumentava e as pessoas se apressavam para assistir, eu usei a multidão para me misturar, virando e contornando os corpos como uma espectadora inocente.

Alguns homens e mulheres do pátio de treinamento correram para perto, com a pele suada de suor. Eles devem ter terminado de praticar e ficaram curiosos.

O peso dos olhos de alguém pousou em mim.

Parei no meio do caminho para a porta da árvore, com a mão no bolso, segurando a chave da vara. Meu queixo mudou em direção ao peso.

Um dos homens inclinou a cabeça na minha direção. Um chicote meio vestido. Provavelmente outro cavaleiro.

Sob uma auréola de cabelos dourados, ele olhou. Não suspeitosamente, mas atentamente.

O sol mudou, um raro raio de calor no Outono. Ainda assim, a distância e as massas escondiam minha pele da floresta. Eu não conseguia ver o rosto dele mais do que ele podia ver o meu.

Ele também não poderia ter testemunhado o que tinha acontecido, uma vez que acabara de chegar lá. Ele viu apenas os ingredientes de uma garota. Apenas uma donzela em um pátio.

No entanto, seu olhar voou para o meu peito, me forçando a retroceder um passo.

Humph. Eu me recuperei, ignorando o empurrão.

A melhor maneira de jogá-lo fora era o caminho direto. Eu soprei um beijo para ele, depois saí, a pena no meu chapéu cortando o ar.

Demorou um pouco, mas senti seu olhar se erguer. Eu verifiquei por cima do ombro para ver se ele havia desaparecido na queda.

Eu refiz meus passos através do túnel de faia para o exterior, para onde meus seguidores estavam, torcendo as mãos. Por culpa ou nervosismo? Quem sabia. Corromper a juventude justa de Outono levava energia.

—Ele vai viver —, eu disse a eles, passando pelo círculo. —Vão para casa.

De volta à cidade baixa, os aromas de ameixas assadas flutuavam de uma janela aberta no Bordô Gingando. As pessoas carregavam lenha com carrinho de mão e empilhavam fardos de feno em carroças. Eles pensavam tanto quanto falavam.

Bem manso, como sempre. Mesmo o Rabanete & Tulipa - uma taberna rebeldemente nomeada em homenagem aos elementos da Primavera - não conseguiam compensar a rigidez.

Passando pela livraria e pela banca de cartógrafos, tirei da cabeça a imagem daquele cavaleiro. Ele me viu, mas não tinha visto mais nada.

Em vez disso, pensei naquele garoto patético no pátio, querendo se juntar ao meu círculo e depois me chamando de fantoche. Imaginei uma marionete com cordas, um laço vermelho para os lábios, fendas delineando o queixo e olhos sem visão.

Imaginei uma garota com pernas flácidas, controlada por outras pessoas, sendo dita o que fazer.

Uma coisa falsa. Uma coisa deformada.

Eu com certeza não era uma criatura desfigurada. Eu era uma líder.

Eu *era* real.

Eu *era* uma garota de verdade.

Na verdade, tinha mais sorte do que isso. Eu nunca tinha olheiras, nunca sofri a indignidade das espinhas. Eu tinha panturrilhas e braços macios e sem pelos. Meus dentes não amarelavam ou deterioravam com a idade.

Ao longo dos anos, minha figura de madeira cresceu, inchando em quadris e seios. Em termos de tamanho, meu corpo ocupava uma quantidade substancial de espaço. Não chegava aos galhos, mas ninguém poderia me chamar de baixinha. Eu tinha peso para mim, curvas que chamavam a atenção e um busto a condizer. Às vezes, o tamanho dos meus seios ficava no caminho, mas eles se encaixavam no meu corpo.

Eu fui criada com perfeição. Eu era *simétrica*.

Minha mãe se certificou disso. Minha mãe me trouxe à vida a partir de um conto de Outono.

Mas eu era uma garota de verdade. Meu nome era Aspen e eu era uma garota de verdade.

E minha mãe não era uma tola.

Eu não era a filha distorcida de uma tola.

Depois que eu invadisse o castelo e pegasse o que precisava, ninguém questionaria isso.

CAPÍTULO TRÊS

FANTASIA

Ao anoitecer, me preparei para violar a lei.

Sombras surgiram em minha casa, cobrindo os armários em trevas. Uma abóbora estava no parapeito da janela, escavada e brilhando com a vela lá dentro.

Se você quisesse entrar furtivamente em um castelo, a fim de arrancar algo de um cofre, tinha que ficar quieta. Invisível e inédita.

Ok. Bom senso, mesmo para uma amadora.

Feita de madeira e com o meu tamanho pequeno, isso representava um desafio. Sempre que eu andava, fazia barulho, para que a camisa que combinasse com minha saia cinza servisse para roupas silenciosas e indistintas.

Ironicamente, minhas botas - que não eram feitas de madeira, mas de couro típico - tinham que ser a questão mais complicada. Prendi camisas grossas de lã nas solas dos pés e as testei, para me mover rapidamente.

Sem mancar. Sem som. Sem escorregar.

Entre as voltas, olhei para o teto.

Não acorde.

Não. Acorde.

Tentei ouvir os passos de minha mãe no quarto ou um estremecimento nas tábuas da oficina.

Nada. Meu corpo caiu em uma expiração.

Se devo ou não levar meu chapéu de penas? Um gemido saiu dos meus lábios quando me forcei a deixá-lo para trás, pendurado na prateleira. Muitas pessoas tinham me visto usá-lo de qualquer maneira. Poderia cair, ou me identificar, ou ambos.

Prendi um saco no meu quadril, carregado com o graveto chave desta manhã e uma bola úmida de pano oleado que, quando mantido próximo às narinas, emitia um perfume concentrado. Poderia ser útil, caso alguém tentasse estragar meus planos.

Sob minha saia, o item mais importante balançava em uma liga em volta da minha coxa. Eu verifiquei pela centésima vez, certificando-me de ter protegido corretamente.

Depois disso, coletei minha dupla de machados compactos. Botões de extremidade calafetados. Manchas gradientes desde as alças até os ombros da alça. Bordas chanfradas com curvaturas perfeitas.

Ferozes ferramentas de beleza.

Prendi uma nas dobradiças da panturrilha. A outra na nuca.

Quando em uma missão para roubar da Coroa, não doía enfeitar. No espelho perto da porta da frente, eu fiz beicinho com o meu reflexo.

Que. Desastre.

Poderia ter sido a escuridão, mas havia manchas de mofo nos meus poros? E olhe esses grãos na minha testa!

Meu rosto enrugou. Eu não deveria ter olhado.

As pessoas costumavam me chamar de distorcida: uma garota com uma deformação da pele, não normal, não uma garota, não real. Talvez eles ainda pensassem assim nas minhas costas.

Você teria que ser real para ser uma vadia. Não uma boneca.

Apaguei a vela de abóbora, meu nariz se contorcendo quando a fumaça se curvou do pavio, depois fechei as cortinas e me envolvi em uma capa com capuz.

Abri a porta dos fundos e parei.

Em um gemido, eu girei e arranquei meu chapéu da prateleira. Apenas para a viagem até lá, eu disse a mim mesma. Apenas para a viagem, e então eu a removeria e guardaria em algum lugar seguro.

Do lado de fora, um cata-vento girava sobre o nosso telhado de duas águas. A saliência do segundo andar projetava-se como um lábio, a madeira e o gesso de nossa casa banhados pelo crepúsculo.

No quintal, parei ao lado de uma casa de passarinho. Trabalhada em vários níveis ao longo de um tronco de árvore, tinha balanços e escadas. Um palácio personalizado para seu dono.

De um dos compartimentos veio uma batida rítmica. Senti o lado da minha boca tremer, a superfície da minha bochecha recuando. Inclinei meu ombro contra a árvore e bati três vezes.

Rap-raprap.

Em resposta, *Peck-peckpeck*.

Eu me afastei do caminho. Uma figura saltou de um dos buracos e subiu, circulando, circulando. O contorno de um bico e asas apareceu. O pica-pau girou na frente do meu nariz, um meio disco de penas alaranjadas correndo ao longo de seu crânio, como o pente de um capacete de batalha.

—Você está pronta? — Eu perguntei. —Ou você ainda está boicotando?

O pássaro indignado desencadeou uma corrente rouca de pios. Embora a moral dela e o ataque diário à minha consciência me irritassem, ela também não atendia minhas ordens. Eu respeitava isso.

—Você está certa —, eu disse. —Isso foi rude da minha parte. O que eu quis dizer foi: 'Boa noite, Punk. Você vai acompanhar sua amiga em uma onda de crimes?'

Ela objetou com outro pio estridente. Ela não aprovava isso. Se dependesse dela, ela negaria esse plano.

Eu parei de sarcasmo. —Punk, preciso da sua ajuda.

Então prendi a respiração, não querendo expressar como me sentiria se ela não viesse. Suas penas caíram e ela empoleirou-se no meu ombro, embora com ressentimento. Eu abaixei minha cabeça, escondendo um pequeno sorriso.

Chegamos ao quadril da casa, onde havia uma carroça e uma mula ao lado do galpão. Examinei a carroça e o animal de quatro patas com o focinho enterrado em uma cesta de cenoura. Por mais especiais que fossem seus cascos com franjas, vi o transporte de um pobre.

—Precisamos comprar um cavalo. — Reclamei.

Sim, essa mula era uma boa raça de Outono. Sim, todo mundo implorava para comprá-la.

Mas *boa* era para os camponeses. E sim, não éramos nobres ou pequenos nobres, mas éramos uma família comercial distinta. Tínhamos telhas no telhado. Nós tínhamos nossos próprios quartos. Nós merecíamos um cavalo.

Eu fiz uma careta para o céu. —Minha pele está uma bagunça, precisamos de um animal adequado, e matarei essas nuvens se chover esta noite.

Punk voou para a carroça. Para ilustrar um ponto, ela bicou a tampa protetora pendurada na parte traseira do carrinho. Ugh.

—A tampa pode vazar —, eu assobiei. —Se isso acontecer, eu ficarei encharcada. Você sabe quanto tempo leva para eu secar!

Punk piou para eu me acalmar. Fechei a boca com força. Talvez eu devesse ter voltado para a taberna hoje cedo e ordenado uma dose de xarope, para aliviar a ansiedade.

Definitivamente, eu não deveria estar pegando a carroça. Uma pessoa inteligente iria a pé.

Mas a partir desta seção da cidade baixa, isso levaria uma eternidade, e as pessoas suspeitariam de mim mais se me vissem escondendo a essa hora. Com uma carroça, eu daria a impressão de não esconder nada. No passado, os vizinhos tinham me visto passear tarde, por brincadeira ou por um encontro de beijos. Não lhes pareceria estranho.

Com Punk agachada no banco ao meu lado, deixamos nossa casa para trás. Abóboras e cabaças estripadas estavam sentadas nos peitoris de outros edifícios, tremendo à luz de velas alaranjadas no Festival de Halloween, o único feriado anual aqui além do Festival da Colheita.

Peguei uma rota nos arredores da cidade, onde trechos de grama cobriam a pista, fazendo um passeio mais silencioso. As rodas da carroça coaxavam, mas não como se estivessem ao longo de paralelepípedos.

A lua do Outono olhou para mim. O que aquele orbe, ou as Estações, tem contra a missão desta noite? Eu tinha razões justas, mesmo que fossem ilegais.

Mostre-me uma pessoa nesta terra que nunca fez errado.

Mostre-me uma pessoa que nunca mentiu, para o bem ou para o mal. Mesmo na honrosa Mista, mostre-me uma pessoa que nunca quebrou uma regra, a fim de seguir em frente.

Mostre-me uma pessoa que foi *tão* honrada.

Chegamos à fronteira do cemitério de bétulas, logo além das muralhas da cidadela. Como as classes altas enterravam suas famílias ali, os habitantes da cidade e os moradores eram proibidos de entrar, embora nenhum portão

bloqueasse as árvores. As pessoas simplesmente respeitavam esse terreno sagrado e privado.

Eu decidi esconder a carroça nas proximidades. Os nascidos no alto não se aventurariam a esse lugar tão tarde, e eu não precisava me preocupar com mais ninguém.

O zurro enferrujado da mula me alertou para um cavalo pastando no pasto. Eu me senti carrancuda. Que diabos?

Era um animal atordoante, com uma pelagem lustrosa, olhos intuitivos e uma juba e cauda com tranças marrons. Não que eu me considerasse uma especialista, mas aquele pedaço lindo de carne de cavalo não poderia ser uma viagem da realeza. Não sem a presença adicional de uma comitiva, escolta ou guarda-costas.

Talvez pertencesse a um nobre? Mas por que alguém viria aqui depois do anoitecer?

Merda. Eu posso ter companhia.

Eu puxei os freios da mula. Virando-me para a pica-pau, meu chapéu virou para o lado. —Punk, por favor, voe e veja...

Mas foi aí que minha companheira notou a borda de feltro do chapéu. O chapéu não era novo, mas a decoração de penas era.

Eu levantei minhas mãos, inocente. —Punk, não é o que você pensa.

Com um grito ofendido, o pica-pau voou no ar, empurrando meu chapéu e depois voando. Estendi a mão e agarrei minha cabeça, verificando que a pluma havia desaparecido.

Correndo para fora da carroça, corri atrás de Punk, colidindo com as árvores, em território proibido.

CAPÍTULO QUATRO

HONESTIDADE

Ajoelhei-me, abaixei a cabeça e sussurrei: —Estou aqui.

No entanto, o túmulo não respondeu, como nunca havia, porque não podia.

No ventre de um bosque de bétulas, o frio da lápide penetrou nos meus ossos. A superfície raspou minha testa enquanto eu descansava contra ela. Meus pulmões procuravam um perfume familiar, um cheiro do passado, de memórias ternamente coletadas. Os momentos difíceis, assim como as coisas mais simples: um toque, uma risada, um grito, um pedido de desculpas.

Inalei apenas a própria terra e outras coisas secas ao seu alcance.

Uma videira cortava a placa, cobrindo as letras gravadas nela. Escondia as palavras de mim, embora eu as conhecesse sem precisar vê-las.

Tirando minha luva de couro, arrastei a vegetação, revelando-a para mim.

Amada esposa.

A escrita puxou minha mão a ela, meu dedo anelar parando no primeiro A. Meu polegar roçou a pedra, da mesma maneira que meu dedo afastava seus cabelos ou corria por seus lábios sorridentes. Limpei um punhado de poeira do A final, depois me retirei para alisar o solo e plantar um punhado de suas flores de palha favoritas.

Eu não pretendia ficar tanto tempo sem visitá-la, e implorei perdão a ela, um pressentimento tendo me atrasado. Um perigo sem nome, ainda que

antecipado, estava cercando meus pensamentos, perturbando minhas horas de vigília, de modo a tirar meus dias de rumo.

—No entanto, estou aqui agora. — Repeti.

Gostaria que eu viesse aqui todos os dias. Gostaria que ela reconhecesse meu rosto, minha voz. Gostaria que ela pudesse me responder.

No começo, quando a perdi pela primeira vez, me apeguei à ilusão de uma vida após a morte. Agora eu sabia melhor. A vida após a morte foi uma farsa destinada a confortar os vivos mais do que os mortos, não mais real do que um conto de fadas amaldiçoado.

Estações, ela teria detestado essa linha de pensamento e odiado por me ver questionar a divindade da natureza. Imaginando o estalar de língua que ela teria me dado, eu sorri. Se tivéssemos discutido sobre isso, eu teria feito as pazes com um beijo.

O punho da minha espada cutucou minhas costelas. Não me favorecia para me sentir confortável, esquecer o céu noturno, nem renunciar ao sono que eu ganhara. Talvez eu possa sonhar profundamente depois de tê-la visto.

Recostando-me e me arrumando para obter uma vantagem melhor, coloquei meu braço no joelho dobrado, meu pulso pendendo para o lado. A lua olhou para o meu anel.

Esta manhã foi nítida, as nuvens um cinza contemplativo, uma assinatura do Outono. Ao meio-dia, ele havia deslizado para um esperançoso azul ardósia.

Azul. Ela adorava aquela cor. O tom pertencia a Inverno, mas isso não importava para ela. Uma vez ela dissera que uma cor era uma cor, não a posse de um reino.

Se minhas palavras tinham ou não o poder de alcançá-la, ansiava dizer que sentia falta dela, embora também me desse vontade de dizer outra coisa, para perguntar se *ela* sentia *minha* falta.

Ela tinha me perdoado o suficiente para sentir minha falta?

Eu tinha deixado meu cavalo pastando dentro da floresta, fora da vista. Minha esposa tinha medo de cavalos, inclusive o meu, e por isso não queria trazer o animal aqui e perturbar seu descanso.

O raio de luar recuou do meu anel, os raios iridescentes viajando para outro lugar no cemitério. A essa hora, sob o céu coberto de tinta, o castelo cintilava em pensamentos. Na cidade baixa, cabaças enfeitavam as janelas, cada uma exibindo uma vela tremeluzente, em prelúdio à celebração do Festival do Halloween.

Durante essa tradição anual, a abóbora flamejante recebia crianças que procuravam doces nas portas dos habitantes da cidade. Os jovens passavam de prédio em prédio, vestidos com fantasias, ganhando seus doces.

Essa atividade foi uma adição às fogueiras habituais de Outono. Foi solicitado pelo bobo da corte. O amante da princesa era originário da Primavera, a terra da arte e do teatro, lar dos artistas e do carnaval do Dia da Cotovia.

Poet era um homem bom, dedicado em seu amor pela princesa Briar, como ela era para ele. Não ortodoxos, como ainda apareciam as diferenças de classe, ninguém duvidava de sua adoração mútua ou de sua força como casal. Levou anos para que eles provassem isso, e seu relacionamento reinou mais forte do que nunca.

No entanto, o problema dos últimos tempos era o filho deles. A descendência ilegítima do bobo da corte tinha sido concebida durante um encontro juvenil, muito antes de o bobo da corte ter conhecido a

princesa. Quando a criança tinha quatro anos, Poet e Briar se apaixonaram enquanto ela era hóspede na Primavera; a princesa adotou Nicu como seu, e eles se tornaram uma família feliz do Outono.

Nicu já tinha atingido a maioridade. Lembrei-me do amanhecer, quando fui convocado para a sala do trono. Eu cheguei muito cedo, sentindo turbulência antes mesmo de ouvir vozes masculinas atrás das portas, pai e filho brigando mais uma vez.

Poet e Nicu se entreolhavam enquanto a princesa Briar se esforçava para acalmá-los. O garoto alcançara o décimo sétimo ano e desejava mais independência, uma liberdade que o bobo da corte não apoiava tão profundamente quanto sua princesa.

Tinha pouco a ver com a confiabilidade de Nicu e tudo a ver com sua condição mental.

Eu recuei quando a porta se abriu. Nicu passou por mim, depois parou, irradiando tanta frustração que se perdeu a três passos da sala do trono. Ele ergueu a cabeça, as camadas de cabelo desafiando a lei da natureza, diminuindo com o tempo, de um corvo da infância para um marrom quente. Ele mordeu o lábio inferior enquanto me lançava um olhar turbulento, seus olhos verdes brilhando em desamparo.

Eu o ajudei, apontando sem palavras o caminho, indicando as fitas amarradas às vigas, penduradas ali para guiá-lo.

Essa era a desvantagem de Nicu desde a infância: sua incapacidade de entender a direção e o espaço. Isso, além de seu rosto, que espelhava sua aflição.

Ocasionalmente, as pessoas ainda olhavam para ele, impressionadas com as características desproporcionais de um elfo.

Embora Nicu tivesse partido, seguindo as guirlandas, ele havia deixado de fechar as portas com faixas de ferro. Através daquilo, vi Sua Alteza e o Bobo da Corte se abraçando. Ele encarava uma janela, a cabeça caindo para a frente em derrota, enquanto a princesa o abraçava por trás, pressionando a testa entre as omoplatas e sussurrando palavras de conforto.

A princesa Briar já havia avisado Poet das consequências de ser excessivamente protetor com o filho. Se o bobo da corte não fosse cuidadoso, Nicu seria obrigado a fazer algo precipitado, conquistando sua independência pela força.

Fechei as portas da sala do trono silenciosamente, dando privacidade ao casal.

Afastei a memória daquela cena e direcionei minha mente de volta ao presente. Além das bétulas, eu tinha uma vista do castelo, da cidadela e da cidade baixa. Ao redor de tudo isso, faixas de hastes de aveia ondulantes e labirintos de milho âmbar se estendiam, viajando dos campos de colheita, passando pelas aldeias vizinhas para outros cantos de Mista - para o vale da raposa, a madeira de abóbora e mais longe para aldeias e lugares desertos.

Quando uma brisa golpeou minha capa, minha respiração finalmente se aprofundou, sentindo o cheiro de madeira queimada, provavelmente nos bairros residenciais da cidade. Com isso, minha mente mudou de direção, tropeçando em uma rota indesejável, retornando-me ao pátio de treinamento, àquela estranha madrugada alguns dias atrás.

Lembrei-me do boneco que havia cortado e depois incinerado com meus colegas. A ressurreição daquela cena me fez mudar de desconforto. Naquele dia, eu queria acabar com minha frustração com alguma coisa. Eu procurara matar a mentira e fortalecer a verdade, a representação da vida versus a realidade da falta de vida.

Esses pensamentos me distraíram, afetando minhas horas desde então, atrasando minha visita ao túmulo. Meu olhar deslizou para a lápide. Não, eu não deveria ter chegado tão tarde, muito tarde.

Eu estou aqui, amada. Não te abandonarei de novo.

Essa promessa, eu fiz. Embora eu não tenha falado em voz alta, no caso de ela realmente me ouvir, no caso de eu estar errado e falhar com ela mais uma vez.

Eu não mentiria para ela.

Levantando-me, sustentei o peso dessa promessa, enquanto descartava outros pensamentos sobre o fantoche. Atravessei o cemitério, pretendendo recuperar meu cavalo. Enquanto caminhava através da folhagem, flexionei minha mão, meu anel capturando outra pitada de luz noturna.

Eu tinha esquecido minha luva. De longe, meu cavalo relinchou, o barulho deslizando pelos galhos, e se eu não soubesse melhor, diria que a corcunda parecia agravada. No entanto, voltei pela vegetação rasteira sem pressa, pois minha carona podia esperar um momento extra sem ser vítima de ladrões.

No meio do caminho, eu parei. Uma sensação de urgência tomou conta do ar, rondando pelas árvores e me envolvendo. Eu senti uma presença - um tanto vexada.

Meus ouvidos captaram o farfalhar das folhas e um palavrão feminino, a voz furiosa soando sem fôlego, como se estivesse sendo perseguida... ou perseguindo.

CAPÍTULO CINCO

FANTASIA

Filha da puta. Não tinha tempo para isso.

—Espere —, eu gritei. —Punk, espere!

Meus seios continuavam atrapalhando. Ser montada com peças resistentes impedia-os de dar uma guinada completa, mas ainda possuía dotações para uma corrida desagradável e destrutiva através dos arbustos. Folhas e galhos voavam por toda parte. Detritos tremiam dos galhos. Esmagando o chapéu em cima da minha cabeça para que não caísse, eu bati nas bétulas e corri para o cemitério dos nobres.

Punk desviou na minha frente.

Bem. Eu teria que dizer a palavra mágica.

—Por favor. — Eu rosnei.

Minha amiga virou e pairou, suas asas golpeando o ar. Os olhos dela se estreitaram quando eu deslizei até ela. Ela não se mexeu, também não devolveu a pena, então eu peguei, meus dedos agarrando o nada enquanto o pássaro desaparecia e reaparecia atrás de mim.

Eu me mexi. Ela repreendeu, reclamando em torno de uma boca cheia de plumagem.

—Eu juro —, eu disse. —Eu não arranquei aquela pena de um pássaro inocente.

Porque o Francelho tinha me visto chegando.

—Eu não roubei nenhuma criatura.

Porque o Francelho havia sentido minhas intenções e se irritado, perdendo penas por conta própria. Tecnicamente, achado não é roubado.

—Satisfeita? — Eu perguntei.

Não satisfeita. Punk não se tornou o primeiro membro do meu círculo por ser um manequim. Ela costumava me deixar fugir com mentiras, especialmente porque o efeito que isso causava no meu nariz era uma punição suficiente. Mas ela também se cansou de bicar minhas narinas de volta ao seu tamanho original.

Estar com ela me forçou a ser criativa, inventando maneiras alternativas de mentir para as pessoas. Ainda assim, ela me conhecia muito bem.

Eu aguentei sua palestra, assentindo até que ela colocou a pluma de volta no meu chapéu.

Suspirando, passei um dedo sobre a cabeça de navalha plissada do pássaro e brinquei: —Sua idiota. — Quando ela beijou meu pulso, eu recuei. — Ei, eu estava apenas brincando - o que?

O bico de Punk esfaqueou o ar, apontando para o chão. Olhei para baixo e senti meus olhos estalarem. Eu estava em uma sepultura, minhas botas esmagando as flores de palha que haviam sido plantadas lá.

—Merda. —Caí de joelhos e me atrapalhei no solo, tentando pegar o máximo de carnificina possível. —Ah, merda.

Não poderia deixar evidências de um distúrbio no meu caminho. E eu tinha que me apressar.

Punk piou, mas eu virei meus dedos em sua direção, sem me preocupar em olhar para cima. —Agora não, Punk. Seja útil e me ajude.

Tchur... tchur... TCHUR!

Eu me virei. —O qu-

O flash de prata. O zumbido de uma lâmina.

Uma espada esfaqueou o chão diante de mim. Eu congelei nas mãos e nos joelhos, a arma interrompendo meus movimentos, uma vez que parou a largura de um fio de cabelo do meu nariz. Eu fiquei boquiaberta com o comprimento do aço, ciente de que tinha ficado vesga.

—Procurando por algo? — Perguntou uma voz masculina.

Um tom etéreo, como seda com uma ponta afiada.

A voz também parecia madura. Não de um velho, mas não um rapaz.

Tentei me sentar, mas me mexi rápido demais para o gosto do estranho, a ponta da espada voando no meu pescoço. Ele também se movia etéreo, com uma graça praticada, dando asas àquela lâmina.

—Eu não faria isso de novo, se fosse você. — Alertou.

Eu não conseguia parar minha boca. —E se você fosse eu, teria um corte na garganta. E se eu fosse você, me desculparia.

—Que negócio você tem aqui?

—Nenhum —, eu jurei. —Eu não sou uma ladra de túmulos...

A lâmina varreu para frente, forçando-me a retroceder de quatro. Eu poderia ter usado esses reflexos um segundo atrás, quando ele me perfurou.

Me perfurou um pouco.

Ok, eu poderia estar exagerando lá.

O homem ordenou, suavemente, perigosamente: —Declare. Suas. Intenções. Menina.

Além da arma, eu só conseguia distinguir um par de botas de joelho. Com ele em pé acima de mim, imaginei que meu chapéu de penas me impedisse de olhar.

Eu joguei meu braço em direção ao local onde eu tinha visto minha companheira pela última vez. —Isto é um erro. Pergunte ao pica-pau.

—Eu já matei vândalos antes.

—Eu não sou vândala.

—Eu também matei mentirosos antes.

—Não sou... não é mentira.

—Por que sinto uma sombra escondida nessas palavras?

Como alguém responde a uma pergunta como essa? Ele falava com a inclinação de alguém que recitava profecias.

Antes que eu pudesse lhe responder, o estranho suspirou. E até hoje, eu nunca tinha ouvido um suspiro soar partes bonitas e fatais. —Para servir como lembrete, sou eu quem tem a lâmina. Esse conhecimento a levará a ferimentos, ou ao purgatório, ou à verdade. Faça a sua escolha.

Anotado. —Estou lhe dizendo, a pica-pau me forçou aqui. Ela viu uma pena no meu chapéu e ficou chateada - é uma coisa das aves. Ela é muito apaixonada pelo direito de um pássaro à sua plumagem, então ela tirou de mim, e eu a persegui, e quando a alcancei, pisoteei acidentalmente o túmulo.

Um suspiro de menina me escapou. —Agora, você me deixaria ficar de pé? Estou sujando minha roupa. Pior, estou com uma pontada no pescoço, e isso nunca acontece.

—Você espera que eu acredite neste conto.

Bati três vezes na minha coxa. —Punk, conte a ele.

Silêncio. E então, *um barulho de asas.*

Sobre o tempo em que ela falou, mesmo que o tom débil não tivesse o caráter de um pássaro, pelo menos em comparação com seus habituais gritos estridentes. Ouvindo o bater das asas de Punk, senti o homem avaliando-a.

Sua espada mergulhou sob o meu queixo, forçando minha cabeça a levantar. Ao expirar, dei uma boa olhada nele - e sugou tudo de volta.

Piedosas. Temporadas.

Tanto quanto eu sabia, metamorfos não existiam. Então, novamente, quem poderia dizer? Eu existo.

Este homem parecia um falcão. Ou a coisa mais próxima de um.

Ele tinha um rosto bonito, com maçãs do rosto altas e sobrancelhas que marcavam a testa. Seu cabelo loiro varria suas feições, as camadas despenteadas e grossas o suficiente para os dedos de uma garota se aninharem.

Um espécime masculino. Um lindo, em algum lugar depois do vigésimo ano.

Ele vestia-se todo de preto - calça de couro, gola combinando sobre a camisa e aquelas botas - com detalhes em mogno e ouro. As roupas se encaixavam confortavelmente em seus quadris magros e na ampla extensão de seu peito. Uma capa escura se dividia em seus ombros. O manto ondulado revelou duas bainhas, uma envolvendo uma espada, enquanto a mão direita segurava a outra.

Portanto, esta ave de rapina falsificada brandia o dobro do aço. Um par de espadas de armamento, pelo que eu sabia, com pontas duplas retas, punho de uma mão e os punhos de Mista. Ela chamou minha atenção.

Ele deu uma boa olhada em mim também. Ele pulou para trás no momento em que eu me levantei.

—Fantoche. — Ele assobiou.

—Galinha. — Eu disse.

Seus olhos brilhavam como uma mola azul. —O que?

—Eu não sei —, defendi. —Você começou isso.

Uma ponta brilhante de aço parou no meu coração de bolota noz. Tropecei em mim enquanto ele me perseguia pelo cemitério, deslizando para a frente com os pés silenciosos.

Eu estava esperando surpresa, mas este homem parecia mais do que estupefado. Ele parecia assombrado pela minha madeira.

Espere. Como ele me chamou?

—Eu não sou um fantoche. — Eu disse.

—O que você é? — Ele demandou.

—Eu sou uma garota, seu idi...

Minhas costas atingiram uma bétula ao mesmo tempo em que ele me enjaulou lá, seus movimentos como uma rajada de vento, a espada pronta no meu peito. Colocando uma palma ao lado da minha cabeça no tronco, ele se inclinou, me enchendo com os aromas das nuvens e da névoa.

Eu tinha que ter cuidado, para que esse homem não tivesse uma conexão estreita com a realeza, a vigília noturna ou qualquer influência que me impediria de invadir o castelo. Cada segundo se tornava um segundo a menos para eu pegar o que eu precisava do cofre.

No alto, Punk chiou como uma galinha poedeira.

Em algum momento, meu chapéu caiu.

O homem procurou minhas feições. —Uma presença profana e perturbadora a rodeia. Por que você perturba esse túmulo?

—Eu-

—Se você mentir, eu vou cortar através de você.

—Pela última vez, não estou mentindo.

—Uma bruxa então. O que você procura?

—Para começar, ter meu chapéu de volta seria ótimo.

Ele cutucou a lâmina. —Diga-me o que você quer, bruxa.

Eu rosnei: —O que eu quero é que você pare de me chamar assim!

Não era uma boa tática para sair disso. Eu poderia ter me atingido.

Ele estava muito perto, uma corrente letal de calor. E ele agarrava a espada com muita força, apontando-a muito perto.

Um nobre, mas ainda um estranho. Um vigiado que pode realmente usar sua arma.

Eu não lhe dei a chance. Eu bati a madeira do meu joelho em seu estômago, tirando o fôlego dele, e corri para fora do alcance tão rápido que caí na minha bunda, minha saia subiu pelas minhas pernas.

Ele se recuperou. Com o movimento de sua espada, eu gani.

Eu apertei meus olhos com força, peguei o machado compacto afixado na minha panturrilha e joguei o mais longe que pude. Espiei através de um olho no momento em que atingiu a espada, soprando-a da mão do homem.

Meu olhar saltou entre as dobradiças da minha perna, meus dedos e a machadinha, que pousara alguns metros atrás dele. Funcionou. Voou. Eu já havia testado a arma antes, mas não em perigo mortal. Realmente, realmente funcionou!

Eu gritei, batendo meus pés vertiginosos no chão - depois fiquei sóbria. O nobre olhou para mim, a espada na grama ao lado dele. Sua testa enrugada sugeria que ele não tinha o hábito de disfarçar suas reações, seus pensamentos rabiscados em seu rosto.

Quem avaliou um machado tão curto? E que arma, especialmente quando lançada por uma pessoa sem habilidades aparentes de luta, era suficientemente robusta para suportar uma espada?

No entanto, meu pedacinho havia acabado de lançar uma merda. Desde o seu aperto.

Ele passou a lâmina, endireitou e apontou para mim novamente.

Punk mergulhou em círculos. O corte de navalha laranja em cima de sua cabeça se arrepiou, o que significava que ela estava estressada. A essa altura,

eu esperava que ela distraísse o estranho, o afastasse de mim, talvez arrancasse todo aquele azul das órbitas oculares.

No entanto, algo impedia o pássaro de agir. Algo quebrou sua lealdade ao meio.

Minha bunda doía com a queda, embora um rápido movimento dos meus quadris me tranquilizasse que nenhum dos meus lados havia rachado.

Os olhos do estranho seguiram os movimentos. Aquele olhar penetrou em mim, em uma pequena depressão localizada no meu peito.

Eu corri para trás. Ele olhou para mim como se eu fosse uma novidade.

Uma brisa emaranhou os galhos, causando um tremor muito grande entre as árvores, folhas cor de milho caindo e se espalhando ao nosso redor. A garota que eu aperfeiçoei ao longo dos anos não se curvou nem diminuiu. Se eu não conseguisse colocá-la contra esse falcão doppelganger, não teria chance no castelo, com suas centenas de guardas.

—Eu não sou uma bruxa —, eu repeti. —Eu não sou uma marionete.

—Eu serei o juiz disso.

—Quem diabos você pensa que é?

Ele fechou os olhos. —Alguém deve cortar sua língua.

—Isso não vai ajudar. Eu tenho um sobressalente.

—E eu tenho uma espada. — Respondeu ele, cutucando-a.

Eu dei a ele um sorriso falso. —E de que grama miserável você a roubou?

Erguendo uma sobrancelha, o jovem levantou a parte de trás da capa, expondo uma crista de folhas de mogno e ouro. O símbolo havia sido bordado no tecido.

Oh. Era quem diabos ele era. É por isso que Punk não tinha levantado uma pena para ele.

A lua gravava em seus cabelos e a propagação esculpida de seu corpo. O reconhecimento me atingiu: o estranho do pátio esta manhã, um dos cavaleiros que apareceram no pátio de treinamento. Embora eu não tivesse visto o rosto dele, era ele. Definitivamente ele.

Felizmente, ele não parecia se lembrar de mim.

As caras camadas de pano eram feitas sob medida para os nascidos no alto. No entanto, se ele fosse de armadura ou corrente, segurando um maldito escudo, ou pelo menos usando a capa de cor padrão, eu poderia ter recebido uma dica.

Os cavaleiros do Outono usavam mantos vinhos e castanhos. Mas não este indivíduo. Além dos enfeites e espadas extravagantes - dignos de um típico nobre -, seu conjunto voava sobre minha cabeça. Além disso, ele aparentemente viajou para cá naquele cavalo que eu tinha visto antes, provavelmente um passeio de cavaleiro, algum tipo de cavalo de guerra. Se eu soubesse algo além do mínimo sobre o mundo dos equinos, esse animal também teria denunciado esse homem.

Havia alguma chance de que o preto, ouro e mogno o considerassem um cavaleiro inferior ou sentinela?

Talvez? Por favor?

—Aire, primeiro cavaleiro de Mista. — Ele inclinou a cabeça, me dando um olhar superior. —E você é...?

Droga. —Estou apenas de passagem.

—Você está apenas passando com um machado?

—Um acessório. Fica bom em mim.

—Eu não expressaria isso com orgulho.

—Por que não? É a razão pela qual pude lutar com o primeiro cavaleiro. Para mim, isso é prestígio em um palito de marshmallow.

—Você é uma convencida.

Ele não parecia impressionado. Mas pelo menos minhas desculpas eram verdadeiras.

Bem, é verdade. Eu *tinha* estado de passagem, já que eu não tinha planos de andar por aqui. Além disso, o machado *parecia bem* em mim.

Eu juntei suas suspeitas e as joguei de volta para ele. —E você deveria ser o primeiro cavaleiro. Um protetor do povo não deveria saber por que uma garota carregava um machado à noite? Que talvez seja para se proteger de possíveis demônios?

—Eu não sou onisciente. — Ele olhou com raiva, como se eu o tivesse forçado a dizer isso. —Nada disso explica sua intrusão aqui.

—Como eu disse, minha amiga de penas foi insultada pelo meu chapéu. Antes disso, eu estava cuidando dos meus assuntos, desfrutando de um passeio à meia-noite.

—Em vez de se retirar como todo mundo.

—Você precisa visitar tabernas com mais frequência se acha que todas as pessoas na cidade baixa já estão na cama. Além disso, o descanso é chato. E eu fico entediada facilmente. Isso é ilegal?

Ele olhou para mim. —Você é uma criatura incompreensível.

Eu bati meus cílios, porque, por que não? Esse homem era tão delicioso quanto a manteiga derretida. Além disso, quanto mais superficial e mais ignorante eu jogasse isso, melhor.

—Obrigada, mas eu não sou uma criatura. Embora se você está se perguntando sobre a minha pele, não se esqueça, é quase o Festival do Halloween. Eu posso estar sozinha, mas talvez eu tenha decidido comemorar de qualquer maneira vestindo-me como uma marionete solitária. Interessado em me fazer companhia?

—Talvez seja uma falsidade.

—Talvez você não seja realmente o primeiro cavaleiro. Talvez você seja um pastor de cabras fantasiado de soldado.

Com relutância, ele abaixou a espada.

Punk se acalmou, suas asas afundando. Ela circulou e se acomodou em um galho de árvore, batendo o bico contra a casca para liberar a tensão.

O cavaleiro - Aire - enfiou a lâmina na bainha, emitindo um raspar suave de som. Um brilho chamou minha atenção. Eu segui a centelha de luz, meu olhar pousando na aliança metálica envolvendo seu dedo.

Ele não parecia jovem demais para se casar, mas parecia jovem para ser o Primeiro Cavaleiro, mais jovem ainda para falar como o vento.

Ele se levantou e ofereceu sua mão. Eu peguei, permitindo que ele me levantasse. Quando meus dedos de madeira roçaram os dele, ele se encolheu e soltou, fazendo com que partes de mim se encaixassem no lugar. Meu toque basicamente o repeliu.

Por outro lado, Aire bateu no meu machado e o estudou com apreciação aberta.

A visão me deu um segundo vento. Seus lábios se separaram, mas eu o cortei.

—Autodefesa —, esclareci. —É tarde, e eu sou um alvo fofo.

Embora eu tenha pensado que ele finalmente chegou a essa conclusão. A parte de autodefesa, não um pouco sobre a minha fofura.

Seu olhar azul brilhava, dividido entre assustado e irritado. Não importava o que ele pensasse de mim, eu não tinha feito nada para ganhar um conjunto de algemas. Ainda não, pelo menos.

—Você selecionou um meio de proteção bastante paranoico. — Balançando a cabeça, ele me entregou o machado. —Eu imploraria que você guardasse isso e ficasse fora dessas terras.

Eu colocaria na minha panturrilha mais tarde, quando ele não estivesse por perto para vê-la. —Olha, me desculpe pelas flores de palha.

Sua mandíbula ficou tensa. —A hora se aprofunda e fica inquieta. Você ficou aqui por tempo suficiente.

—Eu posso arrumar a cova.

—Você não deve chegar perto dela. Você me entendeu?

Eu não tinha um minuto de sobra de qualquer maneira, mas a força de sua voz praticamente me afastou dele.

Caímos em um concurso de carranca. Pela primeira vez, nossos olhos realmente se mantiveram.

Seu olhar penetrante fez a bolota de noz do meu coração palpitar desconfortavelmente. Somente quando ele olhava para mim assim eu cheguei perto de me curvar, me sentindo inquieta e talvez um pouco angustiada. Esse olhar profundo me sacudiu.

Eu quebrei o contato primeiro.

Senti o olhar de Aire recuar, então espiei novamente, desconfiada de seu perfil. Ele se virou, me dispensando enquanto pegava uma luva do chão e enfiava os dedos nela. —Você pode ir.

Com um aceno de cabeça, eu me arrastei para o meu chapéu. —Eu vou pegar-

Inclinei-me, pegando o chapéu. Ele deve ter se lembrado também, porque também se inclinou para pegá-lo para mim.

Então aconteceu. Em toda a confusão, o saco no meu quadril deve ter afrouxado. Nesse momento, o graveto chave tremeu da abertura e caiu. Em um piscar de olhos, sua mão pegou o objeto no ar.

Nós nos endireitamos rapidamente. Eu assisti, presa enquanto ele franzia as sobrancelhas e segurava as evidências ao luar. Ele virou de um jeito e de outro, seus olhos se estreitando em reconhecimento e mudando para mim.

—O que é isso? — Ele perguntou devagar.

—Lembrança da floresta. — Eu disse, já que a tinha fabricado com casca de floresta.

—Engraçado, porque lembra uma chave que poucas pessoas conhecem. — Ele rondou em minha direção. —A menos que você seja uma guarda, ou o Primeiro Cavaleiro, ou uma *intrusa*.

Pontuando sua última palavra, ele tirou o machado de mim. Ele jogou a arma nas bétulas, fora do meu alcance.

Eu me afastei para trás, porque caramba. Claro, ele conheceria muitas passagens secretas do castelo, incluindo a que você precisava para entrar nelas.

Eu vi apenas uma saída. Ele me achava uma marionete, depois uma bruxa. Ele não confiava no que tinha visto, mas parecia sentir as coisas agudamente, reagindo ferozmente a elas.

Hora de manipular isso.

Os olhos de Aire passaram por mim, sua capa golpeando suas pernas enquanto ele se movia. —Onde você conseguiu essa chave?

Eu balancei minha cabeça, não prestes a confessar que era uma réplica. As esculturas no bastão eram tão complexas que criar uma gêmea era quase impossível. Pelo menos para alguém que não havia crescido na casa de um mestre carpinteiro. Mas acima de tudo, alguém que não conhecia a essência da madeira.

Na minha opinião, o primeiro foi discutível sem o último.

—A sombra que a rodeia está se apagando —, disse o cavaleiro. —Parece que você de repente esqueceu sua língua.

—Ok. — Eu ofeguei com a minha resposta. —Eu acho... você não considerou... algo também.

Ele levantou uma sobrancelha. —Isso seria?

Dei-lhe um encolher de ombros irônico. —O outro machado.

O rosto dele caiu. Os olhos dele se arregalaram.

Punk decolou, fugindo dos galhos. Isso causou um barulho nas árvores, distraindo-o quando arranquei o segundo machado da minha nuca.

Coloquei o cabo no abdômen do cavaleiro.

Se eu tivesse sido feita de carne e osso, ele não teria caído. Nem mesmo perto. Mas o elemento surpresa, minha pele de madeira e o machado triplicaram o impacto. Tudo isso foi suficiente para derrubar o cavaleiro, enviando-o ao chão.

Eu pisquei com o que tinha feito. Então eu saí, caindo sobre ele enquanto rasgava a bola de pano oleado do meu saco de quadril.

—Sinto muito por isso —, eu disse, empurrando o pano contra o nariz, segurando-o até que ele parou de se debater. —Considere-me uma invenção. Um sonho, tudo na sua cabeça. —Improvisando, sussurrei: —*Na terra das folhas que caíam, vivia um cavaleiro*...

Aqueles olhos azuis brilharam, assustados e com medo. E eu sabia.

Eu só sabia: ele acreditou em mim.

Suas pálpebras tremeram como asas e se fecharam. Quando ele acordasse mais tarde, ele me consideraria uma fantasia. Uma ilusão.

Eu me virei de volta. Eu realmente acabei de fazer isso. Para um cavaleiro!

Punk rodou, piando pra mim, horrorizado. Isso distorceu o plano, mas o que esperávamos? Que eu poderia continuar com isso e não antecipar o uso do óleo para nocautear alguém? Que eu não precisaria de defesas para superar obstáculos?

Puxando o graveto chave e puxando-me para cima, recoloquei o machado na minha nuca, depois corri para as bétulas para o que ele jogara, clicando na minha panturrilha. Peguei meu chapéu e me virei para encarar Punk.

Eu dei a ela um olhar suplicante. —Eu não tive escolha. Mas ele vai ficar bem.

Ela sabia por que eu precisava continuar com essa noite, mas se ela se recusasse a vir comigo agora, eu entenderia. Ela não era uma serva para mim.

Depois de um momento, ela fez um barulho vazio e deu um beijo delicado na minha bochecha. Eu respondi com um sorriso. —Obrigada.

Ela girou e voou em direção à carroça. Por cima do ombro, verifiquei o belo cavaleiro. Os vapores do óleo não o prejudicariam. O pior que eles fariam era mantê-lo apagado por algumas horas.

E o melhor cenário era que ele realmente acreditasse no meu discurso.

E que eu nunca mais o veria.

Se ele não acreditasse em mim, estaria caçando mais tarde. Mas a cidade baixa e a cidadela eram lugares grandes. Poderíamos passar a vida inteira sem nos ver.

No entanto, se nos cruzássemos, eu teria que ser criativa.

Eu teria que contar a melhor mentira da minha vida.

Eu cobri. Sua pele clara brilhava enquanto ele dormia ao lado da sepultura, seus cabelos lançados ao luar. Deitado ali, esperando ser despertado, ele parecia mais um conto de fadas do que eu.

De algum lugar atrás, Punk piou. Eu andei para trás, ainda olhando para ele, para os galhos pálidos e a folhagem de milho em volta dele.

Então eu me virei e fugi para as árvores.

Eu tinha um castelo para saquear.

CAPÍTULO SEIS

FANTASIA

Recuperando a carroça, dirigi do cemitério e a escondi entre uma malha de arbustos, onde a mula mastigava algumas maçãs que eu havia trazido comigo. Isso manteria os mínimos detalhes.

Colocando meu chapéu embaixo do banco e passando o capuz por cima da cabeça, atravessei o campo em direção à parede do castelo, parando na porta da faia desde como já fiz hoje. Colocando a réplica de vara na casca, abri o porta-malas e passei por ela. Eu teria que queimar essa chave assim que terminasse.

Pelo corredor, Punk viajou na minha frente, depois voltou e piou em um tom discreto. Não havia guardas à frente. Eu balancei a cabeça para ela e corri através do túnel. Subindo o segundo conjunto de escadas, cutuquei a porta da árvore ao lado, o suficiente para Punk passar. Minhas mãos tremiam, enviando um pequeno ruído ecoando ao meu redor. Irritada comigo mesma, limpei minhas mãos para parar o barulho.

No próximo canto do pássaro, eu me arrastei para o pátio vazio.

A patrulha noturna ainda não havia chegado por aqui.

Continuamos com essa rotina. Eu olhava para cima, esperando a pica-pau disparar no ar, examinando as ameias e quadriláteros ao longo do meu percurso. Ela batia nas luzes da tocha para que eu pudesse vê-la, depois voava em certos padrões que me diziam para parar ou correr de um canto para o próximo.

Eu sabia qual caminho seguir, da minha primeira visita dentro do castelo. Ontem, quando fiz uma entrega importante à Coroa, pusemos em movimento os retoques finais do meu plano, inclusive comprometendo esse caminho para a memória, com a ajuda de Punk.

Fomos para o pátio de treinamento. No gramado, raios, malhas, galhardetes e alvos pintados em apartamentos equilibravam-se contra os trilhos. E do lado de fora da cerca erguia-se uma magnífica catapulta, uma máquina de guerra com um conjunto de polias e alavancas.

Como isso funcionava? Como poderia funcionar melhor?

Eu bebi o máximo que pude, parando quando figuras no gramado roubaram minha atenção. Manequins-alvo - ou fantoches -, cada um feito de madeira ou recheado com feno, apoiado e exposto no quintal. Eu fiz uma careta para eles.

A entrada do castelo para os soldados ficava próxima, acessível a partir de uma colunata. Ao lado, vi a porta dos criados, pela qual eu havia passado quando a Coroa me chamou no dia anterior.

Meus olhos se voltaram para a entrada dos soldados, imaginando o que os cumprimentaria além daquelas portas. Que direção o Primeiro Cavaleiro tomava sempre que entrava nesta fortaleza? Com quais armas ele praticava? Como suas mãos as seguravam?

Aire. Minha boca se curvou com o nome.

Ele tinha engolido minhas palavras antes de desmaiar. Uma parte idiota de mim sentiu decepção por ele se lembrar de mim como uma fantasia. Um encontro de sonho. Uma invenção em sua mente.

Não uma garota de verdade. Mas uma falsa.

Um guarda com a pele como uma crosta escamosa havia se posicionado na passagem dos criados, um machado na mão. Punk circulou pelo céu em

uma dança deliciosa que chamou sua atenção. Ela mergulhou, ondulando suas penas e a cabeça alaranjada da lâmina com um efeito deslumbrante, girando em torno do comprimento de um malho na vertical, esvoaçando ao redor de galhardetes. O homem se aproximou, divertido com o desempenho.

Eu me arrastei pela cerca do pátio de treinamento. A lã que revestia minhas solas e a suavidade de minhas roupas mascaravam os sons que minha pele de madeira fazia, embora o homem se sacudisse, ouvindo um pouco. Ele estava prestes a virar quando Punk bateu o bico em uma placa de alvo, derrubando-a. No reflexo, o homem deu um pulo na direção do baque.

Eu corri atrás dele, passando pelo limiar, e corri para o corredor. Parando na escuridão, exalei, minha cabeça caindo para a frente. Ok.

Um momento depois, a pica-pau entrou no corredor ao meu lado.

Com um sorriso, eu sussurrei: —Eu acho que você se divertiu fazendo isso.

Ela fez um barulho justo, negando totalmente.

Andei pela passagem, refazendo meus passos desde a última vez que estive aqui. Mamãe fora contratada para um projeto secreto, que exigira uma série de viagens ao castelo, para se encontrar com a rainha Avalea. Eu não tinha permissão para ir até a visita final, quando tive que me aventurar aqui sozinha, quando tive que entregar a comissão finalizada no lugar da mãe.

Ela estava muito... indisposta para fazer isso.

Eu já sabia há uma semana que ela não seria capaz de fazer a última viagem, e foi aí que a ideia veio à minha mente - uma ideia de pegar o que eu precisava. Eu tinha usado aqueles dias, mais a entrega de ontem, como uma oportunidade de me preparar para esta noite.

Durante a entrega, minha escolta me vendou os olhos, levando-me ao cofre onde o item comissionado seria armazenado. Por razões confidenciais, a

Realeza não queria que eu soubesse onde ficava aquele quarto. Aparentemente, apenas os poucos mais confiáveis sabiam.

A Realeza não sabia que uma venda não me impediria de refazer meus passos. Não quando eu tinha madeira para ajudar, além de um pica-pau com uma memória sólida que tinha marcado atrás da minha escolta inconsciente.

Chamas da tocha saltaram. Vozes flutuavam de áreas distantes.

Atravessei uma rede de passarelas. Punk assumiu a frente, me alertando quando me esquivar e quando seguir em frente. Seguimos o caminho desde a minha visita até chegar ao ponto em que a venda havia chegado.

Pegando um cone aceso de uma arandela, eu apontei para o chão, procurando e encontrando. Uma lasca solitária no chão e outra à frente, seguida por outra. Um caminho discreto que levava à escuridão. Eu os tirei do meu braço antes da entrega, depois os joguei ao longo da rota, quando o guarda me levou através do castelo.

Fazer isso doía como um louco. Depois, levou um tempo ridiculamente longo para polir meu braço de volta ao seu estado original. Mas valeu a pena.

Minha própria trilha. Uma medida de segurança, no caso de Punk esquecer para onde ir ou decidir não se juntar a esta missão. Seguimos as tiras finas de madeira por uma escada em espiral, uma corrente de ar passando por minhas roupas. As chamas dançavam até aqui, me fazendo pensar em quanta cera era necessária para manter essa fortaleza acesa todos os dias.

No final da escada, a trilha de lascas terminava, além da qual aparecia um conjunto de portas duplas. Uma crista de ferro de folhas de Mista decorava a superfície. Tinha que ser isso!

Não havia cadeados, correntes ou fechos pesados. Não havia necessidade de uma chave.

Em vez disso, o cofre exigia um código, que vinha do padrão de piso quadrado de madeira que levava às portas.

Enquanto cega, ouvi a marcha do meu acompanhante, o arranjo de seus passos. Não parecia que eles andavam em linha reta. E eu conhecia o som da madeira, desde o meu nascimento de conto de fadas até a própria pele que me cobria. E eu tinha uma mãe mestre carpinteira. Eu vivia e respirava madeira.

É por isso que eu consegui replicar o graveto chave.

Punk se acomodou na minha frente, na base das portas. Porque ela estava acompanhando minha escolta ontem, ela viu o padrão, confirmou minha suspeita.

Hmm. Eu tinha que acertar, o caminho correto e na ordem correta, ou as tábuas quadradas provavelmente me prenderiam de alguma forma. A partir do layout, design e marcenaria exposta, uma escolha errada poderia desencadear um mecanismo que poderia prender meu tornozelo até a cavalaria chegar.

Calor - mas não suor - irrompeu na minha testa. Engolindo em seco, fiz contato visual com Punk e levantei o pé sobre um azulejo. Ela piou e eu pisei.

Ok. Próxima Etapa. Próxima.

Direita, esquerda, esquerda. Voltar, voltar, avançar. Esquerda, direita, direita.

Punk tocou seu próprio tipo de código de pássaro, dizendo-me quais quadrados para pular e quais escolher. Eu fiz isso em um jogo, para me impedir de vomitar. Estudando o grão de madeira, registrei quantas suposições acertei.

O passo final. Uma série de cliques.

As portas se abriram, desaparecendo nas fendas da parede. Eu beijei o bico da minha amiga e corri para dentro.

Meus olhos saltaram de objeto para objeto. Eu não queria parecer curiosa quando estive aqui pela última vez. Além disso, a entrega levou apenas alguns minutos, então eu não tive a chance de realmente explorar. Também não tinha muito tempo agora.

No estômago do cofre, as prateleiras continham pergaminhos e manuscritos.

Um chapéu tradicional de bobo da corte com sinos, quase como uma piada.

Um pote de grãos cintilantes. Poderia ser areia de verdade? Do Verão?

Uma coleção de frascos de vidro roxo. As cores do Inverno.

Parecia menos grandioso e mais pessoal, como um tesouro de lembranças. Uma teia de aranha tremia do teto. Migrei de um corredor para o outro, meu peito rangendo de medo.

Onde estava? Eles já o haviam mudado para um local diferente?

E então, escondido dentro de uma alcova na parede dos fundos, eu o encontrei. Uma caixa de madeira. Em forma de caixa, as costelas entrelaçadas em um fechamento complexo, feito de cascas de uma dúzia de espécies de árvores diferentes. O gabinete tinha parafusos e cantos trançados e alavancas embutidas.

A obra de um carpinteiro incomparável - um marceneiro talentoso, digno de uma comissão Real.

Senti meus lábios se curvarem, a vitória substituindo a ansiedade. Apenas um punhado de pessoas sabia como abrir esta caixa. A realeza. Minha mãe. E eu.

Meus dedos trabalharam, puxando e torcendo partes da caixa. Era preciso obter os ângulos corretos. Como o chão da armadilha do lado de fora,

era preciso saber a ordem correta das peças a serem manipuladas. Porque a caixa não tinha trava visível.

Não, a caixa inteira em si era um cadeado. Um quebra-cabeça tridimensional.

O esqueleto afrouxou. Quando se abriu, eu me senti presunçosa e nem um pouco arrependida.

No interior, em uma bolsa de veludo, havia uma bolota de noz.

Tinha o mesmo sulco que o cravado no meu peito, prova de sua legitimidade. Aqui estava eu, viva por causa de uma noz. E aqui estava eu, roubando mais uma.

Embora esta servisse a um novo propósito. A terceira bolota de noz do conto de fadas. Uma vida restaurada.

Movi-me rapidamente, enfiando a mão por baixo da saia e removendo uma porca semelhante da liga amarrada em volta da minha coxa. Comparei os dois, os grãos correspondentes, as formas das conchas, as tampas empoleiradas no topo. Acima de tudo, o sulco da pluma em forma de borla.

Gêmeos idênticos perfeitos. Um real, um falso.

Ninguém seria capaz de dizer a diferença.

Eu fiz a réplica copiando os detalhes do meu próprio coração. Admirei meu trabalho, depois troquei as bolotas de noz, prendendo a verdadeira na minha liga e colocando a outra dentro da caixa de madeira. Trabalhando as costelas, eu a fechei.

Punk estava vigiando. Rodopiando, saí correndo do cofre, pulando no mesmo padrão de volta para a escada. Puxando meu capuz por cima da cabeça, eu refiz meus passos, de uma lasca para a próxima, minha respiração superficial enquanto Punk vasculhava a área em minha direção.

A certa altura, murmúrios à frente obrigaram a mim e minha companheira a desviar. Evitando o barulho que se aproximava, mergulhei em outro beco. Isso levava a um mezanino, com colunas em cada canto dos trilhos e uma vista do nível abaixo.

Punk acelerou, me pensando atrás dela. Mas assim que ela desapareceu, outra figura marchava em minha direção, armada com um corseque. Eu caí no chão, me abaixando quando o homem examinou a área. Eu pensei que ele poderia continuar, mas ele se colocou a um metro de mim.

Eu ficaria tão entediada em fazer o trabalho dele. Sim, o castelo e a coroa deveriam ser um alvo para os desequilibrados e sem lei. Mas era Outono moral. Quantos criminosos, assassinos, nobres desordeiros ou ladrões poderiam existir?

Oh. Certo.

Explosão, quanto tempo levaria até Punk perceber que ela me havia perdido?

A liga em volta da minha coxa se apertou quando me mudei, a bolota de noz do conto de fadas sacudindo. Eu apertei minha capa para manter meus dedos firmes. Eu poderia falar gentilmente com esse guarda? Sem ele vendo muito do meu rosto ou suspeitando de mim? Eu poderia fingir ser uma dama de companhia ou uma criada perdida. Em minha mente, examinei uma lista de arsenal verbal, tentando inventar a mentira certa se tivesse que me aproximar dele.

Um resmungo de interesse saiu de sua boca. Ele olhou para a parede oposta à minha direita, mas ele parecia atento agora. Como se ele tivesse entendido alguma coisa.

Seguindo seu olhar, vi uma forma se materializar na superfície, iluminada pelo céu noturno que entrava pelas janelas altas. Naquela tela de luz prateada, a sombra ricocheteou, parecendo um raptor.

Com certeza, não poderia ser Punk. Não desse tamanho e não sem a cabeça de barbear.

Mas onde estava essa outra criatura alada? Aves grandes não apenas vagavam livremente pelo castelo. Até os falcões do relógio estavam restritos ao ar livre.

O pássaro se contorceu, batendo no corpo atarracado de uma codorna. E um segundo depois, estendeu seus membros, agitando-se como uma cegonha. E então encolheu em um tentilhão.

Eu pisquei. O que...?

O homem torceu em confusão. Como ele, meu olhar saltou por toda a parede.

—Psiu—, veio uma voz. —Psiu.

Eu segui o som, meus olhos pousando em um par de brilhantes olhos verdes. Do outro lado do chão, entre os raios da balaustrada, aquelas íris brilhavam como joias, apesar do escuro. Como era possível ver a cor daqui? Elas pareciam irradiar, sem precisar do sol para brilhar.

Meus ombros ficaram tensos. Esse olhar fixou em mim, brilhando com curiosidade e simpatia. De quatro, cheguei mais perto.

Um rosto ansioso surgiu do escuro. Meu queixo se abriu.

O garoto tinha mais ou menos a minha idade. Ou, na verdade, um pouco mais jovem.

Inclinei minha cabeça. Era difícil dizer, mas ele parecia ter cabelos escuros. E o rosto dele! Senti meus olhos incharem em cascas de nozes, apesar de nunca corresponderem ao tamanho de seus discos. Eles saltaram dele sem

esforço, duas lâmpadas rodeadas de grama, o tipo de sombra que imaginei que vinha do Reino da Primavera.

A natureza havia esculpido seus traços em um conto de fadas. Ele poderia ter sido duende, se seres assim realmente existissem.

Suas feições faciais eram desproporcionais, interrompidas de alguma maneira. Como se tivesse sido abalado e toda a estrutura desequilibrada.

Este não era o rosto de uma pessoa comum. Era... era quase como...

Minha boca se fechou quando percebi: um simplório.

Um tipo de "tolo nascido". Ou é assim que as pessoas chamam de mente distorcida. Eu já tinha visto isso uma vez antes, no meu bairro da cidade, e a aparência da pessoa fazia com que outras pessoas se esquivassem de desconforto.

Eu não. Eu gostava da singularidade.

Nós estudamos um ao outro. Mesmo com meu capuz, a penumbra e a distância, tive a sensação de que ele podia ver pedaços do meu couro, porque ele sorria.

A noite engoliu seu corpo, para que eu pudesse vê-lo do pescoço para cima, mais a colina de um ombro. O garoto - o jovem - levantou os braços, esticando e dobrando os dedos em uma posição distorcida. O que ele estava fazendo?

Ele deu um sorriso travesso e manipulou seus dedos, outro tentilhão pulando através da parede. Um fantoche das sombras!

Muito safado. Muito impressionante.

Os passos do guarda apressaram-se de um lado para o outro.

Meus lábios se curvaram, minha língua pressionando meus dentes. Se esse estranho fosse um membro do meu círculo, eu não precisaria avaliar sua coragem ou valor. Ele já havia passado no teste.

Por impulso, levantei minhas próprias mãos e as torci em um abutre, bicando a garupa pequenina do tentilhão. Em resposta, o tentilhão retrocedeu.

A sombra dele tremulou, a minha mostrou garras.

Ele bateu os pés em um gabarito, o meu ondulou sua plumagem horrenda.

De extremos opostos do corredor, o garoto desconhecido e eu trocamos sorrisos. Calor correu através de mim, o tipo de conexão que eu só senti com Punk até então.

Nossos pássaros flutuavam um ao outro, tentando superar o outro, para grande frustração do guarda. O desempenho usava sua resistência mental, e ele bateu no mezanino, seguindo a direção que nossos pássaros haviam voado.

Eu bati minha mão na minha boca para não rir. O garoto tremeu com uma risada silenciosa.

Sem aviso, ele se adiantou. Percebi que ele estava prestes a correr por aqui, com o rosto maduro de alegria. Apesar do que tínhamos acabado de fazer, o entusiasmo dele parecia estar impaciente. Agressivo, como se não pudesse evitar.

Bati minhas palmas loucamente, detendo-o. Seu rosto enrugou, claramente chateado. Ele poderia causar uma cena se eu não domesticasse esse olhar rapidamente.

Apontei para o meu peito e depois apontei o polegar em direção à janela acima de nós, indicando que eu tinha que sair daqui. Apertei minhas mãos, implorando para que ele não se aproximasse e alertasse o guarda.

O jovem pareceu desapontado e tentou mais uma vez me atacar.

Desta vez, enfiei a palma da mão no ar, ordenando que ele ficasse.

Ele fez, mordiscando o lábio largo. Ele sabia que eu estava me escondendo do guarda, embora ele não soubesse o porquê, e talvez ele não

tivesse se importado. Ele entendia que eu precisava sair. E se eu não soubesse melhor, diria que ele esperava ir junto.

Quem era ele? Um servo?

Por que ele estava me ajudando?

Isso não importava. Ele tinha que me deixar ir.

O problema era que meu desvio me deixara em algum lugar desconhecido dentro do castelo. Para onde eu iria daqui?

Uma nova determinação iluminou a expressão do jovem. Ele olhou para um fio de fitas penduradas no teto.

Eu não as havia notado antes. Serpentinas de várias cores balançavam das vigas, girando em direção a diferentes áreas. A que propósito elas serviam?

Quando seus olhos se fixaram em uma das guirlandas - uma amarela - ele apontou ao longo de seu comprimento. Eu apertei os olhos, então ele fez um gesto repetidamente e... oh!

Eu murmurei, *obrigada*. Não sabia se o jovem podia ler minhas palavras de longe, até que ele soltou um sorriso desamparado.

Eu ofereci um sorriso de desculpas e balancei meus dedos para ele. Ele também se despediu.

Levantando-me, corri pelo mezanino enquanto me curvava, sentindo-me culpada por deixá-lo. Estranho, já que essa emoção não tinha lugar no meu inventário.

Eu me apressei, cortando a grade de painéis dos corredores. As guirlandas amarelas me depositaram exatamente onde eu tinha começado, perto da entrada dos criados.

Hã. Exceto que as fitas ultrapassavam o limiar, estendendo-se mais abaixo na passagem.

A plumagem laranja caiu na minha frente.

Eu pulei para trás, segurando meu peito. —Droga, Punk. Não faça isso.

Ela piou, igualmente irritada, e girou em direção à saída.

Hesitei, percebendo como as fitas desapareciam em direção a um grande recesso. Lembrando o layout do pátio de treinamento, fiz algo estúpido, ignorando a porta da liberdade e me apressando em direção a outra abertura.

Olhando ao virar da esquina, respirei vertiginosamente, segurando o batente da porta.

O arsenal. Inclinei-me de lado na sala, meus olhos passando de martelos de guerra a espadas largas. Clavas, arpões, lanças, piques, dardos. Escudos, espigões, correntes. Lâminas serrilhadas e onduladas. Punhos ornamentados.

Elmos, manoplas e outras peças de armadura.

E machados. Eu me perguntava como eles pareciam de perto, como tinham sido moldados e -

Algo arrebatou meu capuz, me puxando de volta para o corredor.

Eu gritei para Punk. —Fácil nas articulações!

Ela bateu as penas na minha bochecha, fazendo-me gemer e dar um tapa nela. —Tudo bem, tudo bem.

Fugimos para a entrada dos criados. Do lado de fora da porta, mais um obstáculo me bloqueou. Um casal de cocares luxuosos passou por mim, suas cabeças inclinadas enquanto falavam em voz baixa. As provocações abafadas das nobres as atrapalhavam como amantes se rebelando contra a hora tardia.

Eu estava me movendo tão rápido que deslizei em minhas solas cobertas de lã, meus braços balançando em busca de equilíbrio enquanto tentava parar. Antes que eles olhassem para cima, eu me esquivei do par, escalando a cerca do pátio de treinamento e aterrissando em um berço de manequins-alvo, acolchoados entre os corpos cheios de palha ou forjados de madeira.

Que degradante. Era tudo o que pude fazer para não enrugar o nariz.

Fora de opções, eu desmoronei minhas partes, caindo e olhando para frente sem piscar, minhas feições endurecendo em uma expressão sem vida. Como um fantoche, uma marionete, um falso.

Punk voou até minha coxa, me avisando quando o casal desapareceu.

À frente, velas brotavam de centenas de janelas do castelo, as fachadas de tijolos fervendo. No topo das torres, uma rajada de vento sacudia as bandeiras de Outono.

Cascos de cavalo bateram no pátio e pararam do lado de fora da cerca. Tiras de couro estremeceram, elos de metal tilintando quando o cavaleiro desmontou, um par de botas batendo levemente no chão.

Espiei os manequins. E então eu desejei não ter.

O vento varreu sob sua capa quando ele passou os dedos sobre o pescoço do cavalo e murmurou algo.

Fazia duas horas? Ou mais que isso? Tempo suficiente para ele se levantar de seu estupor?

Embora sem pressa, os movimentos do cavaleiro eram mais deliberados do que lentos. Eu não o tinha dado crédito suficiente, porque ele se recuperou bem do pano oleado. Então ele não apenas me atrasou na entrada. Parecia que ele também me atrasaria na saída.

Sem aviso, o soldado chamado Aire ficou tenso. E realmente, eu deveria saber melhor. Este homem não reagia a sons tanto quanto a sensações.

Eu encolhi de volta. Seu perfil mudou, avançando em direção ao ombro, talvez ouvindo ou *sentindo*?

Então Aire se virou, fragmentos de azul rondando o quintal, os dois cabos de espada brilhando perigosamente nos quadris. Toda a lógica jorrou da minha mente ao vê-lo: como pano de fundo pelas muralhas do castelo e pelas

janelas em chamas, seu rosto estava tão vermelho do passeio que vi a cor espirrar em sua pele, mesmo daqui.

A terceira bolota de noz do conto de fadas tremeu contra minha coxa. Ele podia ouvir? Ele podia ouvir minhas roupas roçando minha pele de madeira?

O que ele faria se me pegasse? Ele ainda acreditaria em mim como uma invenção?

Eu queria que ele fizesse isso?

Eu não tinha ideia do que fazer com esse pensamento, então joguei fora.

Sua atenção parou no monte de manequins-alvo. Pela maneira como ele os examinou, eu poderia jurar que ele me localizou. Mas ele ainda não tinha.

—O que você é? — Ele refletiu alto, fascinado e amargo.

Eu enterrei meus dedos na grama. Agora eu não sabia dizer se ele tinha acreditado em mim no cemitério.

Sua pergunta também fez algo perverso, causando uma fenda em algum lugar dentro. Ele falou como se eu não fosse uma garota, mas uma coisa. Ou como uma coisa tentando ser uma garota. Como se ele não pudesse decidir se tinha pena ou se ressentir disso.

Um grito surgiu na minha garganta, mas nunca saiu.

Eu sou uma garota de verdade.

Eu sou real.

Eu sou.

Ele deu um passo à frente, a mão apoiada no punho da espada. Eu me preparei, pegando o machado na minha panturrilha.

Os sinos nos sacudiram. Da torre central, um grito de bronze ecoou na noite, despertando o reino.

Um alarme.

CAPÍTULO SETE

FANTASIA

O carrilhão gigante estrangulou meus ouvidos e arrancou o cavaleiro de seu transe. Soldados saíram da fortaleza, gritando coisas para ele.

Eu peguei uma palavra: —Desaparecido.

O cavaleiro vacilou, os olhos arregalando o pátio de treinamento. Então ele se virou para se juntar às tropas, deixando o cavalo para trás, a capa estalando contra as pernas. Ele correu com os outros, desaparecendo em direção ao pátio principal.

Traumatizada, Punk disparou para o ar. Eu corri atrás dela.

Ficamos nas sombras, embora a cidadela tivesse explodido com pessoas. Como esta manhã, eu usei a minha vantagem, misturando-me ao alvoroço. Meu corpo ficou dormente, mal registrando a porta da árvore, o túnel, o lado de fora, a carroça.

Minha mente, por outro lado, desvendou as costuras. Eu cuspi maldições repetidamente sob a minha respiração. Graças às Estações ninguém, exceto Punk, esteve aqui para testemunhar esse colapso. Meus servos ficariam horrorizados, talvez secretamente emocionados em me ver assim sem restrições.

O caminho de casa não foi melhor. Punk estava no meu ombro, exausta demais para voar.

Um barulho soou do carrinho, provavelmente de quão mal eu estava dirigindo a mula, sem se importar com buracos ou colinas na terra. Embora,

por algum motivo, a carroça também tenha se arrastado mais do que o habitual, como se a roda tivesse pego um objeto perdido, ou empacotou mais peso do que antes.

Enfim, não perdi tempo analisando.

Os sinos tocaram no Outono. Na cidade baixa, abóboras chiavam dos painéis, lançando um brilho laranja nas ruas. Os habitantes da cidade abriram as portas, arrastando-se para os degraus da frente, vestidos com suas vestes e chapéus. Eles ficaram lá, conversando um com o outro.

O que tinha acontecido? A Realeza estava em perigo?

Ninguém sabia ainda. Todo mundo tagarelava, fofocava e se preocupava. Eles torciam as mãos, sem se importar com nada além de sua própria confusão sonolenta.

Chegando finalmente ao meu quarto, eu me atrapalhei, meus pinos das articulações batendo enquanto eu enfiava o nariz no ar, recusando-me a parecer culpada ou covarde.

Se alguém me visse e tentasse me atrair para o clamor, eu os acenaria, dizendo-lhes para sair do meu caminho precioso. Eu estava me entregando a um passeio à meia-noite. Isso era tudo.

Demorou uma eternidade para que a pista se alargasse e a casa aparecesse. Parei atrás, estacionei a carroça e soltei a mula.

Peguei meu chapéu debaixo do banco.

Pobre Punk. O castelo continuava uivando, mas ela não tinha forças para aguentar. Ajudei-a a entrar na casa de pássaros, dizendo-lhe para não entrar em pânico. O alarme poderia não ter nada a ver com a bolota de noz do conto de fadas. Eu fiz uma réplica perfeita. Ninguém tinha um olho tão experiente para dizer a diferença. E mesmo que isso tivesse algo a ver com isso, ninguém nos viu.

Exceto por duas pessoas.

Um, aquele jovem com olhos de esmeralda. Mas ele foi gentil e me deixou ir.

Quanto ao chamado Aire, ele tinha acreditado no meu ardil ou não?

O que você é? Ele perguntou.

Esgueirando-me para dentro da casa, joguei meu chapéu sobre a mesa e espiei através das cortinas da frente. Sem oficiais da realeza. Nenhum Primeiro Cavaleiro.

Comecei um fogo na lareira e joguei a chave da vara nas chamas, vendo-a reduzir a cinzas.

No alto, a oficina estava silenciosa. Soltando minha capa e removendo os forros, subi na ponta dos pés na escada. Na entrada da sala, parei.

Ela descansava em uma cama em frente à bancada, as pernas emaranhadas em um cobertor, o que significava que adormecera aqui novamente. E talvez fosse a minha presença, ou o lamento do castelo, ou nossos vizinhos latindo, ou momento mágico. De qualquer maneira, ela se mexeu.

Ela ainda usava o avental de cânhamo. Tranças gêmeas subiam pelos lados de sua cabeça, segurando os fios brancos como leite, embora alguns deles tivessem se libertado, criando um arco desgastado em torno de seu rosto.

Quando seus olhos se abriram e me encontraram, seu sorriso turvo fez minha garganta inchar. A visão me atraiu para ela, persuadindo-me a ajoelhar-me ao lado da cama.

—Mãe. — Eu sussurrei.

—Aspen —, ela respondeu. —Aí está você.

—Aqui estou.

—Minha garota de madeira. Por que os sinos tocam?

—Eu não sei.

Porque eu não sabia. Não com certeza.

Seus olhos tremeram com medo sonolento, sua mente a levando a um lugar que eu não conseguia alcançar. —Sonhei com a floresta. As árvores me esmagaram com seus galhos — ela confidenciou. —É uma mensagem, eu sei. Eu devo ser punida.

—Mãe, as árvores não querem castigar você. Elas não são más, lembra? —Cruzei os braços sobre o colchão, descansei o queixo sobre os pulsos e murmurei: —Tenho algo para você.

O rosto dela relaxou. Ela se enroscou de lado e abraçou o travesseiro, a bochecha pressionada contra o chão. —O que é?

A resposta roçou minha coxa de couro, dobrada dentro da liga.

—Mais tarde —, eu compartilhei. —É uma surpresa.

E eu vou usá-la para consertar você.

CAPÍTULO OITO

HONESTIDADE

Ela esteve aqui. De alguma forma, e de algum modo, e de alguma maneira, eu sabia que ela estava aqui. Ela invadiu o pátio de treinamento, pelo menos em espírito, me assombrando mais uma vez. Com que propósito e com que finalidade eu não sabia.

Enquanto escovava meu cavalo em um estado tranquilo, senti a presença da donzela da madeira e passei pelo mesmo desconforto do cemitério de bétulas. No entanto, quando os sinos chamaram minha atenção, voei pela cidadela, deixando a essência dela para trás. O tempo todo, ela continuou a me perseguir, uma onipresença na minha cabeça.

No cemitério, eu sonhava com ela.

A garota apareceu, forjada por algum esquema desconhecido, prestando homenagem à memória daquele boneco que eu decapitei. Ela ressuscitou das cinzas daquela manhã no pátio de treinamento.

A invenção estava contaminando o túmulo de minha esposa quando a descobri. O ato atroz havia enegrecido meus sentimentos, derrubando todos os pensamentos de justiça ou misericórdia. Tão desrespeita, tanta perturbação do descanso eterno da minha amada!

Isso fez da garota uma inimiga imediata minha.

Ao ver seu rosto, e depois de ouvir sua negação de bruxaria, e depois de ouvir sua história ridícula sobre perseguir aquele pica-pau, eu me esforcei para justificá-la. Por acaso ela era uma invenção horrível, mas maravilhosa do

Inverno, ou uma cotovia contrabandeada pela fronteira desde a Primavera. A última Estação não fez segredo de sua propensão a brincadeiras e escapadas.

Concedido, nenhum dos cenários parecia correto, deixando de lado as leis sobre passagens de fronteira. Então, a turbulência de sua existência me confundiu ainda mais.

Eu não tinha previsto sua feminilidade, nem sua ousadia. Ela tinha uma boca desonesta para rivalizar com a do bobo da corte; além disso, seu olhar audacioso e o toque de sua mão me deixaram desconfortável. Fazer esse breve contato com ela provocou uma reação física perturbadora, uma onda ofensiva de sangue e uma amarga perda de ar, não menos que surpreendente.

Nunca desconsiderei minha honra, minha integridade, com tanta rapidez, que desejei que ela se machucasse antes de procurar os fatos.

Ela brandia um conjunto de armas diminutas, adorável na criação e completamente estranha aos meus olhos. Um desses eixos havia superado minha espada, apesar de uma desigualdade de tamanho.

Depois, ela acidentalmente deixou cair o graveto chave, uma posse de segurança do castelo, um privilégio que ela não poderia ter licença.

Considerar inaplicável todo o encontro, um mero sonho, fora um esforço e um alívio, entre muitos outros sentimentos.

Mas quando isso começou? Quando minha visita ao túmulo se transformou em uma falsidade? Quando eu adormeci?

Por que ela? Por que essa garota, essa aparição? Por que esse voo de imaginação?

Devo culpar a dor? Teria reivindicado minha sanidade afinal, condenando-me à loucura? Por que me condenar a essa donzela de madeira em vez do fantasma de minha esposa? A segunda possibilidade teria pelo menos me trazido conforto.

No entanto, eu desejava ver a estranha donzela de madeira novamente. Eu ansiava pelo prospecto tanto quanto o detestava, pois só então poderia encontrar uma maneira de extinguir essas visões.

Os sinos soaram, retornando-me à atual turbulência. O padrão distinto dos instrumentos, uma batida explícita atribuída desde os tempos antigos, indicava que algo havia desaparecido do castelo. O estridente correspondia a essa injustiça, cujas especificidades em breve estaríamos a par. O clamor havia convocado todas as tropas de alto escalão para o serviço, despertando-nos de nossos aposentos e dormitórios.

Servos, comerciantes e nobres emergiram dos limiares e se inclinaram sobre peitoris. Curtidores e merceeiros, consortes e titulares, todos gritavam: —Que notícias? Que notícias?

Um porco-espinho passeava, refugiando-se atrás de uma árvore. Medo, aborrecimento e excitação permeavam nosso ambiente, produzindo os aromas de cerveja e enxofre.

Eu parei, os mantos de homens e mulheres de armas em torno de mim. Empurrando meu rosto para o céu, vi as flâmulas da torre agitando o ar, um protesto contra qualquer queixa particular que o reino tivesse ocorrido.

Magia não existia neste mundo. No entanto, a natureza tinha sua parcela de mistérios e segredos. As Todo-Poderosas Estações tinham suas divindades inexplicáveis.

Quando se tratava deste mundo natural, raramente negava minhas intuições.

—O que é, Sir Aire? — Um dos meus homens perguntou, parando ao meu lado.

—Um vento inquieto —, pensei. —Está procurando, ansiando pelo que foi perdido, o que foi roubado além desses muros.

Este veredicto indignou meu camarada. — Vamos roubar de volta, então.

Subimos as escadas e entramos novamente no castelo pelo salão principal, a rota mais rápida para a sala do trono. O que quer que tenha sido roubado da fortaleza, deixando nossos monarcas destituídos, era precioso. De acordo com o vento, senti que era pessoal e insubstituível.

Com cada fibra do meu ser, eu entendia esse tipo de perda, os contornos e sombras dela. Por mais intangível que fosse, ela emboscou o sofredor, prendendo-o em desespero.

Um pensamento terrível atormentou minha cabeça. Isso tinha a ver com a garota de madeira?

Não poderia ser assim, pois era uma batalha privada, personalizada para o meu fardo, não para o da Coroa.

Como tal, a conclusão alimentou uma suspeita alternativa, uma preocupação que eu havia expressado no passado aos meus soberanos. Inquieto, rezei para a Estação que meu palpite estivesse errado, embora eu descobrisse no devido tempo, informado na companhia de Sua Majestade e da corte.

E descobrir, eu fiz. Pois a coisa que faltava não era nada, mas uma pessoa: o filho da princesa e do bobo da corte.

Nicu havia desaparecido.

Isso confirmou meu medo anterior. A mente simplória do garoto e sua precária compreensão da direção significavam que ele poderia estar em qualquer lugar, seu destino imprevisível, a menos que alguém o sequestrasse por resgate. Não teria sido a primeira ameaça emitida por inimigos invisíveis.

Sua Majestade confinou-se ao castelo caso o menino voltasse, enquanto a princesa e o bobo da corte partiam conosco, insistindo em entrar na busca.

Vasculhamos o castelo, procurando vestígios do paradeiro do Filho Real, sua rota ou seus possíveis agressores. Liderei as tropas, dividindo a legião em grupos, atentos às fitas coloridas que Nicu usava para navegar pelos corredores.

À medida que a noite avançava, tremores deslizaram por meus braços, arrepiando os cabelos. Seguindo um fio de fitas amarelas por um dos corredores, o pressentimento montou, minha premonição crescendo asas. Sob a luz das tochas, a guirlanda levava à entrada dos empregados no lado oeste da fortaleza. Então, parei no limiar.

Abriu-se para o pátio de treinamento, onde eu senti a presença da donzela da madeira serrada. A sensação dúbia aumentou dez vezes, então eu a segui, deixando os espinhos na minha carne me guiarem. Quando cheguei a uma passagem secreta - uma certa árvore, que exigia uma certa chave de fenda -, ela despertou uma memória cuja claridade me deixou atônita.

Eu já a tinha visto antes. Antes do confronto com o cemitério, eu a tinha visto esta manhã.

Houve uma briga em um dos pátios, um alvoroço porque uma criança roubara marshmallows de um comerciante. Inspecionando a cena, vislumbrei uma garota do outro lado da quadra, parada nas proximidades dessa mesma árvore e ostentando um chapéu de penas semelhante ao do cemitério.

Tinha sido *ela*.

De alguma forma, ela havia adquirido a chave dessa faia. No cemitério, essa evidência havia caído de seu saco.

Apertei o punho da minha espada esquerda. O vento soprava nos galhos, provocando uma mistura natural, porém eclética, o sabor seco das bolotas de nozes, o cheiro guloso de açúcar derretido e a textura grosseira da madeira.

Aquela garota esteve aqui no mesmo dia em que o Filho Real desapareceu. Nada disso se atrevia a ser uma coincidência, mas eu tinha um pressentimento: havia mais camadas nesse conto. Ela viajou aqui para mim? Ou para o garoto? Ou para outra coisa?

Arrancando minha espada da bainha, dei um passo para trás, girando a lâmina e depois a esfaqueando na fenda dentro do tronco. Depois de fazer isso várias vezes, finalmente abriu o quadro escondido o suficiente para eu passar.

Tarde demais, percebi meu erro.

Ela não tinha sido um sonho.

CAPÍTULO NOVE

FANTASIA

O estrondo de um martelo me chocou do sono. Um minuto eu estava inconsciente, lambendo caramelo que chuviscava de um pináculo de árvore imaginado. No outro, agitei os lençóis, ainda no colchão onde me aconcheguei contra a mãe.

O barulho me trouxe à tona. *Ugh. De novo não.*

Saltando do meu travesseiro, fiquei boquiaberta ao redor da oficina, me perguntando como eu tinha cochilado nessa bagunça. Pedaços de madeira espalhavam-se pelo chão, juntamente com lascas de madeira espalhadas - as sobras de um móbil de gaios em voo. Pelo menos ela não tinha ido atrás de um móvel desta vez.

Na mesa perto da janela, mamãe levantou o braço, com o martelo na mão, morto por bater nos raios de uma roda giratória em pedacinhos.

—Mãe —, eu disse para as costas curvadas. —Mãe!

Ela girou na cadeira. —Os sinos pararam.

Eles tinham. Mas a pontada horrível no meu peito não tinha.

Ouvi os movimentos grogues da cidade baixa enquanto as pessoas lutavam para continuar seu dia. Por causa do alarme, aposto que a maioria deles não teve uma piscadela.

Arrastando a cama, peguei o caos no chão e abri a faixa do segundo andar. Do lado de fora, chaminés tossiam fumaça. Uma mulher empurrava

uma vassoura sobre as pedras. Um homem carregava um alqueire de batatas doces.

Os habitantes da cidade bisbilhotavam enquanto trabalhavam, olhando casualmente para os becos. Seus olhos rondavam a área, uma ação incomum da população bem-humorada do Outono. Eles sabiam mais do que tinham ontem à noite, caso contrário não estariam agindo de forma engraçada.

Meus pensamentos deslizaram de um problema para o outro. O alarme. O Primeiro Cavaleiro. A bolota de noz do conto de fadas amarrada à minha coxa.

Eu fui trazida à vida por uma noz, quando minha mãe a enfiou no buraco no meu peito.

Agora era minha vez de ajudá-la, com a preciosa bolota que eu tinha tomado.

O prêmio foi mantido em segurança no cofre enquanto a Rainha se preparava para compartilhá-lo com o reino, exibi-lo como um símbolo de Outono, para todos os cidadãos desfrutarem. A Realeza estava planejando uma apresentação no Festival do Halloween.

Todo mundo conhecia a lenda daquela terceira noz, mas ninguém a havia encontrado até agora. Alguém que morava no castelo se deparara com ela, embora eu não soubesse quem. A coroa não havia revelado essa informação para mamãe quando ela foi contratada para projetar uma caixa de apresentação para ela.

Todos também sabiam o que a terceira bolota podia fazer por quem a possuísse, de modo que o peito da mamãe precisava exibir a pepita lindamente, ao mesmo tempo em que fornecia uma medida de segurança, no caso de alguma alma necessitada ter dedos pegajosos.

Mamãe tinha sido uma escolha lógica para o trabalho, desde que ela estava servindo a Coroa há anos. Ela não era estranha ao castelo.

Mas ela nunca me levou lá antes.

Ela havia se encontrado com a Rainha Avalea várias vezes para esta comissão, para mostrar planos e esboços de Sua Majestade, para informar sobre o progresso.

Na época, eu não pretendia roubar a terceira bolota do conto de fadas. Isso não foi até mais tarde, quando a vida em casa começou a mudar. Foi quando a descoberta da bolota de noz assumiu um novo significado para mim. Foi quando ficou pessoal.

E foi aí que eu percebi o que tinha que fazer. Para mamãe.

Fechei a cinta. Provavelmente, eu estava horrível esta manhã, minha pele de madeirinha sem brilho, mas pelo menos não tinha aquelas bolsas horríveis debaixo dos olhos, como as outras meninas.

—Aspen —, disse a mãe. — Me ouviu?

Eu me virei. —Mmm, um pouco.

—Você foi ao Beco Mercante ontem, não foi? Você trouxe as pontas de volta?

—Não houve tempo.

Mentira. Houve tempo para parar na loja, mas eu a ignorei. Eu estava muito ocupada iniciando o filho do pedreiro, explorando a cidadela e planejando meu cerco. Eu só me lembrava de buscar essa ordem de novos acabamentos de óleo.

Então não é mentira. Porque realmente, não houve tempo no final.

Então meu nariz ficou parado.

Mamãe franziu a testa com a minha resposta e depois voltou-se para a mesa. Olhando para o cabo de cinzas do martelo, eu disse: —Mãe, largue isso.

—Mas as árvores...

—As árvores não podem machucar ninguém.

—Elas estão com raiva de mim. Eu roubei delas.

—Ninguém está com raiva de você. — Eu atravessei e peguei suas bochechas. —Nós consertaremos isto. Tudo vai ficar bem.

Isso trombou com o medo no olhar de minha mãe, o véu subindo de seus olhos, voltando à clareza. De volta ao normal.

—Ok. — Ela sussurrou.

—Tudo bem. — Eu disse.

Ok. Eu odiava limpar. Normalmente, eu tenho um dos meus puxa-sacos para pular aqui e fazê-lo, prometendo um tratamento especial em troca: minha aprovação.

Não que eu queira que meus seguidores vejam isso, muito menos que me incomodem agora. Tinha decisões a tomar, controle de danos, táticas ofensivas a planejar, caso as autoridades reais batessem na porta. Eu tinha uma bolota de conto de fadas para decifrar pelo amor de minha mãe.

Ela não fez prisioneiros, à beira de demolir a maior parte de seu trabalho. Recolhemos a bagunça, empilhando-a na bancada e depois varremos. Senti o cheiro persistente de pão de centeio recém assado da cozinha no andar de baixo.

Enquanto eu me arrastava, um estalo rítmico quebrou o silêncio. Mamãe parou de empurrar a vassoura e olhou para mim. —Você está fora de alinhamento?

Eu zombei, arrancando um pano do armário. —Eu não saio de alinhamento.

—Um de seus parafusos precisa ser substituído, então.

—Mãe, não.

—Sim. Eu troquei seus pinos por dezoito anos.

Que humilhante. Sacudindo meus protestos, mamãe pegou as ferramentas necessárias e se ajoelhou diante de mim, apertando a maçaneta do meu joelho.

Senti algo lascar minha garganta enquanto eu estava lá sentada como uma criança de quatro anos, observando suas mãos. Aqueles dedos mais velhos, com sessenta anos, moviam-se suavemente. Sãs.

Haveria outro episódio. Discursos sobre coisas irreais.

A conspiração que ela construiu em sua mente tinha a ver com as árvores. Ela acreditava que elas possuíam vozes e rancor. A popular carpinteira de Outono as irritava usando muito da madeira delas para o comércio dela - para seu próprio ganho. Por culpa ou buscando perdão, mamãe começou recentemente a esmagar seu trabalho.

A mudança havia começado três meses atrás, do nada. Ela apareceu em nós como um perseguidor. Por alguma razão divina, as Todo-Poderosas Estações haviam distorcido parte da mente de minha mãe. Uma parte que não havia retornado.

Foi por isso que mamãe não compareceu à visita final ao castelo. Antes disso, ela estava bem. Mas antes de sua última consulta, durante a fase final de produção, ela havia mudado oficialmente, sem sinais de recuperação.

Ela tinha jurado segredo sobre a comissão da bolota de noz. Mas vivendo sob o mesmo teto, ela não foi capaz de esconder isso de mim. Eu sabia desde o começo.

No auge de sua doença, meu coração maluco se contraiu. Uma ideia tomou forma.

Por causa de seu estado, eu tinha raciocinado que minha mãe causaria uma má impressão, e ela temia as árvores ao ar livre de qualquer

maneira. Então, eu sugeri que eu entregasse a caixa pessoalmente. Ela concordou e eu fui ao castelo em seu nome - com um plano fixado na minha cabeça.

Felizmente, mamãe não sofreu um episódio e destruiu a comissão.

Durante a transferência, quando eu deixei minha trilha de lascas, a Rainha me encontrou no cofre. Eu usava minha capa, o capuz caindo sobre a cabeça e um par de luvas. Quando ela pediu que eu me mostrasse, dei a desculpa de que tinha um defeito de pele. É verdade, dependendo de quem você perguntasse.

Eu mantive minha cabeça baixa, fazendo parecer uma fonte de vergonha. Sendo uma governante compassiva, a rainha aceitou com relutância. Além disso, ela conhecia e confiava em mamãe, que mandara avisar que sua "garota" - o que quer que isso significasse - traria a caixa.

Apesar de trabalhar com eles por anos, a mãe, sempre profissional, ocultava os detalhes de sua vida privada da realeza. Ela nunca me mencionou.

De qualquer forma, a mãe não sabia o que eu pretendia. Ela nunca saberia.

A menos que a Realeza me pegasse.

Fechei os olhos com força.

—Estou machucando você? — Mãe pergunta, parando o trabalho.

—Não. — Eu murmurei.

Mesmo assim, seus movimentos se suavizaram. —Eu me pergunto por que os sinos tocaram na noite passada. Eu espiei fora esta manhã, mas não conseguia ouvir o que as pessoas estavam dizendo.

Eu fiquei tensa. —Você perguntou a eles?

—Estamos sem pregos. É por isso que eu queria que você os pegasse ontem, Aspen.

—Mãe, você perguntou? —Eu repeti.

—Sim, mas... eles me ignoraram.

Eu atirei na posição vertical, empurrando minha saia sobre minhas panturrilhas com um movimento do meu pulso. —O que isso significa?

Oh, eu tinha uma ideia. Os habitantes locais não eram idiotas. Eles começaram a notar sua mente perdida, piorando.

Eventualmente, a notícia disso poderia se espalhar para os lares da nobreza, depois para a Realeza. Os boatos floresciam ansiosamente e viajavam rápido, principalmente quando as pessoas tinham motivação. A mãe sempre fora uma marcenaria muito procurada na cidade baixa. Isso também fez dela a competição.

Nesse ritmo, sua posição não se manteria por muito tempo. Não se ela não pudesse terminar seu trabalho ou manter seus clientes.

As pessoas a rotulariam de simplória. Ou pior.

Os simplórios e as almas enlouquecidas não eram motivo de riso.

Também não são seguros - apesar do que a monarquia prometeu.

Ao longo da história, o mundo acreditava que ter uma mente desequilibrada ou demente significava que a pessoa havia sido condenada pelas Todo-Poderosas Estações. Os “tolos nascidos” - com doenças que surgiam no nascimento ou mesmo mais tarde na vida - foram tratados como acidentes da natureza que precisavam ser contidos; caso contrário, poderiam ser perigos ou encargos para os habitantes do reino.

Assim, sob o decreto universal dos tolos, qualquer um que fosse considerado um tolo nascido tornava-se propriedade das monarquias da Primavera, Verão, Outono e Inverno.

Dependendo do reino e quão severas são as tolices, essas pessoas poderiam ser presas ou escravizadas, usadas para trabalho ou entretenimento. Ou negociado para outra temporada.

Sempre foi assim. Até treze anos atrás, quando o Outono se rebelou.

Sob a liderança de nossa princesa e seu amante bobo da corte, Mista mudou suas regras. No começo, causou muita raiva aqui, protestos e resistência. Mas, enquanto Briar e Poet trabalhavam juntos, defendendo a igualdade e incentivando a benevolência - os pilares morais do Outono - as atitudes mudaram.

Agora o Outono era um paraíso para os tolos, permitindo que vivessem livremente aqui. Ainda negociamos com as outras Estações, mas apenas para proporcionar uma fuga para todos.

Inverno também se tornou um aliado. E no Verão, por causa de uma artista de areia cujas criações incitaram mudanças sociais, a intolerância começou a desmoronar por lá também. Enquanto isso, Primavera aguentava.

Isso não significava que tudo era alegre e perfeito no Outono. Algumas pessoas ainda ficavam boquiabertas ou viravam para o outro lado. Alguns comerciantes violavam o direito civil, recusando-se a vender para tolos, optando por pagar a multa.

Não havia uma pilha sobressalente de cavaleiros para impor algo mais justo, embora a Coroa estivesse trabalhando nisso também. E, às vezes, Sua Alteza ou o Bobo da Corte faziam visitas não programadas a esses lugares, convencendo aqueles comerciantes.

A monarquia era simpática aos tolos. O filho ilegítimo do bobo da corte era conhecido por ser um simplório; a criança foi adotada pela princesa e tornou-se membro da família real. Dizem que Briar amava o menino tanto

quanto amava Poet. Isso alimentou as campanhas do casal e as marchas da cidade por tolerância.

Mas, como em qualquer reino, a Coroa não podia estar em todo lugar ao mesmo tempo. Eles não podiam controlar as ações ou sentimentos de cada morador.

Minha mãe não é uma tola.

Uma voz em minha mente me corrigiu. *Uma vez, ela não era.*

A doença da mamãe poderia arruinar seu comércio. Os vizinhos poderiam não ser cruéis ou ridicularizar minha mãe, mas ficariam desconfortáveis com ela. Nobres parariam de fazer negócios com ela. A coroa, por mais simpática aos nascidos, poderia retrair seu patrocínio, incapaz de confiar nela se ela continuasse quebrando seus projetos.

Eu perderia meus servos. As coisas voltariam a ser como eram quando eu era pequena.

Ainda por cima, seríamos pobres, desprezados por párias sociais. A garota de madeira com uma distorção física. A mãe carpinteira com uma distorção da mente.

Acima de tudo isso, ela continuaria sofrendo.

Eu ajustei minha mandíbula. Eu tinha o que precisava para corrigir isso.

O conto de fadas disse que a terceira bolota daria ao seu dono uma vida restaurada. Isso tornaria mamãe melhor. Eu descobriria como usá-la nela, como ajudá-la, antes que ela perdesse a cabeça para sempre.

Isso não significava que eu ainda não puderia derrotar algumas pessoas. Ninguém olharia para a mãe com o nariz de camponês e se safava. Não comigo por perto.

Mamãe jogou minha saia para o lado, manobrando o alfinete de madeira no meu joelho.

Minha voz abaixou. —Quem te ignorou?

—Eu reconheço esse tom, Aspen. Não vá buscar ideias. Você sabe como os vizinhos podem ficar. Eles não entendem o que não entendem, e isso não significa que você pode comandar outras pessoas.

—As pessoas estão desprezando você! Eu chamo isso de insulto. Eu chamo isso de problema. Quando eu acabar com eles, eles mudarão de tom...

Seu rosto se contorceu, uma bandeira vermelha que sinalizava outro colapso. O estresse de discutir comigo não ajudou.

Puxei as mãos dela da minha perna e as massageei. Seus músculos relaxaram, seus pulsos caíram.

Ela suspirou. —Isso é maravilhoso.

—Qualquer coisa por você. — Eu disse.

—Qualquer coisa?

—Ok, sinto muito. Não vou retaliar, embora, para sua informação, minha mãe não se inclina para ninguém.

Ela me deu um sorriso fraco. —Mas minha garota da madeira deveria aprender a fazê-lo.

Descemos as escadas, onde acendi a lareira, fervi água na chaleira e coloquei uma xícara de chá de cevada. A cadeira da mãe gemeu sob o peso dela. Ela esqueceu de me perguntar que surpresa eu a trouxe. Tudo bem, já que eu não deveria ter dito isso a ela de qualquer maneira. Ela parecia tão assustada ontem à noite que eu tive que distraí-la.

Enquanto nos sentávamos lá, pensei em como usar a bolota. O conto de fadas não dava pistas sobre isso. Talvez eu precise cortá-la no jantar dela. Ou mergulhá-lo em água quente. Ela precisava consumir de alguma forma, certo?

Nesse momento, um movimento na janela traseira chamou minha atenção. Parei no ato de encher meu chá, minha mão suspensa sobre as chamas da lareira. Eu acabei de ver alguém espiando?

No lado oposto da casa, um grupo de crianças passou pela porta da frente, seus gritos ecoando alto e claro.

—Eles estão procurando em todos os lugares por ele.

—Uau, você acha que os cavaleiros vão checar nosso quartel também? Eu nunca vi um cavaleiro antes. Acha que eles vão bater nas portas?

—Aposto que sim. Ouvi o Primeiro Cavaleiro liderando a caçada.

—É uma busca, não uma caçada. Eles estão procurando o Filho Real, não um javali.

O Filho Real. Ele desapareceu. Foi isso que causou o alarme.

O filho simplório da princesa e do bobo da corte. O público disse que ele tinha problemas com a direção. Eles também disseram que ele possuía um rosto inconfundível e...

Olhos verdes impressionantes. Como o pai dele.

Rosto inconfundível. Olhos verdes. Filho real. Desaparecido.

Bonecos de sombra. O jovem que me viu. O jovem que queria se juntar a mim.

Meus olhos voaram para a janela de trás, assim como um olhar esmeralda se alargou do outro lado do vidro, e cabelos castanhos caíram sob o peitoril.

O alarme. A busca.

O Primeiro Cavaleiro. A caminho daqui.

E o filho real... bisbilhotando fora da minha casa!

Eu olhei boquiaberta para a janela, esmagando a alça da xícara de chá, meus braços suspensos acima das chamas. Fiquei assim até minhas narinas se encolherem, inalando fumaça.

Meu dedo mindinho explodiu em chamas.

CAPÍTULO DEZ

FANTASIA

Merda, isso dói! Merda, merda, merda!

Meus gritos atingiram o teto. Meus cotovelos batiam tão violentamente que eu parecia um pombo demente.

Ou uma marionete louca.

Três xingamentos depois e três gritos depois para minha mãe ficar em sua cadeira, apaguei a chama batendo no meu dedo com um pano. O cheiro de madeira queimada fedia na sala. Meu dedo mindinho havia sido assado até as cinzas, deixando apenas um esboço chiando como erva Mista, a dor já começando a desaparecer.

—Aspen. — Incapaz de resistir por mais tempo, mamãe correu para o meu lado. —Deixe-me ver.

Distraidamente, eu a deixei pegar minha mão, muito ocupada examinando a janela traseira. Meus olhos devem ter pulado de suas órbitas, porque ela interpretou mal. —Aspen, acalme-se.

—Estou calma. — Eu disse.

—Não, você não está. Você está se contorcendo.

—Estou me contorcendo porque você está se preocupando.

—Estou preocupada porque você está sofrendo. Deve haver um dedo de substituição no andar de cima. Eu pego.

Mamãe guardou peças extras para mim, caso acidentes como esse acontecessem. O acidente me deixaria assimétrica. Que se dane tudo, um dedo extra teria que esperar.

Eu a afastei, palavras desleixadas derramando da minha boca. —Eu estou bem, só preciso de um pouco de ar, vou voltar logo, não se preocupe comigo, apenas relaxe.

Corri pela porta traseira, fechando-a atrás de mim. Em tempos de provação, Punk dava a seu bico um treino intenso contra a casca de sua casa de passarinho. Nenhuma batida de madeira significava que ela ainda não havia acordado de seu sono.

Meu olhar pousou na carroça. O veículo parecia mais pesado e desajeitado durante a viagem para casa na noite passada. Com a escuridão e meus sentidos perturbados, eu não tinha notado o caroço sob a tampa do veículo.

Marchando para a carroça, eu rasguei de volta o material. O jovem apareceu, sua boca larga ofendida, como se não esperasse que eu o pegasse. Mas então sua surpresa derreteu, e ele sorriu como se eu fosse uma amiga perdida há muito tempo. Levantando-se de joelhos, ele se arrastou em minha direção, um brilho ambicioso em seus olhos.

Recuei, levantando a palma da mão para impedi-lo.

Ele afundou em seus quadris. Lembrei-me do nosso show silencioso no castelo, enganando o guarda com bonecos das sombras. Os traços irregulares de elfo do jovem me encaravam de volta agora, felizes, mas nervosos.

Oh maravilhoso. Um amor.

Eu não poderia ser fraca ou indulgente com este. Eu tinha que ser severa.

Com uma exceção: eu não conseguia assustar ou insultar o rapaz. Como ele era da Realeza, eu não estava em posição de ficar do lado ruim dele.

—Você é ele —, eu sussurrei. —Você me ajudou a escapar.

Quando ele não respondeu, eu continuei. —Você é o filho da princesa e do bobo da corte.

O desafio apagou a doçura. —Nicu —, ele insistiu, sua voz subindo. —Meu nome é Nicu.

—É você quem eles estão procurando.

—Eles estão procurando?

Agarrei a ponta da carroça e assobiei: —Sim ou não. Você é o filho deles?

Uma poça rosa apareceu em suas bochechas. Após um momento de hesitação, ele assentiu.

Eu balancei a cabeça com ele, então fechei os punhos e bati o pé porque, vamos lá! O que mais?

A agitação dos habitantes da cidade se afastou da rua. Mamãe ficou lá dentro, deixando-me ter meu espaço até agora. A última coisa que eu precisava era que ela nos visse.

Depressa, murmurei, apontando para ele sair da carroça.

Quando ele se afastou do veículo, não passou por mim que eu tinha acabado de mandar em alguém da Realeza, e ele apenas obedeceu sem protestar.

Dentro das camadas de seu cabelo, uma trança fina havia sido habilmente tecida de um lado, saindo da têmpora e enfiando-se atrás da orelha. Ele usava um gibão com botões abotoados, uma camisa de damasco por baixo e uma calça perfeitamente ajustada que vestia botas altas e brilhantes. O elegante conjunto de tecido abraçava seu corpo leve.

Agarrando seu pulso, eu o empurrei para dentro do galpão e abri a porta para dentro, poupando-nos um pouco de luz. Nicu se acomodou, enroscando-

se em um ninho de feno ao lado da mula cansada, que riu quando o garoto fez cócegas atrás das orelhas.

Ele esteve naquela carroça a noite toda, provavelmente tremendo e com fome.

Fiz com que ele jurasse não pronunciar uma palavra até eu voltar, depois entrei correndo em casa, dando desculpas a mamãe para cuidar do quintal, prometendo que meu dedo estava bem e pedindo que ela organizasse suas ações na oficina. Eu só esperava que ela não tivesse um episódio e quebrasse alguma coisa.

Depois que ela desapareceu no andar de cima, espalhei pães com manteiga, depois peguei um recipiente de ensopado, um jarro de água e alguns cobertores de lã. Empacotando tudo em uma cesta, voltei ao galpão, onde Nicu cantava uma balada para si mesmo enquanto admirava os barris de nabos e cenouras, a vassoura montada e o ancinho. O fato de o galpão não poder se comparar aos salões reais do castelo não parecia importar para ele.

Percebendo-me na porta, ele se levantou, prestes a me abraçar, como se eu tivesse saído há uma década.

—Espere—, eu o avisei. —Ninguém abraça sem permissão. Entendido?

—Por que amigos precisariam de permissão?

—Sente-se. Mais tarde negociaremos termos de amizade.

O queixo dele se ergueu, o comportamento Real chutando. Me lembrei e acrescentei: —Por favor.

Satisfeito, ele voltou para a colina de feno. Com o cobertor pendurado no colo, ele compartilhou uma cenoura com a mula.

Eu me sentei em frente a ele. —O que diabos você estava fazendo na minha carroça?

Como se a resposta fosse óbvia, Nicu disse: —Remoção de ervas daninhas.

Ao contrário do Primeiro Cavaleiro, com sua inclinação graciosa, mas mortal, a voz deste Real soava como a de um bardo. Como uma música viva.

Um com enigmas anexados, já que levei outro segundo para interpretar sua resposta. —Você está fugindo?

Ele franziu o cenho, lutando com a pergunta. —Sim, capinando os campos e apertando as mãos das florestas porque elas são livres.

—Ok, então... — Recapitulei o que as fofocas relataram sobre esse garoto, sobre seu senso de direção rebelde, entre outras coisas. Talvez essa maneira radical e indisciplinada de se expressar também tivesse algo a ver com isso?

Ele usou a palavra *livre*. Então ele fugiu porque... ele queria liberdade?

—Por quê? — Eu perguntei. —Por que você iria embora?

—Porque ele não me deixou.

—Ele, quem? Você quer dizer seu pai?

—Papai me quer em segurança —, o garoto suspirou. —Ele sempre me quer em segurança.

—Isso é uma coisa boa, você sabe. Seu pai se preocupando com você.

—Eu não preciso de carinho. Eu não sou um estúpido.

—Ele disse que você era? — Eu rebati.

—Ele nunca diria isso, mas... — Sua voz mudou de caráter, abaixando-o para um timbre de seda que parecia outra pessoa. —'*Você não está pronto, Nicu*'— recitou. —'*É um destino que você odeia, mas eis que deve esperar.*' *Pois ainda não é seguro.*

Estações. Embora eu nunca tivesse conhecido o bobo da corte, ele era o assunto das tabernas, conhecido por se desviar para o verso. Palavra por

palavra, Nicu deve ter acabado de se passar por seu próprio pai, usando um tom que capturou a voz teatral do homem.

O mimetismo deveria ter me impressionado. Em vez disso, me assustou; Eu teria que ter cuidado com o que eu diria ao seu redor. Se solicitado ou provocado, ele poderia acabar repetindo coisas mais tarde - em momentos inconvenientes e para as pessoas erradas.

Enfim, ele decolou na calada da noite porque queria independência? Porque seu pai estava sendo super protetor? Por causa da condição de Nicu?

Da cesta, ele pegou outra cenoura e mexeu nela. Quando eu acalmei suas mãos, ele me deu um sorriso.

Rígida, lembrei a mim mesma. —Como você entrou na carroça?

—Segui as fitas e depois te segui, mas esperei até Sir Aire sair do campo. Você faz barulho quando corre, e sua sombra é gorda.

Eu bufei. —Eu sou curvilínea.

—Você tem um busto e uma traseira.

—Ei, veja aqui molequ-

—Você é feita das árvores —, ele elogiou, me estudando com um sorriso fofo. —Você é dona do solo e bebe o sol.

Hmm. Talvez eu pudesse me acostumar com essa descrição.

Depois que ele terminou a cenoura, metade do ensopado e um pouco de pão de centeio, ouvi a história dele enquanto examinava seu discurso. Com o passar da hora, me acostumei às voltas e reviravoltas do seu vocabulário, conseguindo entender algumas das metáforas e descrições com menos ajuda.

Ele veio de uma família que o amava, mas aos dezessete anos ansiava por mais liberdade para vagar, viver sua própria vida, se encarregar de si mesmo. Embora sua mãe-princesa tenha simpatizado e recebido a ideia, seu

pai amoroso, mas paranoico, não se mexeu. O laço protetor apertou e começou a estrangular Nicu.

Depois de uma briga barulhenta ontem de manhã, Nicu saíra da sala do trono. Quando ele me encontrou ontem à noite, ele viu uma oportunidade. As serpentinas penduradas nas vigas haviam sido instaladas para seu benefício, para guiá-lo pelos corredores. Elas levavam perto da entrada dos criados, e lá, ele parou enquanto o Primeiro Cavaleiro espiava o pátio de treinamento, onde eu me escondia.

Não que Nicu soubesse onde eu estava, até que eu pulei do meu esconderijo e fugi. Mantendo um olho na minha silhueta, ele me alcançou e se escondeu na cama de carroça.

—O que você quer de mim? — Eu perguntei. —Você poderia ter ido a qualquer lugar.

Nicu olhou para uma fita escarlate amarrada ao pulso, espreitando da manga como um segredo. Ele localizou o item enquanto trabalhava em sua resposta. —Gostei das sombras de nossos pássaros.

—Você quer dizer, nossos fantoches das sombras?

—Sim. E então eu queria ir com você. Mas quando saí do castelo, eu... eu não vi... não vi mais fitas.

Ah, certo. Fora do castelo, ele não tinha fitas para guiá-lo.

O quão prejudicado seu senso de direção o fazia, eu não sabia. Mas tinha que ser muito ruim se ele não pudesse andar sozinho. Mesmo que ele tivesse um mapa, tramasse um percurso ou anotasse pontos de referência, ele seguiria com eles? Ele os confundiria de alguma maneira?

—Como você espera ir longe sem uma trilha de fita? — Eu questionei.

—Eu não sei —, ele respondeu. —Eu só queria...

—Controle? — Seu queixo trêmulo puxou-me, porque eu entendia o que parecia parecer diferente, ser diferente, e precisando controlar isso. Eu entendia querendo a vantagem na minha própria vida.

Além disso, sua aflição me fez pensar na mamãe.

Rígida, rígida, rígida. Eu afundei minhas mãos nos meus quadris. — Você não pode ficar aqui.

—Mas-

—Olha, obrigada por me ajudar no castelo, mas me desculpe. Eu tenho meus próprios problemas. Sua família provavelmente está preocupada, e minha casa é muito perto para conforto em comparação com a sua. Você precisa ir para casa. Apenas diga a eles que você se perdeu.

—Mentiras são criaturas más. Você não sabe disso?

—Elas não mordem. Mas vou, se você não fugir.

—E a amizade? — Ele demandou. —Você disse-

—Eu sei o que disse, mas o Primeiro Cavaleiro e sua comitiva armada estão procurando por você, e não preciso deles batendo na minha porta.

Eu devo ter pronunciado a coisa errada, tomado uma atitude muito errada, porque seus grandes olhos brilhavam. —Vou dizer a eles que era você.

—O que? — Eu cuspi.

—Vou dizer a eles o que você roubou.

Minhas articulações travaram. —Eu não sei do que você está falando.

Não é mentira. Eu não sabia os detalhes do que ele sabia. Ou como ele poderia saber alguma coisa.

Eu balancei meu dedo para ele. —E você não sabe nada sobre mim.

Ele imitou a ação, apontando para uma região abaixo do meu pescoço. — Seu peito.

—Desculpe-me?

—No castelo, no corredor, nas sombras das marionetes. — Ele cutucou o queixo em direção ao meu peito. —Seu peito floresceu.

Seguindo seu olhar, vislumbro o decote da minha camisa, que eu estava vestindo na noite passada. Ele caiu sobre o meu amplo peito, revelando metade do meu coração de bolota de noz.

E porquê? Porque na acusação de Nicu, eu me inclinei para a frente sem considerar uma coisa tão simples.

Assim como eu estava me inclinando para a frente na noite passada, quando Nicu deve ter vislumbrado a noz do meu coração à distância. Talvez uma inclinação do luar tivesse ajudado. Ou talvez ele tivesse uma visão melhor que a minha.

Ou quem sabe se importava? Ele viu a minha camisa. Ponto.

Ele tinha visto a bolota porque eu estava de quatro, sem pensar no meu decote. Uma coisa malditamente simples, de fato.

O fechamento que geralmente ocultava meu coração havia fraturado recentemente. Mamãe ainda não tinha conseguido consertá-lo, e tínhamos ficado sem reservas antes disso. Passei por fechamentos algumas vezes por ano.

—Seu coração é uma bolota —, resumiu Nicu, inclinando a cabeça. —Há uma bolota secreta no castelo também. Eu ouvi a rainha vovó falando sobre isso. Lembro que ela disse que uma marceneira fez algo para protegê-la e uma garota o entregou ao cofre. Qual é o cofre? Você é a garota?

Negue, minha mente gritou. —Ok, espere...

—Seu coração de bolota queria uma sobra, certo?

—Errado.

Fendas verdes perceptivas olhavam de volta para mim. —Você tem o carrilhão de uma mentirosa.

Ele quis dizer, eu tinha a voz de uma mentirosa. Com seu talento para personificar pessoas, ele conhecia vozes muito bem.

Mas não tinha sido uma mentira. Sim, eu queria um sobressalente. Mas não para mim.

Argh. Se eu o fizesse sair, ele me denunciaria. Para alguém tão doce, ele sabia como jogar suas cartas.

—Você é feita do conto de fadas do Outono. — Ele adivinhou.

Eu forcei um tom neutro. —Estou impressionada.

Conhecer uma garota com um coração de bolota de noz, um coração que lhe deu vida, essa conclusão não era exagerada.

Do lado de fora, o cata-vento no nosso telhado chiou, indicando que o vento a levara a uma nova direção vertiginosa. Palha cutucava minha camisa, o material manchado de sujeira da noite passada. E notei que o cós da minha saia apertava meu estômago, forçando a pele a ceder.

Com muitas coisas, era preciso um esforço extra para que as sensações afetassem minha pele de madeira. Com coisas certas ou inesperadas, isso não aconteceu.

Eu tinha que pensar. Eu tinha que voltar para a mamãe e minhas próprias tarefas.

Levantando, tirei o feno da minha saia. —Terminaremos de negociar essa chantagem mais tarde. Faça-me um favor e fique fora de vista.

Passei o resto do dia trabalhando na terceira bolota. Ou melhor, trabalhando para encontrar uma solução para isso. Tentei cortar, fatiar e picar a coisa, na esperança de enfeitar o prato da mãe com ele ou mergulhar os pedaços no chá da tarde, mas a noz não se partiu. Peguei ferramentas montadas na parede da oficina, tentando um martelo, um furador, um cinzel e até uma faca. Nada funcionou.

Ao anoitecer, sentei-me no parapeito da janela da oficina de mamãe, segurando o globo em um fluxo de luz das estrelas. Ela foi para a cama sem incidentes, nenhum de seus projetos foi submetido a uma pancada.

Na minha cabeça, lembrei-me de todos os cantos do conto de fadas.

A primeira bolota original, dada a esse lenhador, ofereceu uma vida feliz.

A segunda, uma nova vida. Minha vida.

A terceira, uma vida restaurada. Mas como?

Olhei além dos caixilhos para a grade de ruas, antecipando um pandemônio. Armadura e aço. Cascos pisando. Soldados cortando ordens para meus vizinhos.

Abóboras brilhavam nas soleiras, tremendo e inquietas, manchando os paralelepípedos de laranja. A equipe de busca ainda não havia chegado a este quarteirão, o que significava que eles estavam fazendo uma verificação completa da casa de todos. Eu tinha alguns lugares em mente para esconder Nicu se ele insistisse em ser teimoso.

Certo que minha mãe dormia profundamente, me envolvi em um xale, acendi um suporte de vela e voltei para o galpão. Fiz uma pausa no limiar, balançando a cabeça. Nicu havia feito outro amigo.

Punk empoleirou-se em seu ombro, piando uma melodia enquanto Nicu cantarolava junto. Eles mantiveram a música silenciosa, a mula cochilando no quadril de Nicu.

Meu novo dilema sorriu para mim, um sorriso pegajoso e genuíno. Uma bolha o cercou, me puxando para dentro de sua esfera. Parando diante dele, o ar parecia agradável, apesar do frio do outono.

—Isso sim. — Comentei, observando meu clandestino e companheira.

Punk gorjeou, querendo uma apresentação formal, então eu o obriguei. De alguma forma, acabamos debaixo de um cobertor, o castiçal no chão entre nós.

—Seu dedo se perdeu. — Disse Nicu, percebendo meu esboço.

—Esqueça isso—, eu disse. —Eu tenho mais nove, e eles funcionam bem. Vê?

Eu moldei meus dedos em um pardal, a figura voando pela superfície do cobertor. Os dedos de Nicu formaram um gêmeo para o meu pássaro. Encantada, Punk flutuou dentro da tenda, brincando com os bonecos das sombras.

Nós rimos. O riso silencioso do garoto passou pelo galpão, pulando por toda parte como as notas de uma flauta.

Quando foi a última vez que brinquei assim? Além da minha amiga pica-pau, quando foi a última vez que a diversão companheira foi tão pura, sem misturas de manipulações ou ligada a uma agenda minha?

Nicu sorriu para mim. —Sou amigo de um conto de fadas.

Meus dedos caíram no meu colo. —Você realmente dirá a eles o que eu fiz? Se eu não deixar você ficar?

Aqueles olhos luminosos embotaram quando ele se virou, me dando uma visão da trança enfiada atrás da orelha. Se a direção era realmente um problema para ele, eu me perguntava se a trança havia sido feita por outra pessoa. Alguém que o adorava.

Ele tocou a pulseira de fita escarlate no pulso. Após um momento de reflexão, ele balançou a cabeça, sua consciência vazando.

Eu expirei um suspiro. No silêncio que se seguiu, estudei sua testa enrugada e a queda desolada de sua mandíbula. Ele não era do tipo que se aproveitava de verdades e segredos. Ele não era egoísta como eu.

Achava impossível segurar isso contra ele, como faria com os outros.

Mais tarde, eu questionaria o que me permitia falar. —Eu peguei para minha mãe.

A cabeça de Nicu se levantou quando expliquei: —A mente dela está deixando ela, sabia? —Eu brinquei com os parafusos dos nós dos meus dedos. —Eu pensei que a bolota iria ajudá-la, mas eu não sei como usar a coisa.

—Então talvez não seja para ela —, disse ele. —Talvez seja para você.

—Eu já tenho uma bolota. — Lembrei a ele.

—Talvez esse não seja a verdadeira.

—Todas as três bolotas eram verdadeiras.

—Mas talvez não seja a verdadeira para você.

—Eu não entendo o que você quer dizer. — Eu balancei minha cabeça. — Eu não entendo por que você está aqui. Quero dizer, que bom é ficar aqui? Caso você não tenha percebido, esta é a cidade baixa. Fugir - capinar, como você diz - não levou você longe.

—Então eu vou mais longe com você.

—Eu não vou a lugar nenhum. — Cantei.

—Você precisa—, disse ele. —Você precisa fugir, seguir as folhas, o solo e as raízes de Mista. Você precisa se quiser tocar no conto de fadas. Se você quer saber o seu segredo.

—Nicu... você pode ser específico?

—O conto de fadas tem pegadas. Você tem que segui-las até o núcleo. Para a semente.

Siga o... siga o conto de fadas... até o seu âmago? Ele quis dizer... onde o conto de fadas realmente aconteceu? Onde começou?

Mas isso era longe. Muito longe. A história passou por Mista como oral, não escrita. No entanto, as pessoas não precisavam de um mapa para saber onde começou.

Aquele lugar havia sido abandonado há um século. Um lugar para o qual o povo do Outono não viajava mais. Por uma boa razão.

Eu disse: —Como você pode saber para onde ir?

—Eu não. — Nicu deu de ombros. —Mas eu sei seguir fitas. O conto de fadas também tem fitas.

Então, voltar para onde o conto de fadas começou e esperançosamente aprender como usar a bolota final na mamãe. Esfreguei meu rosto. Sério, eu não poderia estar pensando nisso, poderia?

Por outro lado, eu tinha outras ideias brilhantes?

E para onde minha companheira desapareceu? Ela voou depois da nossa brincadeira de marionetes das sombras.

Eu arrastei meu rosto para cima. —Onde está Punk?

Nicu pegou a cenoura e mastigou-a. —Ela está do lado de fora piando.

—Por quê? — Eu saí.

Paramos, sua resposta e o aviso do pica-pau chamaram a atenção de nós dois.

Nicu engoliu uma fatia de cenoura. Seus olhos verdes se arregalaram quando ele olhou para mim. —Porque eles estão aqui.

Mal terminara a frase quando um soco bateu na porta da frente da casa, alto o suficiente para nos alcançar. Do limiar, a voz de alguém estalou: —Em nome de Sua Majestade, abra a porta!

CAPÍTULO ONZE

FANTASIA

O cone cedeu. Eu me esforcei para impedir que ele tombasse e colocasse fogo no cobertor, ou em nós dois. Então eu apaguei e enrolei no lençol, para esconder o perfume.

O tambor de um punho assaltou a porta enquanto comandos sobrepostos marchavam pelas várias partes do bairro, apagando o sono da cidade. As tropas haviam chegado ao nosso setor.

Imaginei um homem nobre em particular. Eu o imaginei liderando a busca, seus movimentos alados cavalgando a brisa. Seus olhos cristalinos afastariam a escuridão, atraindo até as figuras mais sombrias do esconderijo.

Sua aura honesta sentiria o que os outros não podiam. Ele ouvia e cheirava o vento. Aquela coroa de cabelos loiros e anel conjugal dedicado iluminaria o caminho.

Ele me sentiria por perto? O que a redescoberta de mim faria na cara dele? Ou para o resto dele?

Como ele lidaria comigo? Seu olhar me tiraria de mentiras? Arrancaria a verdade dos meus lábios?

As batidas do lado de fora não pareciam com ele, embora eu o tivesse conhecido apenas uma vez.

Minhas orelhas pegaram madeira gemendo e dobradiças gritando. Eu sabia o momento em que minha mãe grogue havia atendido a porta. As vozes abafaram. Botas entraram na casa. Pelo som, as mãos abriram os armários e

viraram caixas, procurando Nicu alto e baixo, talvez inspecionando a oficina da mãe, as serras e estacas de sua profissão.

A porta dos fundos se abriu.

Sob nossa tenda improvisada, Nicu e eu nos entreolhamos - depois saímos de debaixo do cobertor. O luar cortava as fendas do galpão. A mula pulou, a bomba enferrujada de seus pulmões acenando para o intruso.

Espiei através de uma fenda na entrada. Quem se aproximou de nós, carecia da graça do Primeiro Cavaleiro. Além disso, esse soldado tinha uma estrutura mais volumosa.

Girando, empurrei Nicu no chão, pressionando-o contra o quadril da mula. —Não se mexa. — Eu disse, depois o enterrei sob a colina de feno e me joguei no topo do monte.

Caí e tranquei meu corpo na posição. Eu olhei para frente com olhos sem foco, nada além de um pedaço de madeira esculpida como uma marionete, um produto do artesanato da mãe. Talvez um brinquedo descartado para a mula.

A noite inundou o galpão, uma sombra corpulenta se estendendo pelo chão. Um objeto de aço cortou o ar e o couro enrugou quando o perseguidor patrulhou o espaço. Minha visão periférica avistou a espada da pessoa golpeando alguns itens fora do caminho. Mas, na verdade, a pequena área oferecia poucos cantos suspeitos para esconder o fugitivo Real.

Sob minha bunda, o cotovelo de Nicu afundou na bochecha direita. Ele não era uma criança, mas sua baixa estatura o tornava mais fácil de esconder.

Passos vacilaram, parando ao meu lado. Senti o olhar da pessoa percorrendo minhas feições, descrevendo minha forma. Minha respiração ficou presa, minha garganta se esforçando para não balançar, minhas pálpebras lutando para não bater.

Sem respiração. Sem piscar.

De cima, um dedo cutucou meu queixo. Não resisti, minha cabeça virando de lado. Uma risada divertida se seguiu, a sombra se endireitou e a porta se fechou.

Eu esperei, esperei, esperei.

O intruso faria perguntas à mãe? Ela mencionaria sua garota de madeira? Ela se perguntaria em voz alta para onde eu tinha ido?

A porta da frente se fechou. Pelas ruas, homens e mulheres gritaram para seguir em frente.

Eu cedi. Estações sagradas.

Punk voou para dentro do galpão, mas manteve vigília na porta.

Nicu me empurrou para o lado, saltando do feno e sacudindo a forragem do cabelo. —Eles me encontraram? — Ele ofegou.

—Não—, prometi, arrumando suas grossas camadas, meus dedos tremendo.

Foi por um triz. E tudo o que Nicu imaginava era a liberdade de explorar seu próprio mundo. Ser capaz disso. Para aprender essa parte de si mesmo. O bobo da corte e a princesa amavam o filho, mas talvez o amassem por uma falha protetora.

Não era problema meu. No entanto, eu não aguentava o desejo escrito em todo o rosto de Nicu.

Eu estraguei meu cérebro. Eles não o encontraram, então pode fazer sentido ficar quieta, ficar perto de casa agora que eles se foram. A Guarda Real se aventuraria mais longe, nos confins do Outono, se necessário. Eles deixariam a cidade baixa para trás.

Ou eles poderiam voltar. Eles poderiam encontrar alguma pista mais tarde e voltar. Eles poderiam voltar por ele, ou por aquele pequeno prêmio que eu roubei do castelo.

Ou a mãe poderia encontrar Nicu. Ela poderia revelar o paradeiro dele.

Quanto mais tempo ele ficava aqui, maior era essa possibilidade.

Escondendo Nicu no galpão até quem algum dia alguém descobrisse. Ele não poderia subsistir neste buraco sem outro objetivo, por um período desconhecido de tempo. Ele queria fugir. Ele disse que eu precisava fugir também, procurar o âmago do conto de fadas: a maneira de consertar a mãe. Para tentar, pelo menos.

Mas indo para a floresta? Fazer um retiro apressado no território da floresta, o que ainda poderia nos tornar um alvo vulnerável? Tudo isso, então Nicu poderia ter um gostinho de independência? Para que eu pudesse seguir um palpite?

Para chegar a esse lugar?

Supondo que chegássemos lá. A menos que continuássemos em terrenos desconhecidos, seríamos notados. Minha pele de madeira. A doença de Nicu. Isso significava desastre.

Com a notícia da partida dos cavaleiros, o medo de Nicu derreteu em um brilho otimista. —Vamos capinar.

Eu franzi meus lábios. —Ouça. Se fizermos isso, precisamos de regras básicas. Primeiro, você está embarcando nessa viagem insana por vontade própria - não me culpe para a rainha e pelo país mais tarde. Segundo, nunca repita nada do que eu digo. Nem um pomo, entendeu?

—Por quê?

—Porque podemos ser pegos. Se o fizermos, repetir o que eu contei sobre a bolota pode me deixar em pedaços. Nunca conte a ninguém - alguém - que eu peguei a coisa. Entendeu?

—Mas se foi. — Embora parecesse que ele não sabia ao certo. —Eles verão que se foi... não vão?

—Eu cuidei disso. — Eu acenei meus dedos. —Eu dei a eles outra bolota; eles não saberão a diferença.

Eu esperava. Eu rezava.

Às vezes, as comissões da mãe incluíam réplicas. Por cima do ombro dela, eu gostava de prestar atenção enquanto ela trabalhava, a alma da madeira e a reconfiguração dela me atraindo para dentro. Isso me ajudou a recriar a chave da vara e a terceira bolota.

Nicu disse: —Mamãe e papai não te cortariam em pedaços.

—É bom que você pense assim, mas tenho dúvidas.

—Eles não fariam porque Aire faria isso antes disso.

Eu tive uma visão do Primeiro Cavaleiro segurando sua espada, a lâmina roçando minha gola, meus pulmões gaguejando com cada carícia afiada.

Ele me amarraria primeiro?

Eu cortei a fantasia estúpida de suas cordas. Quando a boca de Nicu se contraiu, retendo a alegria, afundei meus punhos nos quadris. —Isso foi uma piada?

—O Primeiro Cavaleiro faz você ficar rosa. — Porque eu não tinha palavras para isso, o jovem levantou uma sobrancelha travessa. —Ele enfeitiçou suas bochechas e pescoço.

Minha pele de madeira esquentou, provavelmente me manchando com um rubor. —Você nunca nos viu juntos.

—Vi os olhos dele caçarem por você no pátio de treinamento e agora vejo seus olhos. Ele te faz *muito* rosa.

—Sim. Rosa brava. — Rosnei.

—Não —, ele contestou. —Cócegas em rosa. Rosa excitada.

—Pare enquanto estiver à frente, Real.

—Você o faz rosa também.

Oh? Um sorriso astuto pode ter surgido. Eu mergulhei meu queixo, minha voz traindo a timidez. —Sim? Como?

Nicu abriu a boca. Eu me sacudi. —Não importa como. Ele está fora de questão e fora de alcance. Precisamos garantir que continue assim.

—Quando Aire procura, ele não para. Se ele liderar a caçada, ele não ficará fora do caminho.

Por que isso provocou um delicioso arrepio?

Tanto faz. Atração unilateral seja condenada. A perseguição daquele cavaleiro poderia estragar esse esquema, então foda-se ele.

Falando em planejamento, tempo para estratégia e mentiras. Significado, mentiras misturadas com fatos. Começando com a mãe.

Punk se retirou para sua casa de pássaros enquanto eu pedia que Nicu descanse. Antes de deixar o galpão, olhei por cima do ombro. —A propósito, eu sou Aspen.

Aninhado em cobertores, Nicu sussurrou: —Abrace as estrelas, Aspen.

—Boa noite para você também.

Ao amanhecer, a mãe se preocupou. —Você vai pegar um machado?

Parei no ato de enfiar roupas íntimas em uma bolsa de ombros. —Mãaaae.

—Apenas me obedeça.

—Nós já discutimos isso.

—Bom, então me obedeça.

Pelo bem do Outono, sim. Eu pegaria uma arma para me proteger das grandes árvores carnívoras, se isso a impedisse de perguntar. Eu pegaria meus dois machados se a fizesse se sentir ainda melhor.

Eu tinha planejado fazê-lo independentemente. Eu não era uma idiota.

Quando os fiz, eu só queria que minha mãe parasse de me incomodar em tentar minha mão em uma troca - qualquer troca. Eu gostava de madeira e objetos cortados, então por que não um par de machadinhas?

Eu cedi apenas uma vez, para que ela pudesse deixar o assunto pra lá. Eu tinha feito um desenho, esculpido parte dele e depois colaborado com um ferreiro para as cabeças dos machados.

Não era como se eu esperasse que a arte de projetar armas chamasse minha atenção. Mas eu gostava de desenhar ideias criativas que mesclavam madeira com aço ou ferro. Nesse ponto, eu me encontrava fazendo desvios para os ferreiros e fazedores de arcos e flechas sempre que tinha chance. Eu fingiria observar os comerciantes, enquanto realmente observava seus processos.

De qualquer forma, fim da história. Voltando ao assunto em questão.

Por razões anatômicas relacionadas ao nariz, eu não conseguia mentir completamente. Eu disse à mãe que um amigo que precisava de companhia me convidara para uma viagem a uma província periférica. No meu quarteirão, a popularidade me rendia muitos convites. Meus servos gostavam de me entregar e me divertir, querendo se promover aos meus olhos.

A explicação foi frívola o suficiente para convencê-la, sem ser totalmente desonesta. Nicu era um amigo necessitado, e tínhamos uma jornada pela frente. Qualquer outra coisa teria sido o tipo de mentira chata que eu não poderia enfeitar e embelezar. O tipo de mentira que teria se espalhado pelo meu rosto, esticando meu nariz daqui até o infinito.

Falando em partes do corpo, nenhum de nós se preocupou em lidar com o meu dedo estaladiço. Minha pressa em deixar a simetria eclipsada. De qualquer forma, levaria muito tempo para consertar o dano de sobra, e mamãe se preocupava demais com a minha viagem para lembrar tudo.

Quaisquer que tenham sido as roupas que arranquei das minhas gavetas, a mãe dobrou. Enquanto isso, Punk batia dentro do quarto, alternando entre arrumar, piar para mim por minha negligência e adicionar coisas que ela achava que eu precisaria.

Roupas. Rações. Ferramentas de carpintaria extras. Fundamentos de preparação de madeira.

E se fossemos parar em uma vila? E se depararmos com alguns rapazes apimentados? Haveria tempo para uma rolagem rápida, não haveria?

Quando eu peguei um pote de mancha nas minhas bochechas, a asa de Punk bateu nos meus dedos.

—Ai... — Eu reclamei.

Ela piou, implicando que eu não precisava de blush.

Bem. Eu puxei a alça da minha mochila, selando o último dos meus suprimentos lá dentro.

Isso é uma loucura. Uma maneira infalível de acabar em algemas. Pior que algemas.

O dilema me fez virar e revirar a noite toda. Se algo acontecesse com Nicu, sua família me encarceraria e minha cabeça iria rolar. Eu já tinha cometido um crime. Eu não precisava ser acusada de outro.

Se alguma coisa acontecesse com mamãe enquanto eu estava fora...

Se ela fizesse algo extremo e chamasse a atenção dos vizinhos...

Eu tinha visto além do meu nariz por ela. Eu trocaria meus seguidores por ela. Eu invadiria um castelo e roubaria a coroa por ela.

Mas eu não acreditava que as árvores comessem carpinteiros por vingança por tirar pedaços de casca de árvore. Eu não tinha sido a única segurando um martelo para o meu dia de trabalho.

Nem, no passado, segurando um martelo para outras coisas.

Para outras pessoas.

Duas escolhas. Fique e vigie-a, arriscando a proximidade do castelo e perdendo a bolota final. Ou deixá-la em paz, arriscando o desconhecido das florestas de Outono e perseguindo a possibilidade de curá-la.

Peguei meu chapéu de penas e coloquei em cima da minha cabeça. Mamãe segurou minhas bochechas, a pele de suas mãos seca e calejada, seu toque, no entanto, suave.

Na maioria das vezes, o contato era pacífico. Outras vezes, não era.

Às vezes, ela agia razoavelmente. Outras vezes, ela não agia.

—Minha garota de madeira —, disse ela, seu avental de cânhamo espanando o chão. —Pegue os machados e siga a rota mais segura. Cuidado com as árvores, proteja-se. Promete-me.

—Qualquer coisa por você. — Eu disse ao redor da pedra na minha garganta.

O sol nascia lá fora, destacando o branco de suas tranças. —Enquanto estiver fora, seja a garota mais verdadeira que pode ser. Uma garota honesta.

Eu tinha falado muito cedo. Eu deveria ter dito qualquer coisa por ela - dentro da razão.

Uma hora depois, eu montei nossa mula para fora da cidade baixa, com dois alforjes equilibrados em seus quadris. Para ter confiança, eu usava meu conjunto exclusivo: saia de bolso cinza carvão, camisa de marfim, capa tingida de noz-pecã com capuz forrado de cinza e meu chapéu de penas. Uma mistura de tons neutros de outono, como o céu nublado encontrando a terra.

Uma vez que estava certa de que minha mãe parou de assistir e desapareceu da janela, fiquei parada enquanto Punk guiava Nicu pelo quintal, conduzindo-o para o meu lugar de espera. Eu estava prestes a ajudá-lo, mas ele montou atrás de mim sem ajuda, passando os braços em volta da minha cintura e enfiando a cabeça sob o próprio capuz, para evitar um possível reconhecimento quando deixamos as muralhas da cidade para trás.

De lá, passamos pelos campos de aveia, as delicadas pontas dos caules fazendo cócegas em nossos membros e depois deslizamos para os campos de milho. À frente, Punk observou a área, suas plumas cortando as nuvens. Eu trouxe um mapa de Mista, mas minha companheira gostava de navegar.

Os campos derreteram em uma floresta, as majestosas faias logo foram substituídas por álamos[1] - meu homônimo, infelizmente. Sim, era bonito, mas a mãe ainda tinha escolhido uma madeira frouxa para me dar um nome.

Casca empalidecida. Cristas verrugas. Galhos finos.

Madeira fraca. Madeira para hobbys. Fácil de cortar.

Eu não sou um galho. Quer dizer, olhe para mim!

Um riacho pisava os raios de uma roda de moinho, todos os salpicos e rangidos. Um castor de Mista rematou a água.

[1] Aspen – Álamo em inglês

A primeira chance que tivemos, saímos da estrada comercial e seguimos um caminho mais denso. Nicu balbuciou, desafiando-me a entender a maior parte do que ele disse, mas eu gostava disso nele. Ele encantava sem saber.

Mais fundo na floresta, lembrei-me de algo. —O que você quis dizer ontem à noite, sobre uma verdadeira bolota?

—Mmm? — Ele perguntou, descansando o queixo no meu ombro.

—Você disse que talvez meu coração de bolota não fosse o verdadeiro para mim. — Eu rejeitei isso, mas ainda me agradou. Mexi na sela, incapaz de encontrar uma posição confortável. —Você disse que talvez a terceira noz fosse para mim, não para a mãe.

—Não importa. Você não acredita nisso.

—Mas por que você disse isso?

—Foi um palpite. — Seu tom azedou. —Eu não sou um mágico da Primavera. Eu não sei tudo.

Gostaria de saber se outras pessoas da idade dele fizeram isso muito com ele: peça ao fantasioso simplório que desvende o enigma.

Torcendo, eu disse: —Ei, desculpe.

Nicu torceu o nariz empinado. —Está tudo bem.

—Exceto, não está. Também não sei tudo.

Isso me rendeu um sorriso fraco.

Pela tarde, minha bunda ficou dormente, e uma ravina transbordante nos forçou a deixar os álamos e desviar para um pedaço de cor mais vibrante. Entramos em um vale de nogueira, para consternação de Punk. Ela continuou piando, um aviso de que não era um território seguro, mas o que mais poderíamos fazer?

Eu precisava de comida reconfortante. Tirando um pedaço embrulhado da minha mochila, descasquei o pergaminho do marshmallow que o filho do

pedreiro havia roubado a meu pedido. Engraçado, eu estava guardando para uma ocasião especial.

Nicu aceitou metade. Ele gemeu enquanto mastigava, embora devesse estar acostumado a pratos ainda mais gostosos que isso.

Desmaiei quando minha metade do deleite derreteu na minha língua, absorvendo a madeira. Os melhores doces, como o mel, vieram da Primavera. Mas suspiro, como essas maravilhas esponjosas fizeram minha cabeça girar.

—Oooh ... oi! — Nicu cumprimentou, acenando para algo.

Lambi meus dedos limpos. —Hã-

A mula bateu com força, a cabeça de Nicu batendo na parte de trás do meu crânio. Pairando ao nosso lado, as penas de Punk ondulavam em uma exibição agressiva. Eu nunca a tinha visto assim.

Sem emitir nenhum som, eles nos cercaram. Uma gangue de donzelas, os cabelos presos em tranças Mista desgrenhada, tons de vermelho ou laranja em cascata por todo o lugar. Elas usavam saias com um padrão cruzado, chegando apenas aos joelhos e enfeites combinando: faixas, lenços, coletes.

Raposas também rondavam a área, as criaturas astutas empoleiradas ao lado dos pés de botas das meninas. Os rostos apertados dos animais nos observavam através dos olhos redondos. Nem os típicos moradores amigáveis de quatro patas do Outono, nem as atitudes retas e generosas do povo de Mista.

A rapidez com que os territórios poderiam mudar, de uma curva para a outra. Eu deveria ter consultado o mapa ou ouvido Punk, porque parecia que tínhamos atravessado território não solicitado, nos braços de algum tipo de culto às raposas.

Meus machados descansavam pesadamente nos fechos presos à minha panturrilha e nuca. Não tendo ideia de como lutar, as armas escassas pareciam uma farsa de repente.

As meninas fizeram uma careta e zombaram. Eu olhei para elas, recusando-me a ser intimidada, escondendo o tremor na espinha. Eu poderia lidar com uma cadela ou duas colegas. Mas uma frota de fodonas? Armadas com arcos longos, aljavas carregadas e anéis de cinturão?

Nicu apertou meus quadris. Seu entusiasmo declinou rapidamente, percebendo que suas armas significavam problemas.

A valente Punk voou na nossa frente, suas asas batendo como loucas.

A visão do nosso grupo intrigou as donzelas raposas. Elas se aproximaram, um anel cada vez menor de corpos.

—Bem, bem, bem —, uma delas anunciou. —Se não é um par de tolos.

Uma regra fundamental para qualquer líder: sabotar com julgamento e depois oferecer um biscoito. Meu olhar se fixou no armamento delas. —Quão desatualizada. Você não tem algo melhor? Esses brinquedos podem ser revividos.

Elas ignoraram isso a princípio, mas, quando esboçava meus pensamentos em voz alta, chamei a atenção delas. Elas me espiaram quando descrevi lâminas rachadas e pontas de flechas de saca-rolhas.

Infelizmente, elas não eram estúpidas.

Uma garota levantou o anel, a adaga longa brilhando. —Pensa que somos idiotas, não é?

—Ok, entendemos —, eu disse. —Estamos no lugar errado, na hora errada. Vamos passar, e faremos isso rapidamente. Não direi outra palavra sobre suas armas pesarosas.

Cinco minutos depois, Punk balançou de cabeça para baixo, suas garras de pica-pau presas entre os dedos de uma donzela depois de tentar bicar a garota em pedaços. Nicu se contorceu no chão, a corda amarrada nos tornozelos e no meio.

E pendurei em um galho de nogueira, meus braços e pernas amarradas. Tentando me libertar, eu me mexi no lugar como uma marionete, que era obviamente o ponto.

Eu choraminguei no topo dos meus pulmões, o encaixe sibilante entretendo-as sem fim. Elas cruzaram os braços e riram, jogando meu chapéu de penas entre elas.

—Suas cadelas, vão pagar por isso! — Eu amaldiçoei.

—Ela é arrogante —, comentou uma delas. —E fofa.

—Ele também —, outra murmurou, agachando-se na frente de Nicu, segurando um dos lados de sua mandíbula enquanto roçava a borda da adaga dela do outro lado. —O que acham de os mantermos?

O zumbido de uma lâmina interrompeu sua discussão. Um brilho de aço chocou a adaga da garota e a lançou pelo rosto de Nicu.

As raposas se espalharam pelos arbustos. As cadelas lutaram por suas armas quando uma figura mergulhou no bosque.

Ágil. Gracioso. Rápido. Mortal.

Como um predador alado.

Ele se movia rápido demais para eu seguir, batendo as lâminas contra as delas. O barulho de armas ricocheteou nas árvores e ecoou nos meus ouvidos.

Ele se abaixou e torceu. A espada dele bloqueou uma flecha, depois enviou a arqueira com um golpe na perna dela.

Outra garota colocou seu arco longo, mas Nicu esticou os membros e tropeçou nela, fazendo com que a aljava caísse na grama.

A assaltante de Punk a deixou ir. Ela enlouqueceu, cortando as amarras de Nicu e depois bicando qualquer um que chegasse perto dele.

A cena girou diante dos meus olhos. O cavaleiro lutava como o vento, fluido e feroz, seus movimentos incansáveis, suas espadas girando, cortando o ar e fazendo o grupo cambalear para trás.

As donzelas fizeram uma luta sólida, combinando suas forças com as suas, mas cobrando de forma mais imprudente e perdendo. Elas evacuaram, virando a cauda para o vale.

A luz do sol filtrava através das folhas. Aqueles penetrantes olhos azuis se fixaram em mim enquanto eu balançava diante dele, vulnerável ao seu escrutínio. Inútil, como uma marionete.

O cavaleiro arrancou seus olhos dos meus. A última garota restante estava avançando em minha direção, apontando para o machado curto que espreitava da barra da minha saia.

A espada direita de Aire a alcançou primeiro. Ela balançou e congelou em sua garganta.

Aquela voz lindamente furiosa emitiu um comando. —Solte-a.

CAPÍTULO DOZE

HONESTIDADE

Eu a senti antes de encontrá-la. Na atmosfera, notei a textura áspera da madeira e um egocentrismo enjoativo, as potentes sensações que combinavam com as do castelo, quando senti sua essência enclausurada em algum lugar dentro do pátio de treinamento, assim como a senti no cemitério antes.

Mais de um dia se passou desde o início da minha busca por ela... pela garota e, com alguma esperança, pelo garoto. Enquanto os sinos do Outono gritavam, eu investiguei o túnel subterrâneo pelo qual suspeitava que ela havia atravessado e depois refiz meus passos para recolher meu cavalo. De lá, persegui presságios: impressões na folhagem, rastros de rodas de carroça e apito do vento.

No entanto, quando as tropas invadiram a cidade baixa, e eu segui uma corrente invisível, a busca provou ser um julgamento, forçando-me a triplicar meus esforços. Ninguém relatou vê-la, nem o Filho Real; eles teriam dificuldade em perder um rosto como o dela, assim como o de Nicu.

Ao amanhecer, minhas intenções haviam mudado da cidade e dos campos vizinhos para as florestas. Foi quando a presciência amanheceu e as visões dela se intensificaram. Meus dedos e ouvidos formigavam, uma violação de pensamentos invadindo minha cabeça, pensamentos de engano, fraude e mentiras.

Eu instalei meu corcel a galope, exigindo a maior parte do dia a captar os sinais reveladores: quebras de caminhos, as batidas do meu coração ansioso.

Ela esteve aqui, fiquei pensando em certos pontos.

Ela esteve aqui e aqui e aqui.

O sol da tarde mergulhava e manchava, as folhas de joias brilhando de rubis e citrinos. De repente, eu a ouvi gritar. Seus protestos correram para mim através dos galhos, uma falsificação de som, um tom forjado de falsidades.

Ela possuía uma voz esfumaçada, uma gavinha sensual com bordas nítidas.

Eu desmontei e a encontrei amarrada como uma marionete, a garota pendurada em um galho de árvore, a saia batendo nas pernas, a figura bem embalada em exibição. Sua birra me jogou do meu transe. Sob o disfarce de orgulho indignado, percebi camadas de humilhação e fragilidade.

O chapéu de penas da donzela de madeira fora furtado por uma de suas captoras, e elas zombavam dela. Apesar de seus erros, isso me perturbou por mais razões do que eu entendia.

Minhas espadas brilharam em minhas mãos antes que eu percebesse.

Quando meu olhar encontrou Nicu, a raiva me deu asas.

Muitas luas atrás, eu matei instintivamente em combate, e em tempos de luta, e em nome da bravura. Desde então, o luto alterou esse rumo, restringindo o impulso de escolher o abate em vez de ferimentos misericordiosos. Os antigos meios de heroísmo não tinham mais apelo; portanto, se eu pudesse evitar tirar uma vida, tentava fazê-lo.

No entanto, senti um desejo de empalar essas fêmeas, essas inimigas que pretendiam prejudicar minha presa... o que, fora a proteção de Nicu, não fazia sentido.

Ainda assim, eu resisti. Naquela tarde, eu havia derramado sangue sem matar.

No final, o grupo derrotado mancou do perímetro, com exceção de uma garota solitária encontrando meu olhar.

A donzela da madeira grunhiu de cima, lutando com suas restrições.

Do fundo do meu estômago subiram duas palavras venenosas. —Solte-a.

A raposa zombou, vestindo o chapéu de penas de sua cativa. Apoiando-se para trás, ela abriu bem os braços. —Corte-a você mesma.

Com isso, ela se afundou na floresta para encontrar sua companhia, o rabo vermelho de sua trança balançando no mato de outono.

Em um suspiro, eu bati uma das minhas espadas na bainha. —Nicu.

Pés arrastados pela grama, o garoto aparecendo ao meu lado, o companheiro de pica-pau da garota pairando ao lado dele. Lembrei-me de ver o pássaro livrando Nicu de suas amarras durante meu ataque aos hostis. Girando completamente, inspecionei sua pessoa em busca de ferimentos. Além do tremor do queixo, do brilho vidrado das íris e de uma escala de arranhões na têmpora, ele parecia ileso.

Embora cinco anos mais velho, me ocorreu de repente vê-lo não como um garoto, mas como um jovem. Ele estava à beira da vida adulta, tão longe da segurança de sua casa.

Sempre amigo dele, eu segurei seu ombro. —Como você saiu? Você está bem?

—Sim. — Ele disse sem preâmbulos, seu olhar disparando para a figura pendurada acima de nós. —Tire suas fitas.

Quer dizer, ele queria que eu libertasse a donzela de madeira. No entanto, ele tinha prioridade, e não até que eu me sentisse satisfeito, eu o entregaria.

—Ela te raptou? —Eu persisti. —Do castelo, ela te desviou?

—Não. Tire as fitas dela.

Ele não descansaria até que eu fizesse isso. Eu acreditei nas palavras dele, pois Nicu não mentia - uma característica que compartilhávamos. No entanto, sua resposta me trouxe pouca alegria, pois sugeria que ele deixou sua família por vontade própria.

Embora como isso envolvia a garota de madeira, eu ainda não sabia.

Independentemente disso, essa fuga foi intencional. A raiva substituiria meu alívio mais tarde, mas, por enquanto, lidei com o meu segundo problema.

—Hum... ajuda? — A garota de madeira cortou. —A qualquer momento.

Não que ela tenha me dado outra escolha.

Senti um invasor ontem à noite, dentro do castelo e do pátio de treinamento. Ela poderia não ter sequestrado Nicu, mas de alguma forma havia participado da partida dele, *depois* de sujar o local de descanso de minha esposa e me deixar inconsciente no cemitério.

Por todas as contas, ela não merecia ajuda. Como tal, eu deveria deixá-la amarrada como a boneca que ela parecia. Na verdade, eu poderia cortar seus membros por causa dessa perseguição.

Com um movimento do meu braço, eu chicoteei minha espada livre através de suas amarras. Por um instante, considerei deixá-la cair na terra, deixando-a em pedaços, um impulso básico e corrupto que só ela poderia inspirar.

Eu a peguei com um braço. Seu corpo pousou ao meu alcance, a madeira de sua pele estranhamente quente e cedendo levemente ao impacto, enquanto certos cantos dela bateram na minha carne. Ela não era totalmente suave, mas não totalmente difícil.

Seus seios incharam, seus olhos em mim como um par de estrelas de anis, sua forma muito real, porque ela era real.

Eu deixei a garota de pé. Me deu um prazer perverso vê-la ceder, lutando para se equilibrar. Na verdade, eu me perdoei por essa momentânea falta de galanteria.

No instante em que ela se recompôs, apontei a ponta da espada para o coração dela.

Ela recuou. —Eu posso explicar.

Eu apenas a olhei, preparado para não confiar em uma única expressão daqueles lábios.

—É uma boa explicação. — Ela ofereceu.

Eu prolonguei o silêncio por um longo período. —Tenha muito cuidado com o que você diz.

Sua garganta trabalhou, um pulso rolante que viajou pela coluna. Como seu corpo conseguia movimentos tão autênticos? Por que minha atenção demorou?

Que tipo de plágio era esse? Uma marionete bancando uma garota de verdade, ou uma garota real bancando uma marionete? O que seria necessário para desmontá-la?

Meu olhar saltou de seu pescoço delicado para suas pupilas. Qualquer tentativa de fugir seria frustrada, meus membros mais longos e mais rápidos que os dela. Ela não iria longe e, quando apertou os lábios, eu sabia que ela havia chegado à mesma conclusão.

Ignorando seus protestos e as exigências de Nicu de deixá-la em paz, usei os cordões soltos que a restringiram para obter melhores resultados, enrolando-os nos pulsos, para que ela não sentisse uma ousada mudança de humor.

Suas objeções ficaram mais coloridas quando eu a aliviei daqueles machados maravilhosos, soltando um de sua panturrilha, o outro de sua nuca.

O vento deu às folhas um lance final quando a luz do dia afundou atrás das copas das árvores, a atmosfera se assentando junto com as minhas antecipações. Infelizmente, as tropas de busca ainda não haviam se aventurado até agora. Enquanto eu olhava ao redor, nenhum outro distúrbio pairava no nosso meio, além da mordida fria do crepúsculo.

Poucas léguas de distância jaziam a floresta de abóbora, onde poderíamos encontrar calor e descanso durante a noite. Com um empurrão no meu queixo e um empurrão na minha lâmina, ordenei que ela se movesse, indicando a direção.

Ela seguiu em frente, seus quadris girando de maneira exagerada com o objetivo de ilustrar sua indignação, sua obstinação - e, possivelmente, seus atributos femininos.

Levando-os ao meu curso e amarrando-o à mula, dei a Nicu a tarefa de segurar as rédeas e cuidar das criaturas enquanto monitorava a donzela da madeira. Aquele pica-pau leal voou acima, lançando-nos olhares. Desamparado, Nicu murmurou para a garota algo que parecia um pedido de desculpas, ao qual ela balançou a cabeça em desdém, como se quisesse tranquilizá-lo.

Uma forma de comunicação silenciosa passou entre eles, algo que havia sido discutido anteriormente. Eu me vi incapaz de decifrar o cerne dessa troca, o que me preocupava, porque significava que eles já haviam estabelecido um vínculo.

Durante nossa jornada, nenhum de nós falou, uma decisão acertada, pois a garota não tinha direito a essa liberdade, e qualquer confiança entre mim e Nicu poderia esperar até chegarmos ao abrigo.

Como um ladrão no meio da noite, uma criatura listrada de cinza e preto apareceu atrás de um tronco, dois pontos de luz focados em nós do outro lado

da floresta. O guaxinim sibilou da mina de sua garganta, sem abrir as mandíbulas para fazê-lo.

Inevitavelmente, talvez por não resistir, a garota começou a reclamar, gemendo baixinho como uma criança imprudente. A maioria de suas queixas infantis se concentrava em insetos mastigadores de madeira, articulações rangendo e algum tipo de ofensa relacionada à pele lascada.

A escuridão envolveu o céu quando alcançamos a floresta de abóbora. As abóboras pontilhavam a área, uma consistência de formas, mas uma variedade de tamanhos espalhados pelas árvores, trepadeiras ondulando nas hastes grossas das cabaças. Tons de laranja emitiam um brilho na escuridão, sendo esta a época do ano em que as abóboras prosperavam, sua luminescência pulsante semelhante às abóboras à luz de velas apoiadas em peitoris no Festival de Halloween, exceto que essas cabaças selvagens não precisavam de assistência mortal para irradiar.

As comestíveis se multiplicavam em todas as direções, estendendo-se na névoa. O ritmo da garota diminuiu, a cabeça inclinando-se da esquerda para a direita em fascinação. Me concedendo um alívio por protegê-la, também admirei a vista, tendo esquecido o quão fascinante essa floresta poderia ser.

Mais fundo na floresta, uma cabana se materializou. A fachada empilhada de troncos ostentava três níveis que se elevavam às nuvens, a casa ladeada por canteiros de legumes e um moinho de água mergulhando em um lago de patos. O tamanho modesto da estrutura atordoaria os habitantes desta terra se soubessem a quem a habitação pertencia.

Os membros da realeza desejavam isso, desejando uma residência discreta que não exigisse guardas ou empregados sempre que a cabana não tivesse ocupação. Para plebeus ou transeuntes, pareceria um lar

moderadamente próspero, talvez a morada de um comerciante bem-sucedido, em vez de um refúgio para a monarquia.

A princesa e o bobo da corte se aproveitaram disso em ocasiões comemorativas e raros interlúdios longe de seus deveres.

—O retiro real. — Eu disse em voz alta.

—Isso é uma brincadeira? — A garota cuspiu. —Seriamente? Um moleiro poderia morar aqui.

Os móveis do interior a desapontariam ainda mais, não que impressionar a garota tivesse significado. Qualquer pessoa curiosa o suficiente para espiar pelas janelas veria uma decoração humilde, sem ornamentos sofisticados, como dourados ou tapeçarias. Não perdi tempo defendendo as preferências de meus soberanos em relação a essa jovem.

Olhando para a fachada, a expressão de Nicu ficou entre consolada e desoladora. Ele passou muitas semanas tranquilas aqui com sua família, mas não era esse o destino que ele havia estabelecido. Meu temperamento por sua rebelião começou a aumentar, mas seu semblante melancólico cortou minha raiva.

Como ele conhecia esse retiro, lembrei-me da localização de todos os itens em sua vizinhança, senti-me confiante confiando certas tarefas a ele, na esperança de fortalecer seu espírito. Normalmente, tarefas que envolviam direção e localização provaram ser uma batalha e uma vitória. Nesse caso, Nicu levou facilmente a mula e o cavalo ao estábulo.

A noite desceu sem nenhuma inclinação cansativa do crepúsculo; nós não seríamos perturbados. Em sua busca por Nicu, meus camaradas provavelmente chegariam amanhã. Eu previ que o sol estaria desaparecendo mais uma vez até lá, e embora eu pudesse agir, conduzindo Nicu e a garota para eles, eu não queria criar drama desnecessário. Esperaríamos aqui em paz.

Minha pele formigou. Eu me virei, peguei a donzela de madeira olhando e lancei um olhar imperioso para ela, deixando claro que eu havia frustrado seus planos, quaisquer que fossem.

As abóboras brilhantes destacavam seu corpo, sua pele inexplicável ardendo, uma visão que me incomodava e me exauria, persuadindo-me pelo meu abdômen e afundando abaixo do umbigo.

Ela notou minha incapacidade de me afastar de sua estranheza. Para minha surpresa, ou talvez não, um sorriso descuidado surgiu em seu rosto. Eu não sabia dizer se esse enigma de madeira desejava me provocar com aquele sorriso arqueado ou me desmembrar com aquelas unhas sólidas.

Nicu ganhou o meu lado, quebrando o feitiço. No limiar, percebi com algum desgosto que não tínhamos uma chave. Minhas espadas não conseguiam cortar um ferrolho, embora eu pudesse quebrar as janelas, convidando o frio.

Do nada, a garota assobiou. — Punk.

O pica-pau disparou e mergulhou em uma das chaminés. Um momento depois, dobradiças gemeram por dentro, a entrada sacudiu, e quando eu empurrei a porta, descobrimos a criatura flutuando por dentro. Ele deve ter usado o bico para manobrar as fechaduras pesadas.

Vimos o pássaro arrancar pederneira e pavio, disparando de vela em vela, inflamando cada pavio. Enquanto Nicu ria, meu olhar se voltou para a garota de madeira.

—Nunca subestime o poder do toque de uma mulher. — Disse ela.

Sua voz esfumaçada teve um efeito desconcertante em mim. Ressentimento e fidelidade me fizeram abrir a porta e me afastar. Ela pulou na cabana com os pulsos amarrados, os lábios achatados enquanto inspecionava a sala mal iluminada, com poltronas empalhadas, armários altos

e vasos de flores secas. Meus soberanos tinham decorado toques pessoais em vez de opulentos, para conforto tanto quanto para desencorajar saqueadores.

Excluindo travesseiros de plumas nas camas e assentos suntuosos, quaisquer riquezas que a Realeza tivesse aqui, trouxeram consigo sob a forma de comida, roupas e excesso de velas. Tal como estava, além do fetiche do bobo da corte pela moda e da coleção de manuscritos iluminados da princesa, eles não se preocupavam com bens materiais, mesmo no castelo.

Eu impedi Nicu de entrar, encarando-o enquanto colocava minhas costas na marionete, ciente de que ela não obstante escutava.

Antes de fugir, Nicu não deixara uma nota para trás. No momento, seus olhos resplandecentes traíam culpa e desafio.

—Você percebe o que fez? — Eu perguntei. —Seu desaparecimento virou este reino de cabeça para baixo e estripou sua família.

—E quanto a mim? — Ele demandou. —E meus próprios sóis e luas? Por que não posso tê-los? Essa é a minha vida.

—Não, Nicu. — Eu mantive meu tom baixo e regular. —Nunca é apenas a sua vida. Você não testemunhou o rosto despedaçado de sua mãe ou suportou a voz quebrada de seu pai, imaginando o que havia acontecido com você. Pelas Estações, você não conhece essa dor.

Eu não pretendia provocar mágoa particular nisso, mas como eu não podia? Como eu não poderia me relacionar?

—Você não sabe como é perder alguém. — Enfatizei.

—Você não sabe como é estar perdido! — Ele argumentou, depois invadiu a cabana. Seu perfil encarava a guirlanda laranja instalada no teto - uma precaução mais que uma necessidade neste espaço pequeno e familiar - que levava à sua câmara no sótão. Ele rejeitou a serpentina e caminhou até a escada, dirigindo-se para o terceiro nível por conta própria.

A frustração emanara dele, de modo que eu senti isso intensamente. A situação dele, os comprimentos a que ele foi... Eu não podia negar o desejo dele.

Eu o deixei. Embora o pica-pau não tenha deixado, voando atrás dele e me deixando sozinho com ela.

A donzela de madeira apareceu ao lado da lareira, fingindo inocência, como se ela não tivesse ouvido a conversa inteira. Olhando fixamente para ela, fechei a porta e enfiei a trava na fenda, o clique fazendo-a recuar.

Caminhando para a lareira fria, agarrei a borda do manto e olhei para a cova vazia. Como o bobo da corte e o cavaleiro mais estabelecido da princesa, como um homem íntimo demais da dor e como amigo de Nicu, entendia as necessidades que atormentavam ambas as partes.

O próprio pensamento de fracassar em um deles, fracassar em meus votos de lealdade, fracassar em proteger *novamente*, me destruiu completamente.

Minha visão periférica pegou a garota na ponta dos pés. Sem me afastar das grades, meu braço disparou para o lado, minha palma achatada batendo em uma parede, bloqueando sua passagem. Então eu me virei para ela. Minha espada direita esfaqueou o ar entre nós, cuja execução parecia rapsódica.

Eu adverti: —Não pense que não vou derrubá-la onde você está.

Talvez ela tivesse se acostumado com a ponta da minha lâmina. —Ele não está tentando machucar ninguém.

—Não, ele não está —, eu concordei. —Essa ambição é sua e, por isso, você está presa.

A garota abriu a boca, mas o empurrão da minha arma a impediu. Ela jogou várias mechas por cima do ombro, esperando o início do interrogatório.

Embainhei minha espada e avancei sobre ela, parando antes que nossas roupas tivessem a chance de tocar. Eu pairava sobre ela. A proximidade me enervou, mas permaneci firme, reforçando minha autoridade como o Primeiro Cavaleiro, querendo lembrá-la da hierarquia.

Petulante, ela tentou cruzar os braços, mas as amarras a forçaram a desistir. Por alguma razão desonrosa, a exibição dela puxou meus lábios e minha consciência.

—Perguntas estão se reunindo entre nós —, eu disse. —Elas ficam inquietas e emaranhadas, e eu, por exemplo, tenho a intenção de desvendá-los.

Ela atacou. —Posso ir primeiro?

—Eu não estava pedindo para você ser voluntária.

—Oh, mas quando se trata de você, eu estou tão ansiosa —, ela provocou. —Quem eram aquelas garotas?

Não tendo antecipado essa consulta, pisquei e depois olhei pela janela, sem nada em particular. —Donzelas raposas do vale ocidental.

—Como guardiãs?

—De certa maneira, embora eu raramente as tenha encontrado, elas operam dentro de seus próprios limites, onde a maioria dos buracos de raposa prosperam. As raposas erradas são preciosas, e mais ainda para elas. É um compromisso tácito vigiar os animais, protegendo-os de caçadores e predadores ambiciosos.

—Não são exatamente os exemplos da hospitalidade do Outono, são?

—Elas são sensíveis ao seu trabalho. Por mais auto-proclamado, é sagrado para elas. Quando se trata de seu território, elas não podem ser responsabilizadas por suspeitar até da alma Mista de aparência mais inocente, embora eu dificilmente deva colocá-la nessa categoria.

—Você gostaria de saber tudo sobre a minha inocência?

Nesse momento, o atrevimento dela não deveria ter me pego de surpresa. Sua boca se contorceu, atraindo meus olhos para seus lábios enquanto eu procurava a inclinação para enganar. A textura de tal engano era palpável, para que eu pudesse estender a mão e arrancá-la.

Enganchei meus dedos em volta do punho da minha espada direita. — Você tinha um graveto chave na cidadela.

—Era uma réplica, na verdade.

—Como você conseguiu isso?

—Seduzi o aprendiz de um serralheiro.

—E você usou esta réplica para se infiltrar no castelo.

Ela empurrou a palavra da sua língua. —Sim.

Afastei meu olhar da boca dela. —Diga-me o porquê.

—Para uma cura.

Além de todo o cálculo, essa razão era a mais distante da minha mente. Eu estava preparado para refutar e filtrar todas as respostas, procurando a verdade, mas isso... isso não tinha sido uma motivação que eu considerei, o tipo restrito a almas frágeis amaldiçoadas por doenças.

Talvez ela tenha procurado um meio de mudar de madeira para carne. Se existisse um remédio, eu não tinha conhecimento da realeza que possuía nem do médico da corte criando um. Na verdade, ela teria uma chance maior de encontrar ajuda no Inverno, a terra de cientistas e médicos.

Ela deve ter percebido minha linha de pensamento. —Não, não é para a minha pele.

—O que então? Um antídoto para sua atitude infeliz?

—Uma cura para alguém que é importante para mim.

—Ah, a mentira começa a ferver. Perdoe-me se eu deixar de acreditar em suas intenções tão altruístas.

—Você nem me conhece.

—Um cidadão honesto teria suplicado Sua Majestade por assistência, em vez de se esconder nas costas do trono. — Quando ela fez uma cara feia e olhou para a parede, eu disse: —Fique quieta quanto quiser, mas responderá ao seu soberano, se não a mim.

—A propósito, a fuga de Nicu não é minha culpa. Eu estava saindo quando cruzamos o caminho; foi uma coincidência, um acidente, tanto faz. Eu não esperava que ele me seguisse até em casa - e tudo bem, não o desencorajei a se juntar a mim, então vou admitir isso, mas ele tem seus motivos. Não é justo com ele estar preso.

—Sendo protegido. — Eu rebati.

—Ninguém nunca está protegido. Até as pessoas que te consideram querido podem machucá-lo sem querer... — Ela engoliu em seco.

Encontrei pouca recompensa na maneira como a voz dela havia diminuído.

Ela invadiu o castelo para roubá-lo e permitiu que Nicu se alistasse em alguma escapada, sem dar crédito à traição ou ao respeito pela Coroa. O tempo todo, seu humor se agitava desde a irritação à insolência. No entanto, senti uma mistura de medo e tristeza sob o exterior, emoções à beira da perda.

Meu polegar roçou meu anel de casamento. Minha esposa caiu enquanto tentava proteger alguma coisa - ela falhou nisso, como eu falhei em protegê-la.

A donzela da madeira estava certa. Ninguém nunca foi protegido, nem por, nem mesmo daqueles que os apreciavam.

Na pequena chance de a história dela ter se mostrado honesta, não pude invejar o desejo da garota de salvar alguém importante para ela.

—Você encontrou sua cura? — Eu perguntei.

Ela afundou na poltrona mais próxima. Eu não senti falta da resistência dela, as palavras precisando ser reunidas e depois socadas. —Eu tenho que ir para outro lugar para isso.

Reclinado no assento em frente a ela, levantei a cabeça e pensei: —Em algum lugar distante... e histórico.

—Você é assustador quando faz isso.

—É por isso que você embarcou nesta estada pelos bosques de Mista, arrastando Nicu com você.

—Vir comigo foi ideia dele. Que rapaz não gosta de emoções e aventuras?

—Podemos começar comigo.

—Você não foi convidado —, ela cantou e depois de um momento mudou de tática. —Embora desde que você está aqui...

Eu poderia ter rido. —Você não pode esperar que eu a acompanhe nesta jornada. Ao contrário de você, eu não quebro leis, nem traio a monarquia. — Eu dei a ela um sorriso sem humor. —Me desculpe.

Ela se inclinou para frente. —E se lhe perguntasse gentilmente?

Em vez de zombar, sua entonação parecia quase um apelo. Tinha uma inclinação, talvez não fraudulenta, talvez não genuína.

Eu deveria ser prudente, pois ela poderia ser uma mentirosa muito talentosa.

O que mais eu poderia esperar de uma garota que não era uma garota de verdade?

Manchas de luz atravessavam a sala, chamas sutis nos tocando. O rosto dela refletia a luz das velas e, como eu não a olhava há muito tempo, notei o esboço queimado de um dedo ausente e um nó escuro de madeira, imitando uma marca de beleza, aninhada sobre os lábios.

Acima daquela boca amuada e mentirosa.

CAPÍTULO TREZE

FANTASIA

Como diabos ele nos encontrou?

Por que diabos eu presumi que ele não iria?

Mexendo nos lençóis, notei a ausência do cavaleiro esta manhã. Ele esteve me guardando a noite toda, enquanto eu dormia em um palete no quarto principal. Ele não confiava em me deixar sozinha em um quarto, mesmo que ele pudesse ter me amarrado a uma cabeceira da cama.

Em vez disso, ele optou por atar meus tornozelos e meus pulsos. Não é muito aconchegante.

Se ele desapareceu, o homem deve ter finalmente percebido que eu não estava indo a lugar algum. Exceto que ele não considerou Punk.

Fresca do seu descanso lá fora, ela flutuou sobre minha cabeça enquanto eu resmungava acordada. —Já era hora. — Falei, embora não soubesse se estava me referindo à chegada da pica-pau ou ao desaparecimento do cavaleiro.

Eu levantei meus braços e pernas. Demorou um pouco para o bico de Punk se abrir nas amarras, mas ela conseguiu. Depois disso, ela piou sobre meus agradecimentos.

Ela não precisava se preocupar. Trágico o suficiente para eu perder o chapéu, mas para onde eu iria sem os machados e suprimentos, muitos dos quais Aire confiscou e escondeu em algum lugar.

Além disso, e Nicu? Como ele se sentiria se eu o deixasse agora?

Sentei-me, fazendo uma careta para as lascas nos pulsos, de onde a corda havia irritado. Minha pele de madeira estava muito úmida aqui. Eu realmente não queria ficar mofada.

Eu precisava sair ao ar. E planejar uma maneira de sair dessa confusão.

Envolvendo-me em um cobertor, saí pela porta e chupei a névoa do Outono. Pássaros cantavam, suas canções saltando no ar. Um ouriço entrou no mato. Um esquilo estava no topo de uma das abóboras, as bochechas inchadas com o café da manhã.

As cabaças ainda pulsavam, lâmpadas alaranjadas de luz piscando na névoa da manhã. Essa tinha que ser a famosa floresta de abóbora.

Punk pousou no meu ombro. Eu explorei com ela, andando por nogueiras e abóboras, o que me deu tempo para recapitular. Nicu e eu tínhamos feito o par mais triste da história. E isso foi antes daquelas moças de raposa - donzelas de raposas - nos emboscarem, agarrarem meu chapéu e me amarrarem.

Minha largura contra a delas, eu poderia ter quebrado qualquer uma delas ao meio. Se eu soubesse como realmente usar meus punhos. E se eu não estivesse em menor número.

Verbalmente, eu limpei o chão com muitas garotas e rapazes. Eu os fiz atender a mim. Eu os fiz suar por minha aprovação.

Se eu encontrasse novamente aquela camarilha de musaranhas da floresta, eu as aniquilaria. Eu as faria chorar.

Droga, meu lindo chapéu!

O Primeiro Cavaleiro havia bancado o salvador de falcões antes de me prender e me interrogar. Uma vez que chegamos a esta cabana, ele não tinha desperdiçado um segundo me moendo no chão com suas perguntas.

Pelo menos eu não tinha lhe dado detalhes. Pelo menos ele não fez uma pesquisa íntima de mim, visto que eu recolhi a bolota roubada de volta na minha liga antes de sair de casa. Eu poderia citar uma pepita que eu não me importaria de Aire encontrar debaixo da minha saia, mas a noz do conto de fadas não.

A bolota fez cócegas na minha coxa. Se ele tivesse espiado enquanto eu estava pendurada na árvore como um porco assado, ele teria visto. Ainda bem que ele permaneceu cavalheiresco, deixando-me preservar a modéstia, em vez de me dar um tapinha indelicadamente.

No galpão em casa, eu disse a Nicu para não dizer nada. No caminho do vale da raposa, trocamos um olhar sem palavras, comigo lembrando-o de sua promessa.

Punk subiu a uma árvore e trancou-se na casca. Ela começou a esfaqueá-la com o bico, o barulho batendo na floresta.

Depois de pegar as abóboras, agachei-me na frente de uma delas e pressionei um dedo contra a superfície, para ver se eu sentiria uma mudança de temperatura. Um sorriso apareceu no meu rosto quando uma luz morna acariciou minha ponta do dedo. A natureza era incrível, recusando-se a desistir de quaisquer segredos que não quisesse que seu povo soubesse.

—Indo para algum lugar?

A voz etérea varreu minhas costas. Olhei por cima do ombro.

Lá estava ele, com uma expressão suave. Ao amanhecer, suas íris combinavam com o céu.

Aire não tinha pegado suas espadas. Eu acho que ele finalmente descobriu que eu não era estúpida o suficiente para enfrentá-lo. Eu nem o ouvi se esgueirar.

Ontem à noite, por um capricho, eu pedi sua ajuda. Depois de me encarar para sempre e pensar Estações sabiam o quê, ele assentiu. Por pouco, pensei que o tivesse.

Enquanto assentia, ele soprou uma palavra no meu rosto.

Ele disse que *não*. Claro que ele tinha.

Punk parou de bicar a árvore. Eu me levantei, dobrando meu braço para ela pousar lá, ainda uma aliada depois de tudo o que eu fiz para tentar corromper sua moral.

Aire olhou para o pica-pau empoleirado no meu braço. —Acho que você foi a culpada que a libertou.

Minha companheira saltou e deu um laço atrás de mim para proteção. Torcendo, agitei o corte de penas ao longo de seu crânio.

Ela tremeu como um cidadão culpado sob o olhar de Aire até que ele disse: —Você é leal à sua senhora, mas armada com uma consciência de Outono. Eu só vi tanta dedicação em criaturas selecionadas. No entanto, eu aconselho você a não desafiar meus desejos novamente, pequenina. Não vou perdoar da próxima vez.

Ele mudou seu olhar para mim, erguendo uma sobrancelha alada na testa. —Eu estava preparado para jogá-la por cima do meu ombro, mas sua aura não parece desafiadora no momento. Estou ouvindo, mas minta para mim, e vou sacar minha espada antes que você termine sua frase.

Não poderia culpá-lo por isso. Qualquer outro alfa teria agarrado meu braço e me levado de volta ao retiro real enquanto rosnava. Em comparação, a ira de Aire era elegante.

Ainda assim, eu tinha visto esse homem em ação. Quando surgisse a necessidade, ele poderia mudar em um instante, transformando-se em alguém primorosamente letal.

Passei os dedos pelos cabelos. —Era abafado e sujo por dentro. Minha pele de madeira precisava ser revigorada. Além disso, nunca tinha visto a floresta de abóbora antes e estava entediada por estar amarrada.

Ceticismo. —Receio que você tenha que se acostumar com o último.

O que ele tinha em mente? O que aconteceria a seguir? Ele me levaria de volta agora ou esperaria por uma comitiva?

Notei um pacote de peras verdes no chão. Então é para onde ele estava indo. Eles vieram do porão da casa de campo ou ele deve ter localizado um pomar selvagem nas proximidades.

Ugh. Meu estômago roncou. O cobertor em volta de mim não conseguiu abafar o som.

Tão. Embaraçoso.

Aire se inclinou, pegou um pedaço de fruta e ofereceu para mim.

—Eu estou bem. — Eu disse, porque negação fazia muito sentido agora. A ponta do meu nariz amaldiçoado fez cócegas, avisando-me quão perto de uma mentira tinha sido.

O braço do cavaleiro caiu. —Isso é porque as marionetes não comem?

—Eu perdi meu chapéu adorável para aqueles garotas-raposas. Estou rabugenta o suficiente sem que você me chame assim. Sou uma garota e meu nome é Aspen.

—Eu lembro. — O cavaleiro empurrou a pera na minha direção. —Coma isso ou eu vou usá-la para amordaçar você.

—Essa é a coisa mais sexy que você disse a manhã toda.

Ele apertou a fruta, seu peito arfando. —Estações, eu não sei o que fazer com você.

Minha confiança ressurgiu, florescendo como uma flor. Eu mergulhei meu ombro e dei-lhe um olhar de gatinho de soslaio. —Eu tenho algumas ideias. Para começar, diga meu nome.

—Nem nunca encontrei uma garota tão completa, pois satura o ar ao seu redor.

—Mais ou menos como sua honestidade. Mesmo se você não dissesse o que pensa, sua voz e rosto - eles dizem tudo.

Aire olhou para mim, confuso. —Não tenho nada a esconder.

—Oh, supere-se.

—Você primeiro. — Ele estendeu a pera, mas quando eu fiz beicinho, seus olhos brilharam em consciência. —Você não vai comer a menos que eu descasque para você, é isso?

—Meu herói —, eu murmurei. —Meu cavaleiro de armadura brilhante.

Eu me joguei em uma abóbora, pronta para a comida. Quando ele jogou preguiçosamente a pera no meu colo, pele e tudo, eu murmurei. —Ei. Pelo menos me dê mais do que isso.

—Eu pensei que você não estava com fome.

—Acabei de me lembrar: estou com faminta.

Estações Sagradas, ele quase sorriu. Provavelmente o melhor que ele conseguiu a tempo, visto que eu teria embolsado aquele sorriso por toda a eternidade.

Ele reclinou-se contra uma árvore e cruzou os braços, seu anel brilhando. —Eu não sabia que os camponeses tinham a sorte, nem o tempo precioso, de serem egoístas e mimados.

—Pareço com a maioria dos camponeses?

—Você tem mãos e pés. Isso é tudo o que é preciso para o trabalho. É tudo o que é preciso para escolher peras.

—É tudo o que é preciso para escolher suas peras?

Os olhos azuis de Aire se arregalaram, uma casta rosa manchando sua garganta.

Merda. Eu o provoquei por dizer meu nome, mas por razões casadas, eu não tinha planejado me aventurar nesse tipo de território explícito. Tudo virtuoso nele gritava o óbvio. Ele era o último homem em Mista a ser paquerado e lisonjeado pela submissão.

De fato, alguém poderia pensar que ele usava um cinto de castidade em vez de um anel de casamento.

E nessa nota, ser levado significava que ele estava fora dos limites. Eu poderia ser uma vadia ladra, mas não era esse tipo de vadia.

Não que ele pudesse ser vencido, mesmo que eu fosse. Ele não estava interessado nas minhas curvas vazias. E ele não tinha o fedor de um adúltero. Não, ele cheirava tão puro quanto uma nuvem.

Minha dignidade poderia dar uma dica, mas minha língua tinha uma mente própria. O rubor desse nobre me deu uma emoção terrível.

Também beliscou minha pele de madeira. Ofendê-lo não me valeria pontos.

Punk bicou minha cabeça por esse comentário, depois partiu para a árvore novamente, cinzelando sua frustração. Ela fez isso, pois se sentia responsável por mim. Eu planejei me desculpar com ela mais tarde.

Os lábios de Aire se torceram de gratificação quando eu esfreguei o local na minha cabeça onde ela me picou. —Eu sabia que deveria ter cortado sua língua quando te conheci.

—E terminar todas essas conversas estimulantes?

—Viverei sem o seu pedido de desculpas, sem esperar nem exigindo. Embora pareça, você a envergonhou. —Ele apontou o queixo para o

pica-pau. —Ela é uma criatura certa no coração. A que nome ela responde de novo?

—Punk —, lembrei-o, abaixando a voz, já que ela odiava ser comentada. —Meu companheiro seria um grilo, mas Punk veio voando do nada e comeu. É o tipo de coisa que um punk faria, e eu gosto de punks, então esse é o nome que ela aceitou. Acabou que ela era mais ética do que eu pensava.

—Surpreende-me que você não a tenha deixado de lado depois de tal descoberta.

—Não ela —, afirmei. —Sou líder com outros amigos; são descartáveis, mas não Punk.

—Líder? Descartável? Vejo que você possui um direito mercenário para corresponder à sua impropriedade. —Desaprovação ecoou em sua voz. —Aproveitar o parentesco apenas cimenta a amargura. A longo prazo, sugar sua autoridade como caramelo transforma amigos em inimigos.

—Errado. Isso os torna leais.

—Esse tipo de lealdade é uma mentira.

—Certo. Porque ninguém jamais afirmou domínio em uma camarilha. Corremos em círculos diferentes, Senhor Cavaleiro. Todos, mesmo os benevolentes do outono, têm um limite e um preço. Todo mundo tem uma fraqueza.

Sua voz se aprofundou. —E qual é a sua fraqueza?

O rosto de minha mãe veio à mente. Eu a ouvi me chamando de menininha de madeira. Eu vi as mãos dela, ajustando delicadamente um parafuso no meu joelho.

Eu a vi apertando um martelo.

Naquela vez, ela não estava mirando em seus projetos. Lembrei-me dela me observando, como se ela tivesse acabado de perceber do que me

criou. Lembrei-me dela me encarando como um objeto. Como casca retirada das árvores enfurecidas.

Algo para se arrepender. Algo para esmagar.

Senti meu queixo dobrar, um arrepio passando por mim antes que eu pudesse disfarçá-lo.

Aire inclinou a cabeça. Eu tinha provado a ele ontem à noite, mas ele viu agora? Minha fraqueza?

Algo gentil varreu seu rosto, sua testa e sobrancelhas franzindo em simpatia. Ele nem tentou esconder.

Colocando-me ainda mais no cobertor, corri para a borda da abóbora. As palavras se espalharam. —Por favor, deixe-me ir.

Ele desviou o olhar. —Eu sinto muito. Eu não posso fazer isso.

—Não machuquei ninguém no castelo. Houve algum sinal ou relato de alguém ferido? Eu vim e saí, sem ninguém perceber. Não quis fazer mal.

—Você transgrediu, inclinou-se a tirar da Coroa, então deixou o Filho Real acompanhá-la, quando deveria ter nos alertado sobre ele.

—Quantos anos você tem?

—Tenho vinte e dois anos. O que isso tem a ver...

—Nicu é mais jovem, mas não por décadas. Ele tem dezessete anos e está protegido, você não entende? Ele não está pedindo o mundo, apenas uma experiência própria. Eu não sou sua guardiã, e você também não.

Aire se encolheu. —Sim, ele deixou isso bem claro ontem à noite, entre outras sabedorias. Boas Estações, entre o pedido dele e o seu...

—Você quer dizer que você falou com ele de novo?

—Pelo contrário, *ele* prevaleceu sobre *mim*.

Em algum momento da noite, Nicu havia conversado com esse cavaleiro? Deve ter acontecido durante um breve período em que eu realmente

dormi. Parecia que o jovem tinha dito o que pensava efetivamente. Considerando o talento de Nicu em me irritar, me convencendo a levá-lo em minha viagem, não duvidei de sua habilidade de chorar. Sua maneira criativa de distorcer as palavras surpreendia, mas também fisgava as pessoas, eu tinha certeza.

Então Nicu fez metade do trabalho. Talvez eu pudesse fazer o resto para acabar com Aire.

—Sua família o terá de volta. — Eu disse. —Mas se você me algemar, eu não vou conseguir-

Talvez eu não recupere minha mãe. Nossa vida de volta.

O olhar de Aire fugiu para um lugar invisível. Ele estava ouvindo companhia? Uma mudança de vento?

Ele estava me ouvindo?

Recordando a sepultura que eu havia perturbado, e as palavras que Aire sussurrara para Nicu sobre perda, apertei um botão. —Minha mãe está doente. Eu poderia perdê-la.

Uma emoção aguda, mas desconhecida, fez a garganta de Aire se contrair. —O dia está começando, as tropas estão se aproximando, mas você tocou em algo que eu não posso rejeitar facilmente. Prove para mim que isso não é uma falsidade.

Pesei minhas opções, encontrando apenas uma à minha disposição. Uma mortificante. Mas, bem, minha pele de madeira já o havia matado, então o que foi mais um choque?

—Você não vai rir? — Eu perguntei ao cavaleiro.

Ele se virou em minha direção. —Rir de você? Por quê?

Meu olhar saltou para o céu quando pensei na primeira mentira que pude. —Sou magra.

Meu nariz estremeceu. Eu senti a ponta se esticando como um membro dolorido, a ponta do meu estalo estalando, se alongando uma polegada.

Aire saiu da árvore. —Estações!

Eu chiei. Minhas mãos voaram para cobrir meu nariz. A pera não consumida caiu do meu colo enquanto eu me afastava do cavaleiro estufado e mantinha as costas para ele. —Eu não posso mentir, ok? Quando eu faço, isso acontece.

Ele sussurrou: —Como o diabo-"

Eu me virei e lati atrás das palmas das mãos: —Não é diabólico! Faz parte do minha pele de madeira. Não sei por que isso acontece, apenas acontece. Sempre que minto, cresce.

Ele fechou a boca. Felizmente, ele não solicitou uma segunda demonstração. Confundir meu nariz com um ramo não tinha sido divertido aos sete anos de idade, enquanto estava entre um grupo de crianças. Não seria divertido agora, na frente de um cavaleiro.

Minhas narinas doem como um filho da puta.

—Se eu não posso mentir sem meu nariz fazer isso, então não posso mentir para você sobre minha mãe —, apontei. —Para onde vou, há uma chance de encontrar uma resposta para ajudá-la. Venha comigo se precisar. Guarda-me se você insistir, mas deixe-me encontrar o que eu preciso, e então... —Afastei a promessa da minha boca.— ... então você pode me prender, me levar de volta ao castelo.

Não era mentira. Ele poderia me levar. Eu iria com ele.

Eu simplesmente não iria facilmente.

Os bichos se calaram, incluindo Punk, que assistia de cima. Prendi a respiração, percebendo que tinha esquecido de comer a pera no chão.

Isso não importava. Eu não estava mais com fome.

O nevoeiro quebrou, a luz do sol apareceu e as cabaças pararam de cintilar.

A voz de Aire flutuou na minha direção. —Se você me fizer a cortesia de olhar para cima.

Olhei por cima da minha mão, esperando uma repetição da rejeição de ontem. Sua atenção saltou dos meus dedos para os meus olhos, descrença e algo mais calmo depositado em seu olhar.

Dessa vez, ele me deu uma nova resposta.

CAPÍTULO QUATORZE

FANTASIA

Na verdade, ele não disse sim imediatamente.

Primeira condição, ele precisava saber com antecedência para onde eu ia, para garantir uma medida de segurança e que continuássemos no Outono. Não há passagem de fronteira não autorizada para outras Estações.

Deixá-lo saber que meu destino representava um risco. Se ele recusasse, fugir por conta própria seria impossível, já que ele saberia onde me encontrar.

Mas, sério, ele não me deu escolha. Quando eu revelei para onde estava indo, ele recusou. Eu vi sua mente filtrando os mesmos pensamentos que eu tive no começo.

Ninguém vai mais lá.

O que eu poderia esperar encontrar? Eu ainda não sabia.

Uma coisa que eu sabia, compartilhar o papel do conto de fadas nisso, estava fora de questão. Humildemente, eu esperava que a conexão entre o local e a história não passasse por sua mente intuitiva.

Vai saber. Passou.

—É um lugar isolado onde as histórias foram criadas —, disse ele. — Possui uma alma antiga, cenas antigas de majestade, agora colecionando poeira.

Não havia muitas histórias, eu queria corrigir. Apenas uma.

Eu joguei inocente. —Realmente?

Ele franziu as sobrancelhas, não convencido. —Que curativo específico você procura?

—Eu ainda estou tentando descobrir isso.

Teoricamente, eu estava.

—Se eu entendi direito, você está dizendo que não tinha como identificar que remédio procurar na enfermaria do castelo —, resumiu. —Tão pouca informação, mas você foi tão longe.

—Olá, olá. Não é por isso que os médicos rotulam frascos? Para que saibamos qual deles acompanha qual doença?

—Se você não conseguiu localizá-lo no castelo, o que faz você pensar que este canto histórico de Mista traz o remédio certo para sua mãe? Você espera encontrar um restaurador arrolhado esperando por você na floresta?

—Bem. Um milagre aconteceu lá uma vez. Sou louca por milagres.

Isso, ele finalmente aceitou. Ele olhou os galhos e as folhas de carmim emaranhadas ao nosso redor. Algum pensamento alternativo veio a ele então, uma realização. O dano atingiu seu perfil como um vendaval. Expirando, ele assentiu para si mesmo, como se tivesse sucumbido a um fato.

A visão de sua dor me incomodou, como ele usava um coração sensível na manga. Talvez isso tenha batido forte porque ele resolveu me ajudar, apesar de como isso poderia afetar sua ética e sua classificação mais tarde.

Eu me perguntava que desculpa ele planejava dar. À coroa, que depositou sua fé nele. Para sua esposa ou marido, que sem dúvida enlouqueceria por seu paradeiro.

Ele provavelmente cedeu mais pela felicidade de Nicu do que pela minha. Qualquer um podia ver que eram amigos íntimos. Apesar da idade da realeza, este cavaleiro não conseguia desligar o impulso de protegê-lo.

Dito isto, a monarquia consideraria Aire responsável se algo acontecesse com o jovem.

Eu realmente tinha conseguido que ele considerasse essa viagem? Como?

Quero dizer, eu sabia como. Nicu o alcançou primeiro, depois eu o terminei. Mas Estações, o senso de compaixão e heroísmo do cavaleiro, variava. Ele não tinha sido capaz de dar as costas a uma garota desesperada para salvar sua mãe, muito menos os desejos de seu cargo, que haviam exercido outro tipo de magia verbal na noite anterior.

Além disso, eu havia provado minha incapacidade de contar uma mentira careca. Eu não tinha acrescentado como tinha aprendido a contornar isso. Eu contava algumas verdades, criava algumas meias-verdades e omitia outras verdades.

Quando uma pessoa dava sua palavra, Aire com certeza levava isso a sério.

A segunda condição dele? Isso aconteceu depois que ele permitiu que o bico afiado de Punk revirasse o dano no meu nariz, que doeu depois.

Seguindo-o até a cabana, observei pela porta aberta ele recolher um folheto de pergaminho, um tinteiro e uma pena. Achatando o papel sobre uma mesa, Aire se inclinou e escreveu algo.

Ele dobrou e selou a nota, depois me encontrou no limiar, empurrando a entrada fechada. Ele não queria que Nicu ouvisse nada até resolvermos isso.

Ele levantou o pergaminho no ar, o pergaminho preso entre dois dedos. Mantendo os olhos em mim, ele instruiu Punk: —Leve isso para a família real.

Um grito saltou da minha boca. —O que?

Eu pulei, meu braço batendo para pegar a missiva, enquanto o cavaleiro a segurava fora do meu alcance. Sua palma quente apertou meu ombro, tentando acalmar meu pânico quando ele me guiou - gentilmente, gentilmente - de volta à floresta de abóbora, para não acordar o Filho Real.

No momento em que paramos, eu xinguei baixinho: —O que você escreveu?

Por ser honesto demais, o defensor decidiu informar a coroa da situação. A nota dava um relatório enigmático, não revelando onde Nicu poderia ser encontrado, mas garantindo à sua família sua segurança. A letra de Aire, além de um símbolo que ele desenhara ao lado de sua assinatura, confirmaria isso, oferecendo a eles um pouquinho de conforto.

Poderia fazer o truque. Talvez não.

Argumentei que a família poderia enviar falcões para seguir Punk de volta para nós. Os lábios de Aire se achataram, sabendo que eu tinha feito uma observação tática sobre suas próprias tropas, uma que ele não previra.

Punk precisaria voar em segredo, colocando a mensagem em algum lugar onde a princesa e o bobo da corte a encontrariam.

Aire contemplou e descreveu a localização do quarto de Nicu. Ele disse a Punk: —Deixe na cama dele.

Um toque de medo. E se alguém a visse? E se alguém a pegasse? E aqueles falcões?

Eles patrulhavam a cidadela, mas trocavam deveres com os guardas com frequência. Esta era outra razão pela qual eu escolhi uma hora específica para invadir o castelo, quando os raptores não estavam circulando. Na semana que antecedeu minha invasão, eu memorizei a programação deles à distância.

Mas e se a rotação tivesse mudado desde então?

O cavaleiro não se preocupava. Mas ele também não amava Punk.

Minha companheira se escondeu, seu bico balançando entre ele e eu, seu terror de falcões substituindo seu senso de dever. Eu poderia ter dito isso a Aire, mas estava muito ocupada querendo estrangulá-lo por colocá-la nessa posição, muito ocupada querendo me bater por trazê-la comigo.

A voz do cavaleiro suavizou quando ele roçou suas penas. —Você é uma moradora deste reino, portanto seu súdito. — Ele acariciou a cabeça do pica-pau, relaxando-a ainda mais. —Sua família merece saber que ele está bem. Eu não mencionei sua amiga; ela está absolvida por enquanto. Espere até esta tarde, quando os falcões do relógio se retirarem, depois passe pelas muralhas da cidadela, mantendo-se a sudoeste da fortaleza... —Quanto mais instruções ele dava, mais peito de Punk inflava.

Nosso plano era se aventurar sem ela. Fluente na paisagem, na mecânica de suas próprias tropas e no protocolo para grupos de busca, Aire traçou um caminho fora da estrada para nosso destino, o mais seguro possível.

Ele o descreveu para Punk, para que ela pudesse nos encontrar durante a caminhada. Ou se atrasada, no *local*.

Poderíamos ficar separadas por dias.

Irritantes, lágrimas quentes cutucavam as bordas dos meus olhos. Sugando, puxei uma pluma. —Não demore muito. — Brinquei, minha voz embargada.

Punk se aninhou debaixo da minha mandíbula. Aceitando a nota em seu bico, ela acelerou, seu corpo pequenino atirando pela floresta, deslizando entre as árvores.

Eu olhei para o lugar que ela tinha acabado de bater até que um formigamento percorreu o lado direito do meu corpo. Eu me virei para encontrar Aire me estudando.

—O que? — Eu reclamei, passando meu braço na minha bochecha.

—Você derramou lágrimas. — Ele murmurou maravilhado.

Meu olhar atingiu novos níveis de desprezo. Sim, eu poderia chorar. Eu simplesmente não gostava.

Como estava, a umidade à base de água não era benéfica para a minha pele, a menos que eu a estivesse consumindo.

De qualquer forma, a descoberta deve ter feito algo para ele. Em nosso retorno ao chalé, ele me lançou olhares superficiais, me achando tola demais para perceber. Eu o senti tentando me entender, por que eu parecia como eu era, como era possível.

Minhas botas trituravam a terra, enquanto sua furtividade mal fazia barulho. Aproveitei a vista, vendo-o deslizar. Ele se movia como uma ave de rapina, habilmente mas sensível à floresta, seu manto varrendo as árvores.

Seus ombros largos aparavam em um corpo magro, tonificado, mas sem a maior parte de um guerreiro. Em vez disso, ele era feito de músculos. Sob aquela capa e aquelas calças de couro, a escultura de sua bunda tinha que ser tão mágica quanto o resto dele.

Aire se virou. Meu rosto bateu em uma parede do torso.

—Você está me encarando. — Disse ele.

—Eu estava retornando o favor. Além disso, nunca vi um cavaleiro de perto antes. Como é usar essa capa?

Isso o deixou perplexo. —Quente e pesada.

—Eu gostava mais quando você estava se tornando simbólico.

—Eu sei o que você está fazendo.

—Com certeza. Você deve estar acostumado à admiração.

Sua confusão dobrou. —Você está proibida de mentir, mas sua brincadeira também é fingida. Não há espaço no meu coração para nenhum dos dois, donzela da madeira.

Meu sorriso se apertou. —É Aspen.

Nada menos do que horrorizado, como se eu tivesse pedido para ele me chamar de bolinho de massa. —Você deve saber, isso é íntimo demais.

—Eu não lembro de você se apresentar como *senhor*.

Aire simplesmente se virou e continuou andando. Meus punhos se fecharam, as hastes dos nós dos dedos estalaram quando eu o segui. Esse homem pode ter parado de me achar uma mentirosa, mas não uma ladra.

E definitivamente não uma aberração. Meu orgulho desenhou a linha lá.

No chalé, ficamos ocupados. Nós limpamos e quebramos nosso jejum com as peras, mais as rações e a água que eu trouxe de casa. Nós adicionamos carne de porco salgada aos nossos suprimentos, Aire argumentando que alguns flancos perdidos não seriam notados.

Contamos a Nicu a notícia quando ele acordou. Seu rosto élfico iluminou a sala inteira, e ele jogou os braços em volta de mim, e nós rimos. Então ele apertou a mão no ombro de Aire e apertou, ao qual o cavaleiro sorriu e fez o mesmo.

A escolta do cavaleiro deveria ter derrotado o propósito da independência. Mas como Nicu era Nicu, e como Aire não era apenas um guardião, mas também um amigo, o jovem não teve problemas com essa nova adição.

Eu coloquei meus dois centavos de qualquer maneira. —Ele não está pedindo sua companhia —, eu disse fora do alcance da voz. — Apenas diga que *eu* estou. Culpe-me e depois mantenha distância, dê-lhe espaço, deixe-o tomar suas próprias decisões. Se você não pairar, irá percorrer um longo caminho. Todo mundo fica feliz.

—Veremos em breve. — Respondeu Aire.

Depois disso, partimos, o cavaleiro prevendo a chegada de uma equipe de busca ao anoitecer. Ele cobriu os sinais de que estávamos lá, restaurando a casa ao seu estado original. Nós não tínhamos usado velas desde a noite passada, nem acendemos um fogo na lareira, o que significava que não havia cheiro de resíduo.

Do lado de fora, Aire escondeu nossas trilhas da melhor maneira possível e ajustou as quebras na folhagem, dando a impressão de que os animais passaram por eles em vez de humanos. Ele se moveu rapidamente, me fazendo pensar se seus pés tocavam o chão.

Os ouvidos da curiosa se animaram quando chegamos ao estábulo. Aire acariciou a palma da mão sobre a cernelha da criatura e sussurrou para ela. Minha mula desejou uma amostra dessa bondade, exultante quando o cavaleiro agitou o cotão entre suas orelhas.

Nicu reivindicou a mula, balançando-se no topo. Aire não se opôs, mas atrelou a fera a seu próprio cavalo, imaginei por causa dos problemas de direção do jovem? O rosto do Real torceu-se, sabendo disso.

Para compensar, o cavaleiro deixou muita folga.

Eu tinha planejado me juntar ao Real, mas Aire andou a cavalo e me ofereceu sua mão. Oh deus, um passeio em um cavalo de guerra! Ainda melhor que um palafrém!

Esfregando as mãos, eu segui em frente, uma presunção encantada trazendo um salto para o meu passo. O cavaleiro não perdeu minha alegria. Ele balançou a cabeça, mas não fez nenhum comentário.

Coloquei meus dedos esculpidos nos dele. Pelo menos ele não recuou do contato. Apenas o movimento de sua mandíbula o denunciou quando ele me ajudou a montar, mantendo um aperto galante na minha mão.

Os sons de rédeas e tiras batendo juntas encheram o estábulo quando eu me acomodei, desconfiada de prender um parafuso do tornozelo no estribo ou mostrar vergonha quando minhas articulações bateram. Uma vez positivo que eu não cairia e dividiria um braço, Aire soltou. O peso maciço do animal sobressaiu debaixo de mim, seus cascos apertando o chão.

Eu pisquei quando Aire voou e subiu, aterrissando na sela atrás de mim. Eu assumi que ele estaria andando, liderando a marcha.

—Porq--, comecei.

—Ela não leva a estranhos facilmente. — Sua respiração roçou meu lóbulo da orelha. —Ela é leal; no entanto, não se pode prever o temperamento de um animal, nem seu repentino desejo de fugir. É mais seguro assim, para que ela não a desaprove e se torne agressiva.

—Garota exigente. — Comentei.

Ele estendeu os braços de ambos os lados para garantir as rédeas. Meus seios fizeram disso um desafio, forçando-o a se inclinar para frente, se ele quisesse evitar um encontro gráfico. Isso puxou minhas costas contra o plano de seu peito, seus quadris alinhados com os meus, seu corpo me enjaulando. Com pouco espaço, minhas curvas de madeira pressionaram sua forma.

A posição também me fez sacudir sempre que ele se sacudia. Pensei em cordas presas aos pulsos e joelhos, a força e resistência.

O cheiro de nuvens e névoa me envolveu. —Não era isso que eu tinha em mente.

Demorou um segundo para ele responder. —Nem eu.

Ele levou o cavalo adiante.

Deixando a floresta de abóbora, aceleramos em uma rota comercial. Não era um caminho ideal ou discreto, mas cobríamos o terreno muito mais rapidamente. Nogueiras se transformaram em bordos, folhas largas e celeiros passando de cada lado de nós, o cavalo ofegando grandes sopros de ar. Agarrei o que pude pela vida, geralmente a crina do cavalo.

A única coisa admirável em uma mula de Mista? Seus membros longos e capacidade de acompanhar. Não alcançava a altura de um cavalo, mas era mais alta que um burro e tinha mais resistência do que mulas comuns, capaz de correr junto com seus superiores. Não tão rápida quanto a montaria de Aire, mas ela fez questão de não saltar para um galope.

Embora presa a nós, fiquei olhando por cima do ombro para verificar Nicu. O jovem cavalgava a criatura, mantendo os olhos fixos na cauda do cavalo, como uma de suas fitas. E embora as mulas de Mista se adaptassem bem a seus líderes, o comprimento da corda guiava o animal, impedindo Nicu de fazer isso sozinho.

Ainda assim, fiquei intrigada com as habilidades de pilotagem do Real.

Depois de percorrer uma distância significativa, saímos da estrada e diminuímos a velocidade, e eu respondi: —Quem te ensinou?

Ele sorriu. —Mamãe.

A princesa o treinou?

O cenário distraiu Nicu, sua atenção desviada pelos estalos de galhos e lampejos de filhotes salpicados ao longe, suas pernas finas chutando, suas caudas inchadas. O jovem se perdeu, cantarolando uma melodia e me deixando lidar com o cavaleiro.

—Os cavalos estão cientes do humor de seus cavaleiros —, explicou Aire calmamente para mim. —Eles sentem como você se sente e podem dizer para onde você quer ir; eles sabem da sua linguagem corporal e humor, não apenas

das rédeas. Isso deveria apresentar uma dificuldade adicional para Nicu, mas não. É como se os animais o entendessem de uma maneira clandestina.

—Não é uma sincronização perfeita, mas muitas vezes funciona. Descobrimos isso quando ele era criança e, a partir de então, a princesa não conseguiu montar Nicu a cavalo rápido o suficiente. Eu não tinha certeza sobre a mula, mas parece que o vínculo se aplica a outras montarias também.

—Isso é adorável. — Eu disse.

—É. — Ele concordou.

Depois de um tempo, senti Aire inalando a floresta, espiando suas profundezas. —A hora se desvia e se cansa. Conseguimos uma boa distância e devemos procurar um lugar para descansar. Ninguém nos perturbará esta noite.

—Você é um visionário? — Eu perguntei.

Ele resmungou. —Os videntes não andam nesta terra.

—Nem bruxas ou marionetes.

—Eu sempre senti um parentesco com a terra e uma intuição sobre as almas que a percorriam, mas há uma distinção entre isso e clarividência.

Achei que ele não tinha terminado.

—Quanto às bruxas e marionetes, lamento minhas suposições. Embora meu espanto por você dificilmente seja inválido, como eu nunca encontrei uma pessoa com suas características antes.

—Você olhou no espelho ultimamente, garoto falcão?

—Eu não sou um metamorfo.

—Eu sei. É deprimente, não é?

—Outro ser fantástico que não existe - eu acreditaria em histórias desonestas, para começar. Me dê histórias de autenticidade.

—Eu teria pensado o contrário, do jeito que você se expressa.

—Você está dizendo que a realidade não pode ser tão fascinante quanto a ficção, que essas terras não podem ser descritas ou experimentadas dessa maneira. Acho uma pena que as pessoas tenham que procurar em páginas e histórias orais para conseguir admiração. Olhe ao seu redor, observe a majestade que as Estações nos deram. O que você vê?

—Árvores.

Ele suspirou. —Existe esperança de que possamos continuar essa busca em silêncio? No espaço de poucas horas, você me submeteu a uma mistura de emoções. Fiquei lívido, perplexo, ofendido e agora...

—Confuso? — Imaginei.

—Provocado até a beira de um penhasco. Ainda me sentirei assim por um tempo, perturbado como uma pilha de folhas espalhadas pelo vento até me livrar de você.

—Você fala como se estivesse flutuando. Como você foi concebido? Um dia as nuvens brincaram e depois ficaram grávidas?

—*Como criança* —, ele insistiu, puxando as rédeas e direcionando o cavalo para um arbusto. —Não acredito que você contaminaria a intimidade usando esse outro termo.

—Essas perguntas foram elogios, a propósito.

—A pergunta mais trêmula é como você foi concebida?

—Eu me ressinto disso.

—Se você precisar, mas aonde quer que vá, presumo que sua presença faça barulho.

—Estou mais interessada nos barulhos que você faz.

Aire se debateu com as tiras de couro. Minha pele de madeira sentiu o calor do cavaleiro subir à superfície de seu pescoço, aquecendo a parte de trás da minha cabeça.

Isso saiu errado. Tudo errado. Eu quis dizer algo inofensivo, a impressão que ele dava às pessoas. Não que a outra dica não fosse verdadeira.

Eu tive que diminuir o tom. Ele concordou com esta excursão, e se eu quisesse que continuasse assim, não poderia me dar ao luxo de insultá-lo mais do que já tinha.

E eu precisava fazer outra coisa que ainda não tinha feito. —Ei, hum, obrigada por fazer isso. Além disso, desculpe pelo meu deslize da língua. Isso não era...

—Melhor desistir enquanto estiver à frente.

—Estou à frente?

—Não.

Durante dias, cavalgamos e acampamos, cavalgamos e acampamos. Saltando sobre a sela, minha garupa gritava por misericórdia, porque até a madeira tinha limites.

Como distração, Aire e eu debatemos os benefícios da fantasia sobre a realidade, coisas imaginárias versus coisas honestas. Muitas vezes, seus argumentos me irritavam, enquanto meus argumentos o calavam, incitando períodos tranquilos nos quais absorvíamos nossas palavras. Ele não era condescendente. Ele resistia a mim, mas também mostrava respeito pela minha opinião, prestando a devida consideração - antes de discordar.

Com o tempo, Aire relaxou. Fiquei mais ansiosa, balançando a cabeça para um lado e para o outro, meu olhar varrendo os galhos. Sempre que ouvia um tap tap acima, estendia a mão e batia com os nós dos dedos no pedaço de madeira mais próximo, mas não recebia resposta.

Onde estava Punk? Ela já deveria ter chegado até nós.

Meus companheiros homens notaram minha agitação. Aire me tranquilizou com todas as razões pelas quais a pica-pau poderia ter ficado para trás. Quando ele não estava cantando, Nicu manteve o resto de nossas conversas animadas.

Nada de bom. Tornei-me um desastre nervoso, chegando ao ponto de arrebentar minhas unhas, que ralavam na Lâmina - era assim que meu parceiro de sela havia chamado sua montaria -, que queria me tirar das costas. Eu me exercitei, de modo que, eventualmente, minha cabeça caiu para a frente.

A próxima coisa que eu sabia, meus olhos se abriram. Os cascos galopantes haviam parado. Aire ficou rígido, sua respiração flutuando contra o meu cabelo.

—Estamos aqui. — Disse ele.

—Eu estou acordada agora! — Eu soltei, minha cabeça levantando. —Eu estou... oh.

Bordos, tupelos e carvalhos impregnavam a floresta em bordô, ocre e verde. Feixes de luz filtravam-se através da malha de folhas, acariciando as casas apoiadas no alto das árvores, enfiadas no dossel. Bangalôs com janelas fechadas e portas cor de laranja, suas paredes externas cercadas por terraços. Algumas das moradias ficavam sozinhas lá em cima, enquanto outras estavam empilhadas em troncos, uma casa acima da outra, conectadas por escadas ou degraus sinuosos.

Do chão, mais escadas em espiral ao redor dos troncos, levando às alturas. Tantos cantos e níveis foram instalados. Decks ao ar livre e mirantes, com e sem telhados. Áreas de descanso com bancos.

Uma rede de pontes se estendia de desembarque a desembarque, cruzando caminhos e se espalhando novamente, os trilhos esculpidos em casca

dura e durável de gafanhoto. Uma das pontes se arqueava, unindo um par de troncos, mas essa não tinha corrimãos.

Tudo era de madeira. Tudo cheirava a madeira.

Pranchas, telhas, degraus e toras. Toda madeira serrada.

Há muito tempo, em algum lugar nesta floresta, às margens deste vilarejo, um lenhador reuniu bolotas, resgatou um animal e foi recompensado por isso.

Não era mágico. Apenas a graça de nossas Estações.

—A colônia da casa da árvore —, anunciou Aire com admiração cautelosa. —Milhares de pores do sol passaram desde que esta terra prosperou, o berço de um conto de fadas que absorveu o Outono por gerações. Muitos crentes procuraram este lugar, em busca das duas últimas bolotas, antes de se resignarem ao seu destino. É um reino de desejos e decepções.

É por isso que as pessoas não vêm mais aqui, aceitando os fatos: essas duas bolotas foram varridas em outro lugar pelos ventos de Mista, como dizia a história. Qualquer um que se aventurasse aqui, apesar disso, ficava com o coração partido.

Além disso, a ameaça de decepção superava a ambição. Um lugar conhecido por criar um conto de fadas nem sempre era tão romântico quanto parecia. Se pudesse ser tão abençoado pelas estações, também poderia ser condenado por elas.

Ninguém era fã de ser amaldiçoado. Almas cautelosas temiam fazer uma escolha errada, tomar uma ação errada para ofender a natureza e receber seu castigo. Os moradores - plebeus e comerciantes - haviam partido quase um século atrás, migrando para outras partes de Mista, onde não seriam atormentados por falsas esperanças.

Aconchegantes entre raízes expostas e arbustos de avelã, bolotas espalhavam o chão. Nenhuma delas poderia fazer o que meu coração podia, ou o que a pepita escondida sob minha saia podia. De certa forma, eu as trouxe para casa.

Minha palma pousou no meu peito. Não me preocupei com maldições, apenas em encontrar o que precisava. Uma pista. Um sinal. O que for preciso.

Um riacho de seixos curvava-se através da vegetação rasteira, gotejando pelos troncos.

Aire sentou-se rígido. Seus braços se esticaram de cada lado de mim, apertando as rédeas como se ele pudesse fazer o cavalo galopar. Por que este lugar parecia assombrar tanto quanto cativá-lo?

Estacionando a mula ao nosso lado, Nicu estava encantado. Se ele tivesse problemas para entender a distância, poderia registrar o quão verdadeiramente longe de casa havia viajado?

Ele e eu trocamos sorrisos, e então ele pulou da mula.

Aire me ajudou a desmontar, carregando meu peso sem o menor chiado. Quando eu rolei seu corpo, o inevitável aconteceu. Meus seios se arrastaram por seu peito.

Ele me largou rapidamente. Seus ouvidos floresceram de um vermelho tão puritano que eu quis tocá-los, até ter um olhar mais atento às suas feições que oscilavam entre suspeitas e atormentadas. E daí se ele tivesse se tornado brando comigo desde a floresta da abóbora? Ele não tinha esquecido o alvoroço que eu causara antes disso, minhas acrobacias no cemitério e no castelo. Seus olhos me separaram, pedaço por pedaço, procurando o mau abaixo.

Se era assim que ele queria, tudo bem. Quem se importava se eu me divertisse poupando com ele durante a viagem?

Sua atenção me roubou de apreciar minha primeira visão deste lugar. Ainda por cima, a longa jornada combinada com a ausência de Punk não ajudou.

Eu cruzei meus braços. —Quero meus machados de volta.

Caminhando até o cavalo e esfregando-o, ele me deu um olhar irônico. —Tenho certeza que sim.

—Eu descobri. Você sabe qual é o seu problema? Você não é um soldado perfeito.

Sua mão parou no flanco do corredor.

—Você acha que um vilão é um vilão, que não existem segundas chances. Você acha que alguém que comete erros permanece assim para sempre. Você acha que pessoas más não são resgatáveis. E, em comparação, você *acha* que isso o torna perfeito. — Eu zombei. —Bem, pense novamente.

Ele girou em mim. —E por falar em vilões, você conseguiu pouco para se defender. Você é uma garota mesquinha e egocêntrica, que esconde suas inseguranças sob um véu de vaidade, avareza e flerte. Você confunde seguidores com amigos, assumindo que sua estima possa ser conquistada por meios inescrupulosos. E você acha que essa superioridade mesquinha valida você. —Ele inclinou a cabeça. —Eu deixei alguma coisa de fora?

Nós nos encaramos.

Aire levantou a cabeça, seu olhar varrendo a extensão por cima do meu ombro. —A atmosfera carrega uma carga nova - uma presença perigosa está em andamento. — Os olhos dele escureceram. —Onde está Nicu?

Eu virei. Pistas de terra alinhadas em pedras se estendiam ao redor das árvores, paralelas ao riacho. Corremos por um desses caminhos, chamando por ele, o eco perigoso ecoando nos troncos.

Ao virar a esquina de uma escada em espiral, eu parei. Atrás de mim, ouvi Aire parar mais graciosamente.

Um poço de água de pedra e um balde virado estavam ao lado do riacho. Tufos de salgueiro floresciam ao longo da beira da água, as plantas herbáceas sugando um raio de luz da tarde.

Lá estava Nicu, com a cabeça inclinada em direção às copas das árvores. Você pensaria que ele estava admirando o cenário - não inclinando o queixo para evitar a ponta de uma adaga.

Uma lâmina brincava sob sua mandíbula e um braço preguiçoso pendia sobre as clavículas, enraizando-o no lugar.

Nós pensamos que este lugar era abandonado. Nós estávamos errados.

O corte da espada de Aire perfurou o silêncio. Não que isso fizesse diferença.

Por trás de Nicu, uma voz desonesta lançou uma ameaça. —Largue.

CAPÍTULO QUINZE

FANTASIA

As pesadas dobras de um cachecol cobriam a metade inferior do rosto do estranho, oferecendo apenas alguns detalhes, como pele morena de oliva e sobrancelhas negras cortando sua testa. Não era a cor suave de um cidadão do Outono.

Uma decoração cruel deslizava por sua orelha direita. Uma peça de joalharia de estanho com uma fileira de espigões revestindo a concha externa. Um brinco que parecia uma arma.

Eu o encarei por muito tempo. Linhas enrugavam em torno de seus olhos, sugerindo um sorriso sarcástico, enquanto a garganta de Nicu balançava contra a adaga. Uma adaga de rondel, pelo que parece.

Eu me joguei, apenas para ser empurrada para trás por uma mão firme. Droga, Aire!

Minha voz cortou os carvalhos. —Deixe ele ir!

—Quem, então? Esta coisa bonita? —A lâmina do estrangeiro beliscou a mandíbula de Nicu. —Não. Eu gosto deste pássaro exatamente onde eu o tenho.

Eu rosnei: —Quem diabos...

Aire voou na minha frente. —Solte o garoto.

—Cai fora, cavaleiro.

Ele notou os sinais do posto de Aire mais rapidamente do que eu.

Meus machados de arremesso ajudariam se eu soubesse jogá-los.

Aire, por outro lado, sabia jogar. Não sabia? Ele tinha minhas armas à mão em algum lugar do labirinto de camadas que vestia? Ele poderia arremessar suas espadas, satisfazendo o sequestrador de Nicu, e depois atordoar a picada, fazendo uma alternativa.

Bati meu tornozelo contra o de Aire. Quando isso não conseguiu chamar sua atenção, eu me escondi atrás dele e murmurei entre suas omoplatas. —Os machados.

—Shh. — Ele ordenou.

Minha alma gemeu. No futuro, precisávamos estar mais sincronizados.

—Onde eu posso te ver, meretriz!

Passei pelo lado de Aire. —Quem você está chamando de meretriz?

O estranho inclinou a cabeça, olhando melhor para mim. Ugh. —Bem, bem, bem. Abandonou os carnavais da primavera e procurou o santuário de outono, não é?

—Largou a barra de sabão, não é?

Ao meu lado, Aire xingou. Sim, isso pode ter sido um movimento idiota da minha parte.

O estranho riu. —Irritável. Não é uma tola nascida, mas algum tipo de natureza louca. Tudo que você precisa é de um conjunto de fios e um palco...

Um machado voou. Seus reflexos mudaram antes que pudesse agarrar seu cotovelo e bater o braço de Nicu. O machado passou zunindo por sua orelha quando ele sacudiu nosso amigo, a arma batendo em um tronco de tupelo.

Aire abaixou a mão livre, finalmente entendendo a dica. —Mantenha os olhos longe dela e em mim. — Ele advertiu o estranho.

—O que é isso? — A lâmina do estranho cortou, fazendo Nicu assobiar, uma linha de sangue escorrendo pela garganta. —Como você diz isso de novo? Um pouco mais alto?

—Caso você esteja se perguntando, isso é um ato de traição.

—Caso você esteja se perguntando, eu não dou a mínima! Largue as espadas, herói! Ambas!

Aire jogou suas armas no chão, convidando o estrangeiro a atirá-las atrás dele, fora de alcance.

—Mais algum desses machados? — O idiota exigiu.

Interrompi antes que o cavaleiro fizesse algo idiota - como dizer a verdade. —O que você quer?

—Você ouviu falar de mim e decidiu bisbilhotar? Não é assim que eu trabalho. Você espera que *eu* vá até *você*.

—Bisbilhotando por quê?

—Diga-me como você me conhece.

—Nós não conhecemos —, respondeu Aire. —Também não compreendemos o seu significado, pois buscamos aqui, acreditando neste território despovoado, abandonado por todos.

—Você é um invasor? — Eu soltei.

—Você é uma mentirosa? — O estranho disparou.

—Se você quiser ver o que acontece quando eu minto, terá que voltar e me dar espaço. —Na sua expressão interrogativa, eu disse: —Olha, não machuque o garoto.

—Se você não está aqui para me procurar, então você é vagabunda. Também não sou fã deles.

—Viemos aqui para nos esconder por um tempo.

—Isso está certo? Esconder do que?

—Uma equipe de busca —, respondeu Aire. —Você está abrigando um Real rebelde e fugitivo. Neto de Sua Majestade, a Rainha.

O estranho xingou. —Fantástico.

—Nós não estávamos procurando por você—, eu disse. —Estou aqui para explorar esta floresta, meu amigo Real queria uma aventura e seu leal cavaleiro queria garantir que nenhum de nós fosse massacrado ao longo do caminho. Qual é o seu nome, invasor?

—Eu vou fazer as perguntas.

—Se tiver a chance, levarei a coroa para você, frustrando qualquer negócio que você mantenha aqui—, disse Aire. —Ajude-nos, vamos residir sem conflito, e eu revogarei essa promessa.

Um encolher de ombros. —Não é uma preocupação. Meu negócio é legítimo.

—Além da parte em que você está segurando uma lâmina na garganta de um membro da realeza.

—Você poderia ter roubado o traje daquele soldado de um verdadeiro defensor da Coroa. Como sei que você não é fugitivo planejando cortar meu fígado?

—Você tem minha palavra.

—Acho que isso deveria significar algo. Estou pensando: este é o trato: você me diz quem realmente é, o que realmente quer e me deixa de fora. Siga seu caminho alegre, e eu não vou cortar sua garganta. Ele tem um pulso doce, entende?

Eu realmente não queria enfiar o nariz nisso, mas se esse idiota precisasse de uma demonstração como Aire, tudo bem. Abri minha boca para provar que pelo menos um de nós não conseguia disfarçar uma mentira total.

Então fechei a boca com força, porque não fui eu quem falou.

—Você é feito de torrentes e poluição atmosférica —, disse Nicu ao estranho. —Essas coisas são transparentes e não duram. Retire meu sangue novamente, mas você ainda vai secar e desaparecer.

O invasor piscou, sua adaga afrouxando. Ele deslizou ao redor de Nicu, a lâmina deslizando com ele, quase roçando a superfície da garganta de Nicu.

Prendi a respiração. Na minha periferia, vi o cavaleiro chegar atrás dele, sob sua capa. Então foi lá que ele escondeu o outro machado. Ele se moveu, mantendo os olhos no par paralisado.

O estranho passou rapidamente pelas feições proeminentes de Nicu e falou, mantendo a mão de Aire. —Você é um simplório. — Ele respirou.

—Não me chame assim. — Nicu disse.

Um lampejo de diversão enrugou a metade superior do rosto do estranho. —Olhos verdes. Rosto de elfo. Mente tola. Voz musical. Já ouvi falar desses detalhes. Sim, você é o neto do Real simplório. Por que você não disse isso?

—Eu disse, não...

—Eu ouvi você. — Ele murmurou.

Seus olhos se encontraram, escavando profundamente.

O invasor quebrou o transe. Passeando para trás, sua expressão se transformou de brega a suave. —Ele é todo seu.

Eu não tinha tanta certeza. Nicu não se mexeu, os olhos arregalados ainda fixos no estranho, que o ignorou como se nada tivesse acontecido.

Quem quer que fosse, ele enfiou a adaga em um careca amarrado no peito, depois deu de ombros para Aire. —Um mal entendido, então. Sem ressentimentos.

—Sua natureza forma arcos entre voláteis e irreverentes, mas sem o diabolismo ou o fedor da malícia. Você é um canalha, mas não um vilão.

—Parece bom para mim. Não muitas vezes que tenho convidados reais. Pena que uma equipe de busca está atrás de seu fugitivo, caso contrário eu iria me divertir por mais tempo. Fique, mas não fique confortável.

—Eu tenho ocultado nossos rastros até aqui.

—Pensando bem, fique, mas não fique confortável.

—Ou talvez nos sintamos à vontade —negociou Aire. —Você devolverá minhas armas, manterá a sua para si mesmo, e não divulgarei sua *incompreensão* e ameaça mortal à minha acusação.

—De toda a maldita sorte...

—Como chamamos você? — Eu perguntei.

O estranho puxou o lenço para baixo, expondo uma mandíbula raspada e um par de lábios jovens. —O nome é Lyrik.

—Não é *imbecil*?

Um sorriso. —E quanto a você?

—Eu sou Aspen, esse é Aire, e ele é Nicu.

Lyrik avaliou nosso grupo e parou em Nicu, que ainda estava colado a uma árvore. O invasor projetou seu queixo. —Qual é o problema dele?

—Você —, eu bati. —Você o levou como refém, seu idiota. Ele está com medo.

—Não estava assustado um segundo atrás. Foi absolutamente descarado. — Lyrik bateu a mão. —Deixe-me cuidar dele.

Eu me mudei para bloquear o patife, mas as sobrancelhas de Nicu franziram, um sinal de que ele não queria ajuda e seguraria contra mim.

Lyrik se aproximou. Ele apoiou um cotovelo no tronco e se inclinou, olhando para Nicu. —Nah, você não está com medo, está Pássaro Canoro?

Meu amigo engoliu em seco, um rubor rosa manchando suas bochechas.

A boca do patife se curvou. —Isso foi o que eu pensei.

Ele estava certo. Nicu não estava mais assustado.

Eu não sabia o que sua reação significava, apenas que isso significava alguma coisa. Eles não pareciam muito diferentes em idade, mas definitivamente em altura. A testa do meu amigo só chegava à boca do estranho.

O concurso de encarar durou muito tempo. Lyrik riu, bagunçou os cabelos de Nicu e se afastou, lançando mais um olhar perplexo por cima do ombro para ele.

Quando o momento terminou, Aire já havia recolhido suas espadas e meu machado. Eu deveria ter pensado em pegar minha arma, mas muita coisa estava acontecendo ao mesmo tempo, e o cavaleiro a teria confiscado de qualquer maneira. Mesmo móvel, ele permaneceu vigilante sobre isso.

O estranho liderou o caminho, cutucando a cabeça. —Deixe-me mostrar a vocês.

No chão, algumas pontes se arqueavam sobre o riacho, a única maneira de alcançar algumas das árvores. Cruzamos uma e subimos a espinha de um carvalho, as tábuas rangendo sob nosso peso.

Aire se comunicou em voz baixa com Nicu. Com a tensão, ele parecia mais abalado que o nosso amigo.

Não importava para onde os pensamentos de Aire o levassem, ele os reconheceu sem fugir. Lembrei-me daquela expressão perturbada quando comuniquei meu destino aqui e sua tensão quando chegamos.

Ele também continuou tocando seu anel, passando o polegar sobre a superfície enquanto olhava ao redor da área. Que tipo de votos ele havia falado com sua esposa ou marido? O que ele sussurrava no escuro?

Quanto mais alto chegamos, mais percebi. Vigas. Arabescos. Marcenaria. Toda fixação tinha sido cortada de madeira, cada uma exposta como ornamentação. Os carpinteiros e construtores desta colônia tinham orgulho de seu ofício.

Mamãe teria ficado apaixonada.

A versão antiga dela teria.

Meu sorriso desapareceu. Preocupar-se se ela estava bem ou esmagando seu trabalho em pedaços não me ajudaria. Afastei esses pensamentos. Junto com uma memória em particular.

Os degraus se nivelaram em um convés. Mais perto agora, as fundações eram mais precárias do que pareceram, as casas empalideceram e estavam desgastadas pela idade e pelo desuso.

Ainda assim, o estranho havia feito um trabalho decente, nutrindo o local, considerando que ele tinha sido o único voluntário para o trabalho. Quando passamos por um pequeno bangalô, vi ancinhos montados através de uma persiana aberta.

Quando o invasor atravessou uma ponte coberta, a visão enjoada dos meus braços amarrados em cordas invadiu minha mente. As donzelas-raposas rindo. Aire me encarando. Uma marionete inútil e sem vida.

Quando a ponte caiu, Nicu saltou à nossa frente. Aire o observou, depois me ofereceu o braço. O gesto me fez sentir estranha e estranhamente tímida, uma sensação de que eu não tinha a menor ideia do que fazer. Eu mesma conseguia controlar a travessia, mas o agarrei de qualquer maneira, sentindo sua pele quente como a luz do sol.

Quando a ponte se achatou e se abriu novamente para o céu, ele me soltou e continuou. Eu assisti suas costas flutuando, a capa batendo atrás dele, a palma da mão roçando as folhas ao nosso redor. Uma tremeu e caiu em seu ombro, e ele a segurou contra a luz abafada, admirando-a.

Vi alimentadores de pássaros e casas de pássaros aninhados no aglomerado. Minha garganta entupiu quando pensei em Punk.

Lyrik falou: —Os bangalôs à frente devem ficar bem para você. Por aqui.

Não por aqui. Não quando Aire parou ao lado de uma porta aberta.

Eu o segui. Nicu me seguiu.

Aire entrou na sala, com a gente atrás dele.

—Ei. — Amaldiçoando, Lyrik perseguiu nosso trio intrometido. —Fora dos limites.

Eu pude ver o porquê, com base nas prateleiras de vasos e frascos de vidro. As tigelas e jarros. Aquele pote de seiva de árvore. Essas ervas moídas. Os líquidos coloridos. Os pedaços de ferro.

Um padrão de losango de ladrilhos de madeira cobria o chão, cercando uma lareira e um caldeirão de barriga de panela. Cheirava mal e como faz de conta aqui. Como estimulantes.

—Uau. — Eu disse.

—É um trabalho em andamento—, disse Lyrik. —Eu me divirto nas artes.

A boca de Nicu enrugou. —Você apodrece e faz cócegas na mente?

—Você é farmacêutico. — Aire julgou.

—Mostre respeito. Sou explorador. — O trapaceiro corrigiu com um olhar furioso. —Tudo nesta sala é um jogo justo. Você vê algum ingrediente ilegal em nosso meio?

—Apenas os cogumelos. — Fiz um sinal para o lote de fungos manchados de vermelho.

—Se você sabe como aprendê-los direito, eles são inofensivos, não proibidos. Minhas misturas não roubam o senso das pessoas nem as envenenam. Os agricultores querem que suas plantações cresçam mais exuberantes? As donzelas querem tinta azul para um vestido que apenas os nobres podem pagar, que também brilharão mais do que a seda jamais poderia? Os egomaníacos querem cabelos impecáveis que durarão um ano sem manutenção? Estudiosos querem uma mistura para aumentar seu intelecto? Certo. Desde que o cliente tenha uma bolsa gorda e o desejo seja inofensivo, farei o meu melhor.

—Agora, uma alma miserável pede algo que cheira a trabalho pesado? Eu digo não. Sou o que você chamaria de feiticeiro químico, mas nenhuma das minhas misturas são nefastas, contaminadas ou viciantes. Entendeu?

Aire inspecionou uma jarra de vinho. —Você tem certeza?

—Uma colher de cada vez não fará mal a ninguém. Além disso, o álcool queima quando aquecido. Eu sei o que estou fazendo.

—Concedido, cheira a maneira do trapaceiro de alcançar esses encantos.

—Sim? Diga-me, Senhor Cavaleiro. Como é andar no ar?

—Se nada disso é criminoso, por que você estava tão irritado quando chegamos aqui? — Eu perguntei. —Esconder o rosto e apontar uma adaga para alguém não grita inocência.

—Você quer vagabundos no seu território? Tocando suas coisas? Eu protejo o que é meu e, quando alguém aparece cantarolando sobre ladrões, tendem a ficar nervosos.

Nicu mordeu o lábio, mascarando um sorriso astuto. Então agora ele achava engraçado.

Por isso Lyrik o chamara daquilo antes - um pássaro canoro. Meu amigo se afastou enquanto Aire e eu brigávamos. Vagando, indiferente à direção, ele carregou uma música e desviou direto para os braços de Lyrik.

—Quando eu sirvo as pessoas, faço fora desses muros —, continuou o idiota. —Fácil o suficiente quando eles evitam esse lugar, assustados por serem amaldiçoados pela natureza. Faço minhas viagens como qualquer vendedor ambulante, vendo o que posso e volto para casa com mais pedidos. Sempre que os viajantes passam por aqui, eu vendo o que eles precisam - mas nem todos querem pagar, e nem todos são legais com isso. Os caçadores de bolota de noz têm sido os piores.

Meu coração maluco bateu forte. Embora a maioria das pessoas tenha desistido de procurar aqueles encantos de contos de fadas, fazia sentido se existissem alguns retardatários, esperando tentar a sorte, aventurando-se aqui apesar das superstições.

O problema era, as pessoas assumiram que duas bolotas foram deixadas. O público não sabia do meu coração ou da posse da coroa.

À menção do conto de fadas, Aire gravitava pela porta aberta. Lá fora, o vento o cumprimentou, arranhando seus cabelos loiros. De pé no parapeito da varanda, ele se misturou aos galhos, seus olhos de falcão vagando.

Sua partida pode ter parecido rude, exceto por duas coisas. Uma, não era rude. Segundo, ele ainda estava ouvindo a conversa.

Na verdade, três coisas. Três, ele estava nos vigiando. Embora ele considerasse seguro, ele não conhecia Lyrik ou esse lugar, e essa inclinação natural para ficar de guarda lhe dava um propósito. Além disso...

Qualquer conversa sobre fantasia ou contos de fadas o incomoda.

Então, quatro coisas no total. E hm, lembrei-me de nossos debates no caminho até aqui, de nossas brincadeiras sobre o assunto.

—Um punhado de perseguidores de bolotas ainda acha que há uma chance de encontrar uma aqui —disse Lyrik, arrancando minha atenção do cavaleiro. —Quando eles não conseguem, eles anseiam por prêmios de consolação e tentam saquear meu estoque. Alguns convidados não convidados são tão bons quanto o Outono. Alguns, nem tanto. A rigor, já tive muitas experiências com este último. Hoje sou menos hospitaleiro.

—Para ser justo, esta colônia não pertence a você —, eu disse. —Pertence a Mista.

—Me chame de invasor, mas este lugar seria negligenciado se não fosse por mim.

—À quanto tempo você esteve aqui?

—Um tempo.

—Isso faria você quantos anos?

—Dezessete.

—Eu também. — Disse Nicu, embora Lyrik não o reconhecesse.

Da borda, Aire fez uma pergunta que não parecia uma pergunta. —Você é do outono?

Lyrik desviou aquela flecha. —O que você acha?

—Você tem a tez do verão, os ingredientes profissionais do Inverno e o nome de Primavera.

—É Lyrik com um k —, ele corrigiu. —Só parece que eu sou nomeado após a música. Mas desde quando nomes têm que corresponder a Estações?

Eu levantei meu ombro. —Como tudo o mais sobre você, é apenas uma coincidência engraçada.

—Este sou eu. Uma coincidência engraçada.

Aire lançou-lhe um olhar de soslaio. —Você tem raízes Mista, mas isso não completa sua linhagem.

Lyrik mordeu o lábio inferior. —Onde estão minhas maneiras? Eu sou o anfitrião. Não deveríamos estar falando de mim. —Ele zombou do meu caminho. —Qual é a sua história, marmota?

—Meretriz. Marmota. Tão original.

—Eu não sabia que marionetes vinham do seu tamanho, muito menos andam e conversam.

—As Estações divinas se tornaram criativas e se divertiram me abençoando.

—A propósito, sem ofensas ao seu tamanho. Os quadris parecem bem em você. — Nesse momento, Lyrik notou o anel de Aire. Ele olhou para o cavaleiro enquanto balançava a cabeça em minha direção. —Desculpe. Eu não estou olhando sua esposa, se é isso que a careta é.

—Nós não somos casados. — Protestamos Aire e eu ao mesmo tempo.

Lyrik estudou nós dois. —Certo. Tudo bem, meu erro.

Eu desviei meus olhos do cavaleiro. —Muitos rapazes me elogiam. Só não espere reciprocidade. Eu tenho padrões mais altos do que invasors.

—Não se preocupe. Eu tenho padrões mais altos que mulheres.

Oh. Portanto, seus gostos não se inclinavam para o sexo oposto. Com sua coloração exótica de azeitona, barba por fazer e cabelo preto comprido e ondulado, senti pena das meninas da vila que bajulavam o malandro. Eu falava a linguagem deles e apostava que as pobres coisas compravam suas poções mais para chamar sua atenção do que seus negócios.

Lyrik não olhou uma vez para Nicu, que bisbilhotava a sala. No entanto, quando o invasor se virou, ele sabia onde encontrá-lo, caminhando na direção dele sem problemas.

Nicu estava estudando um frasco contendo uma substância leitosa. Lyrik parou na frente dele e levantou a tampa. —Um dos meus favoritos. Puramente para a atmosfera, mas quando o líquido encontra o ar, a fumaça sobe, muda de cor —ele encontrou o olhar de Nicu — e ilumina a sala.

Os vapores dançavam do lábio e ficavam rosados. Hipnotizado, Nicu passou o dedo por ele, fazendo os tentáculos tremerem.

Ele exclamou: —Está corando!

—Bacana, hein? — O patife entoou.

Nicu observou a névoa, enquanto Lyrik o observava. Meus olhos piscaram entre eles até que a força de um ciclone me distraiu.

Minha cabeça se inclinou para o lado, assim como o olhar de Aire desviou do meu e se retirou para o cenário. Seu peito subiu e desceu, então seus olhos cruzaram a divisão mais uma vez, enquanto o quarto corava.

Nós chegamos até aqui. Nós estávamos aqui. Eu tinha uma floresta para explorar, e o cavaleiro tinha coisas de Cavaleiro a fazer. Mas tudo que eu conseguia pensar era ficar ao lado dele. Lá fora naquele terraço, no limite do mundo, vendo o céu ser o céu.

—Um cavaleiro valente. Uma marmota atrevida. E um pássaro canoro fugitivo — ouvi o malandro dizer. —Bem-vindos à terra do pensamento positivo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

HONESTIDADE

Eu a observava. Enquanto eu ficava de guarda do lado de fora do quarto do explorador, meus dedos flexionaram sem saber o que fazer, o que tocar. Nossos olhos engoliram a curta distância entre nós, a experiência trêmula, sua duração um tanto profunda.

Embora ela tenha me pego olhando na primeira vez, ela se virou na segunda. Essa pequena e ridícula vitória agiu como um bálsamo, uma penitência para minhas preocupações com essa busca.

O resultado foi de curta duração. Eu queria que ela olhasse para mim novamente.

Isso me colocava em um impasse, inquieto e ansioso. Cheio de algum desejo enlouquecido, voltei seus olhos para mim, sem sucesso. Como tal, me vi à disposição do destino, preso entre a perda dela de um lado, a floresta iminente do outro.

Examinei a natureza, seus galhos retorcidos e folhas trêmulas, procurando o que havia por perto. Este reino hipnotizava e aterrorizava, com sua arquitetura maravilhosa e antiga selvageria, sedutora em sua cor e escuridão. Emulava a amplitude de um conto de fadas - alguém para acreditar em tais fantasias.

Não eu, embora minhas mãos não tivessem resistido a pousar em um tronco ou a roçar os galhos, admirando e desconfiando de tudo o que nos envolvia.

Meus olhos rondaram, mas, no geral, a vista se tornou demais. Tomando nota das estações de observação e das fendas das flechas nos postos avançados, meu pulso se acalmou. No entanto, antecipando o próximo incidente no qual eu poderia trocar olhares com a garota, ele aumentou novamente.

O que aconteceria agora? Eu não sabia a resposta, nem a razão pela qual meu olhar se desviava para ela com tanta frequência. Apesar da abundância de opções de distração, como o bem-estar de Nicu e a existência cruel de Lyrik, eu a observava.

Lyrik notou o pedaço de terra no queixo de Nicu e nos levou a uma câmara de banho comum, com uma banheira centrada em uma cabana de madeira de parquet. Uma alavanca se levantava do chão, conectando-se a um tubo que descia pela árvore e entrava no riacho. Quando puxada, a abertura da alavanca agia como uma torneira, a água jorrando para a banheira.

Depois de preenchida, Lyrik adicionou gotículas de um decantador, e a banheira borbulhou, o vapor subindo da superfície. A garota se recusou a participar, dizendo que não podia se molhar. Com seu cheiro de terra e incapacidade de transpirar, alguém poderia supor que ela havia tomado banho apenas esta manhã.

Nicu se entregou primeiro. Sua incapacidade de direção e espaço se tornava ameaçadora se os objetos nem sempre fossem colocados no mesmo local, ou seja, em casos extremos, ele podia confundir um espeto com uma barra de sabão. Forma, tamanho e textura eram algumas vezes designações irrelevantes. A batalha nunca poderia terminar, mas diminuiu com o treinamento, ao qual Nicu se dedicara. Não obstante a atmosfera estrangeira, ele não precisava da minha ajuda para tomar banho, pois não havia sido um problema significativo em anos.

Pensando nas palavras da garota na floresta de abóbora, resisti à vontade de guardar a entrada, me contentando em manter a vigília no meu lugar original.

Quando Nicu terminou, ele se juntou a Lyrik e a donzela de madeira, enquanto eu tomava minha vez. Na floresta de abóbora, eu havia guardado as roupas de um guarda-roupa em um dos quartos, escolhendo apenas o que não seria desperdiçado. Recuperando-os do cavalo, voltei para o banheiro. A banheira foi drenada e encheu novamente, e eu afundei, a espuma lambendo meus músculos. Eu descansei minha cabeça contra a borda, calor quente, mas não consegui penetrar, purgar ou consolar.

Mista seja minha salvação, Estações, meu guia, pois questionava minha sanidade ao permitir essa jornada. Durante toda a vida, vivi de acordo com minhas promessas e credos, a serviço da Coroa. No entanto, dentro de um dia, eu tinha escolhido o desejo de Nicu sobre o dos meus soberanos.

Foi um testemunho da minha amizade com ele. Nós nos conhecíamos desde a infância, quando ele chegou pela primeira vez ao Outono, vindo da Primavera, e, embora eu tenha mantido distância nesses anos iniciais, testemunhei seu desejo de companhia, sua confusão sobre como as pessoas o viam, como discretamente evitavam ele. Além de duas amigas, ele procurou mais de mim e, eventualmente, nos unimos. Foi realmente um dia feliz, como tem sido desde então.

Ver Nicu despojado me feriu. Eu daria minha vida por ele, tanto por parentesco quanto por lealdade.

Minha consideração pela garota era injustificada. Eu escolhi ajudar alguém que uma vez considerara uma bruxa, um fantoche, uma manifestação de visões perturbadoras do pátio de treinamento. Ela havia solicitado minha

ajuda através de uma demonstração chocante: um truque mágico não-mágico, o nariz se alongando em consequência de uma mentira.

Os reinos das quatro Estações não exigiam nem produziram seres místicos neste mundo, pois a própria natureza possuía seu próprio mistério. Ele agraciava e confundia nossas terras com seus enigmas, de trovões cortando o céu a pedregulhos de granizo, de ventos fortes a nuvens céticas, de uma Estação a outra, da floresta estrelada do Inverno, à floresta floral da Primavera, até a ilha da Chuva Perdida no Verão - uma ilha da floresta tropical, deserta até sete anos atrás, quando o príncipe do Inverno e uma prisioneira do Verão haviam naufragado em suas margens - para outras anomalias entre os reinos.

A natureza deixou sua marca, que não excluiu seu povo.

Se decidiu forjar uma garota de pele de madeira, o fez.

Eu viajei com meus governantes para cada reino, mas nem mesmo eu podia presumir saber quais características raras as Estações haviam legado a outras almas dentro dessas terras.

No calor do debate com ela, eu realmente tinha me esquecido de sua pele.

O nome dela era Aspen, e ela não era uma invenção ou criatura. No entanto, eu sabia que ela era uma infratora da lei, uma manipuladora e uma pirralha autoindulgente.

Tudo isso, ainda assim eu a observei.

Levantei-me do banho, riachos escorrendo pelo meu corpo nu e vesti roupas limpas. As roupas se encaixavam, embora mais magras, no peito, a camisa e o casaco aberto tecidos de linha da meia-noite, a calça de um corante de ardósia.

O casaco bateu nas minhas pernas, até os tornozelos. As fivelas que seguravam minhas espadas pendiam dos meus quadris quando saí da câmara de banho.

Encontrei Nicu e a garota conversando em um terraço, alcançado por uma escada em espiral. Era pouco mais que uma tábua redonda de circunferência modesta, que incentivava a intimidade e a camaradagem, com banquetes curvos embutidos ao longo da fronteira e uma fogueira central. Enquanto chamas engolfavam o nexo do poço, o par se inclinou contra o parapeito, de costas para mim, seus ombros batendo enquanto sussurravam.

Quando saí no patamar, a garota ficou rígida, os meandros ocultos de seu corpo mudando em conjunto. A cabeça dela caiu sobre o ombro, os olhos tropeçando no meu novo traje, interrompendo quaisquer pensamentos que a tivessem ocupado. Eu senti esse olhar através de cada ponto do material.

Ela não era uma garota. Ela era uma jovem mulher.

Que pensamentos a dominavam? O que a inspirou a continuar olhando para mim?

Eu não ligo para esse olhar em particular, para a página em branco dele. O desconhecido me esgotava das palavras e dos sentidos, me exaurindo e me emocionando em um grau formidável. A visão dela não me deixava mais sensível, mas sim outra coisa.

Tudo isso, ainda assim eu a observei.

Meus olhos se fecharam e os dela reviraram. Mantivemos nossa rotina, nosso desequilíbrio de caráter - e níveis de maturidade. O fato de eu me regozijar com essa sutil animosidade em vez de corrigi-la, como qualquer cavaleiro digno deveria, me enchia de contrição.

Antes, meu corcel e a mula haviam sido alimentados e assentados em um antigo estábulo comunitário perto de um piquete. Descobrir outro cavalo

morando lá me fez refletir sobre como Lyrik deu ao animal, sem mencionar os ingredientes de suas poções. Presumivelmente, ele fez uma barganha difícil pelos coquetéis incomuns que preparava. Além disso, morar aqui não lhe custava nada.

Ainda assim, Lyrik vivia mais confortavelmente do que a maioria dos plebeus.

De baixo, um relincho distinto colidiu com um zurro exigente. Isso aconteceu no momento em que o garoto em questão passeava pelo terraço, as joias serrilhadas cobrindo sua orelha brilhando como uma foice pontiaguda.

Nicu olhou para ele com curiosidade, enquanto o invasor não fazia isso. Ignorando todos nós, ele caiu no banco e enfiou a vegetação seca em um pequeno cilindro de papel. Inclinando-se em direção às chamas, ele acendeu o cigarro e sugou seu conteúdo, que liberou um perfume distintamente duro que permeava a atmosfera.

Os olhos verdes de Nicu secretamente inspecionaram o jovem, que permanecia desatento à atenção ou indiferente a ela. Eu já testemunhei meu amigo tão quieto? Apesar de sua compulsão por conversas e seu zelo aberto pela comunidade?

Ser abordado pela adaga de Lyrik poderia ter inspirado o silêncio, embora eu sentisse que não.

Com o cilindro apoiado entre os lábios, Lyrik reclinou e deu um tapa na cadeira, acenando para os visitantes. Enquanto nos acomodávamos ao redor do fogo, eu examinei seu personagem - *hospedeiro* um termo de caridade demais para conceder a ele, *convidados* muito precário para descrever esse encontro incomparável de viajantes.

A introdução desse explorador complicava ainda mais meus sentimentos em relação a essa floresta. Se surgisse a necessidade, eu poderia superar sua adaga, mas não os vapores que ele inventava, caso se mostrasse perigoso.

A banquete ao lado da minha rangeu, a figura da donzela de madeira um borrão na minha periferia. Eu me mexi no assento duro e joguei meu olhar para outro lugar.

—Isso é erva de Mista? — Ela perguntou a Lyrik, sua voz combinando com a fumaça saindo da boca dele.

—Nah, apenas o básico —, o facilitador demorou. —Mas se você está perguntando, eu posso ter um estoque de coisas alegres. Vai te custar.

Ela jogou uma pilha de cabelos por cima do ombro. —Obrigada, mas eu não pago pelas coisas.

—Um talento, de fato. — Eu murmurei, recebendo um escárnio de menina pelo meu problema.

—Meus lacaios os pegam para mim. Se eu quiser, eles pegam - porque eu digo.

—Eu não me gabaria de tal conquista com orgulho.

—Claro que não. Você julgaria e depois se felicitaria por ser perfeito.

Ela e eu trocamos um olhar maduro com o conflito.

Lyrik esticou um braço sobre o banco e observou nossa briga com uma inclinação de cabeça, o papel cilíndrico escaldante posicionado entre os dedos. —Então. Por que estamos todos aqui? Eu vou primeiro. Estou aqui porque foi aqui que comecei e não tenho vontade de sair.

—É isso aí? — A garota perguntou. —Que tedioso.

—E você? Você disse que está aqui para encontrar algo. O que?

Ela evitou os olhos dele. —Uma cura.

—Sua pele parece saudável para mim.

—Por que todo mundo acha que estou falando de mim? — Ela agarrou, sua testa enrugada um pouco... fofa.

—Que cura? — Lyrik perguntou. —Eu posso ser capaz de dirigir

—Ainda não sei. —Eu a senti decidir o que revelar e o que reprimir. —A minha mãe está doente. Acho que pode haver algo crescendo nesta floresta que a ajudará.

—Como ela está doente?

Ela e Nicu se entreolharam, algo confidencial trancado entre eles, acompanhado pela rajada de outra emoção mais suave.

Lyrik balançou a cabeça. —Não posso te dizer o que cresce onde, a menos que você-

—Deixe-a em paz. — Eu disse.

—O herói vindo em defesa da donzela?

—Eu não sou uma merda de donz-

—Você não ofereceu sua própria história à capacidade —, eu bati para ele. —Portanto, você não pode esperar que a garota compartilhe os detalhes da doença de sua mãe. A menos que você seja médico?

—Retórica como sua pergunta era, eu responderei de qualquer maneira. Os exploradors não são letras de sangue ou curandeiros. Não sei como agachar a reparação de um osso quebrado, mas posso pulverizar uma mistura na pele que fará o osso brilhar sob a superfície, para que o médico o veja melhor.

—Então pare de interrogá-la.

A garota parecia confusa, talvez porque eu tivesse falado com vigor em seu nome, e talvez ela não soubesse como reagir, pois eu certamente não.

—E você, cavaleiro? — Lyrik perguntou. —Por que você está aqui?

Dentro do meu silêncio, espreitava uma multidão de respostas, nenhuma das quais eu desejava dar.

—Ele está aqui para todos, menos para si mesmo —, a garota murmurou. —Ele é um protetor.

Eu me mexi. O que ela disse era a verdade.

Lyrik apontou para si mesmo. —Residência. — Então ele apontou para a garota. —Doença. — Então ele apontou para mim. —Proteção.

Ele chupou o cilindro, expeliu fumaça e desviou para Nicu. —E você?

Percebi que Nicu havia parado de observar o explorador e começado a assistir a noite descer sobre a floresta, sua retirada também muito diferente dele. Ele começou com a pergunta de Lyrik. —Eu... eu estou...

—Não seja tímido.

—Eu não sou tímido.

—Não achei que fosse.

—Estou capinando, caindo por meus próprios sóis e luas.

—Independência —, traduziu Lyrik, compreendendo o discurso rebelde de Nicu sem prática. Ele jogou cinzas na cova e observou as brasas. —O neto da rainha, hein? Isso faz de você um príncipe?

Não fazia. A rainha era sua avó em nome e amor, mas não por sangue. No entanto, a princesa Briar o teria nomeado herdeiro do trono, colocando-o na linha de sucessão, se não fosse por sua condição, o que o tornava um candidato improvável a dirigir um país. Esse compromisso seria demais para Nicu, e como a princesa e o bobo da corte também eram amantes solteiros, o filho deles não era um príncipe. Ele era simplesmente o Filho Real.

A voz de Lyrik tinha um desleixo, mas o desleixo poderia se endireitar a qualquer momento e se tornar matéria combustível. Não era uma perspectiva favorável.

Eu avisei o ocupante: —Faz dele seu superior e nosso amigo.

—Eu estava perguntando ao pássaro canoro.

—Você disse que sabia dele.

—Eu ouço o que ouço. Nem nada, nem tudo.

—Eu posso falar por mim —, Nicu me declarou. —Eu tenho minhas próprias palavras.

—Evidentemente. — Apoiando um pé na beira da fogueira e apoiando a cabeça no banquete, Lyrik soltou fumaça no céu. —Me esclareça. Cante uma música para mim, Pássaro Canoro.

Nicu se animou e cantou uma balada sobre sonhos, as falas aleatórias e sem sentido. Como sempre, isso não teve consequências contra a flauta prateada de sua voz, tornando as palavras secundárias. Ninguém poderia negar seu dom de produzir uma melodia onírica, capaz de lançar feitiços.

A menina e eu aplaudimos, elogiando seu talento. Lyrik, no entanto, ofereceu uma resposta tardia. Ele enfiou o objeto fumegante na boca, seus aplausos atrasados, batendo palmas preguiçosamente nas copas das árvores. Sua expressão permaneceu inalterada, imóvel, não impressionada.

Com isso, a expressão de Nicu vacilou.

Minha aversão ao nosso anfitrião se intensificou. A jovem mulher ao meu lado também olhou para ele, nós dois unidos em pelo menos uma coisa.

A donzela da madeira abriu a boca para esfolá-lo, mas uma perturbação a interrompeu e me fez levantar. Fui até a beira do terraço, ouvindo um toque rítmico ecoar acima, ficando mais pronunciado, até que a jovem ofegou. Ela bateu os nós dos dedos no banco, combinando o tempo, e as batidas responderam da mesma forma.

—Punk! — Ela saiu do banquete e bateu no terraço. —Onde você está?! Eu vou te matar!

A pica-pau saltou dos galhos, suas penas atravessando uma corrente de ar. Então ela pulou em círculos ao redor da jovem, batendo como se quisesse provocá-la. Uma cacofonia de alegria se seguiu, com a garota de madeira saltando na ponta dos pés e o pássaro saltando no ar, e as duas se comunicando. Era impossível entender uma coisa, com a garota dando um sermão no pássaro por tanto tempo e o pássaro cantando.

—Oh, minhas Estações, onde você estava, eu estava tão preocupada, você foi pega, está bem, você nunca vai acreditar no que...

Piar, piar, piar, piar...

Elas pulavam no lugar, a garota segurando as asas do pica-pau, continuando a espalhar palavras e pios vertiginosos por toda parte.

Uma vez mais calmas, elas se abraçaram, o pássaro roçando o bico embaixo do queixo da garota e a garota segurando o pássaro no peito. Nicu e eu sorrimos, testemunhando a mais amável e barulhenta das reuniões. Fiquei feliz com a donzela de madeira, ao ver sua amiga retornando sem ferimentos.

—Por que demorou tanto? — Ela reclamou, soltando sua companheira.

O pássaro voou para a árvore, os galhos se arrastando e cuspindo um chapéu de penas.

Isso submeteu Lyrik, Nicu e eu a um barulho incomparável: um grito.

De fato, o grito da menina atravessou a colônia. Ela pegou o chapéu e fez uma pequena dança acentuada no quadril, depois o apoiou sobre a cabeça, colocando-o em ângulo.

Parecia que a valiosa pássaro chamada Punk havia conseguido sua missão, entregando minhas notícias para a realeza conforme as instruções e, em seguida, recuperando o chapéu de sua amiga das donzelas-raposas. Um empreendimento corajoso, mas como no mundo ela conseguiu levar o acessório até aqui?

Com esse estranho grupo completo e as apresentações feitas, o clima aumentou. Punk voou entre a garota e Nicu, depois sentou-se no colo da donzela e cochilou.

De um armário embutido em um dos carvalhos, Lyrik pegou um jarro de cidra e o derramou em xícaras. Jantamos com um pão saudável de centeio e milho assado, aquecendo alguns grãos até que eles estourassem. Descobri quão animada a comedora e bebedora era, sua língua traçando gotas de suco de seus lábios.

Lyrik acendeu um segundo cilindro de papel, o cheiro mordendo o ar. Ele transmitia rumores de pessoas que moravam aqui, habitantes de antigamente, vivendo em um deserto conhecido por abrigar um conto de fadas, igualmente sombrio e encantador. Não é de admirar que tenha convencido tantos, pois essa floresta dava a impressão adequada.

A garota de madeira ouviu nosso anfitrião com intenção, mas quando ele disfarçou sua voz para algo conspiratório e cheio de espíritos, a atenção dela diminuiu, não o levando mais a sério.

Nicu olhou para Lyrik com entusiasmo cético, sua expressão parecendo atingir Lyrik de alguma forma, motivando o patife a envolvê-lo. Eu me afastei da conversa deles, mas enquanto eu estudava a direção do vento, peguei vislumbres do par e escutei.

Nosso anfitrião perguntou: —Então, onde você aprendeu esse excelente truque de canto?

—Você gostou? — Nicu parecia surpreso, com razão. —Por que você não disse isso?

—Você precisava que eu dissesse?

Após um momento de reflexão, Nicu acusou: —Você é uma gavinha.

—Você está certo. Sou um provocador. — Reconheceu Lyrik.

Nicu balbuciou. Lyrik fumava, ocasionalmente contribuindo com um comentário não investido, possivelmente brincando com meu amigo.

Enquanto isso, a menina roçava as penas da companheira, vendo a criatura dormir. Eu vi a cena, extasiado pela demonstração de afeto e considerando seus méritos: adoração por aquele pássaro, um parentesco com Nicu e devoção a uma mãe doente. Embora limitado, existiam bons lados para essa donzela de madeira.

Uma busca por conhecimento me obrigou a agir. Embora eu não previsse que ela me falasse sobre sua mãe, ela poderia explicar outros assuntos.

—Eu me pergunto se você não é uma pessoa notória —, eu disse. —Eu nunca ouvi falar de você, mas eu sinto que deveria.

—Por causa da minha pele de madeira? — Ela perguntou. —As pessoas brincaram no começo, quando eu era pequena. Eles pensaram que mamãe era uma bruxa e quase a forcaram, mas ela os convenceu de que eu havia sido criada a partir da vontade da natureza, que Outono havia concedido a ela um tipo raro de criança - uma com deficiência de pele. É por isso que o burburinho nunca chegou longe do quarteirão, embora demorasse mais tempo para as crianças pararem de tirar sarro de mim.

—Por que sinto que você foi bastante diligente em fazê-los parar?

Um sorriso malicioso apareceu em seus lábios. —Com a maioria das pessoas ainda chamando de tolos nascidos, tolos nascidos naquela época, e com a realeza declarando o Outono um paraíso e incentivando a integração, os locais tinham outras coisas para preocupá-los. Embora eles ainda olhem para mim e vejam uma doença de pele, além de um conjunto de articulações bem estranhas.

A frase *nascido tolo* não era tão usada quanto antes. Antigamente, Outono reivindicava os nascidos como propriedade da Coroa, assim como todos os

reinos. Embora Mista fosse agora uma fornecedora de igualdade, alistando Inverno como aliado em seus esforços, o termo ainda existia em nossa terra, assim como os preconceitos entre metade dos cidadãos de Outono. Por eras, pessoas com doenças da mente eram consideradas abominações - aquelas com aflições físicas, um pouco menos.

Independentemente disso, essa garota sabia o quanto ela se destacava.

Ela girou seus voluptuosos quadris de madeira em minha direção. —O que é preciso para recuperar meus machados?

—Existe uma ameaça à espreita dentro de sua pergunta.

—Você não sabe com quem está lidando. Não tenho nenhum problema em jogar injustamente. Tussa-os e tossirei uma promessa. Não vou explicar mais sobre porque você não é o soldado perfeito. Eu sei que você está com medo de ouvir.

Minhas sobrancelhas se enrugaram. —Você se orgulha de aproveitar das fraquezas das pessoas.

—Você está admitindo que tem fraquezas para eu me aproveitar?

—Quão curioso de você progredir de suplicar para chantagear. As ações sujas não beneficiarão você, e serão desperdiçadas comigo, pois você é muito grata à minha ajuda. Este crédito eu concederei: Em circunstâncias normais, você é racional o suficiente para não dar muita sorte, mas não pode se ajudar hoje à noite. Eu me pergunto por esse motivo - sejam as armas que você deseja ou sua busca mercenária de controle. De qualquer maneira, porque eu lhe fiz um serviço, sua lógica sabe que não deve me ofender, por mais lenta que a trindade de sua consciência, instinto e língua seja alcançada.

—Por favoooooor.

Seu semblante combinava com seu prolongado gemido. Eu desviei o olhar, escondendo o torcer traidor dos meus lábios. Que tipo de truque era

esse? Sua capacidade de provocar tais reações físicas, de presságios a animosidades e divertimentos?

Sua voz se encolheu de resignação. —Você é um projeto infernal.

—Eu ecoo esse sentimento.

Ela tinha sido a causa de inúmeras perturbações, invadindo minha vida com tranquilidade. Quando ela me falou do nosso destino, desse mesmo lugar, ele ressuscitou memórias indiretamente ligadas a essa floresta de conto de fadas e suas bolotas, uma conexão da qual eu não podia escapar.

Essa donzela de madeira também poderia estar ligada ao conto de fadas?

Ela se aventurou aqui para procurar uma cura. Essa cura poderia ser uma das bolotas?

Embora esses tesouros lendários tivessem sido abençoados aqui e prometessem uma vida melhor, a história implicava que o vento os havia soprado desde então. No entanto, essas bolotas confusas poderiam muito bem ser seu objetivo, pois ela poderia estar tão desesperada para tentar de qualquer maneira.

De fato, na floresta da abóbora, ela alegou ser uma otária por milagres. Isso por si só, tinha sido uma indicação.

No entanto, ela já teria confessado um objetivo tão comum e previsível, já que inúmeras almas procuraram o mesmo desejo. Então, por que ela simplesmente não disse isso?

Quanto ao castelo, embora ela tivesse invadido por um remédio, não poderia ter sido especificamente para a bolota. É verdade que ela havia explicado sobre a chave de graveto, uma empreitada que significava que havia investido um esforço considerável em invasão. Mas ela não podia saber de outros fatos: que uma das bolotas havia sido encontrada e depois presa no cofre. Essa era uma informação privilegiada.

Ninguém sabia dessa noz infernal, exceto eu, a família Real, seus conselheiros mais discretos e a carpinteira que fez o caso de apresentação da bolota - uma embarcação para exibição pública permanente.

A marceneira tinha jurado segredo. Eu não tinha estado intimamente envolvido no processo de comissão, por razões dolorosas demais para lembrar. A esse respeito, a princesa e o bobo da corte foram compassivos, deixando-me fora dos detalhes.

Portanto, eu não conhecia a carpinteira, embora a pessoa estivesse ao serviço da Coroa há anos. Os cavaleiros não se familiarizaram com todos os comerciantes ou mulheres com os quais a realeza lidava.

Por fim, mantivemos a bolota em segredo dos cidadãos de Mista, como precaução necessária, até agora; Recentemente, planos para a inauguração estavam em andamento. Chegara a hora de compartilhar essa bolota com o mundo, como um símbolo de esperança e unidade, a crença de que toda pessoa merecia uma vida boa.

O único membro desinformado da família real estava sentado à minha frente. Nicu não tinha ideia da bolota... tinha?

Eu balancei minha cabeça. Ele não sabia. Nem a donzela de madeira, sua invasão e suas intenções no reduto meramente coincidentes.

No entanto, ela pode ter recorrido a este lugar para o conto de fadas. Ela pode ter visto a bolota como uma alternativa ao seu fracassado empreendimento de castelo. Ela poderia estar verificando todas as opções da lista. Quem não teria se tivesse uma mãe doente?

Nesse caso, e se ela optou por manter essa noção em particular, não via mal nisso. Duas bolotas foram reivindicadas, o que significava que uma ainda existia. Deixe-a procurar, se essa era sua vontade.

A única bolota que tinha algum significado para mim estava a salvo no castelo. Ela não tinha procurado aquela.

Ela voltou a atenção para a pica-pau, e eu deveria estar satisfeito, e eu deveria redirecionar meus pensamentos ao vento.

No entanto, eu a observei e a observei, e a observei.

CAPÍTULO DEZESSETE

FANTASIA

Pela terceira vez, acordei. A luz das estrelas vazava no bangalô que eu tinha escolhido. Não o de má qualidade que Lyrik me convidara para ficar, mas aquele semi-decente que eu havia escolhido sem a permissão dele. Vinhas pitorescas pulavam os lintéis, e a cama de dossel precisava apenas de uma teia de aranha, talvez uma amostra de papel áspero em algumas áreas, ao contrário do reaproveitamento de algumas outras habitações necessárias.

Lyrik havia me trazido cobertores em um padrão cruzado, como o material que as donzelas-raposas tinham usado. Eu também o intimidei a carregar pedras para o meu quarto, e ele me intimidou para não pedir mais nada.

Sim. Nós falamos a mesma língua.

Ele saiu para escoltar Aire e Nicu para uma casa na árvore com quartos adjacentes. Punk tremulou atrás deles, me lançando um olhar. Muito feliz por ela não ter acabado nas garras de um falcão do relógio do castelo, ou no estômago de uma raposa, acenei para ela. Ela fez uma longa viagem e ficou impaciente para escolher uma casa de pássaros; Eu a veria de manhã.

Eu soltei a bolota da minha liga e a escondi em uma gaveta, depois me refresquei. Os banhos estavam fora de questão, nem minha pele de lenha precisava deles. Não obtinha classificação tão rapidamente e a secagem levava uma eternidade.

Em vez disso, eu arrumei as pedras na lareira até que ficassem quentes o suficiente para me rejuvenescer, mas sem escaldar o suficiente para queimar o local, ou a mim mesma, em cinzas. Depois de usar uma pá para colocá-las no chão e cobri-las com panos, recostei-me na cama improvisada de pedras quentes, afrouxando as dobras.

Logo após o jantar, Aire pegou meus suprimentos - tudo, exceto minhas armas - do cavalo e os devolveu para mim. Eu usei uma lima que eu tinha guardado para polir minhas solas e pulsos, depois troquei para uma camisola. Eu tentei descansar ao som de sons terrestres do exterior, mas minha mente estava girando como uma roda - de mamãe, até a volta de Punk, para o mundo do lado de fora da minha porta.

Eu saí da cama e enrolei meu cabelo em um coque bagunçado. Amarrando minhas botas e colocando um cobertor xadrez em volta dos meus ombros, saí de casa. Uma ponte perto da minha porta se conectava a outra passarela, então foi para lá que eu fui.

Por toda a colônia, chamas líquidas brilhavam dentro das luminárias das caixas, oferecendo uma luz não natural, mas pacífica. Provavelmente trabalho de Lyrik.

A interseção de duas pontes formava outro terraço, onde um par de balanços pendia dos galhos. Eu me arrastei para um dos assentos e balancei, as cordas grunhindo e a barra da minha camisola lambendo as tábuas do chão.

Uma coruja solitária piou, uma trombeta de som gaguejante. Criaturas noturnas cantarolavam e riam.

Meus dedos pressionados no chão. Eu os usei para empurrar com mais força, aumentando o momento, aumentando a altura. A distância do terraço e meus pés cresceram enquanto eu me movia para frente e para trás. O balanço desceu, e meu estômago desceu, e meus joelhos desceram.

Rajadas de ar correram para mim, sobre mim, ao meu lado, através de mim.

As sensações percorreram meu interior. Enquanto a fuligem da noite me envolvia, joguei a cabeça para trás, inclinando-me o suficiente para o meu coque se desdobrar e as pontas do meu cabelo para escovar o chão. O cobertor caiu dos meus ombros.

Pensei em ser criança novamente, uma pequena moldura de madeira aprendendo a usar minhas partes, como funcionar. Como correr e pular, até que eu pudesse fazê-lo como qualquer outra criança na cidade. Até que eu pudesse fazê-lo sem eles olhando ou murmurando por trás das mãos. Até os movimentos não parecerem deformados.

Até minha confiança eclipsar a deles. Até que eles me seguiram.

Quando criança, eu deveria ter pedido à minha mãe que me desse um balanço desse jeito. Ela teria feito isso. Ela teria construído o modelo perfeito, fazendo inveja nos meus vizinhos. Eu teria tocado meu chifre e ostentado. Eu teria feito meninos e meninas se alinharem, apenas aprovando alguns poucos para se divertir.

Se Punk estivesse aqui, ela voaria ao meu redor e nós riríamos juntas. Nós voaríamos juntas.

Eu me levantei na vertical, subindo no Outono. Então eu diminuí a velocidade, abrandando em um ritmo mais calmo, me trazendo à terra.

Enquanto eu recuava, o balanço parou. Eu gritei, pairando no ar, como se a vida tivesse parado. Talvez tivesse.

Talvez eu não estivesse sozinha.

Eu sabia que não estava.

Calor masculino pairava atrás de mim, um batimento cardíaco constante batendo entre as omoplatas. Suas mãos agarraram a corda, seu mindinho

descansando em cima do meu polegar. Ele segurou o balanço, e o balanço me segurou, ambos suspensos contra seu corpo.

Sua respiração provocou meu ouvido. —Você está assustando a coruja.

Estremeci, quase me inclinando para aquele pedaço de ar. À minha frente, a coruja estava boquiaberta, seus olhos refletindo agitação, provavelmente pelos rangidos vorazes do balanço. Eu devo ter quebrado uma ordenança da casa na árvore e alcançado um crescente distúrbio público.

Lambi meus lábios e chamei o pássaro: —Vou diminuir o volume.

O balanço liberado. Eu bati meus dedos nas tábuas, restringindo o movimento e depois parando completamente.

Aire deu a volta no assento, me dando um amplo espaço. Cachos dourados roçavam sua testa. A luz das estrelas se espalhou por sua forma, destacando e sombreando os contornos, fazendo-o parecer ainda mais distante.

Ou ele simplesmente estava em um ângulo certo. Não havia necessidade de zangar sobre isso.

Eu olhei para ele completamente e de repente não consegui falar. Calor acumulou em minhas bochechas. Ele me viu balançando como uma criança boba.

Mas não foi isso que me deixou idiota. Era o peito nu dele.

A camisa desabotoada que ele usava estava aberta para exibir um banquete. A pele macia. O V esbelto da cintura. O pacote agitado de seu abdômen acima da cintura da calça de dormir solta.

Essa grade de músculos. Eu juro, nunca me importei tanto com uma área compacta na minha vida. Era o tipo de visão desobstruída que exigia resistência que eu não tinha.

Ele olhou para mim até eu perceber que ele tinha dito alguma coisa.

Tirei o cabelo do meu rosto. Eu me mexi na posição vertical. Eu limpei minha garganta.

Eu exagerei em tudo. —Há quanto tempo você está me espionando?

Porque ele nunca mentiu, eu não deveria ter perguntado. —Desde que você começou.

Eu queria morrer. Eu não o tinha ouvido, não que eu teria, mesmo que não estivesse no meio do jogo. Este era o Aire da Marcha Silenciosa.

—Perdoe-me —, disse ele. —Eu não queria incomodá-la.

Diga isso para a camisa dele. Isso me perturbava muito bem, me perturbava em lugares não mencionados. Uma pulsação suave havia começado. E meus seios com certeza não se mexiam por causa de uma brisa.

Peguei o cobertor do chão e me cobri com ele, para que ele não visse meus mamilos estendendo a mão para ele. Pelo que eu sabia da carne comum, quando estimulado, meu corpo imitava certos desejos.

—Eu posso sair, se você quiser ficar sozinha. — Ofereceu Aire.

Eu considerei, e ele viu que eu considerei, e ele parecia... ferido, como se eu o tivesse evitado.

Isso seria rude? Tão rude quanto a camisa dele?

Eu dei um tapinha no balanço ao lado do meu. —Sente-se.

Seu rosto se suavizou quando ele relaxou, sentando-se no assento. Mordi meu lábio inferior, alegre ao ver esse cavaleiro empoleirado ali. No entanto, ele se adaptou facilmente, equilibrando-se sem precisar das cordas.

Uma espada solitária pendia de seu quadril. Ele veio preparado.

Eu deveria perguntar sobre Nicu. Eu deveria perguntar se Aire gostava de sua casa na árvore. Eu deveria fazer um comentário sobre o clima ameno do crepúsculo. Eu deveria ser educada.

—Então você rastreou meu perfume ou algo assim? — Eu grelhei.

—O sono me escapou —, ele respondeu. —Este lugar é uma lenda que eu não pude resistir.

Eu rebobinei meu pão bagunçado. —Nem eu.

—Você não poderia descansar?

—Eu estava muito empolgada. O dia terminou melhor do que começou.

Ele sorriu. —Você deve estar feliz por ter sua companheira de volta.

—Não leve isso para o lado pessoal. Você faz uma boa companhia, mas ninguém pode substituir ela ou meu chapéu de penas.

—Há alguns que não podem ser substituídos.

Na mesma nota, seu perfil esmaeceu, me dizendo o suficiente e quase nada. Eu previ que ele tocaria seu anel, mas não queria ver se estava certa.

Ficamos em silêncio, ouvindo a bolha do riacho abaixo e as folhas tremendo. Parecia natural, como se não precisássemos preencher um vazio.

Talvez fosse a hora tardia, ou os efeitos posteriores do nosso grupo sentado ao redor do fogo mais cedo, o cansaço e o estômago cheio terem afrouxado a língua. Talvez a cena improvável em que nos encontramos tenha feito a impulsividade parecer normal. Nós conversamos sobre nós mesmos, embora ele não tenha dito muito sobre seu passado ou presente.

—Sua esposa... ou seu marido... ele ou ela é um cavaleiro? — Eu arrisquei.

Ele engoliu em seco. —Não, ela não é.

Uma mulher então. —Uma dama de lazer? — Eu bisbilhotei, cada vez mais curiosa quando seus lábios se apertaram. —Vamos. Não pode ser extremamente secreto, pode? Ela é uma nobre? Ela tem um conjunto de habilidades? O que ela faz?

Ele abaixou a cabeça. —Ela descansa em paz.

Afoguei o resto das minhas perguntas.

O túmulo. O que eu pisara.

Foi por isso que ele reagiu com vitríolo quando me encontrou acidentalmente vandalizando a trama. O túmulo pertencia a sua esposa. Mesmo na escuridão, se eu tivesse levado um segundo para realmente ler a inscrição na lápide naquela noite, eu poderia saber.

—Desculpe. — Eu disse.

Para dizer o mínimo, esse conjunto débil de palavras ficou aquém. Equilibrá-las na minha língua parecia pesado, como se precisassem de reforço. Ou ainda mais palavras.

Mas eu não tinha nenhuma. E ele não queria nenhuma.

—Nós nos conhecemos aos dezoito anos —, ele compartilhou. —Nesse ano, a amizade se tornou no namoro. Nos casamos aos dezenove e, depois de um ano, ela faleceu. Faz dois anos.

O fluxo escorria abaixo, derramando pela comunidade.

Ele resumiu a história, falando com esses bosques como se exigisse uma explicação. Nas fendas entre memórias privadas e momentos inacessíveis se enterraram. Eu me perguntei como seria a dor e a tristeza por ele, se tivesse a mesma textura que meus pensamentos sobre minha mãe.

Então eu parei de pensar em mim e só o considerei. Como seria perder alguém para sempre? Perdê-los para um lugar invisível, onde eles não podiam mais ouvi-lo, nem você?

Havia mais na história. Sempre havia.

Eu queria saber. Mal, eu queria saber.

Fogo líquido agitou dentro das luzes da caixa. A menos que Lyrik tivesse se incomodado em acender cada uma, essas luzes pareciam saber quando a noite caía, quando fazer seu trabalho, quando queimar.

Outro exemplo da malandragem do gênio malandro.

O cavaleiro e eu oscilamos. Eu assisti seus joelhos contraírem com os movimentos, flexionando sob a calça de dormir. Se nós subíssemos o suficiente, ele voaria para buscar o espírito de sua esposa?

Eu me virei para ele e me perguntei: —Por que você está aqui?

Ao redor do poço do grupo, ele não tinha respondido. Eu tinha falado por ele.

Ele lançou uma resposta para as folhas e eu pegarmos. —Por que você pergunta isso de mim?

—Porque estamos sozinhos, eu acho?

Aire falou muito, e ele estava obcecado com a verdade, mas eu duvidava que ele tivesse vocalizado tudo o que queria e queria saber sobre seus próprios demônios. Saber que até as pessoas mais sinceras as tinham.

—O céu é grande o suficiente para conter as nossas respostas, você sabe —, brinquei. —Pequeno segredo conhecido.

Ele olhou da floresta para as pontas de suas botas enquanto esfregavam as tábuas. —É como você disse: estou aqui pelos outros.

Por Nicu e eu. Ou talvez para outra pessoa em particular.

Este lugar trazia lembranças de sua esposa? Eles viajaram aqui uma vez?

Isso explicaria sua resposta e expressões assombradas desde a chegada. E, nesse caso, esses sentimentos foram minha culpa. Eu o trouxera para esta colônia.

Eu tinha dito isso antes, mas precisava tentar novamente. —Obrigada por ter vindo aqui.

Ele assentiu. —De nada.

—Você está aqui para os outros, mas o que você quer para si mesmo?

—Desde que me lembro, não ousei dizer em voz alta o que quero, para que o vento ou a minha consciência não o prendam —, respondeu ele. —Sinto-

me resistente a responder, mas sou obrigado por você. Ou talvez pela hora tardia, ou por esse cenário, que me nega descanso. Ou talvez... sim, talvez seja apenas você.

A resposta me deixou tonta. Eu o *compeli*.

Sua garganta trabalhou, um sussurro saiu. —Eu desejo banquetear meus olhos nela mais uma vez. Anseio por me sentir inteiro.

Eu deveria ter previsto isso. Eu deveria ter antecipado um desejo que envolvia sua esposa.

Ele desejava se sentir inteiro. Isso era o mesmo que não se sentir vazio?

—Não há problema em querer isso. — Eu disse.

Ele inclinou a cabeça em minha direção, as chamas líquidas o encharcando de luz, enquanto me mantinha no escuro.

Eu tinha um coração de bolota empolgado. Ele tinha um de carne macia.

O meu vinha das raízes e não se mexia, enquanto o dele vibrava e subia.

Isso me tornava menos ou mais natural? Ou isso significava que viemos de partes distintas da terra?

Eu, a terra. Ele, o céu.

Aire olhou para mim do jeito que Aire olhava para as pessoas: profundamente.

Além disso, não assim: mistificado.

—Você me surpreende —, disse ele. —É uma experiência que não estou acostumado. Você me levou a tal perturbação de pensamentos, a ponto de me fazer sentir à deriva, lamentando ainda ansiando por coisas que não posso citar. Esta noite, passou de uma perturbação de pensamentos para uma colisão de sentimentos.

Oh, minhas Estações.

—Você me desarma.

Oh, minhas Estações.

Quem sabia que a cor azul poderia arder? Seus olhos seguraram os meus, deleitaram-se com eles.

Não. Não deleitando-se. Ele queria isso com ela, não comigo.

De qualquer forma, minha respiração parou. Eu podia perder a cabeça naquele rosto, sua expressão dedilhando cem verdades de mim, gostasse ou não.

—O que você deseja? — Ele perguntou.

Minha mãe melhorar.

Ela olhar para mim sem pegar o martelo.

As pessoas me verem como uma garota de verdade. Para eles acreditarem.

Eu acreditar nisso.

Você acreditar.

Minha lista de desejos era maior que a dele. Isso me fazia gananciosa? Provavelmente.

Fiz um gesto para as florestas. —Seja o que for, está lá fora.

Ele continuou me estudando, não a vista. —Você está certa disso?

Eu não tinha certeza. Mas eu tinha que tentar.

Amanhã, eu tinha que tentar. Hoje à noite, tudo que eu tinha que fazer era me sentar com ele.

Meus olhos saltaram sobre os carvalhos, bordos e tupelos, suas cores brilhando na escuridão, enquanto as estrelas passavam por cima de nós. Em algum lugar lá fora, havia um milhão de bolotas.

Inclinei minha têmpora contra a corda de balanço, deixando meu olhar vagar sobre a extensão. —Eu tinha blocos de construção quando criança. Eles eram meus brinquedos favoritos. Eu passaria horas tentando reconstruir o céu.

—Você conseguiu? — Ele perguntou, seu sorriso ressurgindo.

—Todas as noites eu ligava as estrelas como pontos, fingindo que eram unhas e alfinetes, algo que eu podia segurar e replicar. Eu fui muito crítica com minhas tentativas, no entanto. Quando desisti, passei à coisas como raízes e árvores, e isso foi mais fácil. Eu os fiz de galhos.

—Quando garoto, tentei voar da borda da minha casa —, lembrou Aire. —O vento parecia uma promessa, como se fosse me apoiar. Eu temia cair, mas confiava na intuição.

—O que aconteceu?

—Eu quebrei minha perna.

Coloquei a mão na boca.

—E eu quebrei o telhado do galinheiro da minha família, e nesse ponto as mulheres que cacarejavam lá dentro não estavam divertidas.

Agora prendi as duas mãos na boca, meus ombros tremendo. Eu me senti mal por rir, mas ele riu comigo.

—Shh —, eu lecionei. —A coruja nos negará.

—Ela já te abandonou, enquanto eu permaneço em suas boas graças.

—Não me arrependo de nada.

—Você não deveria. Se não for pela coruja, você faz uma imagem adorável para o resto do público. — Ele disse.

Nossos olhares se encontraram. Nossos balanços bateram juntos.

Meu humor diminuiu quando me lembrei daquela camisa se abrindo, revelando o peitoral sólido de seu peito. Um portão bonito pelo qual eu não podia passar.

Eu queria perguntar que colisão de sentimentos ele quis dizer antes, mas isso seria uma aposta, já que... —Você não é sutil.

—Eu sou franco —, ele reconheceu. —Assim como você.

—Você me chamou de mentirosa.

—Neste curto período de conhecimento, pensei e senti muitas coisas sobre você. — Uma inclinação irônica de lábios. —Você não pode negar sua língua imprópria.

—Você ainda não ouviu a minha metade.

—Algumas impressões suas permanecem firmes, mas com outras, confesso, me enganei. Sinto pessoas, e não é sempre que devo pedir desculpas por um lapso de julgamento, embora eu implore seu perdão agora, se você permitir.

—Certo. Por que não?

—Fico feliz em ouvir isso. — O sorriso dele aumentou. —Você percebe que eu ainda devo denunciá-la à Coroa por suas transgressões.

Dei um tapa no meu assento e brinquei: —Você tinha que estragar tudo, não? Estávamos nos divertindo tanto.

Ele riu novamente, sua risada fazendo as folhas baterem e meus lábios doerem. Sua alegria também fez coisas épicas no peito. Eu queria agradecer a esses músculos por passarem tempo comigo. Eu queria assar um bolo para eles.

—Pelo contrário, sua companhia hoje à noite é um prazer —, disse ele. — Estou me divertindo com você.

Eu abaixei minha cabeça. —Mudança de coração bastante extrema.

—Não vejo sentido em fazer brincadeiras se cometi um erro sobre alguém. Isso não quer dizer que eu a considere inocente e indigna de retribuição por suas ações, ou que você não continue me desconfortando, mas nessa véspera, esses sentimentos retrocederam. Eu tinha minhas dúvidas sobre encontrar consolo, passeio noturno ou não, mas agora tenho esperança de um bom descanso. Por isso, você tem meus agradecimentos. Então, sim, meu espírito está animado no momento.

—Meu nariz realmente te matou, não foi?

—Você parece envergonhada.

Silêncio. Fazia séculos desde que eu tive uma conversa com alguém tão genuíno e expressivo. Se alguma vez.

Seus dedos elegantes levantaram, parando perto dos meus lábios.

—Posso? — Ele perguntou.

CAPÍTULO DEZOITO

FANTASIA

Ele pode o que?

Minha boca deveria perguntar isso, mas deve ter quebrado. Tornou-se um dispositivo defeituoso que eu teria que consertar depois.

Eu balancei a cabeça de qualquer maneira e observei o polegar dele se aproximar, depois senti o toque no nó de madeira perto do meu lábio, depois me senti completamente mal. Estávamos sozinhos, e estava escuro, e estávamos sozinhos, e estava escuro, e estávamos sozinhos.

Meu coração de bolota costumava estar dormente. Quando ele me tocou, ele explodiu em vida.

Eu olhei para um cavaleiro, em uma floresta iluminada pela lua, como em um romance.

Ele olhava de volta, angelical e temível, como em um conto de fadas.

E foda-se, ele me tocou. E meus pensamentos saltaram na direção oposta de romances ou contos de fadas. Poesia obscena veio à mente. Páginas e páginas dele.

A voz de Aire murmurou: —Peço desculpas por ter olhado com apreensão quando nos conhecemos. Foi mal direcionado. —Ele estudou meu rosto. —Você tem grãos fracos, sem aviso prévio em seu rosto, como se quisesse imitar vincos e risadas. E esse nó. —Ele traçou minha marca de beleza. —É de carvalho, uma espécie antiga de árvore, dando-lhe um pedaço de sua história.

—Droga —, eu murmurei. —Você é bom nisso.

Mais uma dança daquele dedo no meu nó de madeira. —Você usa o Outono na sua própria pele.

Eu não sabia o que fazer com isso. Eu nem sabia se essas palavras se encaixavam em mim. Por último, mas não menos importante, eu não sabia se deveria ficar lisonjeada ou decepcionada.

Ele não viu bruxaria. Ele não viu marionetes. Ele não viu deformidade.

Mas ele me via como diferente.

Aire inclinou a cabeça. —Por que você está aqui?

Ele sabia o porquê. Eu expliquei a ele, depois repeti em torno da fogueira.

A menos que ele quisesse dizer outra coisa. A menos que ele quis dizer por que eu estava aqui, agora, com ele?

Eu não tinha percebido que tinha me inclinado em seus dedos. Não até que ele ficou sóbrio e se afastou, a brusquidão me fazendo piscar.

Hora de fugir um do outro.

—Boa noite. — Disse ele.

—Mmm-hmm. — Eu concordei.

Qualquer outra coisa teria saído como uma bobagem. Eu o observei se levantar e afastar-se, levando seu peito exposto e minha língua atrevida com ele.

Eu dormi como um morto, exausta pelo gesto de despedida de Aire.

Vestida e pronta para uma missão, fui em direção ao terraço da fogueira. O alvorecer se espalhava pela floresta, uma luz xaroposa brilhando

entre as árvores. Abaixo, o riacho balbuciava sobre pedras. Em todos os lugares: fundações, extensões e suspensões de madeira.

Um rascunho começou com a elevação. Subindo no terraço, senti cheiro de névoa e especiarias moídas.

Aire estava sentado em um banco, vestindo a mesma camisa azul escura e a calça cinza escura do jantar. Ele arregaçou as mangas dos braços, as veias esticadas enquanto passava um pano sobre uma de suas espadas.

Ele inclinou a cabeça para a tarefa. —Há chá de canela.

Era oficial. Nosso cessar-fogo acabou. De volta para onde começamos.

Mais ou menos. Descobrimos que realmente gostávamos de estar juntos, que poderíamos fazê-lo sem discutir, que poderíamos compartilhar histórias. Foi fácil conversar com ele, fácil de ouvir. Vibrações amigáveis me disseram que ele sentia o mesmo.

O problema era que eu havia descoberto seu toque. E ele descobriu o meu gosto pelo seu toque.

Aire podia sentir muitas coisas. Ele não poderia ter perdido a bomba do meu coração de bolota. Ele não queria me enganar na ideia errada.

Eu não tinha. Eu não faria.

Do jeito que sua voz mudou quando ele falou de sua esposa, ele ainda estava apaixonado por ela. E tanto faz. Isso era problema dele, não meu.

Eu corri em direção a uma fileira de quatro xícaras na borda do poço, duas delas cheias de chá. O líquido havia esfriado consideravelmente, então eu derrubei um dos copos e tomei um longo gole. Aire levantou a cabeça e ele assistiu impassível.

Mais ao ponto, ele observou minha garganta.

Engoli a coisa toda. Terminada, bati a xícara com um suspiro forte.

—Com sede? — Ele perguntou.

—Curioso? —Eu perguntei. —É rude olhar.

Minha palestra caiu em ouvidos surdos. Se alguma coisa, ele olhou mais. Aqueles olhos viajaram pela minha muda de roupa, da minha saia escura e camisa branca, até minha capa, até meu chapéu de penas.

Punk gorjeou para mim de um tupelo. Acenei, e ela alegremente voltou a cinzelar a casca. Eu não tinha notado que ela estava lá.

Amarrei um rabo de cavalo baixo e lateral por baixo do chapéu. Penteando com os dedos, perguntei: —Onde estão todos?

—Nicu ainda deve dormir um pouco. Imagino que nosso anfitrião seja ainda menos madrugador.

Lancei um rápido olhar para sua espada. Quanto pesava? Quem forneceu o design?

Aire colocou a espada de lado. Eu assisti enquanto ele pegava um pacote vestido do chão, se levantou e se aproximou. Ele estendeu as mãos, oferecendo para mim.

Eu desembrulhei o conteúdo: meus machados.

Agarrei-os, me familiarizando com as alças.

—Eles são meus, você sabe —, eu disse. —Você não tinha direito a eles.

—Você só precisava dizer isso.

—Desde quando?

Sem resposta. Foi quando notei que as arestas estavam afiadas.

—Obrigada. — Eu disse, olhando para ele.

Aire inclinou a cabeça e sorriu. Eu me afastei, recolocando os machados na minha perna e nuca, ciente de seus olhos em mim. As garras se encaixaram no lugar. Eu alisei minha saia e capa, embora não precisasse.

—Você se apressa para a floresta cedo —, disse ele. —E sem quebrar seu jejum.

—Estou muito impaciente para encher meu rosto. Guarde um pouco de bacon pra mim. Eu vou devorar mais tarde.

Aire verificou o perímetro. —Esses bosques têm segredos e pretendem mantê-los. Exercite premeditação e diligência. Desconfie de onde você pisa.

—Você parece preocupado.

—Como qualquer amigo deveria ser.

—Nós somos amigos?

Seus olhos voltaram para mim, a incerteza persistindo lá. Talvez tristeza também. —Eu gostaria muito disso - ser seu amigo.

Eu também gostaria disso. Muito.

Muito.

—Eu não sei —, eu disse. —Eu sou exigente com amigos. Você teria que passar por uma iniciação da minha escolha. Você pode lidar com isso?

Aquele sorriso amaldiçoado. —Você está me provocando.

—Estou te provocando.

Exceto que a *Aspen* de uma semana atrás não estaria. Ela também não teria cedido tão rápido. Nem mesmo para um rosto como o dele.

—Logo após a colônia, o cenário é repleto de mistérios, sinistros e sedutores —, disse Aire. —Eu deveria acompanhá-la.

—Por favor, não.

—Pode ser perigoso. O pensamento de você entrando em território diabólico... me incomoda bastante.

—Você precisa parar de polir minha maçã. Eu já disse que seria sua amiga.

—Amigos se protegem.

—Guarde esse impulso para um dia chuvoso. Eu não estou indo muito longe, apenas uma caminhada leve por enquanto. Eu vou ficar bem. Eu tenho minhas machadinhas.

—Que você mal sabe usar.

—Não me siga, cavaleiro.

Porque realmente, a voz dele e tudo. Muito por agora. Eu precisava me concentrar, procurar uma resposta para esse conto de fadas, como usar a bolota final para mamãe. Com Aire pairando ao meu lado, eu conseguiria nada além de babar.

Essa floresta não era a única entidade que mantinha segredos. Se eu não tivesse que mentir sobre os meus negócios, a intuição dele seria um aliado perfeito contra predadores e perigos. Ele conhecia a textura de cada rapé de vento.

Nicu precisava dele mais de qualquer maneira. Aire sabia disso.

Ele parecia considerar algo, uma noção de que ele estava mexendo em sua mente. Embora eu o tenha sentido mudar de tática quando ele acusou: —Você não sabia o que procurar na enfermaria do castelo, supondo que os remédios tivessem os rótulos adequados para guiá-la. Agora você volta ao desconhecido mais uma vez, sem a menor ideia de como adivinhar e apreender esse remédio presumido. O Outono selvagem não é um dispensário. De que maneira você planeja encontrar uma cura?

—Eu estou vivendo no limite.

Ele resumiu: —Você mantém suporte na fé.

Corrigi: —Eu mantenho fé no Outono.

Para começar, não doía checar os bangalôs. O lenhador do conto de fadas morava aqui, então fazia sentido investigar aquela casa primeiro.

Um problema. A história aconteceu eras atrás, e através de investigações sutis, eu aprendi com Lyrik - que sabia muito sobre a história - que o bangalô não existia mais. Algum tempo após a morte do madeireiro, um incêndio tomou conta de uma parte das casas.

Raspei essa opção da minha lista, caminhando por pontes, subindo e descendo escadas, espreitando de casas na árvore a terraços. Fiquei maravilhada com a arquitetura, passando a mão sobre trilhos, alavancas e persianas, a madeira gasta, mas não decrépita. Cada peça se unia e se separava, uma gigantesca engenhoca de uma cidade de Outono. Prática e brincalhona, com suas cadeiras de balanço, balanços e varandas com vista, com polias e tubos de transporte que objetos - ou pessoas - poderiam deslizar para baixo.

Mamãe teria prosperado aqui. Eu tinha que me lembrar de tudo, para poder descrever mais tarde.

Entrei em bangalôs, adegas e sótãos. Eu vasculhei armários e prateleiras de livros sem livros de verdade. Procurei revistas ou mapas ou qualquer coisa que pudesse me dar uma pista. Um rabisco ou arranhão, sugerindo que alguém sabia mais do que outros.

Eu pretendia que minha busca fosse superficial, mas uma vez que comecei, não consegui parar até invadir cada habitação. À tarde, meus parafusos doíam, minha pele de madeira se irritava e meu estômago roncava. Fui até uma cozinha comunitária, onde uma chaleira, salsichas secas e fios de cebola pendiam sobre cestos de nabos. Devorei dois elos gordos, juntei um extra e depois lavei a refeição com uma jarra de água.

O patife entrou na sala. Eu o encurralei, recusando deixá-lo comer em paz até que ele quebrasse a área, quais nichos para explorar e quais os

assustadores a serem evitados. Ao sair, ouvi-o me chamar, dizendo para não deixar nenhuma criatura fazer um ninho no meu cabelo.

Sem olhar para trás, levantei o braço, feliz por ainda ter nove dedos, incluindo o mais importante. Joguei meu dedo do meio em sua direção, um sinal dos meus sentimentos por ele.

Com minha mochila caída por cima do ombro, olhei mais longe na floresta. Punk voava pelas fendas entre as árvores. Em um bosque de nozes, pepitas descascadas choveram sobre nós, enquanto um gambá adormecido pendia de um galho de cabeça para baixo, a manivela de sua cauda enrolada ao redor do membro.

Minhas botas esmagaram poças de gengibre e folhas manchadas de vinho. Aromas rústicos brotavam da floresta, solo velho e casca. Criaturas tagarelavam, os barulhos gaguejando através da rede de galhos.

Tudo parecia o mesmo, mas diferente, as cores mais ricas, os sons mais profundos, os aromas mais saborosos. Como um conto de uma página.

Os galhos se curvavam mais ambiciosamente. Como se eles tivessem uma agenda. Como se eles pudessem dançar - ou arrebatar uma pessoa.

Este lugar parecia sob medida para maldições e desejos, atento a seus habitantes. Como se esses bosques tivessem alma.

Eu me orientei, entendendo a essência da área enquanto procurava por pistas: galhos que poderiam ter uma forma esquisita, talvez como flechas apontando em uma direção? Ou um caminho imperceptível de bolotas? Procurei pistas de onde o lenhador de contos de fadas poderia ter andado naquele dia fatídico. Ou se o talhador tivesse passado por essa área.

Fiz um inventário dos troncos, de seu arranjo, monitorando padrões de tipos de árvores ou talvez uma única espécie que se destacasse da

multidão. Notei pontos que poderiam ser atraentes para o trabalho com madeira, com casca fina para cortar.

Isso, assumindo que algo remotamente útil ou semelhante ainda existisse após um século.

Punk caiu no meu ombro e soltou um gorjeio cansado. Ela estava alegre até então, enquanto o cenário se transformava e uma escuridão envolvia as cores. Os galhos de repente pareciam mais irregulares, não enrolados como tinham estado um segundo atrás. Furos brancos perfuravam o ar em pontos aleatórios, como fadas perversas, interessadas em espionagem.

Emocionante e misterioso. Familiar e alienígena. Convidativo, mas indesejável.

Minha pele de madeira formigou. Era como se a floresta me reconhecesse e não tivesse decidido se ficara feliz com isso. Se eu deveria estar aqui ou não.

O vento aumentou. A floresta parecia encolher, fechando-se ao nosso redor. Uma saudação e um aviso.

Você veio. Agora vá embora.

Eu queria ficar. Eu queria ir.

Os ruídos das criaturas soaram mais longos e mais nítidos, um estremecimento nos ouvidos. Punk arrastou-se pela borda do meu ombro. Distraidamente, eu acariciei suas asas.

Aquela raiz exposta... se contraiu?

Aquele tronco tinha... grunhido?

Tudo certo. Estava ficando um pouco intenso. Hora de encerrar o dia.

Saímos correndo dali, passando de lugares mal-humorados para lugares agradáveis. Bolotas rachadas sob minhas solas. Nuvens empurravam um frio no ar.

Eu exalei quando chegamos ao limite da colônia da casa na árvore. Por um instante, tive uma ideia de como minha mãe se sentia, temendo as árvores, pensando que elas a prejudicariam por usar a madeira. Não que isso fosse verdade.

Meu olhar saltou pela comunidade isolada, procurando um vislumbre de cabelos loiros. Por alguma razão, eu queria vê-lo. Quando desisti, já havia me recuperado dos tremores.



Passei pela sala de poções de Lyrik, a inspiração me dando um tapa na cara.

Ele estava dentro de seu covil, hipnotizado por um frasco e seus próprios pensamentos. Ele poderia ser outro aliado útil se eu pudesse lhe dizer a verdade - o que eu não poderia.

Eu o manobrei para uma conversa, meu tom leviano o suficiente para passar por cima de sua cabeça, mas cutucando-o na direção certa. Deitei tudo, jogando com seu orgulho perguntando mais sobre suas poções e os visitantes que ele conhecera, nos guiando para o assunto tão inocente dos caçadores de contos de fadas.

—Aposto que os viajantes pediram uma alternativa para a bolota, hein? — Eu perguntei, encostada no batente da porta. —Como, para imitar seus efeitos? Tão desesperado das pessoas.

Lyrik tapou a abertura do frasco com uma rolha. —Eles estariam perdendo tempo.

—Você não é tão talentoso ou ambicioso?

—Não posso fazer o que a natureza não me deixa. Permite criar o que nos permite criar. Se quiser abençoar ou condenar, o fará. Não vai deixar que nenhum de nós descubra os comos ou porquês. Eu posso manipular o que ela me dá até certo ponto, mas derrubar completamente seu poder ou ficar sob sua pele? Eita. — Ele balançou sua cabeça. —Eu sou bom, mas não sou tão bom.

—Talvez se você tivesse a coisa real, pudesse experimentar. Claro, quem se importa, certo? Ninguém encontrou as duas últimas bolotas.

—Eu não mexeria com essas coisas se alguém segurasse um martelo na minha cabeça. Não pense que minhas poucas misturas fariam diferença de qualquer maneira. Se o fizessem, as bolotas não seriam tão onipotentes, seriam?

Droga. Ele tinha razão.

Eu esperava que Lyrik pudesse ser capaz de inventar uma mistura com a bolota final, algo para beber ou comer, algo que quebraria a noz. Valeria a pena o derramamento do meu crime para ele.

Mas a natureza não era tola. Alguns líquidos borbulhantes não iriam desvendar o mistério.

Mais tarde, Lyrik escolheu um poço interno no nível mais baixo para o jantar, almofadas espalhadas pelo chão e cercando as chamas. Coloquei minha bunda em uma almofada, me refugiando no cheiro de torta de legumes. Acostumado a se prover, Lyrik assumiu o papel de cozinheiro.

Em um momento da nossa primeira refeição, eu peguei Aire entregando ao invasor um punhado de moedas para pagar pela comida que comíamos. Lyrik estava prestes a arrebatar o lote, mas depois de uma rápida olhada em Nicu, ele tirou as moedas. —Acha que não posso alimentar vocês, fodidos? Apenas fique fora do meu caminho, limpem-se e estamos quites. — Ele resmungou.

Dobrei minhas pernas debaixo de mim. Aire preparou chá de canela e afiou meus machados hoje, Nicu estava cuidando dos cavalos e das mulas, e Lyrik fazia deliciosas comidas. Eu me sentia preguiçosa, embora nunca tivesse tido um problema com isso antes. Como compromisso, eu me ofereceria para reformar móveis ou fazer tarefas, algo assim.

Nicu pulou na sala. O cavaleiro deslizou atrás dele, brasas tremulando naquelas íris, faíscas de alívio ao me encontrar em um pedaço. Pedaços de madeira chiavam e fogo se contorcia do poço. Desde a noite em que eu entrei furtivamente no castelo, tudo parecia estar acontecendo rápido demais, mas lento demais. Como uma brincadeira, eu saudei Aire, e ele riu.

Nenhum de nós trocou palavras pelo resto da ceia. Nós nos fixamos em mastigar e engolir enquanto Punk empoleirava-se, Nicu conversava e Lyrik franzia o cenho para as paredes, ouvindo ou não ouvindo - era difícil contar com ele.

Fiquei me perguntando as coisas mais estranhas. Quanto tempo Aire precisava acordar de manhã? Por quanto tempo seus dentes trabalhariam essas cenouras antes que ele as engolisse?

Com um humor sorrateiro, olhei entre meus fios de cabelo frisado para ver sua boca se mover enquanto ele comia.

Eu não tinha planejado isso. Talvez ele também não tivesse. Mas muito mais tarde, depois que todos fomos para a cama, meus pés me levaram de volta aos balanços, onde eu balancei e esperei.

Alguns minutos se passaram e então sua sombra silenciosa apareceu.

Eu sorri para meus pés balançando. —Ei.

O balanço ao meu lado suspirou sob seu peso. —Olá.

Foi assim que o terraço se tornou nosso local noturno.

CAPÍTULO DEZENOVE

FANTASIA

Eu negociei por um mês. Um mês.

Depois disso, encontrando ou não o que precisava, partiríamos. Ele me entregava como invasora e cúmplice do Real fugitivo, ou eu me entregava, ou não importava quem levantava a mão primeiro. Eu tinha um mês.

Aire receberia sua parte do calor quando retornássemos. Como eles o puniriam? Eles o rebaixariam? Ou pior?

Quanto mais tempo ficamos aqui, mais a Coroa sofria. Quanto mais a Coroa sofria, maiores eram as consequências.

Ele não se preocupou, parecendo resignado à sua escolha. Ele escolheu Nicu ao invés da família. Ele escolheu o meu pedido sobre o seu dever. Ele escolheu minha mentira.

Não conseguia me lembrar de um momento em que me sentira constantemente culpada, mas os pensamentos em relação à mãe e ao martelo mantinham o remorso no mínimo. Na maioria das vezes.

Proteger sua carga sempre fora a maior prioridade de Aire. Ele continuou me lembrando disso, mesmo quando eu não perguntei a ele sobre isso, sua consciência trabalhando horas extras.

Talvez não fosse tão ruim para ele em casa. Talvez eles apenas o colocassem em liberdade condicional. Talvez eles batessem no pulso dele ou no rosto dele.

Uma rotina cimentada. Lyrik cozinhava, fumava e fazia poções. O cretino me incomodava, instigava Aire e brincava com nós dois. Ele tratava Nicu como um ioiô, nem incomodando o Real, nem se entregando a ele. Por sua parte, Nicu respondia com alegria ou confusão.

Eu explorei mais casas na árvore por conta própria, procurando em vão por pistas.

Eu explorei tudo com Nicu e Punk. Nosso trio atravessou pontes paralelas e deslizou pelos tubos sinuosos. Ou melhor, os sem asas deslizaram pelos tubos enquanto o pássaro disparava, nossos gritos viajando pelo que pareciam quilômetros.

Eu me escondi no meu bangalô com meu cúmplice Real, trocando teorias sobre o conto de fadas, interpretando partes da história. Por capricho, mostrei a terceira bolota a Nicu, e ele beijou a marca do sulco por sorte. Então trocamos lembranças de nossas vidas e rimos até nossos lados doerem.

Uma vez, peguei Aire nos observando da porta. Apoiando o ombro na moldura, ele preencheu o espaço aberto, com um olhar divertido no rosto. Até então, Nicu e eu estávamos conversando sobre coisas inocentes, não desonestas, então não me preocupei que Aire tivesse ouvido as coisas ilegais.

Bati no colchão, convidando-o a se juntar a nós. E ele fez.

E ele se juntava a mim novamente, todas as noites, nos balanços. E conversamos, geralmente sobre nada significativo, que pareceu significativo da mesma forma.

Responsabilidade e liberdade desordenada. Eu brinquei e trabalhei, despreocupada e cuidadosa. Distrações abundavam, multiplicando-se nas formas de amizades emergentes e armas aprimoradas. Usando um bastão de giz e um pergaminho que encontrei na colônia, elaborei desenhos e depois os espalhei. Desanimada, joguei o graveto nos arbustos.

Eu estava repetindo aquela viagem inicial pela floresta na minha cabeça, sabendo que tinha que parar de ser uma maricas. Nesse ritmo, o mês passaria. Quem sabia quanto tempo levaria para decifrar um código do conto de fadas?

Em uma manhã nublada, deixei Punk com Nicu. Quando cheguei à fronteira da comunidade, Aire emergiu da linha das árvores, bloqueando meu caminho para a floresta.

De onde ele veio?

Eu realmente precisava me perguntar isso?

Ele não disse nada, apenas olhou para mim. Perceptivo. Consciente.

Ele sabia que algo na floresta havia me perturbado. Meu silêncio sobre o assunto e minhas zero voltas à natureza não haviam passado despercebidas.

Dando uma olhada em sua capa, calça de couro e lâminas de aço, eu assenti e dei um passo para ele, partes iguais agradecidas e apreensivas. Ele caminhou ao meu lado na floresta, dando-me tempo para processar para onde ir, o que fazer.

Um cavaleiro seguindo minha liderança. Meu ego estava devidamente elevado.

Por que, oh, por que não havia ninguém aqui para ver isso?

As cores brilhavam e se intensificavam, o amanhecer escorrendo pelos galhos. Mais uma vez, minhas narinas arrebataram aqueles aromas familiares, mas místicos, da terra. Os galhos pareciam torcer e girar, apontando os dedos para mim, varrendo os ombros de Aire. Ele rolou um músculo até que eles obedeceram e escaparam.

Ele andou, sua presença me envolvendo. Como o vento. Como uma respiração. Eu não precisava ouvi-lo ou vê-lo para saber que ele estava lá.

Enquanto isso, meu peso e pele de madeira caíam sobre mim.

A floresta era um aglomerado, sem caminhos ou trilhas cortando a vegetação. Cada galho e folha se prendiam. Tudo tocado, bonito, imponente e desgastante. Os troncos não tinham fim, disparando para o céu, moendo na terra.

Eu já tinha procurado o caminho do lenhador naquela caminhada há muito tempo, quando ele colecionava bolotas. Eu procurei esse caminho e falhei.

Em seguida, dei uma olhada no caminho do animal, no lugar em que ele estava em vagando, na rota que ele poderia ter seguido antes de ficar preso.

O que mais eu sabia do conto de fadas? Eu sabia a hora do dia em que a luz do sol brilhava, o que me disse para ir para o norte... noroeste. Ouvi um riacho, como o das casas nas árvores, ou qualquer coisa que normalmente atraísse animais - especificamente um pássaro terrestre, como a história sugeria.

Eu consultei meu coração de bolota, porque certamente tinha que haver uma conexão, da mesma maneira que eu conhecia a própria madeira. Algum tipo de vínculo significativo e infinito que fazia a porca bater no meu peito.

Nesse ínterim, eu me ajoelhei e peguei plantas ou cavei em arbustos, fazendo um show para Aire. Eu o fiz acreditar que caçava uma erva ou raiz. Um item medicinal, não uma iluminação de conto de fadas.

Durante uma hora, fizemos uma caminhada, observando pontos de referência no caminho. Aire permaneceu mais quieto que o normal. Ele fez a distinção? Ele podia sentir a verdade?

Eu não tinha ousado trazer a terceira bolota aqui, com medo de perdê-la ou irritar a floresta. Tudo bem, eu fiquei supersticiosa. Eu comecei a pensar como mamãe.

Meu salto da bota estalou um galho. Eu gritei, meus nervos se abriram.

Aire colocou a palma da mão no meu braço, me firmando. Então ele pulou em frente, subindo uma pequena colina de pedras. Parando com um pé apoiado na pedra mais alta, ele inspecionou o dossel.

—Esta floresta fala —, ele sussurrou. —Não em línguas, mas em espírito e alma. Ela sente um parentesco próximo, o que acha preocupante.

Meu coração de bolota se expandiu, esforçando-se para a floresta. Apertei meu peito, não com dor, mas com desconforto.

Aire não tinha notado. —Ela ainda precisa decidir se quer expressar alegria ou...

—Cuidado. — Nós dois terminamos, ele meditando, eu ofegando.

Nós olhamos um para o outro. Ele me deu um aceno tranquilizador.

O estremecimento no meu peito se aliviou.

Eu tive o suficiente por hoje. Aire sugeriu que *batêssemos em retirada respeitosamente*, já que nenhum de nós queria ficar mais que nosso acolhimento. Se pudéssemos chamar assim.

Os bosques emitiam as mesmas vibrações para todos os viajantes ou apenas para a garota que seu conto de fadas havia gerado?

A manhã tinha evaporado quando retornamos à colônia, dando lugar a uma tarde seca com folhas secas e um frio intenso. Antes de seguirmos caminhos separados, o cavaleiro me deu outro aceno de encorajamento, depois saiu em busca de Nicu. Na minha pequena casa na árvore, mergulhei de cara no colchão, meu peito tão cru pelo que aconteceu que desmaiei.

Quando acordei horas depois, respirava mais fácil. Eu teria que melhorar a perseguição do passado.

Nosso grupo irregular estava alternando entre a fogueira ao ar livre e a lareira interna. Hoje à noite, nos amontoamos do lado de fora com cobertores pendurados no colo e faisão salgado - do precioso estoque de Lyrik - enfiado

em nossas barrigas. Certa vez, ele havia trocado uma poção por carne de açougueiro e imaginou que essa era uma ocasião excelente para se deliciar com ela.

—Minha hospitalidade de Outono está se sentindo generosa. — Afirmou.

Eu bufei. —Mentiroso. Você tem um desejo, e por acaso estávamos aqui para isso.

Mas sua melhor oferta foram os marshmallows, outro tratamento que ele vinha acumulando, comprado em uma vila. Punk bicava em um prato de sementes enquanto brindávamos os sopros brancos até que suas bordas borbulhassem, açúcar queimado derretendo na minha língua.

Enquanto Nicu lambia seus dedos pegajosos, os olhos de Lyrik se voltaram para ele e depois se afastaram, agarrando-se às chamas. Eu queria dissecar aquele momento, mas meu sono da tarde aumentou meu apetite. Olhei para uma tigela de peras, semelhante às variedades da floresta de abóbora.

Aire pegou uma, descascou a pele com uma faca e a entregou para mim.

Coloquei a fruta na palma da mão. Ele descascou. Ele lembrou.

—Aww, que fofo. — Lyrik zombou, entregando-se a uma xícara de cidra.

—É apenas uma pera. — Murmurei.

—Não é —, Nicu deixou escapar. —Aspen gosta quando Aire cuida dela.

—Nicu —, fervi. —Eu... eu nunca disse...

Não minta, Aspen. Você sabe o que cresce quando você mente.

Meu amigo piscou. —Mas você fez. — Então, porque eu não pude detê-lo, ele imitou minha voz, combinando com a casca quando ele me citou. — *Gosto quando Aire me nota. Isso faz minhas partes apertarem.*

Lyrik cuspiu sua sidra, pulverizando líquido no chão. Senti meus olhos incharem enquanto o verme jogou a cabeça para trás e latiu de tanto rir.

Realmente? Sem misericórdia de Mista?

Nicu nos observou, intrigado. No galpão em casa, eu disse para ele não repetir nada do que eu disse. Nem uma palavra.

E enquanto passava algum tempo com o Real, eu poderia ter confessado uma queda patética no cavaleiro.

A monção do olhar de Aire me atingiu.

Eu não olharia para ele. Não. De jeito nenhum. Não.

Olhando fixamente para Nicu, joguei a pera para ele, levantei-me com um bufo e bati a porra do terraço.



Na primeira vez, fui sozinha e voltei derrotada.

Na segunda vez, fui com um cavaleiro nobre e ainda voltei derrotada.

Na terceira vez, uma comitiva incompatível me flanqueou na fronteira da floresta. Eu recusei, protestei, dei desculpas. Eu poderia ter batido o pé.

Ainda assim, homens e pica-pau não me deram uma escolha. Aire era aquele soldado etéreo e implacável que se recusava a abandonar o chamado do dever. Nicu era aquele amigo querido que queria ajudar e também ver a floresta por si mesmo. Punk era firme e leal. Lyrik estava entediado.

O explorador não tinha nenhuma poção atual com a qual brincar ou para vender fora da colônia. Ele disse algo sobre sua última mistura que precisava de tempo para efervescer, o que quer que isso significasse. E ele preferia ser mais galante do que fazer manutenção.

Parado ali, ele perguntou: —O que há de errado com ela?

Eu não tinha compartilhado os detalhes sobre a doença da mamãe. Aire não tinha me pressionado sobre isso - eu disse a ele o suficiente para unir sua cooperação - Nicu já conhecia os detalhes secretos, e Lyrik não se importava o suficiente para me incomodar.

Meu nariz fez cócegas quando pensei no que dizer. Não vi mal em admitir: —A mente dela está se esvaindo.

O rosto de Lyrik mudou, sua forma arrogante se retraiu, reorganizando-se em uma expressão séria. Meus companheiros ficaram calados sobre o óbvio: não havia solução rápida para mentes ou loucuras simplórias. Mesmo o Reino de Inverno, líder da ciência e da medicina, ainda não tinha um remédio.

Eles me apoiariam. Se eu precisasse de uma cura para minha mãe, eles tentariam ajudar.

Nós caminhamos para a floresta. Depois de não conseguir localizar o caminho do madeireiro, ou o caminho do animal, debati se tinha chance de chegar ao local onde eles se conheceram. O lugar onde o animal ficou preso e o lenhador o resgatou. O clímax da história.

A floresta poderia estar impedindo meu progresso de alguma forma, não querendo que eu tenha sucesso, o que meio que doía. Quero dizer, eu vim da bolota. A bolota veio daqui. Esta terra não deveria se alegrar na minha presença?

Eu realmente estava começando a pensar como mamãe. A floresta tinha uma alma porque a natureza tinha uma alma, a vontade das Estações. Mas a natureza não se comunicava com os humanos, nem os espantava como moscas, nem manipulava a caça. Certo?

Os homens debateram, discordando sobre qual caminho seguir. Lyrik grunhiu por conhecer melhor a área; Nicu apontou para uma direção aleatória

e sonhadora; A inclinação de Aire notou o rascunho mais simples, uma rota aérea.

Meu coração de bolota se contraiu, uma sensação agora familiar. Meu punho pressionou contra ele e dei um passo à frente deles, seguindo a pressão no meu peito. Quanto mais duro ficava, mais rápido eu andava, deixando-os para trás.

Eles devem ter notado, porque três pares de botas me seguiram.

Se esse palpite fosse uma ilusão, eu ficaria lívida.

Pensando bem, eu poderia esperar que fosse assim tão simples? Contar com uma conexão mística entre meu nascimento e este lugar?

Descobrimos árvores gigantes que não conseguimos identificar, com canais estripados, largos e altos o suficiente para que uma carroça passasse. Ocasionalmente, eu procurava, vasculhando a folhagem pela medicina da natureza. Nicu fez o mesmo, mais por fascínio do que por farsa, enquanto Punk voava acima de nós.

Os outros dois inspecionaram a área, rondando espíritos ou predadores ou talvez os guardas reais. Embora Aire tivesse jurado que as tropas seguiriam o protocolo, não procurariam Nicu nessa área até muito mais tarde, mais do que o mês em que estaríamos aqui.

—Você está caída? — Nicu perguntou, ganhando o meu lado e tocando meu braço.

—Eu estou bem —, eu suspirei. —Só cansada.

—Sinto muito pelo que eu disse. Eu puxei sua voz e floresci suas palavras, mas elas pertenciam a você. Eu sinto muito.

Coloquei minha mão sobre a dele. —Está esquecido.

Nicu não pretendia colocar minhas fantasias secretas do cavaleiro no local. No jantar, ele não viu uma razão para eu ficar envergonhada. De

qualquer maneira. Aire não tinha mencionado isso, e eu me recusei a corar. Desde o começo, eu não mantive minhas opiniões ou flertes obscenos comigo perto dele. Ele sabia que eu gostava de seu rosto estúpido.

Nicu entrelaçou seus dedos nos meus. Apertei-os de volta e continuamos.

Durante a caminhada, nossa atenção se tornou desonesta. Lyrik olhava para Nicu enquanto o jovem Real sonhava; Nicu olhava para Lyrik enquanto o cretino cambaleava; Fiz um estudo completo da bunda de Aire enquanto ele assumia a liderança; e Aire vislumbrava minhas mãos enfiadas nas de Nicu. Não de uma maneira ciumenta, mas de uma maneira rebitada.

Nessa floresta, Nicu parecia ainda mais élfico, com seus traços desproporcionais de duendes e a trança curvada da testa para o ouvido. O tecido caiu, fios errantes se soltando. Ele estendeu a mão para consertá-lo com uma mão, não querendo liberar meu aperto.

Um conjunto de dedos de oliva afastou o dele. Impassivelmente, Lyrik colocou o cabelo de volta no lugar. —Pronto, pequeno Pássaro Canoro.

O petisco mais importante desta cena? A reação de Nicu, seus olhos se arregalando para o tamanho de pratos no momento em que Lyrik o tocou.

Aire o chamou e Nicu correu para o cavaleiro, com o pescoço manchado de rosa.

Examinei o explorador. Seu cabelo bagunçado e a barda da mandíbula por fazer. Seu cachecol desleixado e brinco farpado. A maneira como ele olhava para o meu amigo.

Lyrik sorriu. —Jovem animado.

—Hey —, eu rosnei, empurrando seu ombro. —Tire as mãos.

—Você é quem fala. — Lyrik apontou o queixo em direção a uma capa agitada. —Ele é um homem casado.

—Ele é viúvo.

—Ainda mais fodido. O fantasma de sua esposa vai voltar e assombrá-lo enquanto você o monta. — Lyrik estalou os dedos. —Oh espere. Você tem essas peças de reposição? E elas sequer o interessam?

Ele avançou, murmurando por cima do ombro. —Além disso. Não interessado.

Bem. Eu exagerei e agora queria me bater. Aire me contou sobre sua esposa em confiança, e eu acabei de rir.

Durante nossa caminhada, a porca no meu peito bateu por atenção. Eu grunhi, meu corpo se contraindo momentaneamente. Punk pairou, mas eu acenei para ela.

Perto, os homens pararam. Olhei para cima e percebi o que tinha deixado meu coração irritado. Estávamos em uma clareira de gafanhotos, com inscrições em cada tronco de árvore.

—Huh—, observou Lyrik. —Não reconheço esse cubículo.

—Onde estamos? — Eu perguntei. —O que é este lugar?

—As palavras são desejos dos capinadores. — Disse Nicu.

Ele se referia a andarilhos, viajantes e, sim, caçadores ocasionais de bolotas. Deve ter começado com uma gravação e, inspirada na ideia, as pessoas devem ter copiado ao longo das décadas. Não era lá que o madeireiro e o animal haviam colidido, porque a história não mencionara uma clareira de gafanhotos, e esses viajantes devem saber disso. Ninguém havia encontrado o âmago de onde a história se desenrolara.

Mas quando chegaram a esse lugar, haviam gravado seus desejos na casca: anseios, desejos, medos, esperanças. Como se isso solidificasse seus sucessos, ou eles simplesmente quisessem deixar suas marcas.

Meu estômago revirou ao pensar em todos esses estranhos ansiando pelo que me fora dado. Além disso, pelo que eu tinha roubado. Pelo que a Coroa planejava revelar, compartilhar com o pessoal de Mista.

Eu me sacudi. *Mãe*.

—Essa clareira já recebeu muitos necessitados. Os desejos deles se tornaram sagrados — disse Aire, com uma rajada de cabelos despenteados. — Prováveis desejos não concedidos, mas eles se acumulam aqui, se reúnem aqui, para honrar essa esperança, passando-a para o próximo visitante.

E neste local, as árvores permitiam, permitiram que as pessoas estragassem a casca. Meus dedos tremeram quando olhei para a adaga de Lyrik, uma ferramenta perfeita presa em seu corpo calvo.

O que eu esculpiria? Eu tinha o direito de esculpir alguma coisa?

Lyrik estendeu a mão para traçar uma das inscrições mais enigmáticas que diziam: *Sonho.*

Aire, Nicu e eu batemos nele: —Não toque em nada!

O invasor ergueu as palmas das mãos, com um olhar de *whoa* no rosto, como se tivéssemos enlouquecido.

Um gosto calcário encheu minha boca. Meu corpo - ombros, quadris e membros - formigaram. Não sabia por que nem como, mas senti minha mente crescendo, se expandindo. Meu crânio e pele latejavam.

Conhecimento. Conhecimento de um conto. Minha história.

A natureza me envolveu, não assustadora como minhas primeiras caminhadas. Não, a floresta parecia atenciosa, como se finalmente tivesse decidido o que fazer com a minha presença.

Uma dica?

A brisa lançou uma resposta em meu caminho. Em vez de barulho, meu coração acelerou um ritmo constante que eu nunca tinha experimentado antes. Ele bateu.

E bateu. E bateu.

Ba-bump. Ba-bump. Ba-bump.

Como uma coisa viva. Como um coração de verdade.

Respirei fundo, meu nariz fazendo cócegas, os galhos assentindo.

A terceira bolota concedia uma vida restaurada. Uma vida restaurada significava uma vida mudada.

Nicu havia dito que talvez a bolota não fosse para mamãe, mas nenhum de nós tinha adivinhado mais. Mas talvez eu pudesse agora. Talvez eu soubesse.

Talvez a terceira pepita *fosse* para mim. Talvez se eu substituísse um pelo outro...

Com uma bolota, madeira. Com a outra, uma vida restaurada.

Uma vida mudada.

Um coração de verdade. Uma garota de verdade.

CAPÍTULO VINTE

FANTASIA

Eu balancei minha cabeça, não, não, não. Eu vim aqui pela minha mãe, não por mim.

Esta não poderia ser a resolução. Isto não poderia ser.

Eu interpretara mal os sinais. Isso era tudo.

Minhas têmporas latejavam, a dor se espalhando. O terror soprou através de mim, chicoteando minha saia e tirando o chapéu da minha cabeça.

Foi preciso o toque de Aire, seus dedos afastando meu cabelo, para parar o chapéu. Palmas fortes cobriram minhas bochechas. —Você está doente. — Disse ele.

Ele não sabia a metade disso. Por isso eu desmaiei.

Meus joelhos defeituosos dobraram, destacando-se de suas fixações. Uma prévia do que está por vir? Uma provocação?

Aire me pegou antes que eu caísse no chão. Punk chiou como um corvo.

—Cabeça dói. — Eu gemi, minhas patinhas de ladra agarrando a camisa do cavaleiro, meu pulso correspondendo ao seu em tamanho e som.

Minha bochecha pousou contra as clavículas de Aire, minha cabeça sob a mandíbula dele. Ele me pegou em seus braços e me carregou. Flutuei na nuvem de seus braços, subindo pela floresta.

No caminho de volta, Nicu começou a cantar, suas palavras unidas por um tom vibrante e uma melodia suave. Palavras sobre desejos e nozes, fatos e mentiras.

Punk empoleirado no ombro de Aire, suas asas roçando meu couro cabeludo.

Demorou uma eternidade para chegar em casa. Cheirei madeira antiga e dezenas de vidas, dezenas de histórias, dezenas de contos de fadas absorvidos nas casas da árvore. Ouvi os passos de Aire enquanto ele subia uma escada, dando voltas e mais voltas, o mundo girando.

Um travesseiro embalou meu crânio cruel, cobertores me envolveram e depois o silêncio.

E tão rapidamente quanto a escuridão me sepultou, a tampa se levantou. Saí da cama com um suspiro, o som caindo da minha boca, suas bordas esfarrapadas. A vigília arrastou a memória, o resíduo de nossa caminhada na floresta e a descoberta na clareira. Esse ponto de virada da realização.

A bolota presa no meu peito endureceu mais uma vez, não mais grande e batendo como uma ferramenta estrangeira. Minha janela oferecia uma vista da floresta iluminada pela lua. O bangalô estava quieto, pacífico e tudo menos. Meu chapéu de penas estava na mesa de cabeceira. Minha bolsa de ombros pendia do encosto de uma cadeira.

Uma bola de plumagem residia no estribo, seu corpo subindo e descendo com respirações regulares e adormecidas. Punk ficou comigo. Meu dedão do pé estendeu e acariciou uma garra, consciente de não acordá-la.

A lareira ficou boquiaberta para mim com a boca vazia. Um caule de penas cutucava da parte de baixo do meu travesseiro. Tudo em seu lugar. Tudo normal. Tudo mentira.

Coloquei o cobertor de lado, joguei os pés no chão e agarrei a ponta do colchão. Isso não estava acontecendo. Essa ansiedade agachada no meu peito, essa dúvida cravada no meu umbigo.

Essa tentação traidora. Essa curiosidade desonesta.

Um coração de verdade. Uma garota de verdade.

Minhas roupas enrugadas grudavam na minha pele de madeira. Saí da cama e tirei a camisa e a saia, depois vesti minha camisola e peguei o cobertor xadrez, usando-o como um xale improvisado.

Lembrei-me dos braços de Aire presos ao meu redor. Sua inclinação calma.

Minhas botas foram removidas. Agarrei-as e teci os laços na panturrilha. Enrolei meu cabelo em um coque caótico e saí de casa.

A umidade chuviscava a colônia, o orvalho da meia-noite brilhando nos troncos das árvores. Fogo líquido dançava nas luminárias, globos de luz espalhando a comunidade do nível do solo até as coroas dos carvalhos. Do estábulo distante, o corcel de Aire e minha mula resmungavam, enquanto o cavalo de Lyrik permanecia em silêncio ou dormindo.

Dez minutos depois, eu esperei no balanço. Dez minutos depois, e cinco minutos depois, e um minuto depois, ele ainda não tinha chegado.

Esferas de coruja piscaram para mim. O riacho escorria abaixo.

O barulho abafado de aço também tocou a partir daí.

O assento rangeu quando eu me levantei. Segui os ruídos agudos, olhando de vez em quando por cima de pontes e trilhos de escada.

Atravessando para o nível mais baixo, eu o vi.

Numa clareira, a hora tardia jogando prata sobre a grama. Desse ângulo, ele parecia se mover sobre as estrelas enquanto girava suas espadas. Acima da calça solta e baixa, seu torso sem camisa flexionava, seus músculos refletiam o céu, carregando a noite nos ombros. Um raptor angelical e mortal, cortando o ar com lâminas como asas.

De uma posição para a outra, ele girava em pausa. Ele chicoteou, chicoteou, as espadas sem peso e voando.

Eu nunca tinha visto uma pessoa se mover tão rápido. Eu não sabia que uma pessoa poderia brandir uma arma do jeito que ele brandia, executar as posições que ele fazia, não que eu me considerasse uma autoridade.

Pelo que eu sabia, homens muito mais velhos geralmente mantinham sua posição. Mesmo assim, vi por que a Coroa o havia designado como o Primeiro Cavaleiro do Outono, apesar de sua juventude.

O que roubava mais minha respiração? Sua carne nua ou aquelas armas? Seus movimentos ou sua precisão?

Ouça-me, sonhando. A qualquer segundo, eu estaria fazendo uma serenata inversa para ele de cima.

A ansiedade deu lugar a uma pulsação profunda. A confusão deu lugar a uma onda quente.

O corpo de Aire se deteve, suas espadas equilibradas, seu abdômen ondulando. Ele arrancou as mechas douradas da cabeça e, com uma pontada de humor, ofegou na clareira: —Eu pensei que você tivesse dito que era rude olhar.

Quando tudo mais falhar, esconda luxúria com humor. —Quantas vezes eu disse para você não cortar a cabeça dos fantasmas?

Com um meio sorriso, ele se virou para mim. Eu dei um aceno solene. As luminárias respingavam laranja e amarelo aqui e ali.

Em um único movimento limpo, ele girou as espadas e as jogou no solo. —Venha aqui.

Claro que sim. Eu estava no chão, na clareira, e de pé ao lado dele em segundos. Eu poderia ter ficado traumatizada com o que aprendi na floresta,

mas quando um belo cavaleiro seminu se oferecia para distrair uma garota como eu, essa garota aproveitava a oportunidade com mãos agarradas.

De perto, um fio de suor lhe cortou a garganta e a transpiração escurecia as pontas dos cabelos.

Estrelas. Floresta. Nu.

Não poderia ficar mais romântico para mim ou platônico para ele. Seus olhos ficaram nos meus, nem uma vez atraídos a se desviar, apesar da camisola.

—Me descartando para praticar? — Eu brinquei.

Ele passou os dedos pelos cabelos, seu peito se expandindo com o movimento, acentuando as partes esculpidas dele, bem como as cicatrizes que eu não havia notado antes. Cicatrizes cor-de-rosa passavam por cima do ombro, deslizavam pela cintura e cortaram o bíceps.

—Não pretendia abandonar nossas reuniões noturnas —, disse ele. —Eu assumi que você exigiria mais descanso hoje à noite, e eu não exercitei minhas armas desde que cheguei.

—Você é impressionante quando se empurra.

Ele riu. —Obrigado?

—O prazer é todo meu. Obrigada por erguer minhas curvas para casa.

—Como você se sente?

—Melhor.

—Acho que não —, contestou. —Algo sobrecarrega você. Gostaria que você confiasse em mim.

—Eu gostaria que você jogasse com suas longas e duras espadas novamente.

—Pelo bem da Estação...

—Eu estava sufocada por aquele lugar. Eu não sei. — Chutei uma pedra na grama. —Eu me senti impotente, inútil. A enxaqueca me matou, mas ajudou a saber que você estava lá, e o canto de Nicu também melhorou as coisas.

—É por isso que estamos aqui?

Minha cabeça se levantou. —Hã?

—Você está caçando bolotas para sua mãe?

Eu havia debatido os riscos de fingir procurar as bolotas, uma verdade distorcida que poderia causar irritações persistentes em mim.

Eu, a invasora do castelo e a facilitadora do fugitivo.

Eu lhe dei uma explicação parcial sobre ter a chave da vara, dizendo que a adquiri depois de cortejar o aprendiz do serralheiro, deixando o resto para a imaginação do cavaleiro. Claro, eu não tinha mencionado que havia feito a réplica.

A bolota no cofre era outra história. Como o primeiro cavaleiro, Aire poderia saber sobre esse tesouro secreto protegido no castelo. Nesse caso, fingir-me de burra - tão ignorante quanto todos os cidadãos quanto a esse fato - e fingir procurar as nozes frustraria as suspeitas.

Ou sua estranha intuição poderia sentir um ardil.

Eu pensei que tinha dominado a arte de mentir. Com ele, talvez eu realmente tivesse um limite. Não importa o que ele soubesse ou não soubesse, não importasse o cenário, era melhor limitar as conexões com as bolotas.

Independentemente disso, não foi um choque que ele tivesse perguntado, considerando que eu tinha citado este lugar como meu destino, uma colônia de desejos e esperanças. Eu estava preparada para isso.

—Estou aqui para uma cura. Eu não ligo para que tipo — Falei. —Se é uma bolota, então é uma bolota. Se não é, não é.

Meu nariz não se opôs. Uma boa parte de mim deve ter acreditado nessa afirmação.

Aqueles olhos azuis rondavam os meus, mas então seus ombros relaxaram. —Recupere seus machados.

—O que? Por quê? — Eu bali.

—Paz, donzela. Não tenho intenção de confiscá-los.

—Porque diabos que eu deixaria?

—Na floresta, você expressou um vazio, um desamparo. Você não empunhou suas armas contra as donzelas-raposas e, antes disso, atirou esses machados em mim com pouca delicadeza. Você não é uma lutadora.

—Pfft. Quem quer lutar?

—Se você ainda não quer, você deve. Você é espirituosa, dificilmente um rato, e eu vejo como você olha para o armamento, como se desejasse dominá-lo. Recupere seus machados.

—Você vai me ensinar?

—Se você realmente deseja possuí-los, deve aprender a usá-los.

E se eu quiser projetar mais deles, devo aprender a usá-los. Saber jogar as machadinhas, segurar uma espada ou balançar qualquer lâmina me ensinaria como elas funcionavam. Os benefícios e desvantagens. As vantagens e limitações. O que elas tinham em excesso e o que faltavam.

E eu aprenderia a me defender, o que sim, não era uma ideia incompleta. Socialmente, eu poderia limpar o chão com praticamente qualquer pessoa. Fisicamente, nem tanto.

Um sorriso masculino e conhecedor. —Você está me encarando novamente.

—O que posso dizer? Você é muito capaz de encarar.

—Vamos ver se você é treinável.

Todo tipo de emoções vertiginosas colidiram quando eu corri para o bangalô, peguei meus machados e voltei para a clareira.

Com as mãos nos quadris, Aire inspecionou minhas roupas noturnas. — Talvez eu devesse ter aconselhado você a mudar.

—Eu não sou uma garota de calças ou collants.

—Depois trataremos da cobertura protetora mais tarde. Gostaria apenas de começar com alguns apertos e posições adequados.

Ele pediu permissão para empunhar os machados e, quando os entreguei, ele os admirou abertamente. —Raramente vi armas que me surpreenderam, tão majestosas que eclipsaram suas supostas capacidades. Compacto e com esses materiais básicos, eles ainda voam como o vento. Quem os criou?

—Você pode me agradecer por isso. — Dei de ombros. —É um hobby meu. Ou bem, eu gostaria que fosse mais do que isso - projetar armas.

Não há razão para não contar a ele. Afinal, um carpinteiro fora contratado para construir um recipiente de apresentação à prova de falhas para a bolota, não para uma armeira ou a mãe de uma armeira.

E tecnicamente, eu não estava praticando o ofício de qualquer maneira. Ainda não.

Além disso, gostei do olhar espantado em seu rosto. —Você tem uma mão esplêndida. — Elogiou Aire.

—Eu sei. — Eu jorrei, pegando os machados e passando por ele enquanto adicionava um balanço aos meus quadris.

Sim, esse movimento foi deliberado. E sim, ele percebeu.

Minhas costas o encaravam, mas alguns olhares podiam ser facilmente sentidos. Intensamente sentidos.

Mas agora que estávamos realmente fazendo isso, a vertigem se transformou em algo tímido e inadequado.

—Uma designer e artesã de armas. Mais uma razão para aprender a usá-las adequadamente. — Disse ele.

—De acordo. Ok, então posições de guerra. —Eu me virei, dobrei meus braços, agarrei meus machados ao meu lado e fiz uma careta. Uma expressão feroz saltou do meu rosto e meu olho esquerdo apertou os olhos, porque por que não embelezar?

—Que tal isso para forte? — Eu perguntei. —Grrrr.

Os lábios de Aire se curvaram. —Isso não é exatamente o que eu tinha em mente.

—Ou isto? — Eu levantei os machados bem acima da minha cabeça como um conquistador. —Vou chamar isso de minha Posição de Cadela Guerreira.

Agir como boba era muito mais viável do que parecer uma amadora. Mas, principalmente, tudo que eu queria neste mundo laranja, dourado e vermelho era fazê-lo rir. E estava funcionando.

Motivada, tentei uma série de posições, cada uma mais ridícula que a anterior. A cabeça de Aire caiu na palma da mão, os ombros tremendo de alegria quando os efeitos sonoros começaram.

—Haaaar.

—Heeeeh.

—Hiiiii-yahhhh.

Eu girei, então solucei, assustada ao encontrá-lo atrás de mim, seu torso alinhado com as minhas costas. Calor masculino. Pele e tendão. O cheiro de suor, couro e céu. Tudo seu pressionado a tudo meu.

A palma da mão pousou no meu quadril. —Demonstração interessante —, ele murmurou, sua respiração escalando meu lóbulo. —Mas para esta lição, precisamos estar perto.

Muitas respostas surgiram na minha cabeça, especialmente no meu corpo. E eu percebi, ou talvez me lembrei, o quanto eu queria isso. O quanto eu queria dominar isso, ser fluente em armas, forjá-las de uma maneira que ninguém jamais tinha antes.

Este era o primeiro passo real. Eu queria, queria que ele me trabalhasse, me colocasse em forma. Eu queria tanto tudo que meus dentes rangiam.

—Segure-as assim. — Ele manobrou meus dedos na posição correta ao redor das alças, consciente do meu toco queimado e que meus dedos restantes precisariam compensar. Sem esse dedo extra ou uma peça de reposição, eu teria que me adaptar.

Ele ajustou o resto de mim. Isso aproximou nossos corpos, toques pequenos e maciços, seu queixo na dobra do meu pescoço.

Os machados não foram embotados, então, agora, ele só queria que eu me familiarizasse com as armas, para que eu as segurasse sem esforço. Agarrei-as com mais força, minha pele de madeira queimando, desejo crescendo, despertando.

Para onde o desejo apontava, eu não sabia dizer.

Aire sussurrou instruções, inspirações. Ele me mostrou como mudar meu controle com cada postura, depois me ordenou que o fizesse novamente.

E de novo. Mais uma vez. Outra tentativa.

Então ele me mostrou como me mover com as machadinhas, como manobrar sem derrubá-las, como mudar rapidamente e me equilibrar. Meu aperto vacilou várias vezes, mas começamos de novo.

Com o corpo dele preso ao meu, nos movemos em conjunto, devagar no começo, e depois acelerando. Ele me emoldurou, nossos corpos se contorcendo e dobrando, os machados ficando sem peso ao meu alcance.

Perdi a noção dos segundos, dos minutos, da hora.

Paramos, entrando em uma posição final. Seu peito bateu contra o meu. Meu peito direito pesou contra seu bíceps.

Os cabelos dourados em seus antebraços se ergueram.

Um gigantesco momento de silêncio se seguiu, com as estrelas rindo sobre nós, o nevoeiro passando pela clareira e o riacho fervendo nas proximidades. Eu me enrolei nele, meu cabelo roçando sua garganta.

O peito dele se contraiu. Era minha imaginação ativa, ou ele prendeu a respiração?

A palma da mão esquerda segurando minha cintura apertou, seu polegar correndo uma vez ao longo da curva para dentro. Minha pele de madeira superaqueceu, mesmo quando desci da adrenalina de poder.

A testa de Aire pousou no meu ombro, com o braço passando pela minha cintura. —Bom. — Ele murmurou.

Eu assenti. —Muito bom pra caralho.

Ele riu. —Às vezes eu não sei como estar perto de você, e outras vezes, é tão claro quanto o dia. Sou inconsistente na sua presença.

—Esse era o plano.

Ele cutucou meu lado. Eu gritei e dei uma cotovelada nele, e quando ele revidou com outro soco, eu larguei os machados e girei, tentando atacá-lo. Lutamos, e não me lembro quando aconteceu, mas nossas risadas encheram a clareira.

Eu perdi, é claro. Aire me prendeu ao seu peitoral em segundos, o humor diminuindo, provavelmente devido aos meus seios sendo esmagados contra

ele, a madeira cedendo à sua carne. A qualquer momento, meus mamilos ficariam duros o suficiente para machucá-lo.

Aire pigarreou enquanto eu me arrastava para trás, nós dois ainda ofegantes.

Droga. Um protesto tardio e dolorido arruinou o feitiço, minhas articulações chorando, não acostumadas a serem abusadas assim. De manhã, eu precisaria de outra sessão de pedras quentes.

Depois que juntamos nossas armas, ele me acompanhou até meu bangalô, a viagem demorando mais do que deveria. Nós nos tornamos amigos, mas a dinâmica mudou hoje à noite. O que acabamos de fazer tinha sido estranhamente íntimo. Cru e honesto.

Nem uma vez pensei na bolota.

Paramos na porta, onde enfiei uma mecha atrás da orelha e Aire observou o movimento. —Amanhã à noite-

—Eu adoraria. — Eu disse.

Um sorriso apareceu em seu rosto. Estendi minha mão para ele apertar, como se tivéssemos feito um acordo. Em vez disso, ele levou meus dedos aos lábios e escovou a pele. Um gesto cortês que eu nunca tinha recebido.

Meus sentidos ficaram loucos. Enquanto ele se afastava, eu o observei.

Totalmente extasiada. E totalmente devastada.

Eu levantei essas juntas aos meus próprios lábios, lembrando o calor de sua boca. E o formato da mão dele. E o corte a frio do anel de casamento.

CAPÍTULO VINTE E UM

HONESTIDADE

Lembrei-me da solidez de seus dedos, da densidade de sua mão na minha e do mínimo tremor, que produziu o mais fraco dos rangidos. Os grãos aleatórios em sua pele saltavam por seus pulsos como sardas, a textura de pequenos cortes no meu polegar, mas ela parecia macia, macia demais para ser real. A visão de sua mão de madeira, misturando-se com a sensação maleável, parecia uma coexistência de opostos, equilibrando legitimidade e engano.

Tal era a medida dos meus sentimentos por ela nesta noite... ou talvez mais do que isso. Havia uma realidade em nossos interlúdios, que eu valorizava e desconfiava.

Como em outras noites, eu me diverti com ela. No entanto, eu questionava, a facilidade que muitas vezes sentia em sua companhia, desde que começamos a nos encontrar nos balanços. Fazia séculos desde que eu me comportava livremente com uma mulher, desde que eu era tão impulsivo.

Quais das minhas ações foram puras? Quais eram ilusões? Eu estava sendo autêntico ou simplesmente pego nos momentos?

Eu praticara com ela na clareira, há muito que desejava um pouco de prática. O resultado não foi o que eu esperava, mas não importara.

Eu a convidei para se juntar a mim, com a mais clara das intenções: mantê-la perto.

Eu queria que ela ficasse, e ela se beneficiou da instrução. Eu não me arrependi, nem esqueceria seus ombros dobrados dentro dos meus, sua forma torcendo ao lado da minha, nossas mãos combinadas nas machadinhas.

Acima de tudo, não esqueceria o formato da mão dela na minha.

Na verdade, eu me senti mais do que mera galanteria à sua porta. Se eu tivesse o que queria, teria me entregado, admirando as torres dos nós dos dedos, as bacias das palmas das mãos, as pontas dos dedos, as tramas de madeira entre elas.

Eu teria prestado atenção especial aos sons dela. Ela fazia barulho como qualquer um fazia, mas fazia barulho como ninguém fazia. Eu a ouvi de maneiras que nunca ouvi antes.

Naquela noite, eu me movi com outro corpo, mais do que o fizera... há muito tempo.

Diante da porta da frente, eu queria deixá-la ir.

Tanto quanto, eu queria esperar.

Ela gemeu, balançando os quadris de uma maneira bastante expressiva. —Eu te odeio, a propósito.

Eu cutuquei um desses quadris com um pau. —Você mencionou isso.

Ela também mencionou me matar e espetar, embora seus votos não a levassem a lugar nenhum se ela não soubesse executar os movimentos rudimentares.

Seu treinamento havia começado. Fortalecer sua estrutura tornou-se o objetivo, exercícios para criar tolerância e resistência. Como tal, ordenei que ela

pulasse e sacudisse, que levantasse e abaixasse, subisse escadas e atravessasse pontes. Eu a acompanhei, e ela ofegava ao meu lado, seus passos batendo na terra enquanto amaldiçoava o dia em que nasci.

Desnecessário dizer que, uma vez que as coisas progrediram em intensidade, seu entusiasmo desde a primeira noite mágica havia perecido na videira.

A força para o combate progrediu para empunhar suas armas. Ela praticava segurando-as, equilibrando-as, analisando rotineiramente sua funcionalidade em conjunto com sua construção.

Depois de demonstrar uma rotação fundamental com um de seus machados, eu a entreguei e andei para trás, dando-lhe espaço. —Tente novamente.

—Se eu tivesse cobre para todas as vezes que você disse isso.

—Então eu ganharia a taxa horária que você me deve por essas sessões.

—Mantendo o controle, não é?

—Tente novamente.

A cada tentativa fracassada, seu rosto se contraia, sua voz esfumaçada chicoteando meus ouvidos com juramentos. "Porra!" "Que porra é essa!" "Foda-se, porra!"

Suspeitei que ela quisesse me matar ou matar as armas.

No entanto, nem uma vez ela capitulou.

Os sóis nascem e se põem, horas e dias à deriva, andando pela comunidade da casa na árvore e encapsulando nosso grupo fugitivo do

mundo. Nesse lugar, esquecido e lendário, Outono nunca esteve tão presente para mim, nem tão distante.

Da mesma forma, as memórias persistiram e diminuíram, a primeira quando eu me encontrava em solidão, a segunda sempre que a garota se juntava a mim à noite. Nas proximidades, ela consumia minha atenção com desprezo, vulnerabilidade e coragem.

Nos interlúdios, ela se retirava para suas próprias preocupações, coisas que não expressaria. O incidente na floresta a atormentava, perturbando sua paz de espírito. Tínhamos isso em comum, nossos pensamentos secretos.

De distâncias variadas, ganhamos nosso sustento, ajudando Lyrik nas tarefas. O tempo todo, eu fiquei observando a garota. Eu patrulhava um mirante ou conversava com Nicu enquanto ela se fixava nas fogueiras do poço ao ar livre ou nas chamas internas da lareira.

Ou ela investigaria as fundações da casa na árvore.

Ou ela desenharia armas com pergaminho e um pedaço de giz que ela havia adquirido durante sua investigação da colônia.

Ou ela olhava fixamente para a floresta, cuja entrada não havia violado desde que desabara na clareira. Durante cada um desses momentos, ela segurava o peito. Ela não havia retomado sua busca pela cura que procurava, e senti o dilema, uma fobia conflitante e fervor em relação à natureza.

Ela pensava em sua mãe, como eu pensava em minha esposa? Ela ansiava por expressar esses pensamentos para mim? Eu ansiava que ela fizesse isso?

Houve horas em que ela se desviou, se rebelando contra seus problemas. Ela fazia bonecos de sombra com Nicu, ou brincava de perseguir Punk, ou vinha até mim. Alternamos entre nos encontrar nos balanços do

terraço e treinar na clareira, enchendo a escuridão com brincadeiras e brigas, acordos e desacordos, perguntas e julgamentos, zombaria e empatia.

Eu a distraía dos perigos de sua busca, como ela me distraia? Como eu esperava que sim.

Devido a esse encontro noturno, chegamos tarde para romper o jejum com nossos companheiros. A donzela de madeira não era tímida, mexendo-se perto o suficiente para eu pegar a dica e massageá-la de volta, cansada da prática. Ou a cabeça dela caía no meu ombro e meus lábios tremiam quando eu levantava uma xícara fumegante para eles.

Outras manhãs, sentávamos separadamente. Nossos olhares se encontrariam e se separariam. Ela afundaria os dentes em uma refeição, enquanto eu afiava uma arma.

Tons silenciosos vieram de dentro de seu bangalô. Fiz uma pausa, meu punho preso no ato de bater, com a intenção de acompanhá-la para jantar. Sua voz se misturava com a de Nicu, palavras como *conto* e *coração* e *real* se trançando juntas.

Sua pica-pau cantou, participante desse grupo, a par de seus segredos.

Os suspiros frustrados deram lugar a risadas alegres e piares, os sons refreando minha suspeita.

Minha boca se ergueu em um sorriso enquanto eu me afastava.

Como houve várias interlocuções, eu avisei meus companheiros sobre como manter cada item no mesmo local e depois deixei meu próprio conselho. Por engano, na cozinha comunitária, um de nós deixou um par de tesouras onde uma pilha de panos estava originalmente. Não registrando a distinção, Nicu pegou a ferramenta de corte, identificando-a erroneamente e pretendendo limpar a boca com as bordas das lâminas.

O braço de Lyrik disparou antes que o meu pudesse, arrancando o item ofensivo de Nicu.

Nós perfuramos esta lição em nossas mentes, não deixando que tal acidente ocorresse novamente.



Lyrik deu ao nosso grupo um longo passeio pela colônia, embora tenha reservado os detalhes de sua sala de poções para Nicu. Isso levou minha acusação a acreditar neles como grandes amigos.

Imagine sua mortificação quando ele se perdeu, incapaz de decifrar entre uma ponte e uma escada durante a excursão. Imagine seu espanto quando Lyrik suspirou e se afastou como se não pudesse ser incomodado, interrompendo assim o passeio.

Como o temperamento de Nicu podia aumentar tão rapidamente quanto sua felicidade, ele seguiu o jovem e gritou: —Por que você me trata assim?

Nariz a nariz, eles trocaram palavras.

Muitas vezes, fiquei tentado a ensinar a esse patife uma lição física em nome do meu amigo, abstendo-se apenas porque isso ofenderia Nicu, fazendo-

o se sentir como uma criança indefesa. No entanto, devo ter começado a ferver, porque a garota de madeira agarrou meu ombro.

—Dê-lhes um minuto. — Disse ela.

—Isso vindo de alguém que vive conhecendo os pontos fracos de todos, para que ela possa usá-los para avançar. Uma líder com lacaios, não era?

—Isso é diferente. Eles não são Nicu.

—Você gosta dele, não é?

—Lute comigo.

—Eu irei esta noite, e você perderá.

Ela apertou os quadris ultrajantes. —Vamos ver isso, jovem.

Fiquei maravilhado com o quão abruptamente essa donzela mudou meu humor quando, momentos atrás, eu estava me preparando para cortar Lyrik ao meio.

Nosso humor desapareceu quando Nicu passou por nós, indo na direção oposta aos passos indiferentes de Lyrik. Dessa vez, tive que agarrar o ombro de madeira da garota para impedir que ela seguisse Nicu.

—Deixe ele —, eu disse. —Ele está caminhando para um beco sem saída.

Três dias depois, as chamas líquidas dentro das luminárias foram substituídas e as tampas removidas. Ao longo dos caminhos da colônia, vapores tingidos agora fluíam dos vasos e sangravam no ar. Cada sombra espumante - laranja, vermelho, amarelo - marcava rotas, iluminando o vapor como marcadores de trilhas.

Os vapores brilhavam perto o suficiente um do outro para Nicu distinguir, muito parecido com as guirlandas de fita no castelo, mas também estavam separados o suficiente para desafiá-lo. Isso permitiu ao meu amigo mais liberdade, sem desconsiderar completamente suas necessidades.

Nicu absorveu o esplendor, um sorriso maravilhoso dividindo seu rosto.

Quando passei pela sala de poções de Lyrik mais tarde, parei e olhei para dentro, para onde ele mexia algo em seu caldeirão borbulhante. Eu cruzei meus braços, esperando.

Mantendo os olhos na bebida, Lyrik apenas disse: —Cansai-me dele nos atrasando.



A donzela da madeira estava sentada de lado na lareira circular interior, esfregando um dispositivo ao longo de suas panturrilhas expostas. Nossas escapadas na clareira resultaram em lascas em sua pele. Ela alterou o dano, usando o aparelho para polir as manchas de volta em uma tela lisa.

A saia dela se espalhava no alto das coxas. Embora Lyrik e Nicu não tivessem reação à indecência, eu pediria que ela se cobrisse, mas não consegui encontrar as palavras. Particularmente não quando ela polia os membros sem poeira, depois perseguia esses caminhos com um pano de verniz. Manchava sua pele de madeira de volta à tez anterior, a luz do fogo banhando seus joelhos, um fio de grãos espalhados pelas pontas dos tornozelos.

Minha garganta sacudiu. Ela trocou palavras com nossos companheiros, embora eu não tivesse ideia do que dizer.

Distraidamente, ela estendeu a mão, procurando enquanto falava. Peguei um segundo pano, manchado com uma pasta grossa para selar a mancha e entreguei a ela.

Nossos dedos roçaram.

—Mais rápido. — Ordenei.

—Mais forte. — Eu instruí.

—Foco. — Eu exigi.

Ela insistiu que não podia, e eu respondi que podia sim, não tolerando mais seu gemido. A empunhadura havia avançado para o arremesso, na qual mostrei a ela como manter uma posição no alto e desdobrar os machados para que eles girassem uma vez enquanto voavam. Eu tinha declarado um toco de árvore a algumas léguas de distância como seu alvo, e ela havia conseguido os rudimentos... mesmo que ainda não tivesse atingido algo.

Eu me posicionei atrás dela, minhas mãos leves em sua cintura. —Jogue novamente.

Ela apontou para o alvo. —Fique ali e eu vou.

—Aspe-

—Ar-

Eu quase disse o nome dela, como ela quase disse o meu. Eu não sabia dizer qual de nós tremia, ou se o tínhamos feito coletivamente, ou se tinha sido apenas um vento.

Arremessar um machado, aterrissar na sua marca e permanecer lá exigiam foco e força, dois elementos em que estávamos trabalhando. Foram necessários inúmeros arremessos para seu ataque em outro lugar que não os arbustos, outros inúmeros arremessos para ela acertar um objeto, outros inúmeros arremessos para ela acertar o objeto correto.

Quando meu queixo roçou sua têmpora, o suor escorreu pela minha nuca e a barra da minha camisa raspou contra a cintura da saia.

—Concentre-se —, murmurei. —Conheça sua arma. — Eu me aproximei, meus quadris alinhando com os dela. —Conheça o seu peso e profundidade. —Meu polegar deslizou por seu quadril. —Conheça a sua forma.

Meus dedos apertaram. A respiração dela parou e ela deixou cair o machado. Ah, eu sabia o efeito que tinha nela, pois ela nunca disfarçara sua fantasia por mim.

Por um momento, pensei em algo terrível. Pensei em girá-la e pressionar aquelas amplas curvas de pele de madeira contra mim, para descobrir se elas poderiam ceder e se moldar, para explorar os contornos duros e não duros dela.

Afastei-me, mais do que o necessário, precisando de um momento para recuperar a atrocidade dos meus pensamentos - pensamentos infiéis e injustos.

Seu perfil enrugou, depois endureceu em resolução. Com as narinas dilatadas, ela levantou a machadinha. Inclinando o corpo e posicionando os braços como eu havia instruído, ela a lançou com um grunhido de raiva.

Ela atingiu, aterrissando com fenda no toco, o cabo estendido no ar.

Sua reação foi imediata, e isso me fez rir apesar de mim mesmo. Eu tinha assumido que tinha ouvido o mais alto dos gritos dessa garota.

Eu estava errado.

Ao redor da fogueira do terraço, Nicu falava de casa, de sua avó rainha, de sua mãe e pai, e de Tumble, seu furão de estimação, abençoado com a longa vida de um bicho da Primavera. Quando criança, Nicu trouxe a criatura com ele para Outono.

Nicu falou de seus dois melhores amigos. Havia Prettiness, uma criada que trabalhava nas cozinhas do castelo. Havia Pearl, uma ex-prisioneira de Verão, que eu treinara como cavaleira; a coroa havia endossado a garota como candidata a soldado, fazendo uma exceção rara em relação ao seu status sem título.

Outra coisa pela qual a família real ganhou uma reputação infame: amizade com classes inferiores.

Lyrik jogou cinzas de seu cilindro de fumaça nas chamas. —Gosto do som da sua vida. — Disse ele.

—Você não está agindo assim. — Respondeu Nicu.

Para isso, Lyrik simplesmente ofereceu a ele a fumaça, o rolo fino chiando no final. Assim que os dedos de Nicu a roçaram, o invasor o puxou de volta. — Ah-ah-ah. — Ele provocou.

Segurando uma risada, Nicu deu um tapa no ombro, para o qual Lyrik sorriu.

Expondo a testemunha da troca, embaralhei a banquete. Nicu sempre demonstrava uma simpatia desatenta, abraçando estranhos estupefatos e conversando sobre seus negócios poucos minutos depois das apresentações. Entre outras coisas, sua erupção e bondade agressiva brotavam de sua condição, dificultando a diferenciação entre amigo e inimigo. Como resultado, doía muito ser enganado ou rejeitado pelos outros, e também para testemunhar.

Ao longo dos anos, isso aconteceu cada vez menos, e ele aprendeu a não demonstrar afeições tão extremas ao conhecer alguém. No entanto, isso ainda acontecia de vez em quando, e eu duvidava que ele se dissipasse completamente.

Mas isso... essa coisa entre ele e o invasor.

Isso era diferente.



—Como ela era? — A donzela de madeira indagou sem olhar para mim.

Nós nos sentamos nos balanços. Acabei de fazer uma pergunta semelhante, perguntando como era a mãe dela, e ela estava me contando histórias. Desnecessário dizer que sua mudança abrupta de assunto me surpreendeu, da mesma maneira que a dor sempre durou um tempo, apenas para reacender sem aviso, como se eu nunca tivesse sentido isso antes.

Até hoje, essa era a única convulsão cíclica que eu raramente via. Muitas vezes, as memórias rasgavam a carne. No passado, eu apreciava o sentimento, confiava nele como um conforto mórbido, temendo o que me restaria.

O que eu tinha se não tivesse meu luto?

O que eu tinha, se não minha culpa? Eu seria leal, fiel à minha esposa, sem ele? Eu a esqueceria?

No entanto, ao mesmo tempo, eu me detestava por sucumbir a esses impulsos que duravam meses após a morte dela. Tomar sol na minha dor me deixou letárgico. Apenas a espada, meu serviço e meu parentesco com a realeza me mantiveram são naquela época. Nada mais importava.

No entanto, hoje à noite, pensando nela, senti apenas desolação moderada.

A donzela de madeira mordeu o lábio inferior, a marca de beleza se contorcendo. —Se você não quer conversar-

—Ela era sincera e espirituosa —, respondi. —Ela temia cavalos, mas os admirava de longe. Ela adorava flores de palha e a cor azul. Ela era eterna.

A garota ficou em silêncio, balançando ao meu lado, com os pés descalços chutando um cacho de folhas quebradiças. —Qual era o nome dela?

Levou uma quantidade imensurável de ousadia para ela perguntar, e da mesma forma que eu respondi.

Eu não falava o nome dela há mais de um ano.

Eu respondi em um sussurro, o nevoeiro engolindo-o inteiro.



Ela estava diante de um espelho, segurando um vestido de veludo na frente do corpo.

Ela era ágil, com ondas de mel roçando seus ombros e, quando sorriu, um espaço apareceu entre os dentes da frente.

Eu adorava essa lacuna acima de tudo.

Minha visita era esperada, então eu esperava que a roupa bonita fosse para a minha chegada. Eu me escondi atrás dela e cobri seus olhos. Ela pulou, mas relaxou rapidamente.

Eu sorri —Eu tenho um favor a pedir, minha senhora.

Ela riu. —E o que seria, meu senhor?

—Case comigo. — Ela ofegou quando eu afastei minhas mãos, virando-a em meus braços. Eu beijei seus lábios sorridentes. —Case comigo, Robin.



—Nicu cantou no funeral de Robin. — Eu disse à donzela de madeira.

Um momento atrás, eu tinha acabado de revelar o nome da minha esposa para ela. Eu não quis dizer mais do que isso, mas com essa garota, muitas vezes fazia o oposto do que pretendia.

Ela me ouviu relembrar a flauta da voz de Nicu agitando as bétulas no cemitério. Eu não conseguia me lembrar de como eu permaneci de pé. Talvez tenha sido a música do meu amigo, e a proximidade de sua mãe e pai, que me mantiveram na posição vertical.

Meus camaradas não sabiam o que dizer. Eu me ressenti e agradeci por isso, desejando e não desejando que eles se aproximassem de mim com banalidades. Eles não teriam feito as perguntas certas sobre ela, mas teriam feito alguma coisa.

Sua Alteza, Briar do Outono, tinha entendido. Ela perdeu o pai e se culpou por anos.

Em particular, eu soluçara. Em público, eu me dediquei a tarefas como o ferro até uma bigorna, recusando a oferta de licença da Realeza.

Nunca mais deixaria de proteger outra pessoa.

Nunca mais deixaria de prever uma ameaça ao meu coração.

—Por que você quer projetar armas? — Eu perguntei a ela.

Na grama perto do riacho, a garota ergueu os olhos do desenho, discretamente afastando-o de mim. —Gosto de combinar madeira com aço e ferro; é um lembrete de que a madeira é feroz. Eu quero capacitar as pessoas. —Ela largou o pergaminho. —Por que você quis ser um soldado?

Eu me plantei ao lado dela. —Quando cruzo espadas, é como se estivesse voando, como se fosse capaz de alcançar qualquer um. Eu quero proteger as pessoas.

—Para ser insubstituível.

—Ser necessário.

—Sim. — Após um momento de hesitação, ela arrancou o lençol. — Você... quero dizer, você quer ver?

Excitação e incerteza saíram dela, levantando os cantos dos meus lábios. Ela queria me mostrar seu trabalho.

—Eu ficaria honrado. — Eu disse.

Dentro de nosso bangalô compartilhado, Nicu franziu o cenho para si mesmo no espelho, virando o queixo da esquerda para a direita, absorvendo as feições rebeldes. Os olhos verdes inchados, a boca larga e as maçãs do rosto salientes. Ele tinha crescido um pouco, e sardas brotaram no nariz de duende.

Eu tinha tropeçado nele assim, meu reflexo atrás dele.

Ele falou, sua voz à beira da masculinidade e ainda tão musical quanto qualquer instrumento de prata. —Eu não sou uma flor como papai... ou como você.

O fato de ele ter investido tempo na vaidade, como nunca antes, me deixou mal equipado para responder. Seu pai nunca dera a Nicu motivos para se sentir autoconsciente.

No entanto, Poet não estava aqui para dizer a coisa certa.

Eu não tinha especulado se Nicu pensava no amor além da amizade e na família, na atração e no desejo. Até este lugar, ele não tinha me dado um motivo para pensar.

Para mim, Nicu era bonito. Como expressar isso sem ele suspeitar de um viés, era a tarefa.

—Não, você não é uma flor. — Respondeu uma voz feminina.

Nicu estremeceu. Eu me virei, prestes a bater na donzela da madeira, mas ela passou por mim e parou atrás de Nicu, fixando-o com um olhar altivo. Como tal, eu podia imaginar a garota superficial que ela tinha sido antes de nosso conhecimento.

—Você é um nascer do sol. Você é uma música. —Ela mexeu nos cabelos dele, modelando as camadas e apertando a trança fina ao longo de sua orelha. —Você é lindo. — Ela colocou os braços em volta dos ombros dele. — Você não pode julgar o exterior, a menos que tenha visto o interior. E sabe de uma coisa? Você excede em ambos. Não deixe ninguém lhe dizer outra coisa. Se eles tentarem, envie-os para mim.

A dor de Nicu derreteu-se em brilho quando ele se agarrou aos antebraços dela. Eles ficaram assim por um tempo, depois ela se afastou, a pena no chapéu saltando. Ao sair, ela bateu o quadril contra o meu.

O queixo do meu amigo se levantou quando ele avaliou seu reflexo novamente.

—Ela está certa. — Eu disse a ele.

No vidro refletido, Nicu sorriu para mim. —Ela gosta de você.

Eu vi como ela olhou para mim.

Mas como eu olhava para ela?



Permanecendo no meu chão, eu levantei minha palma em concha e torci meus dedos duas vezes, acenando sem dizer nada.

Venha, donzela de madeira.

Venha aqui.

Venha.

Ela sacudiu os dois machados nas mãos, um truque hábil que havia aprendido, o arranjo de suas peças de madeira tornando mais fácil do que seria uma pessoa de carne. Ela atacou através da clareira, balançando no meu torso. Eu pulei para trás, meu abdômen cedeu para evitar o ataque, então empurrei minha espada, o orgulho inchando quando ela conseguiu me bloquear. Ela gritou, tropeçando sob a força dela, quase caindo no chão, mas ela se segurou.

Faz muito tempo que eu recolhi isso como uma vantagem de sua pele, sua capacidade de se enraizar. Caso contrário, ela teria caído como qualquer novato de sua estatura.

Não obstante, suas armas compactas versus o comprimento das minhas espadas continuavam sendo um problema. Mesmo assim, ela as construiu de maneira a desafiar as aparências, mais fortes do que se supunha. Eu adaptei isso para sua vantagem, ensinando suas maneiras de me superar, apesar da discrepância no tamanho das lâminas.

Ela absorveu os termos principais que joguei para ela: distância, percepção, tempo. Ela lutava desajeitadamente, mas agressivamente, com maldade e defensividade, ansiosa pelos meus pontos cegos. Quando dada totalmente a isso, e quando aperfeiçoada, ela não duelaria de maneira justa, mas isso seria um trunfo contra os oponentes.

Com todas as suas queixas e linguagem obscena, ela não desistiu. Mantivemos um ritmo acelerado, esquivando-se e desviando, investindo e desviando, e eu não conseguia me lembrar de uma extensão em que gostava tanto de treinar.

Era isso, o conjunto rígido de sua mandíbula e as pequenas vitórias que me convenceram. Era isso e os intervalos nos quais eu fazia uma piada ou ela me provocava, quando a leveza expiava dores.

Era isso e os minutos em que nos harmonizamos, varridos na arte de aprender e ensinar, entrando em conflito ou conectando-se, poupando em brincadeira ou com seriedade.

No final, suas costas atingiram o chão, a ponta da minha espada em sua garganta.

—Você cede? — Eu roubei.

—Para qual parte de você? — Ela murmurou.

A metade inferior do meu corpo esquentou, mexendo de uma maneira imperdoável.

Antes que eu pudesse reagir, o pé dela passou por baixo de mim e nossas posições mudaram, minhas espadas pousando fora do alcance. Ela se inclinou sobre minha forma de bruços, os machados cruzados na frente do rosto.

Sobre as lâminas, seus olhos brilhavam. —Certo. Eu me rendo.

Por *rendimento*, sua resposta foi igualmente uma mentira e uma verdade, devido à maneira como seus seios roçavam meu peito. Ela possuía uma habilidade alarmante para desviar de um significado real para sua alternativa sórdida. Eu deveria estar com nojo.

No entanto, eu começara a notar mais coisas sobre ela, desde a inclinação do chapéu de penas - que indicava se ela estava irritada ou satisfeita - aos flertes sem desculpas, ao afeto guloso por marshmallows, aos direitos e às observações maliciosas, às perguntas vulneráveis, à persistência, ao amor por uma mãe doente, aos laços incondicionais com uma pica-pau e um filho fugitivo.

Cada um desses detalhes, cada um dos meus sentimentos em relação a eles, cada um deles era um marco que me aproximou de questões simples e, portanto, não-simples.

Na próxima oportunidade, eu pegaria a mão dela novamente?

Se eu fizesse, eu seguraria?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

FANTASIA

Uma brisa da noite voou através das persianas abertas e traçou meus dedos, o toque do ar me pegando de surpresa. Típico do vento, roçando contra o que quisesse. Ilimitado. Em toda parte.

Eu segurei a bolota entre meus dedos e olhei para a putinha. Essa maldita marca de ranhura de conto de fadas não iria parar, não me deixaria sozinha. Eu tinha passado por tantos problemas ilegais para conseguir ela, mas minhas viagens à floresta foram desastres. Eu estava evitando a floresta desde então, sua última revelação pregada na minha cabeça, impossível de extrair.

Por favor, deixe estar errado. Por favor.

Uma batida fez a porta tremer. Apenas uma pessoa batia assim, o baque fazendo a estrutura pulsar como um batimento cardíaco.

—Só um segundo! — Rasguei a cômoda onde estava, coloquei a bolota dentro da gaveta e fechei o compartimento.

No espelho acima, eu ajustei meu decote. Eu tinha recentemente esculpido um novo fecho para o meu peito, para encaixar no meu coração de bolota como uma porta de escotilha. Mamãe costumava fazer os fechamentos para mim, mas sem ela aqui, eu realmente deveria ter feito o trabalho mais cedo, considerando que Nicu tinha visto a bolota quando nos conhecemos.

E desde que praticava com Aire, houve alguns quase erros.

Eu alisei o rabo de cavalo lateral sob o chapéu e fiz uma careta para minhas bochechas incolores. Eu também deveria ter me rebelado contra Punk e trazido um blush rosa comigo.

Meus machados descansavam na cadeira perto da lareira. Olhando para eles, meu cenho mudou para um sorriso. Pensamentos na clareira e no terraço do balanço empurraram pensamentos de todo o resto para debaixo do tapete. As noites passadas valiam a dor.

Nosso treinamento me inspirou. Eu estava desenhando mais desenhos de armas, muitos deles lamentáveis, mas alguns tão promissores quanto minhas machadinhas.

Correndo para a janela, enfiei a cabeça para fora. Aire encostou-se na parede do bangalô, batendo um par de luvas na coxa revestida de couro. Meu olhar vagou sobre o ajuste de suas roupas, ondulando nos lugares certos, apertando seus músculos nos muito lugares certos.

—Qual é a senha? — Eu perguntei, inclinando-me sobre o peitoril e cruzando os braços.

Sua cabeça levantou e seguiu minha voz, aquelas íris azuis penetrando no escuro, brilhando quando me encontraram. Ele recitou: —Marshmallow.

—Ha. Tente novamente, Sr. Cavaleiro.

—Marshmallow *torrado*.

Joguei minha cabeça para trás e ri. Aire me observou, uma expressão carinhosa em volta do rosto.

—Você está flexível hoje à noite —, eu disse. —O que o trás a essa parte da floresta na casa da árvore?

Ele coçou a nuca. —Eu estava... pensei que você poderia...

Aquele gesto. Meus olhos me enganaram ou vi um Aire envergonhado?

—Eu poderia... — Solicitei.

—Você gostaria de uma escolta para jantar?

—Tão formal —, eu provoquei. —Você me acompanhou antes.

Ele fez uma pausa e depois riu para si mesmo. —Isso é verdade, sim.

Ok. Algo estava acontecendo. Algo novo.

Ou não era novo. Não se eu pensasse nas mãos dele nos meus quadris na clareira, seu corpo chicoteando ao redor do meu enquanto praticávamos, os olhares que estávamos trocando. Momentos em que não ousei pensar.

Seu anel brilhou quando ele abaixou a mão, e algo em mim desmoronou, meu devaneio idiota se acumulando e ficando obsoleto. Aire estava sendo Aire: cavalheiresco, gentil, atencioso, um cavalheiro. Ele era todas essas coisas e muito mais.

Eu estava salvando os traços como migalhas de pão para bicar mais tarde. Ele bebia cidra quente pela carga de balde e saboreava saborosos doces. Ele sussurrava para seu cavalo enquanto roçava sua crina. Sua cor favorita era prata. Ele preferia crônicas a contos de fadas. Sempre que se espreguiçava, ele começava a enrolar os pulsos.

Pássaros voavam para ele. O mesmo fazia o vento.

E ele tocava seu anel metálico sempre que algo o confundia. Como se tivesse as respostas que ele procurava. Como se nada mais fizesse sentido.

No balanço, ele me disse o nome dela, falando como uma oração sagrada.

Nós nos tornamos amigos, e ele estava sendo legal, mesmo que ele estivesse sem prática compartilhando uma proximidade com uma mulher.

Peguei um machado, sem motivo, mas prendendo-o de qualquer maneira, assim como ele usava pelo menos uma espada.

Eu o encontrei na porta. De perto, as pontas dos cabelos eram de um ouro escuro e úmido de um banho recente.

Caminhamos em silêncio até o terraço da fogueira, as luminárias da rota brilhando com as cores fabricadas para Nicu.

No caminho, e do nada, Aire pegou minha mão.

Eu juro, meu coração de bolota cresceu três vezes seu tamanho. Sua palma calejada apertou a minha, balançando-as entre nós.

Eu cantei para mim mesma, *amigos, amigos, amigos*.

—Este é um crepúsculo tranquilo —, refletiu. —Há espaço para refletir sem sofrimento ou angústia. Você sente isso?

—Agora, meu estômago está falando a maior parte do tempo. Estou faminta.

—Eu senti falta de vê-la hoje. — Disse ele, lançando-me um sorriso divertido.

—Eu sou perdível. — Eu disse.

Não nos víamos desde o café da manhã. Eu estava me recuperando do festival de combate da noite passada e meditando sobre o meu destino, enquanto ele passava um tempo com Nicu.

Não era culpa deste cavaleiro que suas ações e palavras não causassem dano, que ele usava seus afetos inocentes na manga. Talvez minha resposta pudesse ter sido boa, em vez de irreverente. Talvez eu pudesse ter retribuído, porque eu sentia falta dele? Absolutamente.

Mas honestamente? Ele precisava parar comigo.

Mais importante, eu precisava parar com ele. Eu não poderia faltar ou querer ele. Eu tinha que apertar o cinto.

Eu balancei minha mão da dele. Ignorando as linhas de confusão em seu rosto, eu pulei à frente dele pelo resto do caminho.

Encontramos Nicu de pernas cruzadas nos banquetes, a cabeça inclinada e os olhos vidrados. Aquelas íris brilhavam em um verde folclórico.

—O que você está pensando? — Eu perguntei, caindo ao lado dele, me refugiando no lado de Aire da cova.

—Estou fazendo músicas. — Disse Nicu.

—Na sua cabeça? — Soltei meu machado, coloquei-o de lado e cobri nossos colos com um cobertor xadrez de lã. —Cante uma para mim.

—Ainda não. — Ele respondeu.

—Quando? — Eu reclamei. —Eu quero ouvir.

—Quer dizer, ela quer saber se a sua balada é sobre ela. — Esclareceu Aire, recostando-se.

—Garota mandona—, disse Lyrik, materializando-se como um espectro desleixado, a concha pontiaguda de seu brinco cutucando as estrelas enquanto ele se sentava regularmente. —Presunçosa, também.

—Eu não sou presunçosa. — Declarei.

Eu percebi o meu erro em segundos. Minhas narinas fizeram cócegas, estremecendo e estendendo a mão para arrebatar o protesto.

De sua borda da casa de pássaros, Punk disparou em aviso. Muito tarde.

A ponta do meu nariz se estendeu. Pela sensação, não mais do que meia polegada, mas foi o suficiente. Eu chiei, minhas mãos em concha protegendo o dano.

O tornozelo de Lyrik caiu do joelho oposto enquanto ele avançava. —O que-

—Cale a boca. — Minha voz entupida disse atrás das minhas mãos.

—O que é que foi isso? Seu nariz acabou de...

—Eu disse, cale a boca —, rosnei. —Cale a boca, cale a boca, cale a boca!

—Isso acontece quando ela mente. — Explicou Aire.

—Por que você está escondendo sua madeira? — Nicu perguntou. —É bonita. Você pode sentir o cheiro melhor do outono.

Seu rosto curioso me fez sentir boba. Fazia anos desde que eu deixei meu nariz ser uma fraqueza, e eu não deixaria ninguém me achar vergonhosa ou deformada. Minhas mãos caíram nas minhas coxas, e eu olhei para o agachamento. —Diga uma palavra e eu cortarei sua cabeça com o meu machado.

—Hã. — O choque de Lyrik desapareceu. —Quão grande fica?

—Depende da mentira.

—Algum outro truque corporal?

—Eu não sou uma marionete, seu idiota.

—Eu não sou um idiota, marmota. Eu sou um bastardo.

—Você é? — Nicu perguntou. —Mas você disse-

Lyrik estreitou os olhos, censurando meu amigo como se soubesse algo sobre esse trapaceiro que Aire e eu não. —Eu estava sendo sarcástico, não literal.

Hmm. Algo sobre o passado dele?

Abri minha boca para falar sobre isso, para convencê-lo a nos contar o que ele havia dito a Nicu, mas ele mudou de assunto da mesma maneira que Lyrik mudou todos os assuntos.

Ele se encostou no banco. —Então, quem é virgem?

Aire suspirou, levantei uma sobrancelha e Nicu corou doze tons diferentes de vermelho. Uma reação louca deste último, cujo pai já fora um renomado sedutor de homens e mulheres. Nicu doce e despretensioso provavelmente sabia pouco da história brincalhona do Bobo da Corte, mesmo que todos os outros quatro reinos o conhecessem. A experiência do Bobo da Corte, antes de se prometer a nossa princesa, poderia ter preenchido uma antologia.

—Vamos ver. — Lyrik apontou para Aire. —Mais de vinte e casado. A resposta é clara. —Ele apontou para si mesmo. —Além disso, eu. Isso desqualifica dois de nós.

—Três, na verdade. — Eu corrigi.

Aire virou a cabeça em minha direção. Vi-o da minha periferia e senti uma pontada de satisfação.

—Espera mesmo? — Lyrik perguntou. —Você está dizendo que rapazes cortaram sua madeira?

—Ugh. Como se eu nunca tivesse ouvido isso antes.

—Vamos lá, foi engraçado. Então você pode...?

Sim, eu poderia. Eu senti desejo da mesma maneira que respirava. E eu agia sobre isso.

Dois rapazes. O primeiro tombo foi tão horrível quanto o meu primeiro beijo, terminando antes que eu registrasse seu começo. A segunda rodada foi com o aprendiz do serralheiro, que conseguiu me tirar alguns gemidos. Demos uma volta vitoriosa pelo campo de torneios, aprendendo o ritmo das coisas.

Concedido, o prazer nunca chegou ao auge. Pelo menos eu acho que não.

Ciente do cavaleiro à minha esquerda, lancei aos meninos um olhar alegre que falava por si. Elevou o clima de um tanto imaturo para totalmente imaturo. E muito mais jovial.

—Como? —Nicu perguntou.

Eu sorri —Eu tenho todas as partes necessárias.

Lyrik se inclinou para frente. —Elas funcionam da mesma forma?

—Pfft. Como eu iria saber?

—Detalhes. Suas conquistas ganham lascas?

Um tronco bateu na cova, uma profusão de faíscas cortando minhas risadas. As chamas bateram no ar. A colina inteira de madeira mudou, quase tombando.

Nós três olhamos para Aire, que limpou as mãos.

—Droga. —Lyrik tirou a fuligem do casaco. —O que aconteceu com sua restrição cavalheiresca? Você não precisa queimar o terraço só porque está com ciúmes.

—Lyrik —, Nicu repreendeu. —Isso é um silêncio.

—Não, não é. Não é pessoal, privado ou secreto. Não se eles deixarem óbvio.

—Ele não está com ciúmes. — Insisti.

—Eu não sou cobiçoso. — Ecoou Aire.

Lyrik gemeu, gritando nas copas das árvores. —Chega de merda de cavalo! Ninguém tem paciência para isso! — Ele golpeou o braço entre Aire e eu. —Você está duro por ela. Você está molhada por ele. Nenhum de vocês sabe o porquê, mas e daí? Peguem o ritmo e se preparem já.

Nós ainda não tínhamos comido. Desnecessário dizer que assim começou a ceia mais embaraçosa de todos os tempos. A única pessoa picadora no grupo era o idiota com o brinco, de quem eu tinha começado a gostar.

As brasas voaram, o fogo gargalhou como uma bruxa, e alguma criatura distante assobiou para nós.

Normalmente, eu amava inhame ensopado em manteiga. Hoje à noite, a mistura salobra e enjoativa congelou na minha língua. O cobertor de lã se amontoou no meu colo, de repente muito agradável, enquanto meus ombros se curvavam do frio.

O cavaleiro à minha frente poderia estar olhando, ou ele poderia não estar. Eu não tinha verificado.

Eu nunca tive um problema em encontrar os olhos de alguém que eu gostava. Eu sempre fiz a intimidadora, não o contrário. Eu paquerava, ou zombava, ou zombava de meninos, dependendo do que os seduzisse.

Mas não com Aire. Ele não era um garoto. Ele era um homem.

Um homem cujo toque intimidava. Eu nunca estive com alguém como ele. Alguém que adivinhava e sabia tanto sobre mim, cujo silêncio me cortava, cujas palavras me reuniam. Alguém que já viu um fantoche, depois uma mentirosa e depois uma pessoa melhor.

Uma garota que não manipulava, subornava ou coagia as pessoas a serem amigas dela. Quem não pegava o que não lhe pertencia - o que ela não merecia.

Este autêntico cavaleiro, que olhou para mim, me ouviu e pegou minha mão.

Eu o queria apenas porque não podia tê-lo?

Ou eu o queria apenas por causa de quem ele era? Por causa de suas verdades. Por causa de noites em balanços e em uma clareira. Porque eu gostava de tê-lo ao meu lado, nas profundezas da floresta. Porque eu gostava de fazê-lo rir.

Com Aire, eu poderia ser eu mesma. Não apenas uma garota de madeira de contos de fadas, mas apenas uma garota. Apenas uma jovem mulher.

Lyrik e Nicu trocaram palavras, e Punk bateu suas asas, e então eu as ouvi rolar. Ouvi o barulho de xícaras e pratos. Ouvi passos arrogantes, uma risada musical e um gorjeio discreto, todos os três descendo a escada, desaparecendo em algum lugar no fundo da colônia da casa na árvore.

E nós estávamos sozinhos. Eles nos deixaram sozinhos.

Chamas acariciaram a escuridão. Eu me embaralhei, sem saber se queria me aproximar do calor ou o mais longe possível.

Foi só quando levantei a cabeça e encontrei o olhar de Aire que percebi algo extraordinário: tinha esquecido o nariz. Ele se projetava, por mais tempo do que antes, não era um galho, mas também não era um botão. Não o suficiente para atrapalhar como as minhas ta-tas, mas o suficiente para notar uma diferença.

Contos de fadas vinham com maldições. Essa era a minha. Se eu fosse uma pessoa decente, ficaria grata porque as maldições poderiam ser piores. Uma alma menos afortunada poderia se transformar em uma bruxa marcada no início da meia-noite.

No entanto, eu tinha esquecido meu nariz e, mesmo quando me lembrei, não me encolhi nem encobri. Eu não precisava ou queria. Não na frente dele.

As chamas se contorciam em seu rosto e os oráculos azuis de seus olhos brilhavam. Eu poderia dizer que ele estava me observando por um tempo.

O comprimento do nosso olhar. Inabalável, construindo um confronto.

Chame isso de destino ou coincidência, mas subimos ao mesmo tempo. E continuou olhando.

Eu não aguentava mais. —Por que você pegou minha mão?

Um tipo confuso de calor encheu sua voz. —Por que você me deixou?

Desde que eu não sabia a resposta, e talvez ele também não, eu apenas balancei minha cabeça. Um pequeno gesto escondido dentro de um momento tremendo.

Aire caminhou até o parapeito e o agarrou, apertando a borda enquanto se focava na floresta. A visão levou meus pés através do terraço. Eu caminhei até o espaço ao lado dele e apertei a borda, querendo ver o que ele via lá fora, querendo que ele visse o que eu via também.

Uma eternidade passou assim, meu estômago em nó, seu corpo e perfume tão perto. Nossos dedos mindinhos podiam se tocar. Meu dedo se contraiu e então - foda-se - se encolheu contra o dele.

Aire se afastou de sua posição, girando para cobrir meu rosto. —Aspen.

—Aire. — Eu consegui.

—Pensamentos sobre você me consomem. Eu tento reprimi-los, mas eles persistem. — Ele manuseou minhas bochechas. —Meu coração está confuso. Meu corpo não. — Ele passou o polegar sobre a marca de beleza acima do meu lábio. — O que é para ser feito?

Uma respiração delirante saiu de mim. O fogo queimou minhas costas, e eu provei fumaça na minha língua, e senti o mundo ficar silencioso.

Algo surgiu em mim. Algo que eu estava perdendo.

Minha boca se abriu em um sorriso. Movi-me devagar, guiando-o para trás e depois o empurrei gentilmente contra um dos troncos de árvores. Aire fez um belo som de surpresa, suas mãos pousando na minha cintura, seus dedos apertando como se para me impedir de deixá-lo.

Ou talvez para me afastar. Nesse caso, eu me preparei para a rejeição, dando a ele um segundo para escolher.

Para me parar. Parar a si mesmo. Para nos parar.

Seus olhos correram sobre mim, sua postura rígida e a dúvida se instalou. O que havia acontecido comigo? Se eu continuasse, se tentasse com ele, iria dormir mortificada.

Recuei, recuei e dei um passo para trás. —Esqueç-

Suas mãos dispararam, agarraram meus quadris e me levantaram contra ele.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

FANTASIA

E a hora se encerrou à nossa volta. E todos os cantos desses bosques desapareceram.

Ele me esmagou contra o peito, mas agora permaneceu imóvel - em uma borda.

Meus lábios tremiam pelos dele, e talvez ele sentisse o mesmo, porque seus olhos encapuzados caíram na minha boca, suas íris escurecendo da manhã à meia-noite.

Nossos lábios pararam um fôlego.

Meus seios se arrastaram sobre o peitoral dele, o tecido de nossas roupas farfalhando, meus mamilos estalando através do material para raspar contra ele. Um suspiro chocado caiu do peito de Aire. Um suspiro puro que eu teria dado a alguém inexperiente.

Quando foi a última vez que alguém te tocou?

Mas eu não precisava perguntar, e ele parecia incapaz de falar de qualquer maneira, então eu empurrei meus quadris nele. Apenas uma vez, precisando estar mais perto, mais duro contra ele.

Foi assim que obtive minha resposta. Ele suspirou, uma exalação frágil, tão diferente de sua leveza. Eu o fiz parecer assim.

O som me pertencia. Era meu.

Eu sacudi meus quadris novamente, mais uma vez experimental, e ele fez outro barulho que flutuou no ar, enquanto algo semelhante descascou da minha língua.

Eu senti. Eu o fiz duro. Mãe, porra de vitória.

Estações, a dureza dele. Esfregou contra uma parte sensível de mim, uma pequena alavanca delicada, que só precisa ser acionada uma vez, para que o resto de mim reagisse. Mecanismos baixos na minha barriga ganharam vida em segundos.

Mordi meu lábio inferior. Mantendo uma mão na minha cintura, Aire alcançou a outra, acariciando o local onde meus incisivos ficavam. Ele olhou maravilhado até que eu belisquei seu dedo, fazendo com que suas pupilas engolissem aquelas íris azuis inteiras, e caramba, minha cabeça e coração estavam prestes a queimar. Eu ficaria louca a esse ritmo.

Me controlei, parando o quadril, mas ainda o sentia *lá*.

Em dois anos, ninguém colocou as mãos nele. Isso estava claro.

Ah, eu faria isso e muito mais.

Meu queixo se inclinou, meus lábios mergulhando na parte inferior do queixo dele. Sua cabeça caiu para trás, encarando as estrelas enquanto eu plantava beijos de boca aberta gananciosos ao longo de sua pele, provando a inclinação de sua mandíbula, a coluna de sua garganta, a cavidade entre suas clavículas.

Ao lado de seu pescoço, puxei sua carne, sugando a pulsação, e o ouvi atentamente, seus dedos agarrando meus quadris, cavando na madeira.

Então continuei a sessão de carinho mais sexy e excitante que eu já conheci. Eu me deliciei com sua garganta, lambendo ao longo da borda, atormentando-o com calafrios. Peguei o que estava querendo e dei o que ele

estava precisando. E ele retribuiu, me segurando, apenas me segurando, exatamente isso.

Um abraço honesto.

Meu punho cerrou sua camisa, suas mãos deslizaram para minhas costas e nossos peitos bateram. Minha mão livre enfiou em seus cabelos, profundamente naqueles fios dourados, enquanto meus lábios o transformavam em um frenesi.

Em um gemido, seus dedos subiram até o meu couro cabeludo e puxaram minha cabeça para trás, forçando o contato visual. Eu entendi. Essa sequência de eventos estava acontecendo fora de ordem, mas eu não me importava, e ele também não.

Mas tínhamos que nos importar, porque ele sempre se importava tanto com as coisas, e eu me importava com ele, e me importava com isso. Isso não era diversão vazia. Isso era devastador, frustrante, miraculoso, complicado, assustador e seguro.

Nós inalamos, expiramos. E tudo diminuiu a velocidade.

Nossos narizes bateram, sua forma normal e a minha anormal. Por um momento, tive o impulso de me virar, abaixar a cabeça, impedi-lo de fazê-lo. Isso estava mais perto do que eu esperava que ele chegasse.

E, naquele momento, ele deve ter percebido. Então ele pegou meu rosto entre as palmas das mãos e deu um beijo suave na ponta do meu nariz. E meu coração de bolota se dissolveu.

E ele segurou meu rosto e me puxou para ele. E nossas cabeças se inclinaram.

E, finalmente, ele falou, fazendo um pedido que só eu podia ouvir.

—Eu quero te beijar. — Ele sussurrou.

—Então me beije. — Persuadi.

E nossas bocas roçaram. De novo e de novo e de novo. Seus lábios roçaram os meus, uma vibração, uma pena. Ele estremeceu com o contato, com a testa enrugada. Eu sabia porque mantinha meus olhos fixos nele, enquanto suas pálpebras se fecharam.

E logo, ele dobrou o queixo. E nossas bocas se separaram e se aproximaram, depois se separaram e se aproximaram novamente, repetidas vezes. Pressão casta, nossos lábios batendo suavemente.

E ficou mais longo, mais quente.

E paramos, afastando-nos. E então tudo.

E então nos lançamos nele, nossas bocas voando uma para a outra, soldando e *cedendo*. Minha língua o traçou até ele tremer e se abrir para mim, e eu deslizei para dentro. Um ruído delirante retumbou do fundo de sua garganta, vibrando na minha enquanto eu acariciava sua língua com a minha, provando o vento.

E diabos sim. Nós estávamos nos beijando.

Eu sorri em sua boca. Em outro movimento da minha língua, provocando a ponta dele, os restos de sua compostura estalaram. Eu ofeguei quando ele nos virou, me pressionando contra a árvore. Suas mãos apertaram a parte de trás da minha cabeça, e sua própria língua assumiu o controle, flexionando entre os meus lábios. Seu beijo atingiu um ponto que me fez levantar um joelho para flanquear sua coxa, meus quadris contra sua pélvis.

Nossas bocas se fundiram, nossas línguas lambendo.

Estações, nós nos beijávamos. Oh Estações, nós nos beijávamos e nos beijávamos.

Mais, pensei. Eu queria mais. Queria que ficássemos despidos e em espiral e apenas...

—Eu quero você —, eu disse. —Eu quero você aqui, agora.

Aire xingou e puxou para trás. —Estações, eu...

Entre esses beijos irritantes e desenfreados, eu enlouqueci. Eu realmente não tinha a intenção de expressar em voz alta meu desejo de transar com ele contra esta árvore. Apenas saiu.

Basicamente, era como se minhas palavras tivessem apagado uma vela.

Na verdade, elas destruíram um inferno.

Suas pupilas encolheram-se em picadas de alfinete, as íris embotando em um azul arrependido. Ele olhou para o nosso redor. Aqui estávamos, esmagados contra o tronco, comigo envolta em baixo dele, minha coxa esquerda caminhando sobre suas calças de couro, minha saia amassada ao meu redor.

Nós dois estávamos arfando. Sem mencionar sua rigidez e minha própria excitação. Não, minha pele externa não podia se molhar, mas sim, minha pele interna podia. Em uma maneira de falar.

Aire balançou a cabeça, sua expressão torcida com remorso. Ele não precisava dizer isso, os motivos pelos quais não podíamos fazer isso, embora eu desejasse que ele tivesse.

Porque o que saiu dele foi pior.

—Sinto muito. — Disse ele.

As palavras me deram um tapa na cara. Era o que uma pessoa dizia por pena.

Eu não sabia dizer quem se retirou primeiro, se me afastei dele ou se ele se afastou de mim.

—Sinto muito —, repetiu Aire. —Me perdoe.

Atravessou o terraço e desapareceu escada abaixo. Todos os ruídos da noite saltaram de volta à superfície - corujas piando, o fogo gargalhando.

O terraço estava em frangalhos. Uma ruína de xícaras abandonadas, o fogo rebelde perdendo o brilho e o cobertor de lã mole no chão ao lado do meu chapéu de penas, que havia caído durante o caos.

Eu caí contra o carvalho, boquiaberta no espaço vazio. Aire me beijou. Sua boca me atirou no céu. Eu estaria repetindo a cena na minha cabeça até o nascer do sol.

Eu me recompus, reorganizando o tufão que havíamos feito de minhas roupas. Quanto mais segundos passavam, mais irritada eu me tornava, puxando as mangas, arranhando meu rabo de cavalo destruído, enfiando o chapéu na minha cabeça.

Somente. Não.

Peguei meu machado e fui atrás dele, minhas botas martelando nas tábuas. Eu balancei meus braços e meus quadris, colocando toda a minha frustração nos movimentos.

Seguindo o caminho que Aire seguira, eu o vi do outro lado de uma pequena ponte perto de seu bangalô. Parei no lado oposto. —Ei —, eu chamei, segurando o machado como ele me ensinou e arremessando o filho da puta. Ele girou uma vez e bateu em um poste no final da divisão.

Ele se espantou.

—Você está brincando? — Eu perguntei. —*Eu sinto muito?* É tudo o que você tem a me dizer?

Ele deu um passo atrás em direção à ponte, mas então seu dedo traçou o anel de casamento, e ele o impediu de qualquer ação que ele estivesse prestes a tomar.

—Conceda-me até o amanhecer. — Disse ele.

—Eu estou segurando você nisso. — Eu disse.

Ele assentiu e saiu, com a capa derretendo em um nevoeiro, galhos retorcidos e folhas caídas. Eu não conseguia mais vê-lo, mas podia ver a casa da árvore ao longe.

Eu sabia o que o nascer do sol traria. Pela manhã, é melhor arrancar o curativo rapidamente, ou ninguém estará a salvo de mim amanhã.

O que mais eu esperava? Ou merecia?

Ele gosta de mim, mas eu não sou boa o suficiente.

Ele me deseja, mas ama sua esposa.

Ele confia em mim, mas eu estou mentindo para ele.

Desse ponto de vista, também vi Lyrik. Ele estava do lado de fora de um bangalô diferente, para o qual Nicu havia se mudado, não precisando mais ficar com Aire porque os caminhos coloridos das lanternas davam a Nicu outro mínimo de independência.

Por que o invasor os criou?

Por que ele estava perseguindo fora da casa de Nicu?

Com a habitação empoleirada em um grupo separado do de Aire, o cavaleiro não havia notado Lyrik. Eu atravessei a ponte depois de tudo. Quanto mais chegava, mais via. O explorador encostou-se a um corrimão, chupando outro de seus juncos, um fio de fumaça rastejando ao longo de sua mandíbula. Ele olhou pela janela, além das velas acesas, para onde Nicu dormia em uma cama.

Durante nossas conversas, Nicu nunca o mencionou, mas de alguma forma, ouvi a forma de Lyrik na maioria de suas perguntas e comentários. E antes, eu tinha uma dica de que ele tinha dito coisas a Nicu sobre seu passado.

Coisas que ele não contou a mais ninguém.

Parei atrás de Lyrik e rosnei em sua espinha. —Venha falar comigo.

O patife soltou seu cigarro e bateu o pé nele, nem um pouco assustado ao me ouvir, com a raquete que eu fiz. Eu fazia manutenção regular nas minhas articulações desde a quebra do castelo, então não era esse o problema. Pisar simplesmente tornou a detecção mais fácil para qualquer pessoa a uma curta distância de perfuração.

Lyrik deslizou ao redor. Ele me seguiu enquanto eu o levava a um pavilhão quadrado onde um tubo de transporte saiu da plataforma e deslizava para o chão.

Chegando ao isolamento, eu virei para ele. —Qual é o seu jogo com Nicu?

—Como se atreve a me chamar de provocador? — Disse ele suavemente.

—Responda à pergunta.

—Vou fingir que não ouvi a pergunta.

—Saia do nobre ato. Não é fofo ou convincente.

—Eu levei o pássaro para casa e certifiquei-me de que ele se movia pela casa sem se perder, naufragar ou algo assim. Ele tem aquela coisa direcional e espacial. —O ombro dele se contraiu. —Não queria confundir a lareira com uma cama, só isso. Se ele se machucar aqui, eu seria responsável ou alguma merda. Não brinco com ele.

—Por que não? Porque ele é membro da família Real ou porque não é um desafio suficiente? — O cretino bufou como se eu precisasse relaxar, então eu puxei seu cotovelo. — Deixe-me soletrar. Não gosto da sua amizade com ele.

—Oh sim? — Ele encolheu os ombros. —Bem, acho que ele gosta. Eu acho que ele gosta *muito*.

—Você é legal com ele um segundo e depois o ignora. Você está enganando ele.

—Eu apostaria que você sabe uma coisa ou duas sobre isso, não é? — Revirando os olhos, ele se virou, terminado comigo.

Eu fiz uma careta para aquele arrogante. —Diga-me o que você quer dele.

Lyrik suspirou e olhou por cima do ombro. —Coisa nenhuma.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

FANTASIA

Na manhã seguinte, eu me esfaqueei no peito.

Eu estava brincando com meu furador com muita força, o coração da bolota ainda não se mexendo. Trouxe algumas ferramentas da oficina de mamãe, caso precisasse delas, embora por razões completamente diferentes.

Na verdade, eu não pretendia testar a revelação do conto de fadas sobre a bolota. Mas a possibilidade de trocar meu coração com a pepita final estava cutucando minha mente. Não porque eu queria ser real, mas porque queria provar que a revelação estava errada. Eu queria acabar com o dilema e seguir ajudando mamãe.

Eu larguei o furador. O que eu estava fazendo? Desalojar meu coração por causa de um palpite místico não valia o risco. E se eu congelasse ou me tornasse um fantoche sem a bolota? Nos momentos entre transplantá-las, e se isso me deixasse sem vida?

Enfim, eu só estava curiosa. É a madeira em mim.

Além disso, eu tinha um compromisso a cumprir. Eu poderia muito bem acabar com a angústia. Ele me recusava gentilmente, porque era quem Aire era.

Isso marcaria o fim de nossas reuniões? Sem mais balanços ou treinamento?

Eu não deixaria. Superaríamos o constrangimento, Aire sendo um soldado disciplinado e eu sendo eu.

Punk tinha lascado meu nariz de volta ao seu tamanho, e eu o tinha polido, então parecia apresentável para uma rejeição. Ao sair do bangalô, pensei em como o tapete de folhas iluminava a terra, mas a atmosfera continuava viva. A terra e o céu colidiam dessa maneira. Elas sempre colidiam no Outono.

Entrando na minha capa, fui para a clareira, parando em uma ponte de terra que se arqueava sobre o riacho, zangada ao encontrar nosso local de treinamento vazio.

Uma rajada de cima. Eu olhei para cima e através do fosso. Aire estava perto do balanço, duas plataformas acima, me dando um sorriso cauteloso, suas mechas loiras despenteadas. Uma camisa de granada pendia da calça preta de couro.

—Eu pensei que estávamos nos encontrando aqui embaixo. — Eu falei.

—Eu pensei que estávamos nos encontrando aqui em cima. — Respondeu ele.

Nesse nível, pensei nele novamente como uma ave de rapina... não, uma ave de heroísmo. Um homem determinado a servir e proteger os outros. Ele sempre parecia voar, embora acreditasse apenas na realidade, desconfiando de ficção e fábulas, folclore e contos populares. Enquanto eu, uma garota concebida a partir de um conto de fadas, praticamente tinha raízes crescendo em meus pés.

Nós tínhamos nossas contradições. Talvez todo mundo tenha.

Eu me abaixei nas tábuas da ponte, deslizando minhas pernas pelos degraus. Era melhor do que o encontrar de perto, eu decidi. Territórios neutros. Táticas ofensivas.

Aire pegou a dica e encostou-se ao corrimão do terraço.

Balançando meus membros sobre a água, eu fiz um anúncio. —Nós beijamos.

—Nós nos beijamos —, disse ele. —Não consigo pensar em mais nada.

—O que você está pensando?

—O modo como sua boca insolente se encaixa na minha, a flexão de sua língua, o movimento de seus quadris em minhas mãos.

Bem, eu pedi. Nós olhamos um para o outro, visões do que aconteceu contra a árvore retornando.

—Foi vil da minha parte abandonar você assim —, disse Aire. —Eu não sabia como me sentir sobre o que aconteceu entre nós.

—Eu posso te ajudar com isso. Eu senti a evidência claramente.

Ele esfregou o rosto. —Você é a jovem mais intrometida que já conheci.

—Eu me recuso a acreditar que as damas da corte não lhe fazem propostas com mais provocações do que isso.

—Você está procurando informações.

—Você está negando.

—Se morássemos em Whimtany ao invés de Mista, pode ser que sim.

O Reino da Primavera era conhecido por ser o mais sedutor e promíscuo das Estações. Não era de surpreender que nosso Bobo da Corte tenha saído dali. Provavelmente, Aire estava certo, que Mista era refinada demais para que suas fêmeas fossem impertinentes.

—Devo ser única, então. — Comentei.

—Há um traço de amargura em sua voz. — Disse Aire.

O riacho borbulhava embaixo de mim, fluindo sobre as pedras. Na água, vi meu reflexo. Eu vim aqui para ser rejeitada e depois fingir que não

importava, mas um pensamento não solicitado se arrancou do meu peito e vazou da minha língua.

—Eu costumava acreditar que isso era tudo o que eu era: diferente. — Confessei.

—Essa não é a extensão da sua história.

—Meras histórias não estão em jogo com você.

—Acredito nelas quando são reais, deste mundo, em vez de inventado.

Era bobagem levar isso para o lado pessoal. —Você está perdendo.

—Talvez você me inspire a pensar.

Assustou-me quão fácil falar com ele se tornara, como seria natural admitir uma pilha de verdades. Compartilhar com ele o quão real e irreal minha história era.

—Eu achava que minha pele de madeira era uma distorção, que me deixou desfigurada —, eu disse. —Além de Punk, a única que já me tratou como uma pessoa normal... —, eu parei por um segundo. —Minha mãe sempre olhava para mim e via uma garota, nada mais, nada menos. E agora ela está... agora também estou perdendo isso.

Enfiei o polegar em um dos degraus da ponte e raspei, uma fatia de madeira na unha.

Aire ficou em silêncio, depois se aventurou: —Ela está sofrendo mais do que você confessou.

Lembrei-me da oficina, uma manhã sombria como esta. Eu me arrastei lá em cima, esperando - não, torcendo - encontrar mamãe no trabalho. Em vez disso, eu a encontrei murmurando para si mesma sobre as árvores.

Eu a chamei, e ela girou para mim.

Eu não tinha notado o martelo até que congelou uma polegada do meu rosto.

Naquele segundo, os olhos da mãe não eram mais os dela. Eu não era mais filha dela - não que ela já tivesse usado essa palavra para me descrever. Eu sempre fui sua garota de madeira.

Mas naquele momento, eu não era nem isso. Eu era um objeto, uma coisa que ela esculpira em um bloco de madeira.

Algo para se desculpar. Ou se arrepender. Ou temer.

Recuei para trás, pensando que ela bateria o martelo contra mim, me partiria em pedaços para aplacar as chamadas árvores violadas. Mas ela não tinha. Ela se deteve naquele último momento, seus olhos brilhando com reconhecimento e horror, lembrando quem eu era.

O martelo bateu no chão. Ela me agarrou e, ouvindo-a gritar, eu a agarrei de volta. Nós nos abraçamos, chocadas e trêmulas. Foi um acidente, e levou semanas para ela parar de chorar sempre que olhava para mim, para me sufocar com carinho.

Eu tentei afastá-la. Eu acreditei quando minha mãe disse que daria uma pancada no próprio crânio antes de se permitir fazer mal a mim.

Mas o incidente fugiu de sua mente logo depois. E seus medos ainda espreitavam. Eu me perguntei se ela teria um episódio contra mim novamente, se ela me veria assim novamente algum dia. Se ela me veria como algo para se livrar.

Ao ouvir minha história, Aire me deu um olhar de empatia.

Eu nunca tive um pai, mas ele não abordou o assunto.

Omiti os detalhes do ofício da mãe. Apenas uma questão de dar detalhes amplos sobre sua mente se deteriorando, que ela tinha ilusões de eu ser uma ameaça por causa da minha pele, como as árvores se ressentiam dela por me ter.

Claro, carpintaria era um modo de vida em Mista. O mesmo que colher e moer.

E, aparentemente, Aire ou não sabia da existência da bolota no cofre - era um item secreto por um motivo, e talvez não fosse sua jurisdição para proteger objetos de valor - ou ele não estava a par de detalhes suficientes para ficar cético.

Ainda assim, ele não deveria saber que a mãe era a marceneira a serviço da coroa. Fiquei de boca calada sobre isso, mesmo que eu quisesse ser honesta, mesmo que quisesse ser honesta sobre tantas coisas, sobre o ofício da mãe, sobre o meu nascimento de conto de fadas, sobre pegar a bolota.

Eu queria dizer muito a ele. Queria tanto.

—E se eu estiver errada? — Eu perguntei. —E se não houver cura para ela?

—Ainda há tempo —, disse ele. —A floresta não está ociosa e você também não deveria estar.

—Eu não estou encontrando as respostas que eu esperava - de ninguém.

Aire estremeceu. Ele combinou com a minha posição, sentando-se no chão do terraço e deslizando seus membros através da grade. Uma folha havia se achatado sob sua bota.

—Você me acusou uma vez, dizendo que eu não sou um soldado perfeito —, contou ele. —Você estava certa. É um medo meu. Sei o que significa a perda inspirar todos os seus movimentos.

Ele observou o céu, sua mandíbula em um ângulo agudo. —No dia em que Robin morreu, ela estava colhendo flores na floresta, preparando-as para transformá-las em flores de palha. Durante a reunião, ela encontrou algo no meio do mato.

Senti uma vontade de suavizar o terrível lapso em sua voz. Minhas mãos sufocaram os degraus para me impedir de estender a mão, mesmo que ele estivesse muito longe.

—Foi um item de valor. Sendo uma alma generosa, ela pretendia doá-la. —Sua cabeça inclinou-se, sua garganta balançando. —Robin insistia demais em viajar sem guarda, embora eu tivesse dito a ela várias vezes... —Ele se interrompeu. —Um grupo de renegados interceptou sua carruagem. Eles pretendiam tirar as joias do pescoço dela, a aliança do dedo. Mal sabiam eles, eles encontrariam uma joia mais inestimável.

Alguma parte macabra de mim queria saber mais. —Que joia? — Eu perguntei, sem saber se ele tinha me ouvido e percebendo que ele não ofereceria tanto assim de qualquer maneira.

Os olhos de Aire ficaram distantes. Em momentos como esse, geralmente me escapava como ele era jovem, apenas quatro anos mais velho que eu.

Sua voz falhou. —Ela lutou de volta.

Ela perdeu. Ele me contou o resto, descrevendo-o em detalhes tão angustiantes que eu testemunhei a cena através de seus olhos. Os renegados cortaram o pescoço do cocheiro e saquearam a carruagem e, quando examinaram Robin, encontraram o valioso, que ela havia descoberto apenas uma hora antes, um item que ela se recusava a desistir.

Essa mulher que possuía o coração de Aire, que teve a sorte de conquistá-lo, não deu uma impressão superficial. Ela não parecia alguém disposta a arriscar sua vida por uma mera bugiganga de doação. Qualquer que seja a gema, deve ter valido a pena lutar por ela.

A luta terminou com uma adaga no estômago.

Aire planejara encontrá-la no meio da floresta depois de terminar uma patrulha nas proximidades. Ele encontrou sua esposa sangrando na beira da estrada, assim como os renegados estavam aliviando a mulher de seus bens.

Aire tinha visto vermelho. Os homens correram em sua direção, estragando a violência para manter o saque. Imaginei como eles não tiveram chance contra ele.

Entre os caídos e ensanguentados, Aire caiu de joelhos e embalou sua esposa sangrando, que ainda segurava a gema em seu punho, que sussurrou um desejo para ele, que o fez jurar honrar esse desejo.

Ela disse para ele não chorar, mas ele não tinha escutado.

Por tudo o que Aire podia sentir e prever, ele não havia previsto esse fim. Ele havia sido treinado para salvar alguém, mas fora incapaz de salvar a pessoa que mais importava.

Por isso ele se apegou ao seu dever. Por isso ele se esforçou.

Ele temia outro fracasso. Ele temia a perda.

—Eu gritei tão alto que não consegui falar nos dias seguintes. — Concluiu.

Engoli. —Aire, não foi sua culpa.

—Ao ouvir você dizer isso, sou tentado a acreditar. — Ele olhou para mim. —Gosto de você, Aspen. Não negarei isso, nem aquele beijo requintado. Só eu não posso...

Eu tinha esquecido por que viemos aqui, esquecido o que eu esperava dele. Pela primeira vez, acho que parei de pensar em mim mesma. Eu só tinha pensado nele, esse cavaleiro bom, nobre e honesto. Este amigo inatingível.

Claro, ele *não podia* comigo. Não quando seu coração pertencia a outra pessoa. Alguém que mereceu.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

HONESTIDADE

Nossa companhia ficava em uma fileira às margens da floresta, cada um de nós olhando para o limite de folhagem vidrada e galhos retorcidos. Uma névoa de outono lambia o chão, um fantasma subindo das folhas e acenando para nós.

Meu olhar não pôde evitar, desviando-se para a jovem à minha direita. Ela ficou no final da nossa fila, colocando Nicu e Lyrik entre nós. No entanto, eu não precisava mais da proximidade dela para sentir seus movimentos. Saber que ela enterrou os dedos esquerdos profundamente no bolso da saia. Saber que ela inclinou o chapéu de penas em um ângulo precário, com a intenção de proteger seu perfil de mim.

Por outro lado, ela se comportava como se nada a afligisse, como se o amanhecer que havíamos compartilhado tivesse sido uma ilusão, uma não ocorrência. Ela aceitou minha recusa sem dilemas, sem argumentos ou protestos.

Eu deveria sentir gratidão.

Minha mão livre travou em um punho. Essa era a soma confusa de tudo: eu não gostava de ser deixado de lado, embora fosse o que originalmente lhe implorei.

Nicu sorriu para a rota e Lyrik fumou um último pedaço de erva antes de jogá-lo na escuridão. Cada um de nós tinha uma pequena quantidade pronta para ser incendiada, buscando leveza hoje à noite. Chegara a véspera do Festival de Halloween, a noite anual de folia do Outono, uma noite que reinava em todo o reino com dança, bebida e figurinos.

Ao contrário do Festival da Colehita, que elogiava o nascimento do próprio Outono, caracterizado por banquetes extensos, quando todos os comestíveis eram consumidos - das melhores cervejarias e padeiros, às mais maduras frutas do pomar e às melhores colheitas -, o Festival de Halloween elogiava uma indulgência separada. Encorajava uma rebelião contra as maneiras práticas e prudentes de Outono.

Achava as roupas infelizes e falsas. No entanto, vestir esse traje não era a pior atividade para se divertir. Isso marcava um tempo para liberar inibições, não muito longe do Dia da Cotovia na Primavera, embora menos bárbaro. Em comparação com o carnaval de Whimtany, não exibimos tolos nascidos como entretenimento.

Aqui, todos eram convidados e iguais, muito graças à princesa e ao bobo da corte por se esforçar para unir nosso povo.

O convite desta noite tornou impossível a ociosidade para qualquer um de nós, a perspectiva de satisfazer uma necessidade, um bálsamo para os acontecimentos recentes. A pica-pau de Aspen optou por sair, preferindo comemorar com seus colegas alados. O resto de nós viajaria pela floresta, mas longe dos lugares que Aspen havia caçado.

Lyrik nos garantiu uma experiência menos encantadora e, portanto, menos questionável do que na clareira. Chalés de aldeias periféricas brincavam dentro de suas fronteiras, enquanto os aventureiros deslizavam para a lendária floresta em busca de diversão. Todos acreditavam que

maldições e desejos se calaram nesta noite, um subsídio por natureza e pela Estação, aliviando as pessoas de seus medos e anseios, libertando-as da pressão ou da dissidência.

Eu balancei minha cabeça com esse absurdo e espiei a pista, sem sentir nenhuma ameaça ou presságio, colocando minha fé na tranquila ausência de vento.

Nicu não seria reconhecido tão longe, embora a maioria dos cidadãos já tivesse ouvido falar de seu desaparecimento. Seu traje ajudou a escondê-lo, já que ele se vestira como uma carriça, vestindo-se com penas arrancadas tingidas com alguns dos ingredientes de Lyrik.

O invasor andou entre Aspen e Nicu, passando os braços sobre os ombros e puxando-os para perto. —Prontos?

—Tire seu braço de cima de mim —, disse Aspen, examinando sua roupa. —O que você deveria ser, afinal?

—Um sapo —, respondeu ele, as manchas verdes e manchadas da pintura do rosto mais cômicas do que horríveis. —Me beije, e eu vou me tornar um príncipe. Certifique-se de ser de língua.

—Eu pensei que seu pau não apontava para as meninas.

—Não, mas para madeira bem equipada, eu faria uma exceção. Falando nisso, deixe-me adivinhar: um fantoche.

Além de uma camisa com mangas compridas e rachadas mostrando os braços, ela não usava uma fantasia, como não precisava. —Me chame de marionete. É mais elegante.

—Eu chamarei isso de gênio. Escondendo-se em plena vista.

—Obrigada. Eu disse, saia de cima de mim. Eu não quero verrugas.

Eu sorri para o chão, suas palavras me enchendo de diversão e melancolia. Não conversávamos desde a manhã de ontem, pelo menos não em

questões de fundo. Durante o treinamento na noite anterior, ela praticou mecanicamente, repelindo minhas tentativas de reconhecer a mudança em nós.

Lyrik apontou o queixo torto para mim. —Bonitas madeixas, sir Aire. Você parece uma romã segurando uma espada.

Minha criatividade carecia da deles - por exemplo, eu tinha investido pouco, apenas permitindo que Nicu colorisse meu cabelo de rosa com uma das cervejas do invasor.

Lyrik enfiou a tocha em uma lanterna na fronteira da colônia e a ergueu para nós. Pressionamos nossos próprios cajados no fogo e, quando eles se acenderam com um zumbido e uma faísca, meus olhos encontraram os de Aspen na explosão de luz laranja.

Fiquei satisfeito por ela ter se virado primeiro. Ela e Nicu avançaram, com os braços livres ligados como um par de ninfas da floresta. Nós procuramos nos bosques, ninhos de chamas, um globo de lua e o riso de um duende e uma donzela de madeira iluminando o caminho.

Se os contos de fadas existiam e mantinham mérito, esse setor da natureza emitia a essência mais segura dele. Menos terrível, menos intenso. Essa área permitia que os transeuntes desfrutassem da história e da lenda sem impedimentos.

Cogumelos salpicados estalavam da terra em cachos. Os galhos pareciam crescer, seus membros se espessavam, largos e robustos o suficiente para sustentar carruagens ou vagões.

Eu assisti, hipnotizado enquanto Aspen voava à frente, sua juba solta batendo como uma bandeira. Meus passos vacilaram, uma experiência incomum. Aconteceu no momento em que ela jogou a cabeça para trás e uivou de alegria, a fumaça de sua voz flutuando pelo caminho.

Temor e irritação rodaram dentro de mim.

Olhe para mim. Me dê essa risada. Me dê sua boca desonesta.

Ela não estava me evitando tanto como subtraindo suas emoções, interagindo comigo em território neutro. Ela ressuscitou essa frivolidade infernal de nosso conhecido original. No entanto, ela não havia pronunciado um único comentário arbitrário sobre nossa comunhão contra aquela árvore, testemunhando que isso a afetara mais do que ela admitia. Ela levou o nosso abraço a sério o suficiente para proteger a maioria de seus pensamentos.

Nada com ela era como previsto. Eu mal pretendia divulgar meu passado, revisitar o dia em que perdi Robin. No entanto, eu confessara, desenrolando-me como um barbante, desejando me dividir com Aspen, para que ela soubesse mais de mim, mais do meu coração... para ela entender. Fazer isso não foi tão assustador quanto pressagiado. Na verdade, eu senti uma espécie de libertação.

Independentemente disso, o comportamento dela desde então me incomodou. Ela agia como se eu tivesse discutido o tempo com ela naquela manhã. Ela não gostou do que eu havia transmitido? Ela estava tão preocupada com sua própria autopreservação que pouco mais importava?

Eu detestava guardar rancor, esperando tolamente que ela sentisse seu aperto. No entanto, persegui essa necessidade. Por piedade, por quê?

Ela e Nicu se separaram e subiram nas plataformas dos galhos, pulando de um para o outro e se alocando. Eles nos acenaram. Lyrik gemeu, mas obedeceu, e eu encontrei minhas pernas fazendo o mesmo.

Atravessamos os galhos, pulando em níveis opostos, enquanto Nicu cantava no abismo. Minha cabeça se virou para trás enquanto eu respirava Mista. Minha capa brilhava ao meu lado, e eu senti o olhar precioso de Aspen, e foi magnífico.

Eu não tinha dado a ela o que ela queria de mim, mas desejava tirar essa noite dela, para chamar sua atenção.

Que descortês de cavaleiro, que desleal amigo. Eu enrolei meus dedos, dobrando meu anel para mais perto e depois estendi meus dedos, forçando-me a liberar esse impulso tóxico de uma só vez.

Ele diminuiu quando chegamos a uma pista sinuosa de abóboras, os ventres das cabaças bombeando à luz de velas, um caminho improvisado e corado nos guiando para um prado de fogueira. A melodia das flautas de pan - uma garota tocava enquanto pousava na raiz exposta do chão de um carvalho - alaúdes, tambores, um instrumento cheio de pellets e palmas rítmicas cumprimentavam nossa companhia.

As pessoas se vestiam de gatos pretos, perus e espantalhos. Elas giravam com os parceiros, realizando uma dança de aldeia comum, sincronizada com o aumento da animação.

Hidromel e sidra escorriam das canecas. Vasos de metal seguravam maçãs flutuando na água, os moradores mergulhando o rosto nas profundezas, tentando pegar a fruta que balançava com os dentes.

A multidão mostrou-se tão densa, que nos misturamos perfeitamente.

Aspen sorriu. Suas mechas frisadas acariciavam a marca de beleza acima de seu lábio, enquanto minha própria boca se comprimia, não apenas por causa de seus atributos, mas porque ela havia atraído a atenção de uma ninhada masculina. Os meninos - trabalhadores rurais ou aprendizes, de toda a sua idade - a viram e admiravam a vista.

Ela não os desencorajou, dando à plateia um sorriso atrevido e um aceno.

Eu não tinha o direito, mas a troca arrancou o ar dos meus pulmões e queimou a ponta da minha língua, a censura do pensamento que se

dane. Deslizei na frente do grupo de salivação, bloqueando-os dela. —Eles são calouros.

—Eu serei a juíza disso, obrigada.

—Eu recomendaria que você mantivesse esses dedos acenando para si mesma.

—Frequentemente, sim —, ela ronronou, espiando na ponta dos pés por cima do meu ombro. —Mas em ocasiões especiais, é bom ter um par de mãos extra, especialmente as de carne. Elas alcançam mais lugares.

Minhas espadas foram afiadas recentemente, lembrei a mim mesmo.

Se isso fosse apenas sobre proteção, eu poderia parar de me preocupar.

O sorriso de Nicu atravessou seu rosto quando ele se virou para Lyrik, que não percebeu, que vasculhava as massas até que seu olhar localizou um garoto corado, um jovem cujos olhos lúcidos o encontraram também. Sem olhar para trás e sem licença, Lyrik atravessou a multidão. Ele abriu um caminho para o rapaz, depois roubou a cerveja do jovem e jogou o conteúdo em sua própria garganta, seus olhos nunca deixando sua conquista sem nome.

O que fazer da reação desanimada de Nicu enquanto ele observava a cena, eu não sabia.

Aspen olhou com raiva para Lyrik. Seu interesse por pretendentes desapareceu quando ela girou sobre nosso amigo. — Eu preciso de um parceiro. Dance comigo.

Ela arrastou Nicu em direção à fogueira e começou a levantar o espírito. Eles riram e saltaram, desafiando a estrutura e os passos da dança.

Apoiei-me contra um carvalho, ignorando os olhares que vinham das donzelas, mantido refém pela saliência dos abundantes quadris de Aspen.

Meus olhos voaram para uma bandeja aleatória de álcool e, em menos de três minutos, meus dedos estrangularam o cabo de uma caneca. A ascensão da

espuma e a amargura do lúpulo aliviariam esse desejo tolo? Quanto mais Aspen exibia suas curvas, mais eu duvidava. Com cada esforço para procurar refúgio visual, minha atenção se voltou para seu corpo abandonado, inundado por chamas decadentes e uma ardente lua bêbada.

A música zumbia e latejava, uma dissonância de instrumentos.

O bobo da corte e a princesa tinham planejado sediar uma celebração do Festival de Halloween nesta noite - e revelar a bolota. Dói-me pensar em como eles podem estar gastando agora, por causa de Nicu, por causa dessa jovem e por minha causa.

Lembrei-me de que o pica-pau de Aspen havia despachado minha mensagem, esperançosamente proporcionando um pouco de conforto aos meus superiores - meus amigos.

Uma legião de emoções lutava dentro de mim, frígida e escaldante, aguda e terna, culpada e egoísta, triste e alegre. Não consegui reconciliá-las, desejando apenas ser livre.

Quando eu dancei pela última vez?

O entusiasmo de Nicu pela música diminuiu. Ele cambaleou no lugar, localizando Lyrik e o outro garoto embaixo de uma árvore, suas bocas trancadas em um tumulto.

Aqueles olhos trêmulos contemplaram a visão. Nem uma vez eu senti intenções amorosas da parte de Lyrik em relação a Nicu. Tanto quanto eu sabia, nem uma vez ele fez um avanço. Por muito tempo isso me perturbou, essas interações conflitantes entre eles, como testemunhar a coabitação de uma carriça e uma vespa.

No entanto, o relacionamento deles tinha um significado incalculável para Nicu, e então eu me endireitei, preparado para ir ao meu cargo, um serviço melhor do que partir Lyrik ao meio.

Um milagre ocorreu, mantendo minha abordagem. O olhar de Nicu se transformou de apocalíptico, para murchar nas bordas, para um tom de verde mais forte. Amadureceu com o olhar do jovem desiludido. A metamorfose foi impressionante, fazendo Nicu ficar mais alto. Suas íris brilhavam com resiliência imperturbável quando ele se virou, afastando-se do momento e juntando-se a um canto indescritível do prado.

Ele seguiu em frente, ganhando admiração por seu traje e diversão perplexa por sua ardente simpatia. Ele ainda parecia fanático, mas não tão raivoso como costumava ser. Em circunstâncias sociais, às vezes seus traços não tinham consequências. Outras vezes, as pessoas se afastavam, desconfortáveis, mas discretas, sem querer ofender sua família.

Essa noite, a pintura no rosto de Nicu o protegeu de uma possível exclusão. Nesse momento, ele se parecia com o pai, o charme da família inegável.

Eu teria sorrido se outra visão não a tivesse estrangulado. Aspen, que devia estar a par da cena, relaxou depois que Nicu encontrou uma nova diversão, uma nova fonte de alegria. Ela pulou para mim e espiou por cima da borda da minha cerveja. Sem palavras, entreguei a ela, observando enquanto ela bebia a bebida, observando enquanto limpava a boca com o braço.

A cerveja acabou em minha posse mais uma vez. —Obrigada —disse ela. —Você vai ficar de guarda lá a noite toda? Venha dançar com as damas.

—Eu não consigo tirar os meus olhos de ti.

Ela se encolheu, como se meu elogio a tivesse machucado. —Deixe-me ajudá-lo com isso. — Disse ela, se apressando em me abandonar mais uma vez.

Eu entrei em sua linha de visão. —Por que você me deixa de lado? Por que você se recusa a falar comigo?

—Eu não estava falando com você um segundo atrás? Minha nossa.

—Você está sendo frívola. Exijo saber o porquê.

Exijindo tudo o que eu desejava, mas sua atenção se desviou para um dos rapazes da vila de antes, um rapaz com cara de cabra. Ele parou ao lado dos dançarinos, com um brilho nos olhos.

Meu rosnado se reduziu a uma corda, uma corda que agarrou Aspen pelos pulsos. —Não vá até ele.

—Desculpe? — Ela se virou, a malícia no meu tom estranha aos nossos ouvidos. —O que há de errado com você hoje à noite?

—Eu desprezo o pensamento de vê-la com ele.

O que quer que tenha aparecido no meu rosto venceu seu olhar, fazendo-a suspirar. —Pare de me olhar assim, Aire.

—Como eu estou olhando para você?

—Como se eu tivesse chutado seu estômago.

—Eu apenas quero falar com você, como falávamos antes.

—Não. É você me punindo por querer alguém que realmente me queira de volta.

—Isso é injusto. Você sabe-

—Eu sei. O jeito que você sente falta dela... do jeito que você a ama... é incrível. — Sua voz falhou, me machucando ao ouvi-la. —Mas você não a traiu e, até aprender a se perdoar, nunca seguirá em frente. Se você quer ser casto comigo, seja casto comigo. Eu entendo, mas você não pode segurá-la contra mim para olhar para outra pessoa, assim como você não pode esperar que o que quer que *isso* — Ela fez um gesto entre nós. — Que *isso* continue o mesmo. Agora você vai se afastar como um cavalheiro, ou terei que pisar em você como um touro?

—Não vá. Por favor.

—Não peça isso de mim, Aire! — Ela explodiu. —O que diabos você quer? Você quer a verdade? Dói, ok? Dói ouvir você dizer isso. Dói estar perto de você - agora, tudo em você dói. —Ela gritou para o dossel, lançando os braços em súplica. —Pelo amor de Outono, o que uma garota de madeira tem que fazer para obter uma queda sem sentido por aqui?

—Eu não quero te machucar. — Implorei.

Seu rosto caiu de volta para mim, desprovido, mas resignado quando ela sussurrou: —Então me deixe em paz... ou não.

Deixe-a. Ou não.

Deixe-a. Ou escolha ela.

Aspen passou por mim e encontrou o garoto no meio do caminho. Começou uma troca de gentilezas antes de entrarem na dança, os braços erguidos e dobrados, as palmas das mãos retas, planas e quase tocantes. Ele baliu algo que a fez rir, embora, do meu ponto de vista, ela não possuísse o costumeiro calor.

Uma nova ferida me rasgou, porque ela estava certa. Essa ferida sangrava e, com cada toque da mão do rapaz na cintura, uma tempestade se formou. Eu não me conhecia mais, ou talvez tivesse perdido essa parte adormecida de mim e apenas a recuperado recentemente: a parte furiosa e apaixonada que vivia e respirava.

Os olhos de Aspen encontraram os meus por cima do ombro do garoto. Embora ela tentasse o seu melhor para saboreá-lo, ela continuava se afastando de mim.

Ela não conhecia os passos da dança. *Eu* conhecia.

Drenando a caneca, o gosto adstringente de terra e trigo derramando através do meu esófago, deixei meu posto - e, com ele, minha restrição. Eu faria

isso sóbrio e faria a escolha a sério, pois levaria além de uma única porção para manchar meu julgamento.

Com meu olhar nunca deixando o dela, eu corri um caminho febril e emocionante através dos corpos em turbilhão, habilmente evitando vários pés e deslizando em volta de vários ombros. Seu ritmo diminuiu, forçando seu parceiro a franzir a testa, esse ponto de virada dissolvendo a última das minhas reservas.

Parei entre eles, surdo de qualquer desafio que seu jovem parceiro vomitasse em mim. Simplesmente, eu não me importava com ele, nem com ninguém em nossa esfera.

Simplesmente, ofereci a ela minha mão enluvada.

Quando ela pegou, meu coração disparou.

Meu braço reivindicou sua cintura e a girou, saiu uma vez e depois de novo. Ela agarrou meu bíceps, músculos que saltaram em resposta. Sua boca começou a se enrolar, a maravilhosa marca de beleza mudando.

Suas roupas jogavam com as minhas, sua gola da camisa emitia a nota perfumada de açúcar derretido. Eu a soltei, e nós circulamos, depois mudamos de direção, seu corpo seguindo minha liderança e meu corpo seguindo cada curvatura.

Aspen girou, o choque de suas costas balançando contra a minha virilha, um curso de ação direto, o inferno disposto a me excitar. Ela fez isso três vezes. Negando-me um momento para me recuperar, ela se despediu, dançando para longe de mim, colocando moradores e música entre nós.

Uma tática travessa.

Implacável, eu a segui pela multidão, embarcando em um jogo provocativo de perseguição enquanto ela levantava as saias e me desafiava a pegar o que eu queria.

Em meio ao estímulo dessa celebração, eu a caçava e finalmente a arrebatei. Apreciando seu grito, eu a levantei contra mim, meus braços estendendo suas costas, seus seios bombeando no meu peito. Abaixei minha cabeça.

—O que você fez comigo? — Eu murmurei contra seus lábios.

—A mesma coisa que você fez comigo. — Ela murmurou, mal terminando a frase enquanto minha boca se inclinava sobre a dela.

Cercado, rendendo-me, esmaguei essa garota e beijei-a no meio de uma multidão. Ela gemeu na minha boca e me beijou de volta. Seus lábios se dividiram sob os meus, uma câmara quente para a minha língua, a ponta se contorcendo contra a dela em um ritmo árduo.

Beijar Aspen significava um ponto sem volta, semelhante a ser preso e libertado. Eu a esmaguei contra o meu tronco, drogado pela decadência de seus dedos enquanto puxavam as raízes dos meus cabelos, me estimulando mais perto.

Oprimido, eu me afastei. Em êxtase, inclinei a cabeça e entrei novamente, pegando aqueles lábios de madeira exuberantes. Fundei minha boca na dela, perdendo o fôlego, capitulando.

Meu beijo não parou.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

FANTASIA

Piedosas Estações.

Caminhamos em silêncio abalado de volta às casas da árvore. Apenas o empurrão de nossos pés e o clique aleatório de um parafuso enchiam o silêncio. A névoa se espalhava, fina e preguiçosa, a tocha, definindo a rota.

Os dedos de Aire roçaram os meus, embora seu perfil estivesse olhando à frente. Eu respondi da mesma forma, meus dedos varrendo os dele, a tensão aumentando como xarope. Eu queria absorver esse sentimento, drenando-o por tudo que valia a pena.

Ele me beijou. Novamente.

Mordi com força, muita força no lábio inferior para reprimir um sorriso. Se minha boca se movesse uma polegada na direção errada, um sorriso passaria pelo meu rosto.

Apesar da exibição pública no campo de dança, não era hora de exibir o brilho da tarde. Nicu caiu sobre as costas de Aire, com os braços e as pernas caídos e o rosto esmagado no ombro do cavaleiro. Cerveja amarrava a respiração de Nicu, um prelúdio da monstruosa enxaqueca que ele teria pela manhã.

Em poucas palavras, ele se divertiu - menos o patife, que se manteve durante nossa viagem de volta. Nicu provou ser um bêbado artístico, murmurando uma música em voz alta. Eu poderia dizer que Aire se sentiu

culpado por deixá-lo se rebelar tão longe, mas com nossas bocas juntas, ele não havia percebido inicialmente.

Na colônia, subimos uma escada em espiral e paramos no patamar. — Vou levá-lo daqui. — Disse Aire, colocando Nicu no chão.

—Estou ens... ensolarado. — Insistiu Nicu, o que significava que ele estava bem, quando na verdade não estava.

—Não se preocupe. Vou levar com o pássaro canoro. — Ofereceu Lyrik.

Se alguma coisa podia fazer Nicu ficar sóbrio, era isso. Ele empurrou a palma de Lyrik do ombro e rosnou: —Fique... longe... de mim.

Pela primeira vez, Lyrik não tinha palavras, o veneno na calúnia de Nicu o calou. Ele assistiu, estupefato e desolado, enquanto Nicu tropeçava na passarela. Sobrancelhas batendo juntas, Lyrik seguiu na direção oposta enquanto murmurava para si mesmo.

Aire roubou apenas um segundo, apenas um segundo para segurar minha mandíbula. Vi intenção lá, lembrando o que ele prometeu depois de me beijar na fogueira.

Não era *boa noite*.

—Venha para mim mais tarde. — Disse ele.

Uma solicitação direta, mas torturante. A qualquer segundo, eu poderia desmaiar.

Eu me inclinei em sua carícia. —Venha para *mim*.

Seus olhos ficaram com um tom rouco de azul. E então ele foi atrás de Nicu.

Mil e um batimentos cardíacos depois, eu andava descalça no bangalô, pressionando meus dedos nas bochechas. O fogo queimava na lareira, o estalo de toras me fazendo pular.

Eu tinha feito isso antes. Mas não com ele.

Agarrei meu busto, a noz escondida dentro da pequena escotilha do meu peito, fora da vista por trás do fecho.

Não deixe ele ver seu coração.

Se ele perguntasse, eu saberia como enganar. Eu também me odiaria por isso.

Uma batida suave se tornou o som mais alto do mundo. Fiz uma pausa, apertando a maçaneta. Quando eu abri a porta, as dobradiças chiaram.

Sua cabeça levantou no momento em que eu respondi. Aire estava nas sombras, um raio de luar delineando seu corpo. Ele tirou a capa e as bainhas, a cintura estreita e livre de armas, e ele deve ter limpado a tintura do cabelo, deixando os fios dourados úmidos. Além disso, ele tinha se lavado, cheirando a sabão.

Ele entrou na sala, à luz do fogo, enquanto eu recuava. Sem desviar o olhar, ele alcançou atrás dele e fechou a porta, a trava clicando no lugar.

Seus olhos foram da camisola para os dedos dos pés de madeira espreitando sob a bainha, até as mechas frisadas que pendiam dos meus quadris. Eu o agradava? Eu deveria ter empacotado aquele blush de bochecha rosa.

Eu me remexi. Os dois garotos com quem eu estava me queriam, mas eles também queriam a novidade de mim. Eles queriam a distinção de ficar com a garota da madeira. Eles queriam esse distintivo.

Eu gostei da atenção, gostei de quanto um prêmio de status eu me tornei.

Aire não queria isso de mim. Ele queria algo que não tinha nada a ver com a minha madeira.

Os homens tinham me encarado várias vezes, mas nunca me olhavam do jeito que ele olhava. Afetuoso. Autêntico. Como se eu tivesse falhas e pontos

fortes. Como se ele pegasse tudo, os parafusos duros e os cantos escondidos, e os segurasse perto até que eu pedi para ele soltar.

Ele pegou minhas mãos nas dele, ergueu-as entre nós e deixou sua testa cair contra a minha. E foi aí que eu parei de tremer.

—Um de nós deveria dizer alguma coisa. — Sugeri.

—Eu desejo você. — Ele sussurrou.

Uma emoção profunda passou por mim, em recantos que eu não sabia que existiam. Seu punho estendeu a mão para agarrar esses lugares e sondar, o centro das minhas coxas respondendo automaticamente. Eu conhecia os sinais quando meu corpo se ajustava, tornando-se moldável. Só que eu não tinha experimentado assim, corada por uma mera sequência de palavras.

Suas mãos deslizaram das minhas, seus dedos gravitando na frente da minha camisola, ao longo da cortina solta de material. Esse toque insuficiente se tornou um toque impressionante - mal lá, mas o meu núcleo já havia se amortecido.

Seu aperto na minha cintura tinha uma paixão incerta, assim como os pequenos trechos de respiração que vinham de nós dois.

Estávamos nos movendo rápido demais para ele? Isso estava acontecendo muito cedo?

—Faz muito tempo para mim. — Ele admitiu.

—Não precisamos fazer nada —, eu disse. —Se você não estiver pronto.

Aire balançou a cabeça. —Estou sozinho há dois anos e tenho medo, mas sei o que você me faz sentir e conheço meu corpo. Estou fervendo desde antes de te ter em meus braços pela primeira vez. Eu estive flutuando em direção a isso desde o momento em que compartilhamos os movimentos juntos. Mais do que tocar ou beijar você, foi falar com você, caminhar com você e simplesmente

estar com você que me conquistou, que me trouxe a esta noite. E eu quero esta noite desesperadamente. Você quer?

Eu assenti. —Eu quero ouvir como você soa dentro de mim.

Ele gemeu. —Devo perguntar antes de perder a cabeça. O que você disse sobre estar com os outros... —Quando eu assenti novamente, ele continuou: —Você pode... existe um risco de...

Tanto quanto eu sabia, não havia. Eu tinha a forma de uma mulher e a capacidade de pegar um homem, mas não sangrava. Eu disse a ele que carregar um filho parecia impossível.

Depois disso, a tentativa de diálogo foi discutível. Qualquer coisa que saísse seria incompreensível, porque, quando Aire fixou os olhos em mim, meu coração de noz quebrou.

E tudo o mais retrocedeu.

Nosso primeiro beijo foi sedutor. O segundo, sensual.

O terceiro foi terno. O momento se estendeu quando entramos. Meus braços deslizaram ao redor de seus ombros, meus dedos entrelaçando os cabelos em sua nuca, prendendo-os nele. Ele me envolveu e embalou minha bochecha com a mão livre. Ele abaixou a cabeça e eu inclinei a minha para cima, e nos inclinamos lentamente. Tão devagar.

Um doce passe de lábios, terminando em um beijo quente.

E outro. E outro.

Eu mordi seu lábio superior. Isso o fez assobiar, o fez duro.

Derreti como cera. E talvez nós dois soubéssemos como o outro reagia sob o atrito de nossas roupas, porque desistimos. Nossas bocas apertaram, nossas cabeças inclinaram-se para se abraçar - em um beijo inchado e descontraído. Nossos lábios se abriram, minha língua dobrando contra ele, persuadindo contra a dele.

Em um suspiro, Aire me abraçou. Ele inclinou a cabeça em um ângulo mais ousado, seus dedos patinando pelas raízes do meu cabelo para me segurar no lugar, sua mandíbula trabalhando, sua boca dobrada na minha.

Logo, o beijo se intensificou, mais quente e agitado. Eu nos ouvi respirando com dificuldade e senti um aperto urgente em todos os lugares. Ele sentiu isso também.

Recuamos ao mesmo tempo.

Juntos, tiramos a camisa dele por cima da cabeça.

Eu tive um segundo para admirar a suavidade de seu peito e abdômen, os músculos flexíveis e o caminho dos pelos loiros correndo para a faixa de suas calças. Ele foi construído como um escudo, amplo e sólido.

Aire jogou a camisa no chão, então agarrou meu rosto e pegou meus lábios novamente. Eu afiei em sua boca, perdida no ritmo e gosto dele.

Eu me senti sendo levantada, envolvida em seus braços e levada para a cama. Outra novidade para mim. Com qualquer outro garoto, eu teria revirado os olhos.

Com Aire, eu não fiz. Em vez disso, minha garganta se fechou em torno de uma emoção proibida e aterrorizante.

O fogo no fundo balançou quando ele me abaixou no colchão, minha cabeça batendo suavemente em um travesseiro. Estendi a mão para ele, e ele veio apressado, seu peso se estabelecendo entre as minhas pernas. Prendendo meus pulsos na minha cabeça, ele me beijou rapidamente, depois mergulhou no meu pescoço.

Ele me chupou lá, na curva delicada do meu ombro. Minha cabeça balançou no travesseiro, um gemido saindo da minha boca. O som o encorajou a fazê-lo novamente, a passar a língua sobre o meu pescoço, arrastar a boca para o decote da minha camisola, e depois abaixar, abaixar até os seios. Sobre

o material, calor e umidade encharcaram quando seus lábios se fecharam em torno de um pico e me atraíram para ele.

Meu corpo inteiro ondulava. Eu chorei bobagem, implorando para ele - eu não sabia o quê. Meus quadris se contraíram, sentindo sua dureza, sentindo o que meus barulhos fizeram com ele.

Gentilmente, ele amarrou meus pulsos de volta na cama e continuou, sua boca nos meus seios, e eu não conseguia dizer como era suar, nem que o sangue corresse através dos meus membros, mas imaginei que fosse algo assim.

Sua boca voltou para a minha, e pareceu interminável, imediata e maravilhosa. Um beijo tão radiante que meus olhos ardiam, por mais que tentasse segurar as lágrimas. Uma fraqueza honesta.

Aire descascou as tiras da camisola, a roupa deslizando pelo meu corpo, sussurrando sobre a minha pele. Esta foi a minha terceira vez, mas muitas coisas eram novas. Por um lado, essas outras brincadeiras aconteceram com minhas roupas, minhas saias levantadas.

Eu nunca tinha estado nua na frente de um homem.

Enquanto mantivesse meus olhos em Aire, não me esconderia ou me contorceria. Eu não me esconderia. Eu não ignoraria o nervosismo.

Eu queria conhecer todos os cantos desse momento, os medrosos e os incríveis.

Eu queria que ele me visse.

O material flutuou no chão. Engoli em seco, esperando enquanto aquele belo olhar mergulhava, traçando meu corpo, as manchas de madeira, os fechos e enfeites, os arcos maleáveis e as juntas sólidas, os cortes onde eu havia esquecido de me dar um polimento, a falta de pelos.

Mas ainda assim, no geral, a forma nua de uma mulher.

Eu não precisava da aprovação dele, mas queria o carinho dele.

Sua voz disparou. —Você é uma visão.

Eu não pude evitar. Eu saltei em direção a ele e segurei sua boca, nos balançando para trás no colchão. Ele me pegou e esperou, nos equilibrando na posição vertical.

Eu o montei, meu cabelo caindo sobre seus ombros enquanto nos beijávamos. Eu amei o roçar dos meus seios nus contra seu peito, nossos braços entrelaçados. Pele sobre pele.

Ele me tocou em todos os lugares, seus dedos desenhando, me incendiando.

—O que é isso? — Ele perguntou, seu polegar correndo através do meu busto, através do recinto que eu construí para guardar a bolota.

Eu vacilei. —É o meu coração.

Ele aceitou isso com um sorriso antes de se curvar para dar um selinho casto lá. Bem ali, ele beijou meu segredo, minha meia-verdade, minha meia-mentira.

Ele não pediu para ver. Se ele tivesse, eu teria dito que era sensível como um órgão, mas talvez ele já tivesse assumido o mesmo. Além disso, ele simplesmente acreditou em mim.

Eu queria chorar, queria gritar. Eu queria que ele soubesse.

Em vez disso, compartilhei o máximo que pude com ele. Eu beijei seu próprio batimento cardíaco, seu corpo estremecendo em resposta.

Minhas mãos se moveram para suas calças, desfazendo o fechamento. Ele correu para me ajudar, nós dois puxando as amarras. Aire se arrastou para trás e se levantou para se despir, tirando as calças e exibindo carne gloriosa, as falésias tonificadas de seu corpo corando. As pilhas de tendões e músculos. As inclinações de seus ossos pélvicos.

E *aquela* parte. Aquela parte aumentando para mim.

Lá fora, galhos raspavam as janelas. Lá dentro, o fogo queimava as toras na lareira, e a cama rangeu quando ele voltou para mim, subindo em cima de mim. O peso dele parecia seguro, absoluto. Nós nos alinhamos, minhas coxas enroladas em torno de sua cintura, meus membros pendurados sobre seus quadris.

Nervosismo e conforto. Mente e felicidade.

Ele olhou para baixo, parando um momento para avaliar onde nos encaixávamos, como se eu fosse construída de maneira diferente. Depois que ele encontrou o local, seu rosto pairou perto do meu, suas mechas douradas caindo sobre as minhas sobrancelhas. Eu as afastei e suas juntas roçaram minha bochecha.

Isso estava acontecendo. O homem, esse homem de verdade viu uma garota de verdade - uma mulher. Não um fantoche, uma distorção ou um conto de fadas.

Eu queria mais. Eu o queria fundo o suficiente para esquecer a si mesmo, para lembrar de si mesmo. Eu queria que ele soubesse que eu era a pessoa que estava embaixo dele. Ninguém mais.

—Continue olhando para mim —, eu respirei. —Continue me observando.

Ele assentiu. —Eu devo.

Nós nos encaramos. Senti meu rosto tremer, vi suas próprias feições se desenrolarem, enquanto ele lentamente girava seus quadris entre os meus.

Assim, ele se lançou em mim. E assim, seu comprimento encheu um vazio. E assim, gritamos.

E assim, ele se retirou.

E assim, ele empurrou novamente.

—Oh, Estações. — Ele assobiou contra a minha boca.

—Uh-huh. —Eu gemi contra a dele.

O ritmo era terrivelmente lento e doloroso, suas costas estalando suavemente, meu corpo sobressaindo sob ele. Ele não era um garoto inexperiente. Ele era um homem casado, que havia feito isso inúmeras vezes com a esposa. Então, apesar de ter passado um tempo para Aire, meu corpo o sentiu pegando rapidamente.

Ele me beijou, a cadência de nossos lábios combinando com nossos movimentos. Sua mão agarrou meu quadril, inclinando-me para ele, seus impulsos atingindo um lugar que nos deixou em pânico. E foi tão doce, o precioso deslize dele dentro de mim.

Suas pálpebras tremeram, prestes a fechar, mas balancei minha cabeça.

—Não —, eu ofeguei, agarrando seu rosto. —Continue me observando, Aire. Continue me observando. Me veja.

—Aspen, eu... eu não... eu não acho...

—Eu *sim*. Apenas me observe. Me veja.

Suas costas se curvaram, os golpes calmos de seu corpo, o pivô controlado de seus quadris, levando-nos a um frenesi sofrido. O ritmo era alarmante em consistência, mas ele persistiu e, de alguma forma, eu aguentei.

Com renovada dedicação, ele manteve os olhos abertos, continuou me observando, continuou observando. Ele se levantou, suas mãos plantadas em ambos os lados da minha cabeça, absorvendo minhas reações, fazendo amor constantemente.

Eu choraminguei, o ritmo agonizante. Como o beijo na floresta, ele não terminou.

E ele não terminou. E ele ainda não tinha terminado.

Nossos gemidos colidiram. Eu agarrei seu traseiro, porque eu ia me quebrar. Eu ia gritar. E então seus quadris avançaram finalmente, e minha cabeça voou para trás, e eu gritei.

E então, minutos depois, eu fiz de novo.

E ele também. E seus lábios se agarraram aos meus, engolindo os sons.

Depois nos agarramos, recuperando o fôlego. Depois disso, ele se retirou.

Nós trememos de lado e sorrimos, nossos dedos passando entre nós. Descansando em nossos travesseiros, sussurramos na noite, nossas mãos vagando uma sobre a outra. Ele me colocou em seus braços, roçando a boca na minha linha do cabelo, me dizendo para descansar.

Eu devo ter cochilado, porque acordei com o luar, as últimas lambidas de chamas diminuindo. Torcendo em direção a Aire, eu o observei dormir, o cobertor preguiçoso mal cobrindo sua cintura.

Sua expressão era serena. Ele tinha cílios ridículos.

A visão se tornou demais para lidar. Eu localizei a camisa dele no chão e a joguei por cima da cabeça, as mangas enormes caindo dos meus pulsos. O material cheirava a manhãs e tardes na floresta. Eu me envolvi nela e me arrastei para a beira da cama, dobrando meus joelhos no meu peito e esmagando um sorriso contra eles.

Enquanto eu estudava as chamas moribundas, o colchão rolou.

Um som gracioso e masculino decolou. Aire correu atrás de mim, seus braços voando em volta da minha cintura. Ele apoiou o queixo no meu ombro, sua voz como lençóis farfalhantes. —Diga-me o que você está pensando.

Eu me aninhei nele. —Você quer dizer, você não pode sentir isso?

—Essa fissura de prazer? A aura de contentamento? Sim, eu sinto isso. No entanto, há mais: uma espécie de recinto, um sentimento que você

mantém bem armazenado. Eu saberia o que é isso. Diga-me o que você está pensando.

Eu te amo.

A realização me sacudiu da cabeça aos pés, como uma gaiola se abrindo, cem penas batendo na brisa. Eu não conseguia captar esse sentimento. Não pude voltar atrás, porque estava fora de alcance, fora de controle.

Eu não tinha compartimento para acomodar a emoção, não havia lugar para contê-la. Esse salto no meu coração, esse aperto, esse arrepio, essa náusea.

Eu me apaixonei por ele.

De jeito nenhum eu poderia dizer isso a ele. Ainda não.

—Não achei que fosse possível chegar ao clímax duas vezes de uma só vez. — Falei.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. —Eu deveria saber.

—O que? — Eu defendi, mexendo e dando um tapa de brincadeira no quadril dele. —Ok, então isso não foi muito romântico da minha parte. Mas foi um elogio, seu imbecil. O poder do clímax é uma descoberta importante, lá em cima junto com cerveja e pão!

Aire me aproximou. —Um rapaz não pode levá-la a tais alturas. — Ele deu um selinho no meu nariz. —Um cavaleiro *pode*.

—Arrogante nobre. Porém, foi uma boa lição aprender...

Eu gritei quando ele me girou sobre a cama. Pairando sobre mim, sua voz se curvou, ficando travessa. —Quem disse que tínhamos terminado?

CAPÍTULO VINTE E SETE

FANTASIA

Eu nunca fui tão devagar, suave, docemente fodida em toda a minha vida.

Ok, então eu não tive muita experiência para compará-lo. Algumas vezes não me faziam uma especialista. Mas oh, Outono celestial. Ele tinha resistência.

Deitei-me na cama, cheirando a névoa nos lençóis, o aroma de Aire. Aninhado no perfume, olhei para as partículas de poeira e as inclinações da luz solar. Meus dedos pousaram nos meus lábios, escondendo o que tinha que ser um sorriso pateta.

A noite passada aconteceu. Isso aconteceu com ele.

A sola do meu pé deslizou para cima da panturrilha oposta quando pensei em nós torcidos no cobertor. Ele acima de mim, a moagem de seu abdômen, aquela pilha de músculos ondulando. Eu afundei na memória de explorar seu corpo durante a nossa segunda luta, ouvindo seus zumbidos, meus lábios por todo o peito, minha mão afundando mais e fazendo-o arquear de prazer. E lembrei-me da terceira brincadeira, descansando de lado e encarando um ao outro, o vigor dos impulsos de Aire quase me deixando fora de alinhamento.

Formigava pensando sobre isso, sobre Aire me querer, desencadeando comigo.

Para onde ele desapareceu?

Erguendo-me nos cotovelos, pisquei ao lado da cama, a impressão de seu corpo ainda no colchão. Com base nas vigas amarelas silenciadas, era meio da manhã. Quão cedo ele levantou?

A preocupação lascou-me quando toquei o compartimento no meu busto. Ele teria ficado curioso? Ele teria espiado?

Ele não iria. Aire não fazia nenhum movimento sem consentimento.

Pelo canto do meu olho, um objeto tremulou. Na mesa de cabeceira havia uma folha de bordo, uma elegante inclinação de caligrafia em sua superfície.

Você é profundamente bonita quando dorme

Como uma idiota, pressionei a folha na boca e fechei os olhos. Então eu me joguei de cara no travesseiro, meus braços e membros batendo no colchão vertiginosamente enquanto eu gritava no chão.

Suficientemente vestida e cortejada, pulei da cama e fiz uma dança feliz. Ainda envolta em sua camisa - ele gostava de fazer amor comigo enquanto eu usava - eu pulei em uma saia, deixando a roupa de baixo.

Meu cabelo estava uma bagunça. Agarrei-o rapidamente, joguei meu cobertor, enfiei os pés nas botas e saí pela porta. As botas caíram, os cadarços batendo nas pranchas, desamarrados e caídos.

Um esquilo pulou entre as árvores, sua cauda espástica sacudindo.

Eu segui um palpite, saltando para a clareira, onde minha respiração parou.

Ele girava a espada, as folhas deslizando em torno de seus pés. Músculos amarrados ao longo de seus braços. O suor cortava sua espinha e os sulcos sob as omoplatas, onde faixas ambiciosas e vermelhas marcavam a pele.

Mordi minha língua com orgulho. Algum vigarista atacou suas costas com as unhas.

A espada parou, aço piscando. Ele congelou, seus ouvidos quase se animando.

Aire torceu, seus olhos pegando os meus tão rapidamente que eu me senti sem fôlego. Ou poderia ter sido a magnitude de seu olhar. Sem sorriso. Sem carranca.

Mas algo sem um topo ou um fundo. Algo sem barreiras.

A espada estava no chão antes que eu registrasse que ele a soltou. Em segundos, ele me alcançou. Agarrando meu rosto, seus lábios agarraram os meus.

Eu me joguei contra ele, o cheiro do céu e a transpiração me envolvendo. Ele gemeu do fundo de sua garganta, sua língua deslizando para dentro de mim, a cadência remanescente do que seu corpo tinha feito comigo horas atrás. Meus dedos agarraram a nuca úmida de seu pescoço.

Aire arrastou a boca para longe, sorrindo enquanto eu gemia em protesto. O contraste de seu hálito quente e o frio do começo me excitaram como pederneira a queimar.

Seus dedos espalharam sobre minha região lombar, a ponto de agarrar minha bunda. Ele sibilou em realização. —Você está nua sob essas roupas.

—Como você adivinhou? — Eu provoquei.

—Você quer me matar? Eu não vou vencer essa batalha. Já estou pensando em levá-la de volta para dentro, desta vez, para *minha* cama.

—Quem sabia que você seria tão insaciável?

—O motivo é evidente. Um vislumbre de você me deixa louco. Que pena que deixei de lhe dar um bom dia.

—Você está fazendo um trabalho poderoso e minucioso agora.

Um sorriso tímido apareceu. —Meus afetos sufocam você.

—Não. Isso é apenas surreal. Ninguém nunca me fez sentir como você.

Ele sorriu, ridiculamente dourado, suas mãos esgueirando-se sob a camisa desarrumada que eu usava. —Me desperta ver você no meu guarda-roupa.

—Isso me poupa o trabalho de roubar esta camisa.

Agora um sorriso feroz. —Você gostou de mim ontem à noite?

A pergunta mergulhou direto entre minhas coxas. Aire brilhava, vendo a resposta sem que eu precisasse dizer em voz alta. Ele descansou a testa na minha. —E eu te faço feliz?

Eu acenei com a cabeça, meus pensamentos e emoções emaranhados. —Eu... eu te faço feliz?

—Aspen, você não sabe agora? — Ele esfregou o nariz juntos. —Você restaurou meu coração.

Ele me beijou na clareira, um beijo encorpado e cheio de coração.

Nós nos separamos para um coro de assobios, pios e palmas. Olhando para cima, pegamos Lyrik e Nicu em pé em plataformas separadas, aplaudindo-nos enquanto Punk balançava no alto, cantando alegremente.

Dias de felicidade. Eu gostaria de dizer que éramos dignos, mas estaria mentindo.

Não conseguimos manter nossas mãos em nós mesmos, mesmo durante o treinamento, enquanto eu me afastava dele, evitando o chicote de sua espada. Eu ainda tinha que jogar na ofensiva. Eu ainda tinha que aprender

como, mas aprendi como bloqueá-lo com meus machados, apesar de serem menores que seu modo de defesa.

Com nossas armas cruzadas entre nós, empurrando nosso peso um contra o outro, eu faria um comentário inebriante. Ele me beijaria rapidamente sobre as lâminas.

Às vezes, Nicu e Lyrik se juntavam à prática. O invasor usou sua adaga de rondel enquanto Nicu observava, desconfortável em torno de armas. No entanto, Aire insistia que ele era capaz de outros métodos de proteção, então o Real aceitou uma oferta para aprender um combate corpo a corpo. Aire não fez segredo de que seria necessário um grande feito para Nicu progredir, entender o mínimo necessário de orientação e para onde apontar os punhos durante uma sequência de movimentos rápidos, mas ele encontraria seu próprio pé com o passar do tempo.

Além da clareira, Nicu e Lyrik recuaram em cantos separados. Desde o Festival de Halloween, Nicu era pedregoso, enquanto Lyrik flutuava entre caretas e sarcasmo - junto com deslizes ocasionais em que eu via seus olhos passando rapidamente pelo perfil azedo de Nicu, procurando algo que havia perdido a cor e secado. Lá e se foi.

Isso significava que Aire e eu nos tornamos os amortecedores nas conversas em torno da fogueira.

Uma vez, enganada ao acreditar que eles poderiam lidar com isso, Aire emparelhou Lyrik e Nicu durante o treinamento. No início, Lyrik reclamou, chamando de uma luta injusta.

—Vamos lá —, ele zombou. —Eu não posso bater na cara do pássaro canoro.

O gancho direito de Nicu pousou. Ele bateu o cretino fora de seus pés.

Apertando a mão, Nicu olhou para o ocupante com alegria desenfreada. Furioso, Lyrik saltou da grama e saltou para a frente, mas Aire chegou primeiro, amarrando os ombros do jovem para segurá-lo.

Lyrik teria realmente machucado Nicu? Eu realmente duvidava disso.

Pela maneira como os olhos de Lyrik queimavam, eu tinha a sensação de que o trapaceiro teria feito algo completamente diferente se ele tivesse colocado as mãos no Real.

A casa da árvore se tornou uma arena gigante, com a gente brincando sem supervisão, caçando uns aos outros com espadas e machadinhas. Transformamos o local em um campo de batalha e depois em um teatro. Quando não brandíamos lâminas, Aire e eu descansávamos no teto de um mirante, observando as estrelas com Punk e Nicu.

Nós balançávamos nos balanços. Nós comíamos e bebíamos.

Muitas vezes, Aire e Nicu exercitavam o cavalo e a mula. Lyrik fazia uma poção e meditava. Desenhava armas e picava lenha.

Durante um pôr-do-sol em particular, eu e Aire montamos o seu corsel em um local mais brilhante desta lendária floresta, onde exploramos os afloramentos e depois nos tateamos em cima de uma manta de piquenique.

Tínhamos treinado ao amanhecer, nossas noites reivindicadas por outras atividades. O tipo que fazia meu cavaleiro de ouro apertar minhas coxas e me atacar até que eu cantasse seu nome. O tipo de noites em que eu assistia sua bunda nua flexionar enquanto ele caminhava para a lareira, alimentando as chamas para nós.

As intimidades se multiplicaram, ele escovando meu cabelo, eu vendo-o tomar banho, nos vestindo juntos em um silêncio confortável. Nós falando de nossas famílias e infâncias.

Deveria ter sido suficiente, e foi por um tempo, e depois não foi.

Ele ainda usava o anel.

Quanto mais isso acontecia, mais eu sentia o corte quando ele me beijava, ou quando ele se agarrava à minha cintura, ou enquanto segurava minha mão durante as caminhadas.

As joias brilhavam na luz. Uma lasca de seu passado, eternamente amarrada a ele.

Eu era dele. Mas ele era meu?

Ele disse que eu restaurei seu coração. Mas eu o ganhei?

O que aconteceria no final do mês? Ele me denunciaria à Coroa por invasão?

Como essa história desonesta terminaria?

Mordi um caqui, a doçura derramando sobre minha língua quando a porta do meu bangalô se abriu e os passos se aproximaram. Revirei os olhos. Lyrik estava resmungando sobre eu monopolizar a fruta. Ele passou a contar o alqueire, embora houvesse bastante.

Eu falei com a boca cheia. —Estou comendo minha porção designada, Lyrik-

Um par de mãos me girou, o caqui escorregando dos meus dedos enquanto olhos azuis predatórios enchiam minha visão. —Não é Lyrik. —Disse ele antes de me dar em um beijo.

Mal tive um momento para reconhecer Aire até que ele me apoiou na cômoda. Não perdi tempo me entregando a ele, nunca cansando de seu gosto.

Sonolenta luz do amanhecer derramado através das vidraças. Nós não tínhamos passado a noite juntos porque ele havia sido sequestrado por Nicu, nosso amigo precisando de outro ouvido masculino, alguém com quem conversar. De vez em quando, ele estava mal-humorado desde que socara Lyrik.

—Senti sua falta. — Aire suspirou.

—Faz oito horas. — Apontei, rindo.

Sua cabeça mergulhou na minha garganta, plantando beijos lá. —Uma eternidade.

Pulei na cômoda, coloquei as palmas das mãos nos meus joelhos e usei-as para me espalhar. Ele fez um barulho de choque, que eu sufoquei com a boca, minhas saias agrupando em volta dos meus quadris.

—A porta está aberta. — Ele murmurou.

—Tudo bem —, eu murmurei. —Nós podemos ficar quietos.

Lyrik estava do seu lado da colônia, mexendo em sua sala de poções. Nicu estava com Punk em um terraço aleatório, sonhando com o céu e fazendo música em sua cabeça.

Segurando meu olhar, Aire enfiou a mão na saia. Um rasgo longo e lenta atravessou a sala, de onde ele abriu minhas roupas. Eu doía, querendo ele lá.

Ele recuou, dando uma olhada. —Abra-se mais para mim.

Porra, quando um doce como ele aumentava seu lado perverso. Não ouvi ninguém, não obedeci a ninguém. Mas eu não queria nada além de seguir suas ordens.

Ele viu meus joelhos se separarem e disse: —Mais largo, ainda.

Eu dei o que ele queria. Por um tempo, ele apenas olhou para mim. —Como você se sente? Para me ter na sua pele?

—Como o contrário, eu acho. Como você sendo macio e eu sendo dura.

Ele desabotoou sua calça de couro enquanto voltava para mim, deslizando entre minhas coxas. Seu braço estava em volta da minha cintura, me puxando para ele e fazendo os móveis estremecerem. —Eu quero ir fundo —, ele entoou, se posicionando. —Posso?

—Você já foi tão fundo quanto pode.

Ele empurrou, seu belo corpo subindo no meu. Em um suspiro, minha cabeça bateu para trás.

—Vamos ver isso. — Prometeu.

A cômoda tremeu, batendo na parede quando nos perdemos. Minhas pernas flanquearam sua cintura, meus dentes afundando em seu ombro para reprimir os gemidos. Eu me estreitei naquele local onde os quadris de Aire voaram para dentro de mim.

O tempo todo, ficamos quietos. Tão quietos.

Embora o dia tenha chegado, nos deitamos em uma pilha depois, fazendo um ninho de roupas e travesseiros em frente à lareira ardente. Até então, Aire havia fechado a porta e nós tínhamos tirado a roupa, mesmo que apenas para investigar um ao outro.

Eu, listando as diferentes madeiras da minha pele.

Ele, exibindo suas cicatrizes a meu pedido, me dizendo as armas que fizeram cada uma, sabendo que era isso que eu queria aprender. A fatia ao longo de sua cintura. Os cortes em seu ombro. O furo no bíceps.

—O que fez esta? — Eu perguntei, apoiando-me em um cotovelo e mapeando seu peitoral, onde uma barra vermelha esculpia sua pele.

—Assassinos. — Disse ele, a resposta se apegando à memória.

Eu teria pedido mais, mas ele traçou meu peito, traçando meu invólucro de bolota. —Com o que se parece?

Atrás do fechamento, a bolota se contraiu com seu toque. —Pequeno —, eu respondi. —Um coração pequeno.

—Um coração frágil. — Ele traduziu.

—Um coração duro. — Eu rebati.

—Um coração sólido. — Ele alterou.

Eu sabia o que ele estava fazendo e quase acreditei nele.

—Na realidade. — Cheguei mais perto. —Acho que tem o formato real.

—Isso é porque *é*.

Eu me sentei, piscando para afastar as lágrimas repentinas. Aire se levantou ao meu lado, afastando meu cabelo. —O que é? — ele perguntou, preocupado. —O que está errado?

—Eu não quero te perder.

Eu não mereço você.

—Oh, querida. — Ele inclinou meu queixo em sua direção. —Eu não estou indo a lugar nenhum.

—O mês está quase no fim. Fizemos um pacto. Você disse que iria...

—Eu não vou —, ele decidiu. —Como Primeiro Cavaleiro, tenho jurisdição para fazer julgamentos. Você é uma invasora, mas não é uma criminosa. Não para mim.

—Você acredita que as pessoas erradas permanecem erradas. Você não acredita que elas podem mudar.

—Minhas crenças foram tendenciosas, carregadas de tragédia, mas isso não é mais o que penso, pois não seria um cavaleiro justo e verdadeiro se o fizesse. Eu sabia disso uma vez, mas na minha tristeza tinha esquecido. — Seu dedo traçou a inclinação da minha mandíbula. —Você me lembrou e, por isso, sou grato.

Ele refletiu sobre outra coisa. —No entanto, devo voltar com Nicu. Você pode ficar o tempo que precisar e, mais tarde, quando eu servir qualquer retribuição que a família real me reserva, voltarei para vê-la. Ou talvez até lá, você já tenha encontrado o que procura e retornará à cidade baixa. Se assim for, eu vou esperar por você lá. —Seus lábios roçaram a ponta do meu nariz. —Eu vou esperar por você, sempre.

Eu funguei. —Você me quer?

Ele me deu um sorriso torto. —Você me acha o tipo de homem que viria para a sua cama e depois a deixaria de lado?

—Mas eu apenas-

Embalando meu rosto, ele disse: —*Claro*, eu quero você.

—Mas eu-

—Mas nada. Você me faz rir. Eu me divirto com você, gosto de brigar com você e confessei meus medos a você. Você me frustra e me choca, mas me traz consolo. Você me lembra que há vida além da morte, que bondade e maldade geram as almas mais puras e verdadeiras. Eu quero suas falhas e pontos fortes. Claro, eu quero você, Aspen.

Sim. Aspen boba.

Aire não se deitaria com uma garota e depois iria embora. Ele não se entregava livremente ou tomava livremente.

Felicidade. Era isso que era.

E culpa. E amor. E culpa. E esperança. E culpa.

—Onde você vai? — Ele perguntou quando eu comecei a vestir minhas roupas.

—Na floresta —, eu respondi, instantaneamente ansiosa. —Eu preciso procurar. Agora.

—Eu irei com você.

Dando de ombros na minha capa com capuz, eu me arrastei até ele. — Não. — Eu o beijei uma vez. —Eu preciso fazer isso sozinha.

Eu precisava fazer isso sozinha desde o começo. Também não tinha muito tempo. Eu já estava fora há tempo suficiente, sem saber se a mãe estava bem. Ela precisava de mim. Eu precisava dela.

Eu precisava encontrar um final.

E então eu diria a verdade a Aire.

E ele poderia entender. Ele apenas poderia.

CAPÍTULO VINTE E OITO

FANTASIA

Na porta, Aire se inclinou contra a moldura. Suas calças caíam sobre os quadris e o decote da camisa pendia desamarrado, revelando a extensão do peito.

Em resumo, ele não facilitaria a partida.

Ele pegou minha mão e beijou meus dedos. —Voltarei à minha casa na árvore e esperarei por você lá. Para o bem ou para o mal, desejo-lhe sorte em sua busca hoje, minha senhora.

—Fique nu quando eu voltar, meu senhor.

Rindo, ele me deixou roubar mais um beijo. —Aspen.

—Arggg —, eu gemi, me arrastando de seus braços. —Ok. Estou indo.

Descendo a passarela, me virei e pisquei para ele, carregando seu sorriso - sua confiança - na floresta.

A floresta se amontoava ao meu redor, um espetáculo de cores e luz, um contraste de galhos retorcidos e cogumelos venenosos. Estiquei meu pescoço, mantive minha cabeça erguida. Pensei em Nicu, Lyrik e Punk. Eu pensei em mãe. Eu pensei em Aire.

Espinhos e folhagem estalavam embaixo de mim. Quanto mais eu ia, mais meu coração de bolota batia.

Não doeu. Pelo contrário, expandiu-se. Que estranho.

Enquanto viajava, fiquei pensando nas pessoas que conheci. As pessoas que sempre importaram e as que eu não esperava que importassem. Todos nós viemos aqui, para essas lendárias florestas, para declarar ou reivindicar algo.

Punk, lealdade. Nicu, independência. Lyrik, companhia. Aire, libertação.

Eu, cura. Cura para mamãe.

O que eu queria para mim? Talvez eu só quisesse ser real, não uma construção ou um conto de fadas. Eu queria ser real sem ter que provar isso, sem ter que forçar os outros.

Eu queria ter amigos sem obrigá-los a isso.

Queria que minha mãe me visse novamente, como sempre.

Eu queria merecer o jeito que Aire olhava para mim.

Eu queria compartilhar algo com este mundo, não apenas tirar dele.

Esse era o conto de fadas. Essa era uma vida feliz.

Uma nova vida. Uma vida restaurada.

Você restaurou meu coração.

Recordando as palavras de Aire, ocorreu-me. Os desejos eram maravilhosos, mas não eram o único poder a ser tido. Aquelas bolotas abençoadas podiam dar fé, mas não podiam mudar minha mãe.

Contar com um conto de fadas não era suficiente. Tínhamos que perseverar por conta própria, para fazer nosso próprio destino. Tínhamos que ser nossos próprios salvadores.

Parei na pista sinuosa. A terceira bolota nunca foi para minha mãe ou para mim. Tínhamos tudo o que precisávamos em nós mesmas. Uma na outra.

A floresta só estava me tentando. Foi um teste, uma lição. E isso, aqui e agora, poderia ser a recompensa.

Eu nunca encontraria onde o lenhador e o animal se encontraram, porque não era para onde eu tinha que ir. Então eu corri, passando por troncos e arbustos.

Eu sabia o que fazer com a bolota final.

Corri para a clareira, o lugar que registrava a fé das pessoas, seus sonhos inscritos nos latidos de gafanhotos. As folhas de vitral aplaudiram na minha chegada. Um vento solitário soprava, jogando meu rabo de cavalo lateral enquanto eu me virava, olhando para o dossel.

As árvores tremiam, como se estivessem me interrogando, como se eu pudesse ouvi-las.

O que você deve fazer com isso?

Eu peguei a bolota final da gaveta da cômoda quando Aire não estava olhando, enquanto ele vestia suas roupas. Tirei a noz do bolso agora.

O que você deve fazer com isso?

Eu imaginei a colônia abandonada na casa da árvore, o lugar onde a vida uma vez prosperou. E as pessoas que moravam lá. E as histórias que eles deixaram para trás.

O que você deve fazer com isso?

Fechei os olhos e respondi: *Devolver.*

Mas não para a coroa. Não pertencia a eles, assim como não pertencia a mim.

Ajoelhando-me, cavei na terra, criando uma toca. O tipo que alguém desse reino da colheita usaria para plantar uma semente.

Enfiei a bolota dentro e depois varri o solo sobre ela, devolvendo-a a este lugar, de volta à terra. De volta a essa floresta isolada e lendária.

Eu sorri. E então veio algo que eu não esperava.

A luz do sol atravessou a floresta. Eu engasguei, apertando meu punho e curvando-me enquanto uma corrente estranha derramava através do meu corpo - como eu imaginava o sangue fluindo. Minha pele se esticou e rachou, derramando-se, espalhando-se como folhas, meu interior lascando e recolocando.

O que estava acontecendo?

Eu gritei repetidamente. A pepita no meu peito inchou. Então ele se retraiu e começou a bombear, o som de um tambor nos meus ouvidos.

Ba-bump. Ba-bump. Ba-bump.

Assim como quando eu tinha caído durante o último empreendimento aqui.

Assim como um coração de carne.

Quando a dor parou, eu caí. E eu abri meus olhos.

A primeira coisa que vi foi meu punho fechado em torno de si. Eu vi os dedos dobrados e as juntas dos dedos.

E a pele. A pele macia e suave.

Espalhei meus dedos trêmulos, segurando as palmas das mãos contra o rosto, para a luz. Morena, com manchas de rosa. Linhas finas rosqueadas na superfície. Veias e unhas de meia-lua.

Nas mãos de uma garota. Uma garota de verdade.

—Uau. — Eu sussurrei.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

FANTASIA

Eu sussurrei de novo. Porque todo-poderoso... porra... Estações.

Eu balancei meus dedos. Nove dedos. Um toco.

Tirei minhas botas e circulei meus tornozelos. Eu explorei cada pedaço de mim, minhas mãos se atrapalhando. Eu olhei para as fontes de cabelo ao longo dos meus braços, a cavidade no meu umbigo, meus seios como massa, minhas costelas delicadas como uma caixa.

Os meus joelhos. As almofadas da minha bunda.

Os quadris. Oh, meu Outono, os quadris - tão largos quanto um celeiro.

O pulsar do meu pulso. Eu senti dentro do meu peito, e até a respiração parecia diferente, e o movimento parecia diferente. Eu desenhei a paisagem do meu rosto e as franjas dos meus cílios.

Eu me belisquei. Eu bati e lambi meus lábios.

Eu descrevi o formato do meu nariz. Um pouco longo, como de costume, mas não um galho. Em voz alta, murmurei uma mentira. Uma mentira trêmula.

—Eu sou uma garota de madeira. — Eu disse.

Mas nada aconteceu, sem cócegas ou surto de crescimento.

Dos parafusos aos ossos. De grãos a tendões. Dos cantos aos contornos.

De uma bolota a um órgão. Da madeira à carne.

Fiquei lá para sempre, no final e no começo de mim. Isso era um prólogo ou um epílogo, ou em algum lugar no meio? Eu balancei minha cabeça, esperando que ela desaparecesse, esperando e temendo.

Era um sonho. Era um pesadelo.

Um desejo. Uma maldição.

Ainda assim, com o passar da hora, permaneci a mesma. Real.

Eu ri. Eu ri tanto, porque se não risse, choraria. Eu choraria e não pararia. Eu soluçaria até engasgar.

Este corpo não era meu, mas era. E ainda assim eu sofri. E ainda assim fiquei maravilhada.

Eu queria isso. Agora que eu tinha, parecia certo? Eu ainda era eu?

O que é que você fez? Eu queria perguntar à floresta.

Eu não fiz nada. Você fez, pode ter respondido.

Eu amarrei minhas botas, maravilhada com o prumo e a fivela dos meus dedos enquanto eles trabalhavam nas amarras. Eu me movia como líquido, como ar.

Eu sabia o que significava flexibilidade até hoje?

Quando me levantei, pensei em crianças aprendendo a andar. Uma pontada de medo tomou conta de mim. Eu me perguntei se eu cairia, como uma marionete com cordas cortadas.

Eu não fiz. Eu pulei no lugar, meu equilíbrio intacto.

Minhas roupas passaram por mim, ajustando-se da mesma forma, mas o tecido raspou de uma maneira nova, estranha, mais grossa do que eu lembrava.

Minha boca oscilou entre sorrir e flacidez. Excitação ou tristeza? Rigor ou náusea? Nada fazia sentido, e tudo fazia sentido. Eu ansiava por nada disso e tudo.

Eu poderia chorar. Ou eu poderia comemorar.

Eu corri. Era fácil, as solas dos meus pés atingiram o caminho, afastando a vegetação rasteira. Empurrando meus braços e pernas, exercitando a ferramenta do meu corpo, eu me carreguei de volta pela floresta. Eu ri um pouco mais.

Então essa foi a chave para usar a bolota final, para obter uma vida restaurada: devolver o prêmio ao lugar de onde veio. Essa foi a chave para mim, pelo menos. Talvez para outra pessoa, teria sido diferente. A história de todos era única.

Os telhados dos bangalôs caíram no dossel. À primeira vista do riacho, caí de quatro e olhei para a água, tonta de alívio quando meu rosto se voltou para mim. Eu parecia a mesma, só que mais aconchegante.

Mergulhei minha mão na água e puxei-a, fixada enquanto as gotas secavam rapidamente.

Saltando, corri pela colônia, subindo degraus e correndo por uma ponte coberta, depois subi outra escada em espiral. Eu tinha um corpo real, de carne e músculo, de um coração que batia forte.

E a primeira coisa que eu queria fazer era mostrar para ele.

Nuvens encobriram a tarde. A brisa fez meus braços seixos.

Patinando ao nível abaixo de sua casa na árvore, peguei bolotas caídas e as arremessei, observando enquanto elas golpeavam a janela. As nozes deslizaram da moldura, para o peitoril, para o chão.

Clique... clique... clique.

As persianas se abriram como asas. Uma figura apareceu, empurrando luz em minha direção. Aqueles olhos me encontraram e neles vi um choque imediato de azul. As íris brilharam como lâminas de aço, uma reconstituição de quando nos conhecemos, só que sem angústia.

Sua boca estava aberta, com uma depressão no rosto, a forma de reverência e descrença. E vincos de angústia. E uma descarga de proteção.

Nós ficamos boquiabertos.

Ele quebrou da janela. Eu quebrei da plataforma, subindo rapidamente três degraus laterais para o próximo nível, correndo para a porta quando ela se abriu.

Aire mal tinha aparecido quando me lancei nele. Logo antes de fazer contato, vi que seus braços estavam se abrindo para mim. Nos abraçamos, nos esmagando juntos. A palma da mão dele embalou a parte de trás da minha cabeça, meu rosto esmagou seu pescoço, sentindo o clamor de sua pulsação contra meus lábios. Ele cheirava e parecia o mesmo, e eu me sentia faminta por esse abraço, pela mesmice dele.

Ele me puxou mais apertado, ou eu o puxei mais apertado, o nó que havíamos feito nos forçando para trás, tropeçando em seu bangalô. Aire chutou a porta. Eu chiei, sem fôlego e me agarrando a ele.

Chamas minúsculas tremiam de velas por todo o quarto. Duas taças de líquido carmesim estavam em um banquinho de três pernas ao lado da lareira. Ele estava se preparando para mim.

—Aspen —, disse ele. —O que aconteceu?

—Eu não sei—, eu cuspi. —Encontrei o que estava procurando, mas não foi o que pensei, porque não posso consertar a mãe, mas...

—Shhh. Está tudo bem.

—Eu não posso consertá-la, mas eu-

Me consertei?

Foi isso o que eu fiz? Eu me consertei? Eu precisava ser consertada?

—Não pode ser —, ele respirou, se afastando para me olhar, seus olhos percorrendo minha forma. —Não pode ser. — Ele repetiu.

—Mas é. — Eu disse.

—Eu não entendo. Isto é real? É você?

—Sim. Sou real.

Essas palavras, minhas palavras.

Ele varreu o cabelo do meu rosto, depois deslizou o polegar sobre o meu queixo. —Aspen.

Seu tom e meu nome soaram como uma negação e uma promessa.

Nossas mãos não podiam ficar paradas, vagando por todo o lugar, eu nele, ele em mim. Minha boca balançou para a dele, porque isso tinha que ser o mesmo. Eu tinha que saber se sentiria o mesmo.

Ele me juntou a ele, me beijando de volta. E sim, ele parecia como sempre.

Eu me atrapalhei com sua camisa, precisando de mais dele, precisando de mais do mesmo. Aire concordou, seu doce beijo inclinando minha cabeça para trás enquanto ele assistia a minha própria camisa, seus dedos passando pelo decote.

Enquanto tropeçava em direção à cama, ele parou. Sua boca rasgou a minha. —O que — Ele olhou para baixo, as sobrancelhas inclinadas. —O que é isso?

—Hã? — Eu murmurei, surgindo do beijo. —O que é o quê?

—Isto. — Ele traçou algo no meu peito. —O que... o que é isso?

A pergunta e seu toque errante me atingiram como um martelo. Com um pressentimento, registrei a localização dos dedos dele acima do meu peito, onde meu novo coração batia forte. A forma que ele desenhou na minha pele só poderia indicar uma coisa.

Olhei para baixo e descobri uma cicatriz. Uma fissura na pele, uma pequena costura apertada, como uma corda. O contorno de uma bolota.

Eu não tinha percebido que estava lá. Eu não tinha verificado antes de vir aqui. Eu tinha sido superada, muito desgastada.

A mão de Aire roçou a linha. —Parece...

—Uma bolota. — Engoli em seco, sem encontrar seus olhos. —É uma bolota.

Ele deve ter ouvido a falta de surpresa no meu tom. Ele deve ter sentido outras emoções também, da maneira como Aire frequentemente sentia as coisas.

Coisas como remorso.

Ele se afastou. Só um pouco, e talvez apenas para ter uma visão melhor. Talvez.

Apreensão parou sua língua. —Eu não entendo.

Ele olhou para mim em busca de explicações. Ele esperou, mesmo enquanto a paixão em seu olhar se tornava suspeita.

Penteei meus cabelos, lutando para controlar meu pulso, lutando para encará-lo. Eu me afastei ainda mais, exigindo espaço. Ele não se opôs, nem tentou recuperar seu domínio sobre mim, como faria um minuto atrás. Ele já entendeu que eu estava escondendo conhecimento dele.

—Aspen? — Ele perguntou, um punhado de esperança agarrada à sua voz.

—Eu costumava ser um conto de fadas. — Eu sussurrei.

Pedaço por pedaço, página por página, cena por cena, eu disse a verdade. Minhas raízes. A segunda bolota. Mãe me trazendo à vida com isso.

Em seguida, a comissão da mãe de construir um compartimento de apresentação para um objeto de valor. Sua convocação da realeza. Depois a doença dela.

Eu contei a ele sobre meu plano de curar a mãe. Do meu plano para roubar o que poderia curá-la.

Relatei o dia em que entreguei o caso de apresentação. Na noite em que me aventurei no castelo. Na noite em que o conheci.

A noite em que roubei da Coroa.

Na noite em que Nicu me seguiu.

Eu queria deixar meu amigo de fora, para poupar Nicu de qualquer culpa em saber sobre a bolota, em manter meu segredo. Mas isso significaria reter mais uma coisa de Aire. Eu não poderia fazer isso.

Eu contei tudo a ele.

Houve um momento de silêncio e, naquele momento, as velas tremeluziram e as persianas tremeram. E Aire ficou em silêncio, uma terrível ausência de som. Eu segui o silêncio, fisicamente ligado a ele. Bastava um pequeno puxão para responder, mover-se enquanto ele se movia.

Ele se afastou de mim. Ele se virou e inclinou a cabeça, enfiando os dedos nos cabelos. Um peso desconhecido ameaçou desabar o ombro.

Quando ele falou finalmente, sua voz era um fio, fina, mas prestes a estalar. —A Coroa informou você? Você sabe quem encontrou a última bolota?

De todas as perguntas, eu não esperava isso. Mas eu deveria ter.

Naquele instante, percebi que deveria. Eu conhecia o som dele quando estava sofrendo, sofrendo. Esse era o som de Aire sempre que ele falava de seu passado.

—Minha esposa encontrou. — Disse ele. Robin a encontrou.

Meu coração se partiu. Lembrei-me da história dele, de que ela morreu tentando proteger um tesouro.

A terceira bolota. Ao colher flores naquele dia, ela deve ter discernido a marca do sulco em sua concha.

Por isso Aire rejeitou os contos de fadas. Porque a história de Outono havia tirado sua esposa dele. Ela encontrou a última bolota, morreu protegendo-a de bandidos, para que pudesse ser compartilhada com o mundo.

Aire deve ter dado à Coroa, para honrar as intenções de sua esposa, seu ato final. Eu não sabia disso, mas isso não importava. Eu roubei o que ela tentou salvar.

Se eu tivesse tirado uma das nozes de conto de fadas dessa floresta, não o teria perturbado. Mas tendo a do castelo de Mista... a que Robin tinha se sacrificado para... aquilo *importava*.

E enquanto amava esse homem, eu também estava mentindo para ele.

—Aire. — Fui na direção dele, mas parei quando ele ficou tenso, como se estivesse detectando minha abordagem. —Aire, por favor. Deixe-me consertar isso.

Como eu poderia fazer isso? Mesmo quando eu deixei escapar, eu o reconheci por um pedido desonesto. Um vazio.

Quando ele se virou, eu não o vi. Vi um cavaleiro, mas não ele. Seus olhos estavam despidos de ternura, de calor. Esse vazio de emoção era pior do que raiva, mágoa ou nojo. Eu não conseguia lê-lo assim, indiferente e brusco, tão longe das minhas garras quanto o céu, como um vendaval - algo que me tocou brevemente, me pegou nos braços e me soltou.

—Sim, você deve consertar isso. — Sua voz enviou um calafrio através de mim, mais daqueles inchaços estrangeiros cobrindo meus braços. —Você deve consertar isso saindo da minha vista.

Mas ele não me jogou fora. Em vez disso, ele me deixou ali de pé, juntando suas espadas e capa e depois saindo da casa. A porta bateu, a moldura sacudiu.

Eu apertei, afundando de joelhos. Ele olhou para mim como se eu fosse uma estranha, uma ladra.

Uma mentirosa.

CAPÍTULO TRINTA

HONESTIDADE

Ela era, e sempre fora, uma mentirosa.

Fugindo do bangalô, amarrei as espadas nos quadris e me apressei para o corsário, minha capa uma verdadeira tempestade ao redor dos meus membros.

Meu corcel pastava na vegetação rasteira, mas levantou o focinho, ouvindo e prestando atenção à minha chegada. Andei em direção a ela com propósito, com urgência e, de algum lugar à minha esquerda, a voz de Nicu deslizou pelas árvores. Ele chamou meu nome, mas eu me abstive de responder. Eu deveria ter sido mais caridoso, no entanto, a flauta de sua voz, a textura lisa de seu alarme me ofendeu.

Nicu não estava a par das circunstâncias relativas à morte de Robin e sua relação com a bolota. Na verdade, ele não deveria saber da bolota. No entanto, Aspen havia confessado o contrário, então eu só podia presumir que ele tropeçou em uma conferência entre seus pais e se encarregou de escutar o assunto.

Nicu também mentiu, sabendo da agenda de Aspen e alegando que era uma desculpa, uma plataforma para embarcar em sua própria rebelião. Ele tinha escondido essa informação de mim com um aperto tão forte quanto o dela.

Nunca uma vez eu desviei alguém desse grupo heterogêneo, mas isso foi tão completamente realizado, tão facilmente feito comigo. Se alguma vez houve um exemplo de um tolo autêntico, era eu.

—Aire? — Nicu repetiu. —Aire-

Soltei o cavalo com empurrões violentos, deixando de lado uma sela. Quando eu me virei de costas para ela, o cavalo sentiu meu propósito, meu humor.

Nicu também. —Aire, onde você está-

Eu enterrei meus calcanhares em seus flancos.

—Aire!

Nós voamos, seus cascos batendo na terra, a floresta reduzida a uma abstração de cada lado de nós. O vento nos empurrava, ajudando-nos através de gotas de cor e brilho da luz do sol da tarde. Eu montava aquele vento, subindo em uma corrente amarga.

Eu bani toda a memória daquela donzela de madeira. Para esse fim, eu não recapturaria a essência esfumaçada de sua voz, o gosto de sua boca sob a minha, o aperto de seus membros em volta da minha cintura enquanto eu fazia amor com ela, a ardente queimação de nossos acoplamentos - a maneira como seu corpo arqueado para mais e meu desejo constante de dar mais.

O tempo todo, ela foi desonesta, empenhada em ganhar meu favor, usando-me como um peão para desviar o castigo. Ela praticou a mais desonesta das artes para me enredar, envolvendo pedidos arrebatadores, um parentesco falso e um caso de faz de conta. A falsificação de sua amizade e a maior falsificação de seu beijo atraíram meu coração para ela. Durante todo o tempo, ela era uma vilã, roubando o símbolo da minha dor, o mesmo item contaminado com o sangue da minha esposa.

Robin acreditava no poder dos contos de fadas, mas também se apegou a outro credo: nada de tal valor deveria pertencer a uma pessoa. Nenhuma recompensa desse tipo deve ser concedida a uma alma solitária, pois todos nós merecemos uma vida brilhante. Ela acreditava que esse era o verdadeiro espírito da história.

Ela desejava doá-la à Coroa, ao reino e a todo o seu povo. Os membros da realeza juraram mantê-la até que, com o passar do tempo, considerassem seguro anunciar a bolota, organizar uma exibição pública, para que aqueles que precisassem de esperança - esperança para vidas felizes ou novas vidas ou vidas restauradas - podia ver a oferta da natureza.

Aspen não conseguiu, não conseguia compreender isso. Se as coisas não a afetavam diretamente, não importavam.

Será que ela realmente pretendia usar a bolota para a mãe ou isso foi uma manobra adicional? Teria sido um disfarce para o verdadeiro objetivo, derramar sua pele de madeira?

Eu não sabia que a marceneira encarregada de envolver a bolota tinha uma filha, ou que a filha estava envolvida, ou que possuía uma pele de madeira ou "deficiência de pele". A Coroa não havia divulgado esses detalhes. Eles não eram tão ignorantes a ponto de classificar as pessoas em categorias básicas, para identificar as pessoas como “outras” com base em seu exterior. Eles não teriam feito disso um problema, não teriam me trazido nada disso.

Da mesma forma, deixara claro que não procurava informações sobre a bolota, pois me doía muito saber os detalhes.

Nos últimos dois anos, eles demoraram a revelar a bolota. Eu havia entendido o raciocínio deles e dado minha permissão.

—Façam o que vocês devem. — Eu disse a eles.

Andei mais forte, o vento agitando a crina do meu corcel.

Uma ladra me cortejou para me enganar. Eu deveria ter previsto isso, sentido essa natureza enganosa nela, e, no entanto, minha capacidade de prever havia se esgotado nessas semanas. Ela havia feito um trabalho supremo de mentir sem mentir, sem evidências prolongando a ponta do nariz. Essa habilidade, ela deve ter dominado há muito tempo.

Por um momento frágil, durante esse intervalo na colônia da casa na árvore, eu quase me convenci de que existia redenção. Pelo contrário, eu não deveria ter esquecido a permanência da vilania.

Eu não esqueceria novamente.

Galopei através do Outono, meu corcel batendo no mato. Confiamos em meu conhecimento para medir um destino e empregamos o céu como uma bússola. Não sabia quanto tempo persistimos até ver o que precisava ver.

A criatura circulou acima em um majestoso espaço de asas, sua forma enrugada cortando as nuvens em uma circunferência ininterrupta.

O cursor desengatou do galope sob meu comando. Atirei-me de costas, as solas das minhas botas atingindo o chão. Inclinando minha cabeça, assobiei e ofereci a dobra do meu braço.

A criatura obedeceu. Sua descida atingiu meu colarinho como um par de garras enganchadas em mim, aterrissando em uma curva graciosa. O falcão empoleirou-se orgulhosamente, o tique de obsidiana de seus olhos se nivelando com o meu. Os falcões de guarda de Mista haviam se estabelecido como companheiros de cavaleiros, sentinelas da fortaleza e soldados da Coroa.

Eu estava preparado para viajar por dias, mas se minha proficiência em protocolo me levou nessa direção, e se o falcão rondava essa área, isso significava que uma das equipes de busca finalmente viajou. A atmosfera

agitou-se com atividade, com sinais da companhia. Uma agitação de desespero, uma fuga de determinação.

As tropas estavam muito próximas, de fato - e com elas meus soberanos.

Uma inalação tomou conta dos meus pulmões. Depois que fiz isso, não consegui desfazê-lo.

No entanto, esse sempre era o caminho a seguir, não era? Teria chegado a isso, se eu pretendia ou não libertar a garota. Eu teria voltado com Nicu e com uma história nossa.

O rosto de Aspen provocou os limites do meu coração, testando suas limitações. Vi um sorriso ganancioso e ouvi um bufo brincalhão, lembrei-me de uma confissão terna e um toque ousado.

Eu bati as imagens no chão. Ela não merecia mais minha lealdade. Ela não iria mais administrar minhas reservas. Eu não negligenciaria mais meu dever, nem ignoraria seus crimes.

Era uma vez, ela não significava nada para mim. Eu faria isso de novo.

O falcão aguardou meu pedido.

—Irmão de armas —, eu disse. —Eu tenho notícias. Leve-me até eles.

Ela não nos viu chegando.

Quando o sol se encolheu sob o dossel, passamos por uma passagem de carvalhos. As cristas de Mista balançavam do bordado de mantos, da trama de estandartes, do revestimento de escudos. Um grande tambor de cascos perturbava a floresta, perfurando meus pensamentos no solo como um canto.

Mentirosa. Ladra. Fantoche.

Com essa cacofonia, um esquadrão de cavaleiros seguiu minha liderança na colônia da casa da árvore. Senti o peso da nossa entrada nas articulações dos dedos e não vi nada além da cavidade de uma clareira onde ela e eu havíamos treinado, os balanços que havíamos encontrado. Nesses lugares, tínhamos falado de assuntos e anseios que não me importava mais lembrar. Aqueles encontros tinham sido uma fantasia temporária, quando eu os considerava queridos.

Nossa chegada rasgou o lendário silêncio. Com meus camaradas a reboque, eu me via mais como um invasor do que como um salvador, o conhecimento puxando minha consciência.

Mas então eu a vi.

Ela foi a primeira a sair de seu esconderijo, notificada pelo frenético pio de Punk da torre de vigia. Saindo de sua porta e cruzando para o centro de uma ponte no alto, os olhos tristes de Aspen percorreram a área confusos, depois se fixaram em nossa legião de espadas, depois se arregalaram quando nos enxergamos à vista com as cores vivas do Outono.

Mesmo de longe, vi o medo se debater naqueles olhos. Percebi o momento em que ela percebeu o que estava acontecendo, o choque de uma criatura assustada presa em uma armadilha. Seu olhar atravessou as tropas, trilhando uma linha tênue entre terror e esperança.

Ela está me procurando. Ela quer saber que eu não faço parte disso.

Meu aperto no cavalo aumentou, meus calcanhares pressionavam o animal mais rápido, mais à frente dos cavaleiros. Queria que ela confirmasse o pior. Quando ela o fez, quando me encontrou, sua expressão fraturada atacou meu coração. Depois de tudo o que foi dito e feito, ela ainda não esperava que eu a entregasse.

Quase tive que desviar o olhar.

Reunindo minhas defesas, conduzi meus irmãos e irmãs a galope, a galope, a trote, a uma parada. Sem vê-los, eu sabia que eles formavam um meio anel ao meu redor. Eu os senti rastreando minha atenção e localizando a garota – não mais uma donzela de madeira.

Aspen estava acima de nós, um alvo em roupas despenteadas e uma cortina de cabelo amarrada em um rabo de cavalo baixo. Era sua maneira favorita de estilizar as madeixas na altura dos quadris, sempre penduradas por cima do ombro, por baixo do chapéu de penas.

Ela não usava o chapéu agora, nem o xale. Ela se mudou para seu bangalô, mas sua aparência sugeria que ela não tinha feito nada para se arrumar desde que eu a deixei.

Ela tropeçou para trás, seu rosto se transformando em um apelo mudo. Eu peguei um esboço de ansiedade e angústia.

Eu já a tinha visto tão abalada?

Nos limites da minha psique, também detectei resistência. Montado no meu cavalo, eu previ que ela tentaria correr, e eu a veria presa, amarrada como uma marionete. A imagem produziu uma cãibra ao meu lado.

O anel em volta do meu dedo deslizou, uma fração de movimento, um lembrete do *porquê*.

O êxtase abriu suas asas predatórias, com um grau de malícia que eu mal reconheci em mim. Eu olhei para ela enquanto falava com meus colegas.

Minhas palavras tinham garras. — Agarre-a.

Ela torceu e correu. A perseguição prosseguiu.

Aspen recuou sobre pontes, em torno de escadas e através de plataformas, os soldados saltando atrás dela através da rede de níveis. Ela planejava se esconder em um compartimento em algum lugar da colônia, ou pretendia ir para a floresta e se esconder lá.

Ela não teria sucesso.

Bestas se inclinaram para ela de ambos os lados de mim, mas não dispararam. Eles haviam sido instruídos anteriormente, quando montamos nossos cavalos. —Eu quero a garota ilesa. — Eu pedi, falando impassível.

Quando Aspen passou correndo pela sala de poções de Lyrik, o invasor rasgou sua porta. —O que diabos... — Ele pulou para trás, atingindo a parede do bangalô quando dois cavaleiros avançaram.

Chegando ao terraço, Aspen virou-se para encará-los, raiva apertando suas feições. Ela abriu algo da sua nuca. Eu parei, me preparando. Minha boca se abriu para avisar homens e mulheres, porque eu a estava treinando, porque havia feito um trabalho moderado até agora.

O machado voou, espiralando uma grande distância, quase cortando um braço. Somente pela graça divina das Estações, ela errou. O machado alojou-se em uma grade e, assim, ela continuou correndo.

Mais tarde, me puniria pela peculiaridade dos meus lábios, pelo imperdoável tom de orgulho. Eu queria que ela perdesse seus perseguidores? Ou eu queria que ela perdesse completamente?

Eu assistia como se fosse um espectador de um torneio, sem a glória do triunfo. Segurei minha espada direita, meus dedos esmagando o punho, uma parte interna de mim gritando coisas protetoras que eu não deveria gritar.

Outra parte de mim observava a comoção de um lugar de desapego, pois, se não o fizesse, não havia como dizer o que o futuro traria.

Com sua adaga, Lyrik interceptou um cavaleiro. Punk passou pelos galhos, a ponta do bico apontada para crânios aleatórios.

Do seu poleiro, o falcão reluziu suas asas, mas eu levantei minha palma enluvada, detendo a fêmea. O poderoso raptor rasgaria o pica-pau, um final

que eu não poderia suportar. A ajudante não merecia tal ataque, e eu nunca pude prejudicá-la, nem infligir esse evento a Aspen. Eu conhecia o cheiro e o grito de tristeza, como se desenrolava sob a pele, e eu não desejaria isso a ninguém.

O que eu não esperava era o silêncio de Aspen. Nem uma vez ela chamou, me pediu misericórdia, pediu minha ajuda.

Na mesma nota, eu não havia considerado o que Nicu poderia fazer. Foi somente quando ele entrou em cena, cheio de hostilidade, que minha voz disparou. Ele atravessou a floresta, junto com Aspen.

—Nicu, pare! — Nós dois gritamos.

Ele não parou, se jogando na luta. Arremessando seu corpo no caminho de um cavaleiro, seu intestino mal se esquivou do golpe de uma espada. — Fique com sua arma! — Eu berrei - antes que o soldado o percebesse e congelasse.

O punho de Nicu bateu na mandíbula do homem - uma, duas, três vezes seguidas. Rachaduras que quebram os ossos rasgando o ar, golpes desleixados, mas com zelo suficiente para derrubar o homem, apesar do tamanho compacto de Nicu. Arranquei o cavalo e rugi o nome de Nicu, e meu amigo parou, segurando seu pulso.

Uma expiração furiosa soprou de mim. Em nome de Mista, ele poderia ter sido morto!

Quando um protesto grave raspou o ar, os verdes selvagens dos olhos de Nicu se voltaram para Aspen, que se contorcia nas garras de um cavaleiro, que a arrastava escada abaixo. Preocupar-se com Nicu tinha distraído a garota, permitindo que as tropas a prendessem.

Sua companheira frenética espiralou e piou ao redor deles, provavelmente emitindo protestos justos. Quando o falcão ameaçou, Punk apenas recuou, indignada.

Lyrik caiu contra uma grade, tendo derrotado outro homem, mas perdeu a batalha para uma mulher soldado. Eu balancei a cabeça para ela soltar o agachamento. Excluindo a escaramuça, ele não havia violado nenhuma lei, e um acerto de contas no qual estava preocupado não valia o esforço.

Eles arrastaram Aspen ao nível do solo e sobre a ponte em arco. Uma visão de suas pernas balançando entre os degraus quando ela me contou sobre sua mãe doente e como eu contei sobre minha esposa moribunda subiu à tona na minha memória.

Em algum lugar lá de cima, Nicu gritou enquanto gentilmente detido pelo homem que ele havia dado um soco. —Não! — Ele gritou. —Tire suas fitas! Deixe-a sozinha!

Aspen caiu nas garras do homem, grunhindo xingamentos. Andei a passos largos para encontrá-la no meio do caminho, parando apenas um pouco de seu perfume, da armadilha em seus olhos.

Aire, ela murmurou.

Na forma do meu nome em seus lábios, a dor prejudicou meus reflexos, minha espada a centímetros dos meus dedos. Uma vez eu disse a ela que alguém deveria cortar sua língua.

Um novo som nos separou. O alívio me fez torcer, ansioso por sua fonte, por qualquer coisa para não olhar para ela.

Outro coro de cascos atravessou a floresta, meia dúzia de corcéis moendo através da malha de folhas, aumentando os destroços desse momento - embora com um toque mais drástico.

Quando encontrei a equipe de busca, fui informado de uma divisão e solicitei que uma mensagem fosse entregue à metade desaparecida da escolta, juntamente com instruções sobre onde nos encontrar. Agora, bandeiras de castanho e clarete chicoteavam dos cajados, de altura real e pegavam uma brisa. A marca Real de folhas e coroa brilhava no crepúsculo, enquanto as luminárias de chama de Lyrik incendiavam-se em meio às casas na árvore.

O resultado foi uma saudação apropriada quando duas figuras encapuzadas galoparam do grupo, sua abordagem puxando as folhas do chão, a folhagem espiralando ao redor delas em saudação. Eles puxaram seus cavalos para uma parada. A chegada deles não possuía pompa, sua combinação habitual de refinamento e extravagância. Como deveria, pois esses eram tempos incomuns.

Eu caí no meu joelho, junto com meus camaradas.

As figuras saltaram de seus cavalos e jogaram para trás os capuzes.

A mulher usava um manto de bronze adornado com corrente delicadamente enroscada e um vestido de caxemira de nogueira. Seus cabelos ruivos estavam enrolados em um coque trançado, embora caísse em desordem, pendendo da nuca como um saco. Poças violetas espreitavam sob seus olhos, e uma expressão terrível torceu seu rosto enquanto ela olhava ao redor.

O homem correu para o lado dela, seu casaco de brocado de gola alta sem seu esplendor normal, o material luxuoso manchado de sujeira e enrugado. Seu cabelo escuro sempre fora uma bagunça, artisticamente espalhada em volta de sua cabeça, mas hoje parecia menos um show e mais um desrespeito. Onde a pintura decorativa habitualmente circundava seus olhos, não vi embelezamento, nada além de uma emoção crítica incalculável.

Ele tinha os olhos de Nicu, exceto quinze anos mais velho. Não importava o conflito, essas íris nunca perdiam sua luminosidade.

O olhar verde do homem se juntou ao da mulher enquanto examinavam as casas da árvore. Apesar das circunstâncias difíceis que haviam acontecido com o casal, a persistência irradiava deles, o tipo de coragem que havia resistido aos testes do tempo - de sua história de amor proibida, ao desafio de reinos, à busca de mudanças sociais no outono, a suas campanhas pela igualdade, a seu apoio aos direitos de todas as pessoas, especialmente aquelas marcadas como tolas nascidas.

A perseverança ardia dentro do conjunto tenaz do queixo da mulher e o brilho apaixonado nos olhos do homem. Eles encarnavam força, uma força em si mesmos, obrigando a floresta a inclinar sua cabeça em honra.

No entanto, suas roupas estavam penduradas, e eles se penduravam, como se precisassem do reforço, como se um deles pudesse desmoronar de preocupação.

Juntos, eles consumiram o cenário em um nível tão sincero e perigoso que roeu minha consciência. Eles checaram todos os cantos e recantos, rondando as pontes, escadas e níveis por Nicu - pelo filho.

A princesa e o bobo da corte do Outono haviam chegado.

Um rangido tentador os alertou, seus olhares pousando nele. Eu vi quando ele se afastou do cavaleiro e desceu o último lance de degraus, com as bochechas rosadas.

Os olhos de Nicu se uniram, seu rosto se desfazendo como uma criança. —Mamãe.

Um som estrangulado saltou da princesa Briar. Pegando as saias, ela correu em sua direção, e ele em sua direção, e eles colidiram em um emaranhado de gritos gentis e ombros trêmulos.

A voz de Nicu encheu seu pescoço. —Me desculpe, mãe. Eu sinto muito...

Poet, o bobo da corte, ficou à deriva. Apesar de ser um mestre da dança e acrobacias, ele oscilava atualmente, com uma expressão de reverência, como se estivesse banqueteando-se com o sol pela primeira vez.

Quando o pai e o filho se olharam, o transe de Poet se rompeu. Ele caminhou devagar, encontrando seu filho no meio do caminho, onde eles se entreolharam, um tumulto de emoções se desenrolando entre eles.

Em todos os meus anos de serviço, raramente observei o bobo da corte sem palavras. E nunca assim.

A garganta do Poet balançou enquanto a boca de Nicu tremia. Não sentia arrependimento do jovem, mas sentia culpa, o empurrão e a força da rebelião e amor, de pertencimento e separação.

Nicu se endireitou, mantendo-se mais alto. —Papai —, disse ele. —Papai, eu-

O bobo da corte agarrou seu filho, esmagando o menino, e o menino se agarrou em troca. Ouvi o alargamento das narinas, uma grande expiração de Poet. Ouvi um toque de ar, um grande suspiro de Nicu.

A princesa juntou-se ao abraço, um círculo inquebrável de cabeças inclinadas e braços entrelaçados. O momento era muito privado, mas nossa comitiva testemunhou.

Minha atenção traidora se voltou para a garota que me enganou, desejando ver sua reação a essa mudança de eventos. Eu me arrependi instantaneamente. Os cavaleiros haviam sequestrado seus machados e a contido, os braços flácidos nas garras deles.

Seu rosto cansado estava demorando em mim. Talvez ela estivesse fazendo isso por toda a duração.

Eu me virei antes que eu pudesse detestá-la ainda mais, antes que suas feições afundassem muito fundo.

Quanto à família Real, eu havia previsto a ardência de sua reunião.

O que eu não esperava era que a princesa se separasse primeiro, marchasse até mim quando eu me levantasse - e que o estalo do punho dela me derrubasse novamente.

CAPÍTULO TRINTA E UM

FANTASIA

Relacionado com sangue ou não, agora eu sabia onde Nicu havia herdado o gancho direito. As juntas da princesa derrubaram Aire de uma só vez, o golpe retumbante através dos carvalhos.

Os boatos diziam que a princesa Briar do Outono era uma mulher reservada, mas genial, de trinta e um anos. Uma mulher de contenção, mas também de compaixão. Seus súditos pouco sabiam de sua boa pontaria, dando socos como uma garçonete.

O bobo da corte colocou as mãos nos ombros dela, puxando-a para trás em seu peito. E se Aire era lindo, o bobo da corte - Poet - era sexy. Sob um emaranhado de cabelos escuros rebeldes, sua beleza astuta surgiu diretamente nas pessoas.

Ele ergueu uma sobrancelha para a pilha de cavaleiros no chão. —Bem, bemm—, ele murmurou, sua voz composta de três coisas: cetim, pecado e show. —Admiro sua ingenuidade, minha princesa. É uma maneira de nos anunciar.

—Começamos com sarcasmo, meu bobo da corte? — Briar deu um sorriso distinto e não-princesa. —Você está apenas sofrendo, porque eu te ofendi antes de começar.

A boca do bobo da corte se contorceu. —Touché.

Nicu embaralhou o caminho deles, um protesto saltando da borda de sua boca. —É minha culpa. Aire -

—Paz, Nicu. Eu mereço isso. —Aire subiu, esfregando a mandíbula e inclinou a cabeça na direção do casal poderoso. —Sua Alteza. Mestre Bobo da Corte.

—Cuidado com o que diz, senhor Aire. — A princesa avisou.

—Tome cuidado para receber o aviso de Briar com cuidado. — As palavras saíram da língua do bobo da corte. —Nós dois estamos um pouco irritadiços. Eu próprio preferiria algo mais bonito de usar, mas eis que estamos ocupados.

—Tome o cuidado de tomar a piada de Poet como qualquer outra coisa — Aconselhou a princesa.

O bobo da corte derramou sua máscara irreverente, optando por algo mais perigoso. —Meu amor me conhece muito bem.

—Eu tenho uma explicação —, assegurou Aire. —Embora eu não busque me absolver.

—Então nos divirta —convidou Poet com um canto ameaçador de cabeça, seus olhos verdes visíveis de onde eu estava. —Acabamos de receber suas últimas notícias enquanto procurávamos nosso filho; o relatório revelou um pouco mais do que o primeiro. Que história é essa, de fugitivos e ladrões? Onde está essa ninfa que infringe a lei?

—Essa seria eu —, eu soltei. —Mas eu sou maior que uma ninfa.

Todas as cabeças viraram na minha direção. Eu resisti à vontade de recuar, a princesa e o bobo da corte me estudando com uma atenção feroz aos detalhes, seus olhares intimidadores e hipnotizantes. Isso me atingiu finalmente. Eu fiquei diante desse casal renomado. Eu fiquei à mercê deles.

Pelo jeito, eles não iam gostar de mim.

Meus olhos patinaram para Aire. Ele olhou para trás, sua expressão cinzelada em pedra, indiferente ao que quer que eu esperasse comunicar.

O que eu esperava? Que ele me defendesse?

Ele me entregou. Ele deixou a colônia e me entregou porque eu menti, porque ele pensou que eu o tinha usado. Porque eu o machuquei tanto.

A princesa se aproximou, seu vestido varrendo seus membros. De perto, eu perdi a conta de suas sardas.

Eu quase perdi a coragem também. Ela era tão boa em encarar.

Ela cruzou as mãos na frente dela. —A carpinteira encomendada pela minha mãe - você é a garota dessa mulher? Aquela que fez a entrega em seu nome?

Eu respirei fundo. —Sim.

—Você pegou a bolota?

—É uma história longa e desonesta.

—E o que você fez com isso? —Quando eu cobri, sua voz suavizou em encorajamento. —Você pode me dizer.

—Mamãe —, Nicu jorrou como uma bomba d'água. —Mamãe, não...

—Eu enterrei —, respondi. —Foi-se.

Murmúrios em todo o grupo. A princesa procurou meu rosto, intriga inclinando sua voz. —Você está mentindo?

—Pela primeira vez, ela não está. — Disse Aire atrás dela.

—Eu concordo, amada —, disse o bobo da corte. —O tom dela não deixa nada a desejar, nem admirar... o quê? — Ele deu de ombros aos olhares irônicos dos soldados. —Todo crime merece uma rima.

—Você poderia nos mostrar onde —, a princesa solicitou. —Você pode descobrir a bolota para o seu reino.

E para Aire. Para a esposa dele.

Fiquei tão surpresa que a princesa Briar não estava exigindo isso. Pensei na floresta, onde havia enterrado a bolota e meu palpite de porque isso

precisava ser feito. Eu poderia ter dito a ela minha teoria, poderia ter usado isso para me defender, mas isso significaria revelar a localização da bolota. Caso contrário, eles nunca me ouviriam.

E mesmo assim, não pude oferecer uma garantia de que minha teoria estivesse correta. E se eu não pudesse oferecer uma garantia, eles poderiam descartar o que eu dissesse. E se eles fizessem isso, eles poderiam desenterrar a bolota.

E isso poderia desfazer tudo.

Eu balancei minha cabeça. A princesa suspirou. —Então leve-a embora.

E assim eles fizeram. Enquanto Nicu discutia com os pais —Não! Ela é minha amiga! — E enquanto Punk batia ao meu lado, e enquanto Lyrik rosnava para os soldados que o escoltavam como testemunha, eles me levaram embora.

Enquanto a bolota permaneceu, eles me levaram embora.

Enquanto nosso refúgio na casa da árvore ficou menor, eles me levaram embora.

Enquanto Aire me ignorava, me dando apenas um olhar superficial, eles me levaram embora.

Eles amarraram meus pulsos com ferros, frios e pesados contra minha... minha carne.

Eles me amarraram no topo da mula e amarraram a mula a um cavalo, e Punk pousou no meu ombro. Ela apertou meu chapéu de penas no bico. Minha garganta quebrou quando ela vibrou, colocando-o no topo da minha cabeça, no ângulo que eu gostava.

Eu sorri para ela quando ela se empoleirou na minha coxa.

A viagem se dissolveu de uma hora para a outra, de um dia para o outro. Passamos por uma vila louca, tanto um santuário periférico quanto uma quarentena para aqueles de mente violenta. Eu tinha ouvido falar sobre esses

lugares. Um lugar onde tolos nascidos considerados perigosos demais para a integração poderia existir e ser monitorado, mas sem serem trancados como feras. Um lugar onde eles pudessem ser tratados, ajudados ou pelo menos humanamente contidos.

O rosto da mãe encheu minha mente até passarmos completamente pela aldeia.

Vi a cabeça dourada de Aire; ele não olhou para mim uma vez. Nicu cavalgava a seu lado, alternando entre falar rapidamente e procurar Lyrik, que montava seu próprio cavalo.

Tornei-me observadora até que um rosto apareceu da rede de nozes e arbustos. Uma forma familiar, com cabelos enferrujados e uma saia xadrez, uma raposa deslizando ao redor dos tornozelos, uma aljava pendurada no ombro.

A raposa que me roubou o chapéu. Das entranhas da floresta, ela me observava, e acho que ela me reconheceu além da nova pele de madeira.

As algemas tilintaram quando eu embaralhei, tirando meu chapéu. Por impulso, sem nenhuma razão, eu estendi a ela.

Diversão esticou sua boca. —Parece melhor em você. — Ela sussurrou.

Na verdade, eu ri baixinho. Passando por ela, notei o longo arco. Falando baixo e rápido, eu disse: —Uma ponta de flecha em espiral. Isso serviria para você.

Ela considerou isso e assentiu para mim. Então ela desapareceu nas árvores.

Naturalmente, acabei na masmorra. Tijolos cobriam as paredes e o chão, chamas saindo das luminárias suspensas em ganchos horizontais ao longo da fachada. De uma das celas, uma voz grave xingava e outra cortava.

O cheiro de solo úmido e axilas rançosas me recebeu. Era aqui que eles largavam os verdadeiros criminosos. Assassinos e sequestradores, bandidos e violadores - e ladrões.

Uma porta grelhada se abriu. Alguém cutucou meu ombro até eu mancar dentro da cela, um espaço de nada. Nada contra as paredes, nada no chão.

O medo me apertava toda vez que pensava na mãe. Eles a convocariam? Eles a condenariam também? Eles a acusariam de saber o tempo todo?

E Punk? E Lyrik? E Nicu?

A porta se fechou, o barulho reverberando na minha espinha - porque eu tinha uma espinha agora. Felizmente, eu saberia usá-la.

Eu fiquei no centro da cela. Eu não tinha sido capaz de espionar Aire entre os guardas das masmorras, embora eu o sentisse próximo.

Eu o vi agora. Através da grade, vi seu corpo banhado em luz fraca, seu cabelo um farol. Seu queixo inclinou-se para o chão. Suas mãos descansavam nos quadris.

—Deixem-nos. — Ele ordenou aos guardas sem olhar para cima.

Depois que os homens e as mulheres se dispersaram, eu fiquei com a respiração suspensa, mas Aire não se mexeu. Não até que eu fiz, um pequeno passo em direção a ele, os ferros ao redor das minhas pernas ecoando.

Eu sentia falta dos olhos dele em mim. Sentia falta dele sorrindo para mim.

Sua cabeça se arrastou para cima, polegada por polegada, como se estivesse se forçando a olhar para mim. Como se ele não pudesse suportar o contrário.

Por fim, chapas de aço azuis me atingiram com força. Impecável, enigmático e impenetrável.

—Diga-me, senhora —, ele cortou. —O que mais você escondeu de mim?

—Aire, pare com isso. — Minha voz oscilou em cordas. —Este não é você.

—Por favor, diga, como você presumiria saber disso? Estamos tão familiarizados um com o outro ou apenas arranhamos a superfície?

—A verdade era impossível quando nos conhecemos. Era impossível até confiarmos um no outro...

—Confiar! — Ele rugiu. —Você se atreve a falar de confiança? Você roubou exatamente o que Robin morreu tentando proteger!

—Eu não sabia-

—Isso também não faria diferença para você!

—Você realmente pensou que significava mais para mim do que minha mãe?

—Não —, ele cuspiu. —Eu pensei que significava mais para você do que suas mentiras.

Eu balancei minha cabeça. —Eu tive que ajudá-la. Ela é minha *mãe*.

—Robin era minha *esposa*.

Eu gritei: —Onde isso nos deixa? Como eu devo competir com isso?

Quando ele não respondeu, eu continuei balbuciando: —Eu nunca esperava que isso acontecesse com você. Em todo lugar que passávamos juntos, todo momento que passávamos juntos, eu queria te contar. Eu queria contar na fogueira, nos balanços, na clareira...

—Na sua cama? — Ele perguntou com uma malícia sedosa.

—Eu não estava usando você! Eu queria te contar tudo! Eu ia lhe contar!

Seu rosto era um escudo, plano e inflexível. —Isso é tudo?

Não, isso não é tudo: eu amo você.

Meu olhar desviou para uma das luminárias penduradas, balançando, penduradas na parede. —Quando eu tinha cinco anos, recebi um presente de aniversário. — Murmurei.

Por que isso saiu, ou de onde veio, eu não sabia. Apenas saiu.

As crianças vizinhas na cidade baixa haviam me dado um presente naquele ano. Embora eles finalmente parassem de tirar sarro de mim, eu ainda não tinha nenhum amigo naquela época, então minha emoção era palpável. Eles se amontoaram ao meu redor, na parte de trás da cabana, e me entregaram uma caixa.

Rasguei o presente. Um brinquedo? Uma presilha?

Lá dentro, encontrei cordas. Cordas de marionete.

Meu coração de bolota havia dobrado. A maioria das crianças pretendia ser útil, sem saber melhor, pensando que eu poderia usar as cordas.

Mas no que eu fiquei pensando?

Uma garota que havia proposto o presente, sabendo que eu entenderia o que seus colegas não tinham. Foi uma piada. Em retrospecto, ela provavelmente queria ver se eu poderia chorar.

Chame Outono de altruísta, mas nenhum de nós éramos apenas uma coisa, ou mesmo duas.

Eventualmente, as crianças pegaram, rindo reprovando as palhaçadas da garota, perdoando-a mesmo assim. Ela era a líder deles, afinal.

Mãe me confortou quando eu chorei em seu colo. Ela me fez sentir melhor, mais segura, normal.

Mas e se esse não fosse o fim?

Eu preferiria esmagar do que ser esmagada?

Foi quando eu aprendi o quão eficaz e poderosa a intimidação poderia ser. Eu fiz uma escolha Não vi sentido em tentar ser legal, em me inclinar para trás. Em vez de rastejar por aceitação, eu exigiria. Eu a puxaria como uma raiz.

Ao longo dos anos, eu me tornei a pessoa má. Mordi outras pessoas, para impedir que elas me mordessem. Eu fofocava sobre outras pessoas antes que elas pudessem fofocar sobre mim. Eu apontei as falhas físicas dos outros, para que eles não notassem as minhas.

Fiz tudo isso bem, minhas observações eram rápidas. Por isso, minha cobiçada amizade tinha valor - tinha um preço. Transformei minha aprovação em uma novidade, assim como minha pele de madeira. Como era vantajoso ser amigo da garota de madeira.

Antes que as outras crianças pudessem me chamar de desfigurada, eu as parei. Antes que eles pudessem me rejeitar, eu os parei. Antes que eles pudessem me tratar como alguém de fora, eu os parei.

No entanto, a maior intolerância tinha a ver com a mente, a incapacidade de racionalizar, de controlar o comportamento de alguém. Aflições mentais, não corporais, incitaram atitudes muito piores das multidões ignorantes.

Sim, Mista era a mais benevolente de todas as Estações. Mas não era perfeita.

Então, não faz muito tempo, antes que eles pudessem maltratar minha mãe, eu tinha jurado detê-los. Antes que pudessem julgá-la ou evitá-la, antes que pudessem tratá-la como uma louca ou simplória, antes que pudessem tratá-la como uma tola nata - eu pretendia detê-los. Antes que ela perdesse sua reputação e seu sustento, eu os pararia.

Eu os pararia.

Esse tinha sido o plano.

No final do meu monólogo, respirei fundo. Aqui embaixo, não havia uma amostra de vento, nem uma brisa. Esse era o ponto? Sufocar?

Aire estava calado, com as feições inalteradas, embora ele tivesse se aproximado da treliça. As grades esculpiam seu rosto em seções, cada uma com sua própria forma estreita e dura.

—O problema, senhora, não era que você tinha pele de madeira —, afirmou. —O problema foi que você achava que precisava ser consertada. O problema foi que você tentou corrigir a coisa errada. O problema foi que você valorizava mais sua aparência do que sua integridade. O problema foi que você roubou não apenas para sua mãe, mas para si mesma.

Seu olhar me cortou ao meio. —É irônico quantas frentes você montou, o artifício que você girou como fios, enganando todos no passado e no presente. Eles não receberam a sua maior falsidade. Você recebeu.

Ele pronunciou as próximas palavras com pena vazia. —Você mentiu para si mesma.

—Aire. — Fui até a porta, segurando as barras.

Ele andou para trás. —Você já se arrependeu de me enganar? Alguma vez você já se importou comigo?

Aquela questão. Oh, essa pergunta. Mas ele merecia mais do que eu, o tipo de melhor que ele já teve em uma vida anterior.

—Aspen —, disse ele, sua voz rouca. —Você se importa comigo?

Você restaurou meu coração.

Meu nariz não podia mais crescer, mas de qualquer maneira, eu terminei de mentir. Sim, eu me importava com ele. Eu me importava tanto com ele.

Mas não pude. Eu simplesmente não conseguia. Se ele acreditasse que eu fingi, ele poderia ir embora sem problemas. Ele poderia se recuperar de mim.

Eu arrastei a resposta do meu intestino. —Você acreditaria em mim se eu dissesse que sim?

Desgosto. Um movimento de suas maçãs do rosto e queixo, o tremor de sua íris, tudo desmoronando.

Missão cumprida. Ele girou e saiu, invadindo a luz enquanto me deixava na escuridão.

Em um soluço, encostei-me na parede e deslizei no chão, me aconchegando como uma gaveta.

Tudo começou com a porta da cela se abrindo e —Vamos.

Continuou com outra porta se abrindo e —Traga-a aqui.

Terminou com as mãos me empurrando de joelhos e —Olhe para cima, Aspen.

Eu caí no chão de parquet - com a forma de uma folha larga embutida no centro - e caí em uma pilha, as algemas barulhentas piores que minha pele de madeira já teve.

Âmbar e vetiver puxaram minhas narinas. Eu cresci não muito longe do Beco Mercante, entre lojas e barracas. Essas fragrâncias que infundem a sala custam dinheiro. Muitos disso.

Chicoteando as fibras atadas do meu cabelo, fiquei boquiaberta com as riquezas. As tapeçarias da floresta. Os pilares segurando uma centena de velas. As janelas emolduradas por cortinas de veludo.

As camadas de tecido balançando a centímetros do meu rosto. A bainha de uma peça de valor inestimável tingia uma sombra inestimável, que caía no

chão em uma poça régia. Eu segui a cascata de um vestido, curvas voluptuosas semelhantes às minhas, e estiquei a cabeça na direção da voz que havia falado. Uma voz eloquente e envelhecida que eu tinha ouvido uma vez antes, quando entreguei a caixa para ela no cofre.

Ela reinava sobre mim, um grande monumento de uma mulher.

Sardas pontilhavam seu nariz de marfim. Seu cabelo estava enrolado em tranças de ferrugem, que se misturavam com seu vestido tomara que caia, criando uma alta torre de cores.

Uma coroa circulava sua cabeça. Uma madeira antiga lustrada, extinta há muito tempo em Mista, trabalhada com delicadeza, as lanças se enrolando em galhos.

Avalea de Mista. Rainha do Outono.

Suas mãos cruzaram-se na frente dela, da mesma maneira que a filha.

Falando nisso, a princesa Briar estava alguns metros atrás. Ela estava envolta em um vestido de avelã com um delicado corpete de renda que parecia sem encosto, a saia de couro até o chão terminando em uma cauda. O rabo da trança lateral solta pendia do ombro. Em volta do pulso, o bracelete de fita escarlate parecia deslocado com o resto de sua elegância.

Do outro lado da rainha, modelando uma glória de roupas, estava o Bobo da Corte.

Na verdade, ficar em pé não era a palavra certa. Ele posava, fazendo-o com calma natural, uma mão no bolso da calça escura.

O resto dele? Uma mistura de camurça preta, couro ainda mais preto e seda marrom. Babados e botões. O material de ébano resgatava o conjunto de parecer berrante.

Uma lágrima de ônix havia sido pintada sob o olho direito. Baseado nas esmeraldas gritantes de sua íris e no corte levemente cínico de seus lábios, eu

meio que esperava que ele contasse uma piada ou soltasse uma rima - ou me espetasse com a lança de sua língua.

Eu não tinha prestado muita atenção ao bobo da corte na colônia da casa na árvore. Agora eu não podia imaginar o olhando. Esse homem de trinta e dois anos não chamava a atenção, ele a glamourizava. Com um estalar de dedos, ele provavelmente poderia seduzir o lustre.

Ele também usava a mesma fita escarlate no pulso. Assim como Briar e Nicu.

Uma expressão de amor e união, talvez?

Atrás do trio, um furão idoso se enrolava no estrado. Tinha que ser o animal de estimação de quem Nicu já falou, o ajudante chamado Tumble.

Também no estrado, duas cadeiras ladeavam um único trono.

A sala do trono. A sala do trono ocupada.

Algumas pessoas vestidas com roupas de dignitários ou talvez conselheiros.

Lyrik, uma máscara de irritação. Nicu, um rubor de remorso.

Punk, observando de um galho do lado de fora da janela, barricado por vidro.

Aire... Aire. Ele era uma ave de rapina encoberta, a asa de braços cruzados, o anel de casamento brilhando.

Mas... mas onde... onde estava...

—Aspen! — Uma voz gritou quando as portas se abriram mais uma vez.

Girei de joelhos —Mãe! — E me levantei. Infelizmente, com os ferros me pesando, isso foi o mais longe que pude; minha mãe, por outro lado, colidiu comigo. Ela passou os braços em volta da minha cintura, segurando-a com força enquanto eu enfiava a cabeça em seu pescoço, cheirando a madeira fresca, verniz e pão de centeio. Os aromas do lar. Dela.

Ela se afastou, me olhando da cabeça aos pés, processando a visão da minha carne. Eu pensei que ela ficaria aliviada, mas a reação dela ficou horrorizada.

—O que aconteceu com você? — Ela ofegou, assim como as mãos nos separaram.

—Espere. — Nós duas gritamos.

—Ela é minha — Comecei.

—Minha filha. — Disse ela.

Minha filha.

Esse choque de palavras enviou uma fenda através de mim, armários e tampas se abrindo, objetos de memória vazando, todas as vezes que ela me chamava de garota da madeira. Todas as vezes que eu queria ouvir outra coisa.

Eles a puxaram para o lado. Talvez tenha sido um choque que levantou o véu por esse breve momento. Talvez fosse a minha carne.

Mas não. Não, seu rosto lúcido me alcançou. Ela podia ver as árvores como monstros vingativos, e talvez não as conhecesse pelo que realmente eram, mas ela me viu e me conheceu. Ela nunca me machucou, de madeira ou não.

Isso remontou algo em mim, me recompondo. Enquanto eles me puxavam de volta, sorri para ela, depois fiquei diante da rainha em membros firmes. Eu poderia não ter Aire, mas tinha mãe, Punk e Nicu. E, a julgar pelo aceno de sua cabeça desalinhada, eu também tinha Lyrik.

As feições serenas da rainha do Outono me encaravam. Quando eu apresentei o caso de bolota para ela, eu estava de capuz e usando luvas, alegando vergonha por uma deformidade da pele, quando realmente pensei em impedir que ela me reconhecesse mais tarde, caso eu tivesse que fugir. Mesmo que ela conhecesse minha mãe e pudesse ter me pedido uma

descrição, mesmo que tivesse feito pouco para garantir que eu não ficasse manchada, tomei a precaução de qualquer maneira.

—Você foi quem me entregou a caixa. — Disse ela.

—Sim, Majestade. — Eu respondi.

—Vejo que você não sofre de defeito de pele, afinal.

—Eu costumava. Melhorou.

Melhorou? Melhorou mesmo? Se meu nariz pudesse crescer com essa resposta, teria?

A rainha me lançou um olhar duvidoso. —Vou deixar o assunto por enquanto. Quanto a esse momento, é evidente que você e sua mãe se amam muito.

Eu engoli. —Sim, sua Majestade.

—É um vínculo inestimável, o de mãe e filha. — O rosto dela suavizou um pouco, e a princesa olhou para baixo para esconder uma expressão semelhante. —Ouvimos o testemunho de sua mãe. Ela insiste que quem pegou a bolota foi ela, não você dela. —Ela levantou a palma da mão, silenciando meu protesto. —Já supusemos que isso fosse uma falsidade destinada a protegê-la. Ela não foi a única alma que testemunhou para nós.

À minha esquerda, os olhos de Aire encontraram os meus. Enquanto eu me fixava nele, a rainha listou uma série de acusações: invadir o castelo, infiltrar-se no cofre, roubar a lendária bolota - um símbolo pretendido para o povo.

Um presente da nobre que morreu para mantê-la segura.

Isso foi há dois anos atrás. A Coroa estava escondendo a bolota do público por tanto tempo, esperando até agora revelá-la. Não era a primeira vez que me pergunto o porquê.

Talvez a rainha pudesse ler mentes. Ela não decepcionou, lamentando que eles preservassem esse segredo como medida preventiva, sem saber se a bolota poderia ser amaldiçoada. A esposa de Aire perdeu a vida depois de encontrá-la, ao invés disso, não recebeu a chamada vida melhorada que nosso conto de fadas garantia.

Talvez o mundo tenha entendido errado a história.

E a divindade da natureza não era para brincar. Para a segurança de seus cidadãos, os membros da realeza aguardavam até se sentirem seguros. Se nada de ruim tivesse acontecido com eles, nada de ruim aconteceria ao povo.

Nicu não estava ciente disso. Eles o mantiveram fora disso, impediram que ele fosse colocado em risco, não querendo expô-lo à bolota.

Na época, eles não sabiam que ele estava ouvindo a conversa deles. Mas eles sabiam agora.

Quanto a mim, eu não apenas ofendi a coroa. Eu tinha roubado Outono deste símbolo pouco antes da inauguração. Este era o meu crime.

A rainha me bateu com perguntas enquanto o grupo ouvia. Eles ouviram minha história. O que e como e por quê. Nicu, o amado Filho Real, era imune à retribuição. Mas assegurei-me de que soubessem que minha mãe não fazia ideia. Que Lyrik não fazia ideia.

Que Aire não fazia ideia.

Eu contei a eles sobre meu coração de bolota, ganhando murmúrios e olhares céticos até mostrar a cicatriz sob meu decote. Contei a eles sobre os medos e a mente doente da mãe, o que a fez embaralhar, mas ganhou um certo grau de empatia da princesa e do bobo da corte. Eu disse muitas coisas a eles, quase tudo, exceto o que eu tinha com Aire.

A rainha sentou-se no trono, acenando para a filha no caminho, convidando a princesa a supervisionar o resto. Elas eram conhecidas por agir como uma unidade, com o bobo da corte sempre ao seu lado.

A princesa Briar trocou olhares com Poet, silenciosamente se comunicando com ele de uma maneira totalmente diferente. Um vínculo privado que precisava de poucas palavras. Ela ganhou o centro da sala enquanto os olhos dele a seguiam.

—Os parentes e amigos de Aspen falaram em seu nome —, anunciou ela, impressionando-me com o uso do meu nome, embora eu fosse uma plebeia — Quem mais nesta assembleia vai falar por ela?

Eu me preparei para o silêncio.

—Eu vou.

E eu gostaria de ter conseguido.

Um rosto ameaçador surgiu. Lembrei-me dele me chamando de fantoche, sua fúria afogada por uma massa de pessoas no pátio do castelo, depois que eu joguei os marshmallows a seus pés e o deixei ser preso.

O filho do pedreiro, que queria fazer parte do meu círculo. Sua voz falhou como um chicote quando ele contou a iniciação, minha pequena façanha que o metera em problemas. Ele contou a eles sobre a chave de graveto, que Aire também havia descoberto em meu poder.

Aire havia me avisado disso, que a maldade produzia rancores em vez de lealdade.

O filho do pedreiro expôs todas as maneiras pelas quais eu tratei meus servos também. A humilhação queimou minhas bochechas quando meu comportamento tomou conta da sala do trono. Ouvindo-o, eu me odiava. Eu odiava quem eu tinha sido.

Uma vadia. Uma ladra. Uma mentirosa.

Minha pele de madeira nunca foi mencionada. Minhas ações foram.

A rainha, a princesa e o bobo da corte ouviram tudo. Lyrik e Nicu ouviram tudo.

Aire ouviu tudo, e quanto mais ele ouvia, mais aprendia sobre quem eu era, quem eu era antes de conhecê-lo, mais apertada sua expressão se tornava.

Quando acabou, levei o último da minha energia para manter minha cabeça erguida.

A princesa contemplativa me considerava, o próprio retrato da benevolência, justiça e determinação do outono. —Você não faz essa decisão ser fácil.

—Suas decisões são sempre fáceis, Alteza? — Eu perguntei.

A boca da princesa se inclinou momentaneamente, depois se achatou quando ela olhou para mim. —Você se arrepende?

—Qual parte?

—Cada parte. — Disse uma voz masculina, uma tempestade de vento que me varreu do chão.

Aire saiu da linha lateral, indiferente à coroa, seus olhos como pedras azuis. Eu estava preparando um discurso de concessão, um pedido de desculpas para a Realeza, mas agora eu recuei, reconhecendo a visão e o som da raiva mal suprimida.

—De que partes você se arrepende, garota? — Ele perguntou. —O roubo? O engano? A intimidade?

Meu coração caiu na minha voz. —Nem tudo era mentira. Muito disso era real. Eu nunca quis te machucar, Air...

Ele fez uma careta. —Você é uma plebeia da cidade baixa. Eu sou um nobre de Mista. Você vai me chamar de senhor.

Houve um tempo em que eu o teria devolvido, mas não tinha mais bufões, escavações ou farpas em mim. Apenas soluços secos que vieram rápido. —Comecei a ajudar minha mãe sem saber que a bolota tinha a intenção de me mudar, mas qu-quando isso aconteceu, e-eu fiquei impressionada. Fiquei impressionada, mas feliz. Eu só queria ser real. Eu queria ser todo tipo de real para mim m-mesma. Eu queria ser real com você...

—Bem, você não é! — Ele gritou. —Pele de madeira ou não, você é uma imitação egoísta da coisa real! Você não passa de uma farsa!

—Por favor, Aire-

—E nada além de uma mentirosa.

—Por favor —, implorei. —Por favor não diga isso. Eu a...

—Pare. Bem. Aí.

—Mas eu-

Ele girou nos calcanhares, dirigindo-se para as portas da sala do trono, ignorando os apelos da realeza e o clamor de nossa plateia.

—Eu não consigo parar —, eu disse enquanto ele segurava a alça com anéis. —Ok, menti a vida toda e menti para você na masmorra, mas não estou mentindo agora. Eu te amo!

As palavras empurraram a sala em silêncio.

Por um segundo, a princesa Briar chamou minha atenção com simpatia relutante.

Aire falou de costas para mim, com a cabeça baixa. —*Ela* me amava. E eu amei-*a*. — Ele virou a cabeça levemente enquanto falava no chão. —Você acredita que eu parei, simplesmente por sua causa?

Eu deveria ter entrado em colapso naquele momento, mas de alguma forma, minha voz ganhou raízes.

—Não, — eu disse. —Eu pensei que você valorizasse esse amor o suficiente para deixá-lo ir.

Aire abriu a porta. Ignorando os suspiros dos conselheiros, os chamados da realeza e a comoção de todos os outros, ele saiu da sala.

Ele me deixou no meu destino.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

FANTASIA

Poderia ter sido pior. Eles poderiam ter me enviado de volta as masmorras.

Por outro lado, balançar assim me deu um arrepio no pescoço. As correntes pendiam de uma faia e prendiam meus pulsos. Peso agora era uma coisa, mais do que antes. Aparentemente, minha pele de madeira suportava melhor o peso que a carne, o que poderia explicar por que meus machados compactos nunca me incomodaram enquanto afixados na minha panturrilha e nuca.

Oh, meus machados. Sentia falta deles. Quem os levou prisioneiros, seria melhor que eles gostassem deles.

As algemas seguravam meus braços acima da minha cabeça, me mantendo na posição vertical, a posição puxando soquetes que eu não sabia que existia - para não falar dos meus seios inflados.

Eu ri da ironia. Pelo menos eram elos de ferro em vez de cordas, mas ainda assim. Marionete, minha bunda.

Rir era melhor do que chorar.

A faia pairava no centro do pátio mercante, onde eu pedira ao filho do pedreiro que roubasse marshmallow para mim. Quando a rainha Avalea tomou a decisão de me punir dessa maneira, eu parabenizei a mulher por sua

ingenuidade. Ela imaginou que eu precisava de um tempo para relembrar meus erros, incluindo como eu costumava maltratar outras pessoas. Além disso, eu havia roubado a bolota do povo de Outono, então deixe-me me ver suspensa em público.

Como a bolota havia sido mantida em segredo, porque a realeza não tinha conseguido anunciar sua descoberta e sediar a inauguração pública, minhas ações sujas eram privadas. Ninguém fora daquela sala do trono conhecia meu crime. Mas todo mundo sabia que eu era uma ladra. Isso já havia sido anunciado para quem quisesse, para que os transeuntes pudessem me encarar e julgar.

A princesa Briar e Poet, o bobo da corte, haviam recusado a rainha Avalea quando ela optou por esse tipo de punição.

—Mãe. — A princesa havia contestado.

—Sua Majestade. — O bobo da corte tinha advertido.

A rainha os interrompeu com: —Ela enganou a monarquia, invadiu o castelo e roubou dela. Esta é minha decisão.

Ainda assim, as expressões da princesa e do bobo da corte se opunham a ela. Eu os vi trocando olhares, sinalizando que eles teriam mais palavras sobre isso mais tarde. Talvez eles tenham pena de mim.

A Aspen cadela do passado teria se divertido com a escolha de Sua Majestade. Se alguém além de mim tivesse sido condenado a dias disso, exposto aos elementos e a incontáveis olhos justos, eu teria desejado uma espiada como todo mundo.

Por que a rainha faz um exemplo de você, garota?

O que você pegou?

Eu tinha perdido a conta de quantos nobres que passeavam haviam feito essas perguntas hoje, olhando para mim.

A meia-noite bateu na torre do sino e vibrou em meus membros. Eu doía como um móvel precário com ferrugem.

Os moradores haviam se aposentado para a noite, os carros que vendiam mercadorias e pedaços desapareceram, as conversas desapareceram. O pátio estava silencioso, mas as folhas de faia tremiam. Vislumbrei as torres altas do castelo e me perguntei onde os nobres mantinham seus aposentos.

Qual suíte era de Aire? Quais janelas lhe pertenciam?

Atrás de um dos painéis da torre, uma vela brilhava. Quando olhei para a luz agradável, a cortina se mexeu.

Então eles espionariam de dentro de casa agora. A prisioneira humilde suspensa em correntes como uma marionete.

Das pontas das torres, bandeiras estalaram na brisa. Por algum milagre, eles me deixaram ficar com meu chapéu de penas, provavelmente para manter minha cabeça quente. Os membros da realeza eram justos, mas não cruéis. Eles ordenaram que eu vestisse roupas de lã também, para combater o aumento e a diminuição do clima do Outono.

Dois guardas armados haviam se colocado no portão que separava esse pátio do outro. Eu me distraí, meu olhar traçando as lâminas de três lóbulos de seus corseques. Não era um design ruim.

Estrelas salpicavam o céu. Eu as contei até meu queixo começar a cair, o chapéu deslizando sobre meu crânio, prestes a cair.

Tãããão cansada.

Um som rolou, rolou, rolou pelo chão do pátio, sem interrupção em sua progressão, raspando meus ouvidos. Eu pisquei. Um pequeno cilindro de metal entrou em foco quando deslizou pelo chão, paralelo ao portão, como se um conjunto de dedos o tivesse acertado.

Parou aos pés dos guardas. E foi aí que notei a fumaça serpenteando de uma extremidade do cilindro.

—Psiu. — Uma voz beliscou da escuridão, de uma porta do pátio que dava para o castelo. Eu me virei e colidi com olhos verdes inchados saltando de uma rachadura na partição.

Outra voz falou: —Pode querer fechar os olhos. Como agora.

Na sugestão, o cilindro estourou. Uma erupção silenciosa. Os tentáculos de fumaça enlouqueceram, formando uma fumaça inodora. Afastei minha cabeça, fechando os olhos.

Os corseques caíram no chão. Dois golpes e baques.

Alguns segundos depois, pegaram passos na minha direção. Levantando uma única pálpebra, vi um par de nódulos inconscientes que costumavam ser os sentinelas. A fumaça havia evaporado. Isso tinha acontecido tão rápido e perto deles.

Nicu se jogou em mim. —Aspen!

Eu me afundei em seu abraço, cheirando leite com mel enquanto ele dava beijos infinitos nas minhas bochechas. —Nicu!

—Pelo amor, shh —, Lyrik sibilou, parecendo um demônio desordeiro em um lenço. Seu brinco cravado brilhava ao longo da concha de sua orelha enquanto ele pescava um tubo na sua bolsa e o desenrolava. Verificando minhas algemas, ele fez uma careta. —Precisa de um ângulo melhor. Estenda as mãos o máximo que puder.

Quando eu fiz, Nicu ofereceu: —Dê aqui. Eu posso fazer isso.

—Você não pode mirar, Pássaro Canoro.

—Sim eu posso-

—Não esse material, você não pode.

—Eu mirei quando dei um soco em você, não foi?

—Alôoo—, eu rebati. —Vocês podem brigar mais tarde?

Eles superaram isso. Sendo o menor, Nicu agarrou o tubo, apoiou-se nos ombros de Lyrik e derramou o conteúdo sobre o local onde o ferro estava preso ao tronco. Eu me virei para assistir, mas Lyrik abaixou minha cabeça, murmurando algo sobre não colocar essas coisas nos meus olhos ou eu ficaria cega.

Um barulho crepitante. Um estalido derretido.

As correntes caíram no chão, levando a maior parte do meu peso com elas. Depois que Nicu pulou de Lyrik, o patife jogou uma linha de cerveja sobre os ferros perto dos meus pulsos, tomando cuidado para não derreter minha pele. As algemas se separaram.

Ofeguei quando elas caíram, esfregando as mãos livres e olhando para os montes musculosos perto do portão. —Você disse que não fazia drogas.

—Eu não faço. — Foi tudo o que Lyrik respondeu.

—Quando eu era pequeno, Primavera me trancou—, disse Nicu. —Eles me chamaram de estúpido. Disseram que eu era um tolo simplório que pertencia a uma masmorra.

Eu sussurrei: —Então o que aconteceu?

—Fui resgatado por pessoas que me amam.

Minha garganta formigou quando me joguei nele para outro abraço. —Obrigada.

Quando estendi a mão para abraçar Lyrik, o explorador deu um salto para trás. —Nicu está falando por ele mesmo, certo? Não calaria a boca a menos que eu o ajudasse.

—E você gosta de quebrar as regras. — Eu assumi.

Lyrik me deu um sorriso liso. —Muitas delas. — Então ele considerou minha aparência. —Então, eu perguntaria como você se transformou de madeira em carne, mas acho que não é a hora.

—Talvez quando terminarmos de infringir a lei.

Um grito furioso sacudiu nossas cabeças para o céu. Um falcão voava como uma flecha, a lança do bico apontada para nós enquanto descia.

Do lado, um corte nítido de penas alaranjadas tremulou e atingiu o falcão, pegando-o desprevenido. O impacto fez com que a ave de rapina se atropelasse e colidisse de lado na faia da qual eu estava pendurada.

Nosso trio recuou enquanto o raptor se debatia no emaranhado de galhos.

Punk lançou um pio ofendido ao falcão. Ai, como eu a amava.

—Punk. — Suspirei quando ela flutuou para mim e aconchegou-se no meu pescoço.

—A propósito. — Lyrik pegou um par de machados da bolsa por cima do ombro e os entregou para mim, tangas envolvendo as alças para que eu pudesse amarrá-las em mim. O peso levaria algum tempo para se acostumar, então eu os envolvi em volta da minha cintura, amarrando-os na parte inferior das costas.

Corremos para a porta do castelo, que dava para um corredor iluminado por tochas. Nicu apontou para as fitas. —Por aqui.

Seguindo as guirlandas de cores, ele nos levou a uma entrada escondida, camuflada dentro de uma coluna. Ele nos levou a uma passagem esculpida dentro das muralhas, uma rota de fuga para a realeza. Apressando-me pelo caminho escuro, ofeguei quando o peso dos machados me desacelerou.

O que viria depois? Para onde eu iria? E a mãe?

Muitas perguntas. Cedo demais.

Nós caímos de outra porta e derretemos em um pomar na parte de trás do castelo. A fragrância gordurosa de maçãs fez cócegas no meu nariz. De lá, Lyrik assumiu a liderança, indo em direção às colinas de centeio além.

Eu poderia voltar atrás e buscar a mãe. Poderíamos nos esconder em uma vila periférica até que parassem de procurar. Poderíamos-

Eu bati nas costas de Lyrik. Nicu bateu na minha.

Cascos trovejavam ao redor da curva, meia dúzia de corcéis que vinham em nossa direção. No leme estava um cavaleiro com uma auréola de cabelos dourados. Olhos azuis furiosos galopavam mais perto.

Com quem estávamos brincando?

Ele não usava capa, apenas uma camisa desabotoada sobre a calça, o decote dividido baixo e solto. Ele se vestiu às pressas.

Como ele soube? Aquele cérebro de profecia dele? Essa intuição?

Aquela cortina móvel com vista para o pátio?

Em um movimento fluido, Aire saltou do corsel. Ele levantou a mão, ficando os outros cavaleiros. —Ela é minha.

—Meu senhor, ela está desarmada. — Disse uma das mulheres.

Aire trancou o olhar comigo. —Não. Ela não está.

Chicoteando uma espada da bainha no quadril, ele deslizou em minha direção.

Presa em seu caminho, tropecei para trás. —Aire-

Ele enrolou os dedos enluvados em convite. *Tente. Mostre-me o que eu te ensinei.*

Os machados pareciam diferentes, apoiados contra a minha carne. Mesmo se não tivessem, eu não poderia lutar com ele. Eu não poderia pegar essa luta. Eu perderia.

Ele não me deu escolha, girando a espada em suas garras. Eu dei uma cotovelada em Nicu e empurrei Lyrik para o lado enquanto ele puxava sua adaga. Lampejos da clareira retornaram, cada giro e virada, cada golpe e bloqueio.

Cheguei atrás, arranquei os machados da alça e os joguei em minhas mãos. Um pouco mais desajeitada por causa da nova pele, do novo peso.

Aire deve ter visto implorando nos meus olhos porque, por um instante, suas mãos vacilaram. Então ele se lançou para mim. Eu gritei, balançando os machados para bloqueá-lo, a força me deixando de joelhos. Eu criei machadinhas curtas que causariam uma quantidade inesperada de dano, mas eu ainda não era forte o suficiente, nem competente o suficiente para empunhá-las contra um cavaleiro e sua espada.

Como ele poderia pensar o contrário? O que ele viu em mim que eu não?

Por outro lado, ele me ensinou alguns truques para compensar.

Eu abaixei um segundo impulso e me levantei. Aço retiniu, faíscas voaram.

Eu cruzei meus machados para impedir outro golpe. A ação nos colocou frente a frente sobre as armas. O cheiro de nuvens, névoa e suor ondulou em volta do meu coração. Outra polegada, e nossos lábios roçariam.

Uma vez lutamos assim - e você me beijou.

Suas pupilas devoraram o azul, como se ele tivesse me ouvido. Ele poderia terminar isso, com minha força vacilando, meus braços começando a tremer. Seria fácil me levar ao chão, me fazer ceder.

De fato, ele poderia ter feito isso desde o começo, mas estava se segurando. Eu sabia a diferença. Eu sabia como ele lutava.

A testa de Aire bateu forte. Sua mandíbula travou. E então... *então.*

A espada voou para longe de mim. Ele girou e me deu as costas. Protegendo-me dos soldados, ele retirou sua segunda lâmina, ambas preparadas.

Choque atrasou os cavaleiros. —Sir Aire-

—Afaste-se —, ele avisou. —Ou eu farei você se afastar.

Eles vacilaram, colocados em desvantagem. A rainha do Outono ou o primeiro cavaleiro? A quem obedecer?

Eu duvidava que Aire os culpasse quando eles atacaram. Girando suas espadas, ele colidiu com homens e mulheres, lâminas ecoando no pomar, as estrelas brilhando.

Ele colidiu com três de cada vez, movendo-se como um vendaval. Ele cortou uma coxa e cortou um braço. Duas lâminas se acertaram ao mesmo tempo, e sua coluna arqueada, a cabeça jogada para trás para evitar o corte.

Eu tinha apenas um mês de treinamento. Eu brandia armas menores.

Eu me joguei nele de qualquer maneira. Minhas costas atingiram as de Aire quando ele se endireitou e, juntos, lutamos.

Mais, bati meus machados na frente do meu rosto e - oh merda, oh merda, oh merda! - rezei para que eu batesse em alguma coisa. Lyrik grunhiu, sua adaga espetando o caminho de um soldado. Punk esfaqueou uma mão, uma orelha.

Não pude ver Nicu. Os cavaleiros deveriam saber para não a prejudicar.

Eu pensei que sim, e esperava que sim, até que seu grito perfurou o ar.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

HONESTIDADE

A turbulência cessou, o lamento musical rasgando o pomar. Respirei fundo, repitindo os segundos anteriores, testemunhando o incidente segundos antes do fim, tarde demais para pular e salvar um amigo.

Aconteceu assim: Nicu era pequeno demais, apesar de sua idade, para que meu irmão de armas não soubesse que o jovem estava ali. A lâmina era longa e curvada, e seu objetivo tinha sido destinado talvez a mim ou a Aspen.

Nicu se jogou no enxame de corpos, sem pensar em quem segurava qual arma, quem era boa ou má, quem significava dano a quem. Puramente, ele queria ajudar, coibir a luta, pois eu sabia que ele era um pacificador, sonhador de um mundo mais brilhante do que qualquer um de nós poderia conjurar, até sua família.

Na confusão, o cavaleiro balançou, e um som ecoou no pomar - o rugido gutural de Lyrik. Vendo o destino cego da arma, o invasor saltou, empurrando Nicu para fora do caminho e se colocando em seu caminho.

A lâmina rasgou um pequeno pedaço de vermelho na bochecha de Nicu, mas não pior.

O resto aconteceu com Lyrik, um chicote que atravessou seu peitoral, perto de seu coração. Isso fez com que ele se curvasse e ficasse quieto por um

momento. Uma raiva selvagem o dominou, seus olhos negros, conscientes de nada, exceto por uma coisa.

Eu conhecia a aparência de vingança, o aperto obsceno dela. Acima de tudo, isso levou Lyrik a uma ação final. Isso porque ele não sabia se Nicu escapou de uma lesão. Ele não havia verificado se sua interceptação foi bem-sucedida.

Acidente ou não, Lyrik não terminou com o soldado. Quando a lâmina empalou o invasor, sua adaga também atingiu o soldado, um movimento brutal e altamente intencional, um golpe punitivo da arma diretamente no ombro do cavaleiro.

O homem retirou a lâmina do corpo de Lyrik, depois caiu de joelhos, um fluxo liso escorrendo da ferida. Certamente, Lyrik teria terminado o trabalho, sua fúria atingindo aquelas alturas, seu rosto contorcido e pronto para isso.

A reverberação dos lábios de Nicu interrompeu qualquer derramamento de sangue em excesso, puxando todos nós para a superfície. Nossas armas estavam pesadas. Meu amigo tremeu, gotículas vazando de sua bochecha, as quais ele não prestou atenção.

No tumulto, a presença de Nicu escapou dos meus pensamentos. Eu estava focado apenas em Aspen, porque, como ela havia me provado: eu não era um soldado perfeito.

Nem eu poderia ser o salvador de todos. Embora eu nunca parasse de tentar, eu poderia me perdoar sempre que vacilasse.

No entanto, Lyrik não havia esquecido a presença de Nicu. De fato, o patife o salvara.

Vislumbrando finalmente o rosto vivo de Nicu, a boca de Lyrik se lançou em um sorriso irônico. Nesse momento, ele agarrou o peito mutilado, que

escorria dos dois lados, e caiu com tanta conveniência que Nicu deu um grito, caindo no chão ao lado dele.

Meu amigo embalou o rosto do ocupante e chamou seu nome, e chamou de novo e de novo. —Lyrik! — Ele gritou. —Não, não, não, por favor! Lyrik, acorde! Por favor, acorde!

A cabeça de Lyrik caiu e seus olhos se fecharam, parecendo quase em paz.

Um grito de dor rompeu na garganta de Nicu, estendendo-se além das macieiras. Eu conhecia bem esse som, porque fiz o mesmo som uma vez. Ele segurou o explorador e chorou e, entre choro, ele cantou. Se não fosse por nossas exalações rápidas, a melodia teria ultrapassado completamente esse pomar.

Aspen, cujo rosto não tinha coragem de olhar, agachou-se ao lado de Nicu, passando os braços em volta dele por trás.

Eu apunhalei minha espada no chão e me ajoelhei. Enquanto meu amigo chorava e cantava a noite toda, eu me perguntava como tinha chegado a isso, essa culpa de ninguém e de todos.

Há muito tempo eu acreditava que a razão e a sabedoria eram as mesmas, e que a bondade e a maldade eram forças opostas, para nunca se sobreporem. Há muito tempo, presumi que minhas intuições nunca dariam lugar à impulsividade, que ser obediente equivalia a ser honroso. Por muito tempo eu fui tolo, pensando que poderia ser assim tão simples.

Sentamos do lado de fora da câmara designada para Lyrik e esperamos. Deitada em bancos com assentos acolchoados, Aspen e eu ficamos em silêncio, repetindo nossos papéis nesta história.

Meus camaradas levaram nosso cavaleiro sangrando - Cedar era o nome dele - para a enfermaria. Esse trauma não era estranho para mim; se uma infecção fosse evitada, o soldado ainda viveria. Então seria necessário um tempo considerável para ele se recuperar, mas ele se recuperaria.

Nicu havia desaparecido em uma fileira de fitas, curvado em sua própria tarefa.

Meu olhar não pôde resistir, localizando Aspen situada à minha frente, onde ela acariciava as penas de Punk. Suas roupas estavam rasgadas e ela tinha cortes no queixo e nos dedos, mas estava bem e inteira.

De alguma forma, ela conseguiu carregar armas sem perder o chapéu. Eu poderia ter sorrido, se tivesse ousado.

Eu não conseguia entender o que tinha acontecido comigo esta noite, como eu tinha cobrado dela, desejando ver o quão bem eu a havia ensinado, embora ciente de que ela precisaria de anos para me acompanhar. Encarando-a por cima de nossas armas, um carinho tão terrível e cru consumiu meu coração. Eu simplesmente não poderia machucá-la, nem deixá-los acorrentá-la novamente. Eu havia mudado de aliança, escolhendo-a em relação aos meus pares, ela a meus soberanos e minhas queixas.

Foi uma agonia desde o começo, desde o momento em que a detiveram na colônia da casa da árvore. Eu lutara com aquela inquietação confusa, aquela proteção sem fim, a necessidade de examiná-la, confortá-la, libertá-la. Isso misturava-se a desejos alternativos, como querer puni-la na sala do trono, satisfeito por vê-la rastejando, magoado ao ver seus lábios trêmulos, uma visão validadora e angustiante.

Eu te amo.

O que a declaração dela fez comigo.

Do lado de fora da câmara de Lyrik, seus olhos responderam à minha chamada, seu olhar se cruzando com o meu no chão. Com uma careta, ela desviou o olhar, e eu me desesperei e entendi. Ela não podia confiar para onde minhas emoções me levariam a seguir. Eu mal confiava nelas.

Passou um bom tempo, marcado pelo céu bocejando com gotas de orvalho nas folhas do lado de fora da janela em arco. Passos se aproximaram, carregando um par de figuras reais, candelabros iluminando seus rostos com alívio, gratidão e fúria.

A princesa se apressava, as dobras de sua túnica incrustada de topázio seladas até a garganta. Apenas as madeixas vermelhas que se espalhavam por seus ombros falavam contra a modéstia.

A túnica do bobo da corte se agitava, a camiseta de linho pendurada no umbigo, um arranjo que expunha os músculos magros do torso de um dançarino.

Nicu foi até eles, é claro. Eu só podia imaginar o alvoroço de ver e ouvir o que aconteceu com o filho deles - o que quase aconteceu.

Dois guarda-costas os seguiam, posicionando-se contra as paredes. Levantei-me e fiz uma reverência, sentindo-me a única parte estranha, apegada às formalidades.

—O jovem —, Briar perguntou. —O explorador-

—Ele descansa lá dentro —, relatei, apontando para a porta. —O médico da corte o atende.

Poet fez uma observação infeliz. —Entendo o apelo de chamar a atenção do reino, afastando as expectativas. É um passatempo meu também. Infelizmente, não podemos continuar nos encontrando assim, Aire.

—Sua Alteza. Mestre Bobo da Corte. Devo pedir perdão.

O bobo da corte mexeu os dedos. —Estamos chegando a isso, querido.

—Nosso filho está bem. Essa foi a nossa única preocupação na última hora. — Disse a princesa.

Tranquilizados por Nicu estar bem, Briar e Poet deixaram o filho sair com a rainha. Ela levou Nicu para a enfermaria, onde outro médico ministraria em sua bochecha. Sua Majestade também planejava monitorar Sir Cedar, para garantir que ele estivesse se recuperando.

A princesa não oferecia essa inteligência por pura bondade. —O resultado desta noite poderia ter sido horrível —, ela assobiou. —Nós poderíamos ter perdido Nicu. Nós poderíamos ter perdido vidas.

—Não sabemos se devemos perdoar, consolar ou condenar vocês dois. — Observou o bobo da corte.

Eu não confiaria no tom descontraído de Poet, tão em desacordo com o de Briar. Fluente em truques, ele sabia como disfarçar sua ira, apenas para perturbar seus alvos antes de atacar.

Devem ter demorado tanto tempo para se acalmar, se afastar de Nicu, a fim de nos localizar. Eu mal podia presumir o grau original de sua ira parental. Felizmente, esse inferno havia diminuído para um chiado.

A princesa massageou a testa. —Nicu se tributou falando em seu nome, testemunhando por vocês dois. Admito que a cena que você causou na sala do trono comprometeu nossa determinação, enquanto minha mãe é uma parede de tijolos. Compilados com o tumulto de hoje à noite e as afirmações de Nicu, você nos tem uma desvantagem crescente e intrigante.

—É minha culpa. — Aspen e eu declaramos em uníssono.

Os olhos verdes de Poet giraram entre nós. —Inimigos para amantes. — O rosto dele se voltou para a princesa. —Isso parece familiar.

Naquela proclamação, desviei meu olhar dos de Aspen e, suspeitei, ela de mim. Briar suspirou e enlaçou a mão na de Poet. —Mas vai terminar o mesmo?

—Vamos descobrir —, disse ele. —É com eles.

Isso colheu uma recompensa, uma pitada de diversão de sua amada. —Verdadeiramente? Você está recusando a chance de narrar uma previsão para o seu público?

—Eu sou talentoso, meu amor. Mas não tão talentoso a ponto de prever o futuro. Não é o trabalho de um bobo da corte. Suponho que posso fingir saber o que pode acontecer a seguir. — Ele sorriu. —Mas eu não sou tão bom mentiroso.

—Eu sou. — Disse Aspen.

Isso me assustou ao testemunhar sua presença diante da monarquia. No entanto, parecia verdade, uma melodia perturbadora para os meus ouvidos, sabendo que ela não havia abandonado completamente sua atitude atrevida. Fora isso, zombar não a levaria a lugar algum com Briar e Poet, um fato que ela havia percebido.

Muitas coisas ocorreram dentro de sua declaração. Ouvimos a autodepreciação, a irônica negação de que isso poderia se parecer remotamente à história da princesa e do bobo da corte - mas ela buscaria alguma versão dela, algum rascunho com um final próximo de feliz, com ou sem o meu envolvimento.

Eu senti isso, assim como seu pedido de desculpas, seu cumprimento.

A intriga iluminou o rosto de Poet. —Então me desafie: fale duas verdades e uma mentira. Vou adivinhar qual é a mentira. Se eu estiver errado, ouviremos seu segundo apelo. Se eu acertar, ainda vamos ouvir.

Aspen vacilou, então respirou fundo. —Eu gosto de você.

O bobo da corte sorriu. —Todo mundo gosta de mim.

Abaixei meu sorriso, entendendo o significado dela, mesmo que o bobo da corte não tivesse.

Aspen reprimiu o humor repentino, sua marca de beleza pulando perto de seu lábio, meu olhar repentinamente preso a essa marca. —Bem, na verdade... —, ela esclareceu. —Na verdade, o que eu quis dizer foi... esse foi o primeiro desafio.

Surpresa, Briar enrolou um punho sobre sua boca alegre.

Poet piscou, depois jogou a cabeça para trás e riu.



Eles nos levaram a uma ala separada do castelo. Com os guardas em postos do lado de fora da sala de estar, tínhamos nossa privacidade enquanto o amanhecer entrava pela janela. Eu não havia ocupado esse espaço antes, maduro com o cheiro de noz-moscada, um cavalo de caça enfiado no canto e uma lareira crepitante.

Quando o bobo da corte sentou-se almofadado ao lado da princesa, ele perguntou: —Por que sempre parecemos parar aqui quando alianças inesperadas chegam?

Embora eu não tivesse participado da reunião, a única vez que os assisti a favor desta sala com um candidato improvável foi anos atrás, quando eles receberam uma visita do príncipe de Inverno. Desde então, Jeryn de Iradis havia se tornado rei, e meus soberanos o consideravam um amigo e aliado, tanto quanto um companheiro monarca das Estações.

Com o consentimento de Briar, eu me posicionei contra uma estante de livros, meus membros inquietos demais para sentar. Enquanto Aspen se sentava em frente à princesa e ao bobo da corte, notei que Punk havia saído para tomar um ar, optando por se sentar do lado de fora da janela.

Briar colocou as palmas das mãos no colo, a imagem da diplomacia, enquanto seu amante se espalhava a seu lado, a imagem da elegância desgrenhada. O braço dele passou pelo assento atrás dela, brincando com uma mecha de cabelo dela, enrolando-a em torno de seu dedo.

Ela se aproximou dele enquanto se dirigia a Aspen. —Há algo que eu nunca entendi. Por que você enterrou a bolota? Por que, quando você já havia planejado isso para sua mãe?

A pausa de Aspen se estendeu tanto quanto meus nervos. —Eu percebi que não funcionaria nela.

Primeiro, ela definiu a condição de sua mãe com ainda mais detalhes do que na sala do trono, um feito que não lhe trouxe nenhum conforto, mas ganhou empatia da princesa e do bobo da corte. Eles sabiam como era amar alguém com uma mente prejudicada, particularmente neste mundo de tolos e intolerâncias.

Aspen nos informou da aura da floresta, que parecia conhecê-la - conhecer seu coração de bolota de noz. Por isso, ela sentiu como se estivesse sendo testada por Outono, e por sua própria consciência, seduzida a pensar que o tesouro poderia ser para ela.

Mas, em sua busca final pela lendária natureza, ela entendeu o teste.

—A bolota nunca foi minha, nem da minha mãe ou da sua. A esposa de Aire encontrou, e ela foi enterrada junto com seus desejos, então eu pensei... nenhum de nós deveria tê-la. Eu sabia que vocês estavam planejando

compartilhá-la como um símbolo, mas percebi um propósito diferente que anulava todo o resto.

Ela devolvera a bolota à terra, à Estação e ao Outono, oferecendo o que ela esperava guardar para si mesma, assim como o lenhador já havia oferecido uma ração preciosa de bolotas ao animal preso.

Mais surpreendente, Aspen revelou o que ela esperava que acontecesse naquele lugar abandonado como resultado. Embora meramente especulação, sua convicção me fez dar um passo mais perto dela, e também atraiu nossos soberanos.

Se correto, ainda seria uma contribuição para o reino e seu povo.

Enquanto nos maravilhávamos com a possibilidade da implicação de Aspen, a porta se abriu. Lyrik entrou, carregado por uma atadura manchada de vermelho amarrada diagonalmente no peito e enganchada no ombro, o pano espreitando sob o decote desamarrado de sua túnica de mangas compridas.

Os guarda-costas rosnaram: —Você não pode! — e —Pare!

O médico da corte correu atrás do trapaceiro, falando sobre descanso e infecção.

—Afaste-se de mim —resmungou Lyrik. —Estou bem... — Ele parou quando notou Briar e Poet. Oh. Não esperava realeza.

Lancei um olhar feio para Lyrik até ele se curvar. —Desculpe — ele murmurou sem jeito. —Estava procurando por um cavaleiro, uma marionete e pássaro-

Aspen ficou de pé e o abraçou sem discrição. —Depois do que você fez, acho que não te odeio mais.

Ele se encolheu, desconfortável com elogios. Sua constituição forte conseguiu poupá-lo de uma morte trágica, quando poderia facilmente ter ido para o outro lado. Para dizer o mínimo, foi um alívio para todos nós vê-lo vivo.

Briar e Poet se levantaram em sua entrada, uma ação que raramente tomavam por estranhos. Eles sabiam que Lyrik havia salvado o filho, mesmo que ele tivesse participado da missão ilegal de hoje à noite, que colocara Nicu em perigo.

Eu podia sentir a tentação mútua de apertar a mão dele. No entanto, eles podiam sentir seu desejo de que eles não fizessem isso. Sabiamente, eles se contiveram.

Com seus agradecimentos, Briar dispensou os físicos e os guardas, depois convidou Lyrik para se juntar a nós. O invasor recuou, sem saber como aceitar um convite assim, estudando o cavalo no canto.

—Pertencia a Nicu quando ele era criança —, informou a princesa enquanto tomava liberdades, aproximando-se do brinquedo e traçando sua orelha com um dedo. Eu peguei do meu canto da sala, aquela rajada de melancolia.

Briar recuperou seu assento ao lado de Poet. —Disseram que seu nome é Lyrik.

—Isso mesmo. — Ele respondeu.

—E você hospedou nosso filho na colônia da casa da árvore.

—Não diria que eu era muito anfitrião.

—Gostaria de explicar? — O bobo da corte perguntou, percebendo o tom e olhando para o perfil do jovem com repentina astúcia.

—Ele está meditando e não pode receber elogio. — Disse Aspen.

—Seja como for, estamos sentados aqui — afirmou Briar, chamando a atenção relutante de Lyrik, mantendo-a até que ele se submetesse. —Obrigada

—, disse ela, sua voz suavizando. —Muito obrigada. Você veio em auxílio de Nicu hoje à noite. Você o protegeu. Por isso, estamos em dívida com você.

—Eu poderia usar um caldeirão atualizado.

Com um floreio, Poet se levantou. Ele pegou um item do bolso e depois começou a manipulá-lo, não no ar, mas com voltas e reviravoltas complicadas dos dedos - enquanto seguia até Lyrik, cujos olhos seguiam o movimento.

Um golpe final, e o item rolou do cotovelo de Poet, subindo pelo antebraço, e fez uma pose entre as pontas dos dedos, que ele segurava no alto do rosto do invasor. —Isso parece familiar?

Era um cilindro carbonizado nas extremidades. Quando Lyrik não disse nada, Poet inclinou a cabeça. —Nicu nos diz que você é um farmacêutico.

—Algo parecido.

—Ele nos disse mais do que algo assim. Ouvimos histórias animadas sobre suas cervejas e misturas. Esta é uma delas?

—É útil quando você está tentando tirar um amigo da cadeia. Os sentinelas acordarão, então não se preocupe.

—E as algemas de Aspen? — Eu interroguei.

—Tinha algo para elas também.

—Pelo que o nosso filho diz, nunca ouvi falar de outro para combinar com suas habilidades —, disse Briar. —Ele rivaliza com os cientistas no Inverno. Por que você vive isolado, em vez de exibir suas poções ao mundo?

—Ele não responderá. — Previ.

—O enterro da bolota de noz pode mudar de ideia. — O bobo da corte inseriu, recontando as ações de Aspen, junto com sua teoria sobre o plantio da bolota e o que poderia fazer pela colônia da casa na árvore, e o que isso poderia significar para o futuro de Lyrik.

Se ela estivesse certa, a colônia não seria mais sua presidida. Além de um pequeno sobressalto, o patife não parecia incomodado com a revelação.

Ele não havia se mexido do cavalo de brinquedo.

Os olhos astutos de Poet engoliram os traços físicos de Lyrik, sua tez oliva. —Você tem o sangue de Verão.

—Metade de mim tem.

—E a outra metade?

Lyrik virou-se para ele. —Inverno.

Como um reino das ciências, isso fazia sentido. Como se soubesse melhor, Nicu uma vez contradisse Lyrik quando se proclamou bastardo. Lyrik confidenciou a Nicu sua herança mista?

—Combinação improvável —, disse Poet. —No entanto, uma mistura dessas Estações já aconteceu antes.

—Que extraordinário —, disse Briar. —Então vamos patrociná-lo por salvar nosso filho. Podemos conhecer um certo Rei que teria interesse em seu talento.

—Temos sua atenção? — O bobo da corte perguntou.

Sem saber da relação entre o patife e o filho, a oferta tinha sido gentilmente oferecida. Senti isso, embora com um coração agourento, ao pensar em como Nicu aceitaria essa notícia.

—Sua Alteza. Mestre Bobo da corte — Comecei, mas que direito eu tinha de me intrometer?

—Lyrik. — Disse Aspen, com o rosto contorcido.

O sol nascente sangrava pela janela e ensopava o tapete. Lyrik olhou para a princesa e o bobo da corte e depois se afastou do cavalo de brinquedo. — Estou ouvindo.

Quando Aspen olhou para mim, eu me abri para esse olhar, nós dois sabendo que não tínhamos o poder de impedir isso, nem sabíamos se deveríamos.

Nicu e Lyrik tiveram a história deles, como a nossa.

No entanto, eu sabia o que Aspen ponderava, pois o mesmo pensamento também pressionava minha alma. Qual dessas histórias chegava ao início e qual chegava ao fim?

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

FANTASIA

Eu seria perdoada? Lyrik realmente iria embora?

Eu perderia Aire? Ele já foi realmente meu?

Pensamentos passeavam como um animal dentro do meu crânio, mas eu cerrei os dentes, contendo protestos. Nicu odiaria que eu enfiasse o nariz nisso. Mas se estivéssemos sozinhos e se ele não estivesse machucado, eu teria batido em Lyrik na cabeça. Ele não podia estar pensando isso, mas estava. Ele não podia fazer isso, mas ele estava.

Ele poderia mudar de ideia mais tarde. Mas ele não iria.

Inevitavelmente, sua ferida se agitou. Ele empalideceu, suando na testa, encerrando a reunião.

Briar e Poet precisaram de tempo para discutir meu caso e, em seguida, tempo extra para se aproximar da Rainha. Eles me dispensaram e insistiram que um guarda escoltasse Lyrik até sua câmara, mas pediram que Aire ficasse para uma conferência particular. Espiei o cavaleiro e saí da sala em transe.

As portas se fecharam atrás de nós. Lyrik balançava, um caos de cabelos pretos, roupas desgrenhadas e ataduras, mas ele grunhiu em protesto quando eu ofereci meu braço. Ele avançou, prestes a seguir o guarda quando um elfo surgiu no corredor.

Os passos de Lyrik vacilaram quando Nicu saltou em nossa direção. Como o invasor não se mexeu, corri para cumprimentar e abraçar meu amigo, que riu e me apertou com a mesma força. Uma tira de pano cobria sua bochecha.

Eu me afastei para examiná-lo mais. —Você está bem.

—Eu estou sempre bem. Todo mundo é tolo. — Ele disse, me fazendo rir.

—Seus pais disseram que você falou por mim. — Eu disse.

—Eu disse a eles o que você me disse. — Ele imitou minha voz. —*Você não pode julgar o exterior, a menos que tenha visto o interior.*

Garoto esperto. Eu fiz esse comentário na colônia da casa na árvore, quando ele esteve criticando seu reflexo no espelho. Retirei meu desejo de que ele nunca repetisse nada do que eu disse.

O olhar de Nicu passou por cima do meu ombro e brilhou. —Lyrik.

—Pássaro Canoro. — Disse o malandro suavemente, inclinando-se contra a parede mais próxima.

Eu assisti enquanto Nicu corria para ele, uma janela arqueada explodindo seus perfis com luz solar e sombra. Como uma intrusa, escondi-me ao lado de uma cesta de taboa e fingi não ouvir, enquanto os guardas discretos interromperam visivelmente a conversa, provavelmente por dever ao Filho Real.

Nicu viu o curativo sob a túnica de Lyrik e traçou as especificações de sangue com os dedos. Acima da cabeça inclinada, o explorador fechou os olhos com o toque.

—O riacho secou. — Disse Nicu.

—Sim, o corte parou de sangrar. — Traduziu Lyrik.

Meu amigo esticou a cabeça para o intruso. Olhos verdes tremularam, enquanto olhos mais escuros ficaram encapuzados.

—Obrigado —, Nicu respirou. —Obrigado, eu-

—Está tudo bem —, respondeu Lyrik, mais estoico do que eu já o ouvi. —É o que uma pessoa faz por um amigo.

Sua resposta quebrou o feitiço, quebrando a voz de Nicu. —Amigo?

—Amigo.

Peguei a cesta, sabendo que isso era da conta de Nicu, mas permaneci no canto, caso ele precisasse de mim.

O rosto de Lyrik se suavizou. Nem uma única faísca de emoção quando ele desaparafusou uma haste do brinco. Segurando a mão de Nicu e torcendo o pulso, o invasor colocou o pequeno toco na palma de Nicu.

Nicu olhou para a gema e depois para Lyrik, as facetas de suas íris brilhando, lançando uma pergunta silenciosa na alcova onde estavam.

Lyrik respondeu. Ele segurou a mandíbula do meu amigo e se inclinou, os lábios roçando a testa de Nicu.

Quando Lyrik se afastou, meu amigo ficou boquiaberto com soquetes salientes e uma garganta rosada.

A boca do patife se curvou. —Tchau, Nicu.

E então ele passou pelo meu amigo, seu ritmo diminuindo ao ritmo da chamada esperançosa de Nicu. —Você está indo para as casas da árvore?

Um lugar próximo. Um lugar onde eles pudessem se ver novamente.

Porque era isso que os amigos faziam.

Lyrik fez uma pausa, mas não olhou para trás. —Mais longe do que isso.

Nicu franziu o cenho, pensamentos silenciosos rabiscaram em seu rosto. Para onde iria o explorador? O que mais significava? Mais longe do que onde?

—Por quê? — Ele perguntou, interrompendo a partida de Lyrik mais uma vez.

—Nicu! — Um suspiro impaciente. Um estalo cansado. Lyrik virou-se, interrompendo a abordagem de Nicu. —Pare de me fazer perguntas. E não me siga. É irritante. —Ele deu de ombros e lançou um último comentário para ele. —Encontre o seu próprio caminho.

Ele foi embora, recusando uma escolta, afinal. E ele deixou meu amigo pairando ali, entre o nascer e a sombra, como um fardo. As feições de Nicu estalaram como um ovo. A palma da mão tremia, ainda segurando o brinco.

Eu pisei atrás de Lyrik, arrastando sua bunda pela passarela para seu quarto. Tão cedo, apenas alguns sons abafados podiam ser ouvidos enquanto figuras se moviam à distância, perto o suficiente para que eu não gritasse, mas longe o suficiente para eu assobiar sem deixar escapar o assunto para todas as fofocas do castelo.

—Seu bastardo —, eu cuspi. —Você simplesmente não pode deixá-lo assim.

Lyrik continuou. —Ele vai viver.

—Você não pode beijá-lo e ir embora.

—Confie em mim, isso não foi um beijo.

—Não importa o que era ou *não*, isso vai confundi-lo.

—Cale a boca e dê a Nicu algum crédito. Você o subestima. Todos vocês fazem. É por isso que ele fugiu em primeiro lugar.

—Se você o conhece muito melhor, não vá. Não faça isso. Você vai se arrepender.

—E acho que será a primeira vez que me arrependo de algo.

Minha boca ficou furiosa. —Mas você o ama!

Lyrik parou, os ombros tensos. Ele girou e seguiu meu caminho, sem arrogância à vista, chegando tão perto que seu hálito quente atingiu meu queixo. Justo o suficiente, já que eu tinha muito brilho em mim também.

Eu não queria que fosse verdade. Ele não merecia Nicu.

Ele murmurou com uma voz baixa e perigosa: —Diga isso de novo, e você não precisará de um conto de fadas para impedir que o nariz cresça. Eu mesmo vou cortar.

Mal sabia ele, meu nariz não podia mais crescer. De qualquer forma, deixe-o negar. Eu ainda conhecia uma mentira quando ouvia uma.

Eu zombei: —Você é um tolo.

—Nós dois somos. — Eu não conseguia esconder o efeito que ele teve, e ele viu, e ele zombou: —Você não sabia? Nós não os amamos; nós somos os bandidos. Os vilões tornam a história interessante, aumentam os riscos, mas nunca ganham.

—Você é um idiota, mas não um vilão.

—Então deixe-me consertar isso.

Ele decolou, prestes a foder tudo. Procurei um retorno, encontrando meu rosnado quando ele chegou à esquina. —Você o subestimou também. Ele vai te destruir por isso. Se ele voltar a ver seu rosto, ele *vai* te destruir.

Lyrik apoiou a mão em uma coluna, sua ferida doendo. —Bom.

E então ele se foi.

Um comando áspero me enviou de volta para a sala de estar. Eu não tinha notado até que Lyrik desapareceu que um guarda veio atrás de mim porque eu me aventurara longe demais. Disseram-me para não sair da vizinhança sem um guarda armado, por ordem da princesa e do bobo da corte, enquanto eles deliberavam.

Voltei nos calcanhares do homem e encontrei a princesa Briar me esperando. Felizmente, eu estava longe demais para ela ouvir a discussão com Lyrik.

Olhei em volta para Nicu.

—Ele está com Poet. — Disse a princesa, inclinando a cabeça em direção à sala de estar.

Apesar das gemas de topázio que cobriam as abas de sua túnica, ainda era uma túnica. No entanto, ela exalava sofisticação, os ombros equilibrados, as mãos entrelaçadas na frente dela como uma porta de entrada pela qual poucas pessoas passavam.

No final, aquela roupa privada poderia muito bem ter sido um vestido de baile, por toda a sua grandeza e a maneira como ela se comportava. No entanto, sua expressão serena me fez perceber duas coisas.

Primeiro, Nicu não tinha contado a seus pais sobre seus sentimentos por Lyrik, porque a princesa não estaria parecendo tão calma se ela *soubesse*.

Se ela descobrisse mais tarde, ou se o bobo da corte descobrisse... bem, talvez eles acabassem sabendo. Mas provavelmente não esta manhã. E não de mim.

Essa era a história de Nicu para contar.

Segundo, a princesa não me desprezava. Ela poderia se ressentir da minha parte em tudo isso, mas ela não me odeia. Ela não era esse tipo de governante.

Eu não pude evitar. Olhei para a sala fechada, doendo, perdendo.

—Aire não está mais lá. — Disse Briar.

—Eu sou tão óbvia? — Eu perguntei.

—É meu dever conhecer meu povo. Também é um prazer.

—Onde ele está?

Os lábios dela se curvaram em um sorriso sóbrio, mas genial. —Dê uma volta comigo.

Dez minutos depois, passeávamos pelo pomar, cenário da calamidade da noite anterior. A fragrância de frutas doces flutuava ao nosso redor, enquanto um guarda-costas passeava alguns metros atrás.

A velha Aspen teria se deliciado com essa glória e depois se gabado por meses. Agora eu apenas me concentrava em colocar um pé na frente do outro.

Para começar, bate-papo. Ela me perguntou sobre os machados compactos que confiscaram depois que Lyrik foi ferido. Quando contei a ela sobre o design de armas, meus novos músculos relaxaram. Andávamos por troncos e arbustos, a brisa agitando nossas roupas.

Eu me acostumaria a esses arrepios loucos? Eu queria?

A princesa Briar permaneceu quieta. Ela parecia racionar seus pensamentos e escolher suas palavras com atenção.

A princesa me disse que ela e Poet conversariam com a Rainha sobre uma forma mais suave de punição. Se minha teoria sobre a colônia da casa da árvore se mostrasse correta, aumentaria minhas chances também. O mesmo faria o endosso de Nicu.

—Sinto muito, Alteza —, eu disse. —Sobre Nicu.

O peito dela subiu e caiu. —Poet e eu ainda pensamos nele como nosso garotinho pulando nos canteiros - assim como no perigo. Temos um histórico de protegê-lo de um mundo de tolos marcados enquanto gerencia suas doenças. Temos nos acostumado a esse trabalho, receio. Quando se trata dele, nosso amor não conhece restrições.

—Mas Nicu é crescido e responsável pelas escolhas que ele é capaz de fazer. Esse é o direito dele. Devemos isso a ele. Se o desaparecimento dele nos deixou algo claro, é isso. Então, por favor, não peça desculpas.

Suas feições pontudas se afrouxaram de diversão. —Não é de admirar que ele tenha herdado a rebelião de nós, à sua maneira maravilhosa.

—Ele é meu amigo.

—Ele merece milhares deles. — Ela encolheu os ombros. —Isso não quer dizer que mãe e eu não vamos ter com sir Aire sobre as brasas por violar nossa confiança.

Eu devo ter parecido esquisita, porque ela tocou meu ombro. —Seremos justos. Ser nosso cavaleiro mais leal e credível significa que o desafio é mais profundo, porém sabemos que ele se juntou a Nicu por amor - e para mantê-lo seguro. A devoção de Aire é eterna, por mais improvável que pareça.

Ela me deu um olhar curioso. Lembrei-me de sua empatia na sala do trono quando derramei meu coração no chão na frente de todos. Talvez ela conhecesse esse sentimento, exibindo seu amor no pior momento possível.

Pensei nela e no bobo da corte, quantas vezes eles se encontraram no pouco tempo em que os conheci - na colônia da casa na árvore, na sala do trono, na sala de estar. Toques encobertos, toques irracionais, toques intencionais, toques ousados.

Isso era amor.

Coloquei uma mecha frisada atrás da orelha. —Eu não tenho ideia do que Aire sente.

—Eu acho que você sabe.

—Ok, por que você está sendo tão gentil comigo?

Sim. Eu queria bater no meu próprio eu, mal-intencionada e imprópria. Eu me atrapalhei em pedir perdão a ela, porque estava agradecida a ela, mas era preciso mais do que uma pergunta sincera para perturbar essa mulher.

Ela parou e me encarou. —Eu sei das mentiras na sua língua, mas não sinto a vilania no seu coração. Testemunhei o líder mais cruel e mais frio mudar de atitude. Eu sei como é a redenção. E, como o mesmo exemplo, talvez possamos encontrar uma trégua e nos tornarmos amigas inesperadas, depois que eu a penalizar suficientemente.

Nós rimos apesar de nós mesmas. Quando a alegria diminuiu, ela disse: —Roubar a bolota estava errado, mas acho que você sabe disso agora. Confesso que teria feito o mesmo por minha mãe - por quem eu amo.

—A maioria das pessoas faria isso, incluindo Aire. Ele tem uma alma nobre. Ele usa suas emoções tão livremente e sente-se tão intensamente que a traição ataca muito pior - mas apenas porque ele se importa muito. Estou certa de que ele entende seus motivos. Se você duvida, por que não perguntar a ele agora?

Minha cabeça virou em direção a ela. Seguindo seu olhar, meu pulso saltou.

Ele estava entre as macieiras. O vento provocava seus cabelos loiros, seus olhos de um azul tão triste. Sempre etéreo demais. Sempre real demais.

O sussurro de Briar quebrou meu transe, seu braço ligando brevemente o meu. —A propósito, eu planejei isso.

E em tempo recorde, parecia. Ela se despediu, dizendo a Aire a caminho: —Formalmente, tratarei com você mais tarde.

Eu assisti a princesa e o guarda corpulento partirem.

E então eu assisti o cavaleiro vir até mim.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

FANTASIA

Apenas alguns segundos, mas parecia que o próprio tempo tinha que pular através de pontes, rios e florestas. Foi o tempo que levou para ele me alcançar. Tanto tempo que me senti sem fôlego.

E falando do vento, ele o seguia. Ele ondulava a bainha de seu longo colete de camurça e as mangas de camisa de linho embaixo, batendo-as contra a envergadura de seus braços.

Ao nosso redor, as toutinegras voavam em galhos, seu trinado metálico dando a impressão de que o conheciam. Aire desenhou cores e criaturas do céu.

Na verdade, não. Ele sempre olhava para cima, para as nuvens, para os vendavais, para os animais que voavam. Mas ele não fazia isso para reivindicar a natureza. Ele fazia isso para ouvir, ver, sentir. Ele fazia isso para se relacionar com a natureza.

Por isso, ela respondia. O céu havia se presenteado com ele de uma maneira peculiar, mas ele o carregava com honra, sem questionar. Era o que ele fazia.

E isso não o fazia sublime. Ele estava bem aqui, no chão, exatamente como eu.

Quando ele se aproximou, seu olhar nunca deixou o meu. Já deixou?

Continue me observando.

Observe-me, Aire.

Observe.

Nós estávamos na minha cama quando eu disse isso a ele, eras atrás e não muito tempo. Ele estava acima de mim, dentro de mim. Eu disse para ele continuar olhando, continuar assistindo. Eu queria que ele soubesse que sou eu que ele fazia amor.

Eu não deveria ter duvidado disso.

De certa forma, ele também não deveria ter duvidado de mim.

Seu rosto não tinha remorso ou felicidade. Era o ar, soprando direto em mim. Era uma respiração contida, parada, em um impasse.

Ugh. A prosa idiota que encheu minha mente por causa dele. Mas tudo bem, porque era honesto.

Folhas saltaram ao redor de seus membros até que ele parou na minha frente. Perdido, ele inclinou a cabeça para olhar para nossas botas, as pontas batendo. Enquanto isso, eu me perguntava sobre a terra e o céu. Em que ponto eles se conheceram? Ao longo das margens de um campo de trigo? Na beira de um galho?

Ou eles se encontravam em todo lugar e em lugar nenhum?

Sem armas, ficamos lá. Imóveis, ficamos lá.

Nós vacilamos, nenhum de nós ousando falar, nós dois querendo falar. Uma macieira se estendia sobre nós, seus galhos atingindo como braços, seus dedos se curvando. Mas mantivemos nossos rostos baixos, fixados no paralelo de nossos corpos.

Quando ele lambeu os lábios, eu abri minha boca.

—Eu quero-

—Eu preciso-

Nossas cabeças se levantaram. Nós rimos, porque qual de nós tinha dito o quê?

—Vamos tentar de novo. — Sugeri.

—Tudo bem—, disse ele. —Se eu puder, eu ouviria você primeiro.

—Obrigada pelo que você fez. Por me defender, Nicu e Lyrik contra suas tropas. Deve ter sido horrível ir contra eles.

—Foi muito mais fácil do que quando eu me virei contra você na colônia. Minha escolha na noite passada não foi generosa. Confesso que não estava pensando em Nicu ou Lyrik. — Ele encontrou meu olhar. —Eu só pensei em você.

Minhas narinas inflaram, inalando névoa e solo.

Ele pegou minha mão, expôs minha linha de vida e deslizou o dedo ao longo dos sulcos estranhos que se curvavam em minha carne. —Eu não suportava pensar em vê-la ferida. Eu não deixaria eles se aproximarem de você, não importa o que você tenha feito, e não importa as consequências.

—O que a Coroa fará com você?

—Nada que eu não aceite. Valeu a pena.

Chupei lágrimas. — Sinto muito, Aire. Eu sinto muito.

—Como eu sinto por não te defender mais cedo, por deixar meu sofrimento interferir. — Ele estremeceu, fechando os olhos. —Aspen, eu imploraria seu perdão-

—Você tinha todo o direito...

—Eu exercitei isso além do que é justo. Eu não ouvi você. Não considerei seus pedidos. Eu me alegrei ao vê-la encolhida na sala do trono. Neguei o que compartilhamos, menosprezando isso na corte. Quando você falou, isso me incomodou e, quando você escapou, deixei meus

sentidos. Mas, por favor, saiba, que eu nunca te mataria. Eu nunca te machucaria.

—Eu sei disso.

Ele passou o polegar na minha palma. —Você sempre foi real para mim.

Pretérito. Eu tinha sido real com ele.

No cemitério, no pátio de treinamento do castelo, na floresta de abóboras, nas casas das árvores, na floresta, à beira da lareira, à luz de velas, na névoa, de manhã e à noite, eu era real com ele.

Mais importante, eu deveria ter sido real comigo mesma.

Minhas palavras podem ter sido mentiras, mas minha pele nunca foi. Minha pele de madeira tinha sido real. Era minha. Era eu.

Minha mãe adorava. Punk adorava.

Aire se importava com isso. Mesmo que ele nunca amou, ele se importou com isso.

Eu sempre fui uma garota de verdade para eles.

Mas não poderia voltar. Nem ele.

Nós poderíamos perdoar um ao outro, mas não poderíamos esquecer. Poderíamos dizer a verdade a partir de agora, mas uma verdade ainda está presente entre nós. A única coisa que eu disse tarde demais, e a única coisa que ele nunca poderia dizer.

Se importar comigo não era suficiente. Suas ações nos últimos dias me disseram muito. Ele não podia seguir em frente, não podia liberar seu passado, não podia deixá-la ir.

E eu não poderia aguentar. Não mais.

Estávamos vivendo em uma fantasia há um tempo, mas essa era a nossa realidade agora. Serviríamos nossos castigos e seguiríamos caminhos

separados. Eu sabia disso, tão certo quanto ele. Mas não me arrependi de um único momento.

Eu peguei o rosto dele nas minhas mãos. —Você era real para mim também.

As sobrancelhas de falcão dele se apertaram de dor. Ele agarrou minha cintura, me puxou para mais perto e implorou: —Não vá. Eu estou te implorando.

Esfreguei meu nariz no dele. —Não esquecerei de encontrar um cavaleiro na escuridão.

Ele assentiu. —Não esquecerei de encontrar uma donzela madeireira à luz das estrelas.

—Não esquecerei quando ele me chamou de fantoche.

—Não esquecerei quando ela me chamou de galinha.

—Não vou esquecê-lo poupando comigo.

—Não vou esquecer dela me provocando.

—Não vou esquecer o terraço do balanço.

—Não esquecerei a clareira.

Minha voz falhou. —Não vou esquecer o momento em que o conheci.

A voz dele tremia. —Não esquecerei o momento em que a conheci.

Nossos peitos se apertaram, meus braços girando em torno de seus ombros. —Não vou esquecer de beijá-lo no meio da multidão.

—Não esquecerei de vê-la girar no meio de uma fogueira. Não esquecerei o amor dela por marshmallows, um chapéu de penas e um par de machados.

—Não esquecerei seu amor por criaturas aladas, seu carinho pelo vento, sua devoção à amizade. Não esquecerei de rir com ele.

—Dançando com ela.

—Lutando com ele.

—Rendendo com ela.

Minha testa descansou na dele. —Não vou esquecer quando ele encheu meu coração.

Seus braços apertaram em volta de mim. —Não esquecerei quando ela restaurou o meu.

Meus lábios tremeram. —Eu não vou esquecer isso.

Um suspiro irregular. —Ou isto.

Nossas bocas se fundiram. Cabeças inclinadas, meus dedos em seus cabelos, seus dedos me segurando. Meus lábios se abriram sob ele, dando as boas-vindas à inclinação de sua boca, ao golpe de sua língua. Ele sondou profundamente, arrancando um gemido fraturado do fundo da minha garganta, persuadindo calor nas minhas bochechas.

Nós nos beijamos tão severamente, com tanta urgência, que meus calcanhares levantaram do chão quando ele me segurou contra ele. E naquele beijo foi uma última coisa que não esqueceríamos.

No momento em que nos despedimos.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

HONESTIDADE

Adeus, um sentimento que tem sido um enigma para o meu coração há anos, seu propósito um conforto e uma crueldade.

Aquela palavra. Foi um clique no fundo da garganta, depois um soco na língua, simultaneamente resistente e complacente, uma batalha e uma rendição. Ao despedir-se, houve harmonia e ressentimento, um estranho emaranhado de paz e miséria. Eu usava essa palavra como outra cicatriz, ou talvez como muitas cicatrizes, minha vida uma série de despedidas - meus camaradas que caíram, a família no campo que raramente via, a esposa que não pude salvar - cada uma com uma forma diferente e profundidade.

Eu deveria estar acostumado com a perda até agora, esse tipo de adeus.

Infelizmente não, esta sangrava ainda, uma ferida nova que ainda não havia selado. Escorria, criando um buraco que eu temia que não pudesse ser preenchido.

Por quê? Mas eu sabia muito bem o porquê. Pois essa perda em particular não tinha sido involuntária.

Esta tinha sido uma escolha.

Esta inspirava um novo tipo de dor, uma dor brilhante e auto infligida que testava minha determinação. Eu senti isso no aperto coxo da minha espada, nos reflexos atrasados dos meus músculos, na postura incipiente dos meus membros enquanto bloqueava o ataque do bobo da corte.

Poet deslizou pelo pátio de treinamento, girando o bastão de aço ao redor de seu corpo, girando e girando a haste ao longo da cintura e sobre a cabeça, a arma pulando e dançando em volta dos ombros. A intenção era atordoar um oponente antes de executar um golpe. Na grande maioria do tempo, trabalhava com outros soldados. Apesar de ser em média dez anos mais velho, o homem possuía uma velocidade e flexibilidade que desafiavam a idade, um produto de exercício, disciplina e um dom de agilidade que cada cavaleiro aspirava.

Ainda assim, com seu Primeiro Cavaleiro, Poet exigia furtividade adicional e manobras mais inteligentes. Eu conhecia seus truques, embora esse não fosse o caso durante o treino desta manhã. Quase tarde demais para avistar sua abordagem, eu balancei minha lâmina. O aço tocou, o bater de palmas de nossas armas quando nos movemos e contra-atacamos no gramado.

Minha espada respondeu, voando em direção ao seu intestino, forçando-o a dar um giro nas costas. Encaixando-se na vertical, ele torceu e angulou seu corpo de maneira exagerada, pegando meu segundo impulso com um bloqueio nas costas.

Muito poucos, se houver, poderiam manobrar uma arma e um corpo em conjunto como ele. Como um campeão de acrobacias e malabarismos, ele desafiava a cinética do combate de maneira profunda. O que seus músculos magros não tinham em circunferência, ele compensava astúcia.

Aproveitando sua janela de oportunidade, Poet me virou na defensiva, planejando seus movimentos três passos à frente. Ele pulou enquanto eu interceptava.

Atrás dele, meu olhar tropeçou em um dos manequins de treinamento. Amarrado a um poste, parecia o que eu já havia erradicado muitas luas atrás, seus olhos de marionetes cegos me encurralando.

Um cajado mergulhou na minha visão. Eu girei, minha espada prendendo a arma no lugar.

Os olhos verdes do bobo da corte brilhavam. —Você está parando... — *clap* —...ou ansiando. De qualquer maneira — *clap* — Me ofende — *clap*, — saber —*clap* —que eu não sou — ele ergueu uma sobrancelha — o centro das atenções.

Ele girou, o graveto piscando, espiralando na minha cabeça. Minha espada saltou contra ele, afastando o golpe.

Nós nos separamos, ofegando. O sol roçava a grama coberta de seixos e nossa pele nua, gotas de suor cortando nossos torsos. Foi uma partida longa, mas infrutífera, pois não fui investido, nem no meu melhor.

O bobo da corte sacudiu o graveto até cair nos cumes dos ombros, os braços balançando ao longo do comprimento. Ele inclinou a cabeça, a boca em uma inclinação irônica. —Foi apenas a nostalgia que me impediu de quebrar sua cabeça de ouro.

Eu enfiei minha espada na terra. —Seu perdão, Mestre Bobo da Corte. Ultimamente, estou fora de ordem e sem prática.

—Mmm-hmm. Exceto que eu não estava elogiando suas proezas físicas, minha excelente destreza ou nossa masculinidade brilhante. Eu estava falando de rachar o sentido em seu crânio idiota. Eu tenho alguma experiência com loucuras do coração, especialmente quando criadas de estupidez e teimosia. Daí minha nostalgia.

O bobo da corte girou seu cajado como um bastão. —A propósito, o que você acha? É um bom design, no entanto estou pensando em atualizar para algo personalizado. Algo... — Ele mexeu os dedos da mão livre, as unhas pintadas de ônix pulando. —Algo mais *eu*.

—Chamativo, você quer dizer?

—Pense melhor. Algo narcisista. Talvez incrustações ou joias que apunhalem, talvez um pouco de enfeites. Ou melhor, talvez meu nome imortal esteja gravado no aço.

—Seu nome já está gravado nele.

—Não é grande o suficiente.

Eu ri quando passei um pano na parte de trás do meu pescoço.

Ele enterrou o cajado ao lado da minha espada. —Por favor, diga. Você conhece algum armeiro esplêndido? A quem eu poderia confiar esse trabalho importante e lisonjeiro?

O vento roubou sua pergunta e meu humor. —Você tem uma série de ferreiros louváveis à sua disposição. — Lembrei a ele.

—Eu não pedi elogios. Eu pedi esplêndido. —Ele me examinou de uma maneira que apenas um bobo da corte examinava suas vítimas, alvos e conquistas. O olhar de um tolo treinado profissionalmente encontrava vulnerabilidades como fios, decidindo quais cortar pela metade por meio de humor ou zombaria.

—De fato —, ele provocou. —Talvez eu tenha uma nova arma encomendada.

Eu sabia que não devia me envolver. No entanto, eu parei, tomando sua medida. —Por quem então?

Poet me deu um sorriso cruel, sem dizer mais nada, pois minha psique conjurou um rosto em particular. Três meses se passaram desde que eu a vi pela última vez. Parecia que isso acontecera entre três horas e três anos.

Ouvi falar de Poet e Briar retornando à colônia da casa na árvore com Aspen, para verificar sua teoria sobre a bolota. Eu tinha ouvido falar do resultado e me senti orgulhoso dela. Ela havia trabalhado ao lado do bobo da

corte e da princesa, e o resultado final foi notável, outra referência de progresso para o reino e seu povo.

Mesmo se eu não tivesse sido rebaixado na época, sob estrita liberdade condicional por ordem da Coroa, eu não os teria acompanhado. Não teria feito bem a Aspen, nem a mim mesmo.

Demorei tanto tempo para reparar meus erros e recuperar minha posição.

—Ter uma arma mais sofisticada não fará de você um lutador melhor. — Eu disse.

—Ser um lutador melhor não fará de você um herói melhor. — Respondeu Poet.

Esse conselho nunca falhava: não jogue xadrez verbal com um bobo da corte.

—Se você está preocupado com a minha capacidade de realizar tarefas...

—Lixo —, ele zombou. —Manter o controle do seu desempenho no trabalho é de responsabilidade da Coroa. O meu é foder com propriedade e parecer delicioso enquanto faço isso. Estou ultrapassando? Assumindo que *há* algo para ultrapassar?

—Não tenho nada a esconder, mestre bobo da corte.

—Pare de me abordar com esse título atrozmente chato ou não seremos mais amigos.

—Poet —, eu corrigi. —Não há nada que justifique privacidade.

—Exceto a parte em que uma Garota Que Não Devemos Nomear confessou seus sentimentos por você. Exceto a parte em que você não retribuiu. Exceto a parte em que você, Aire do Outono, honrado e bom Primeiro Cavaleiro, vomitou veneno em uma donzela algemada na sala do trono. As palavras de ninguém nunca o provocaram dessa maneira. Antes de

um tribunal, ela professava a verdade, mas você acreditaria que esses sentimentos não eram correspondidos. — Ele apertou os olhos. —Você mentiu, Aire.

Cometi a grave ofensa de dar as costas a ele e puxar uma camisa por cima da cabeça. —E sobre o que eu menti, por favor?

—Você está apaixonado por ela.

Meus movimentos pararam por um momento. Com esforço, terminei a tarefa, enfiando a bainha na minha calça esportiva e amarrando uma bainha no meu quadril.

Atrás de mim, o bobo da corte suspirou. —Sem uso. Eu ainda estarei aqui quando você conseguir se virar.

Eu me virei. —Nicu já me encurralou sobre isso.

—Pelo olhar em seu rosto, ele teve um efeito duradouro.

—Seu filho pode falar diferente de qualquer outro, mas ele entende bem o que diz. Emocionalmente, ele é bom em convencer as pessoas das coisas. No entanto, não é assim tão simples.

—Então permita-me adicionar a cereja por cima. Se fosse assim tão simples, não seria amor. Não se incomode em contestar, nobre Aire. Você está na companhia de um homem desesperadamente amoroso por sua própria dama. Um homem que adora sua princesa sem fim. Eu sei como é a paixão e o que parece.

—Eu também. Eu era casado.

—De fato. Embora não esteja falando do seu passado.

A experiência do bobo da corte superava a minha. Ele e a princesa não ostentavam sua intimidade em público, embora também não a ocultassem, seus olhos ardendo um pelo outro através de corredores lotados - uma coisa palpável e inegável.

Mais de uma vez, eu relatara à porta do quarto adjacente de manhã, apenas para ser impedido pelos ruídos rítmicos e ardentes vindos de dentro.

Muitas vezes, durava um tempo.

Mas era mais do que isso. Eles compartilhavam um parentesco carregado de rebelião e resiliência, êxtase e regulamentos. Embora totalmente opostos, eles não poderiam ser mais perfeitamente compatíveis.

Poet ficou sério, sua voz perdendo a aparência teatral. —Existem milhares de tons de amor, cada um ocorrendo no seu próprio ritmo. Para alguns, a maior das emoções pode levar anos para florescer, ou meros dias, pois não há regra — Ele sorriu. — Ou rima. —Ele refletiu: —Não é isso que torna toda história de amor tentada e verdadeira? Seja essa história tola, perigosa ou desonesta?

—E se você tivesse sofrido o meu destino? Se você tivesse perdido Briar?

—Então eu poderia não estar aqui, pois talvez eu não tivesse suportado - não fosse a existência de Nicu. — Ele apertou a mão no meu ombro. —Não estou lhe dizendo como se sentir ou o que fazer, Aire. Estou lhe dizendo que você já *sabe*.

Aspen e eu fizemos nossas escolhas. Ela me soltou e eu me afastei, evitando fazer a única coisa que um cavaleiro prometeu fazer: lutar.

No entanto, por ter sido uma escolha, tinha a liberdade de mudar de ideia, de alcançar algo que considerava inatingível.

Eu teria respondido, se não fossem passos cambaleando em direção ao pátio de treinamento, abrindo um caminho irregular em nossa direção. As sobrancelhas escuras de Poet se inclinaram, reconhecendo o som.

Nós dois nos viramos com a onda da voz de Nicu, que combinava com a expressão que ele estava usando todos esses meses. —Você o mandou embora? — Ele exigiu do pai.

Poet hesitou, e não apenas porque seu filho se carregara aqui sem a ajuda de fitas. Um olhar para mim e eu forneci: —O explorador.

Não culpava o bobo da corte por sua confusão. Ele vinha crescendo constantemente desde o retorno de Nicu e a subsequente partida de Lyrik para o Reino de Inverno.

Nicu se transformou no oposto de si mesmo, retraído e melancólico. Ele evitava as perguntas de seus pais, principalmente porque o filho nunca havia guardado suas mágoas antes, certamente não deles.

Eu senti a angústia da família. Um Nicu quieto e inacessível era totalmente estrangeiro, pegando o bobo da corte, a princesa e a rainha pela tempestade. Eles não tinham conhecimento da causa.

Até agora, e felizmente, eles não tinham me procurado por respostas.

Eu me ofereci a Nicu por conselhos, por amizade, apenas para ser recusado também. Não obstante, sua acusação não me surpreendeu. Senti uma mudança iminente em seu comportamento, chegando a um momento em que ele iria quebrar.

Chegara finalmente.

—Não mandei ninguém embora —, disse Poet. —Ele escolheu sair.

A expressão de Nicu desmoronou. Suspeitei que ele estivesse esperando por uma resposta diferente, na qual Lyrik não tivesse deixado por sua própria vontade, uma que teria acidentalmente difamado seu pai.

O bobo da corte se aproximou do filho, levantando o queixo do jovem. —Isso o aborrece —, compreendeu Poet, seus olhos procurando os de Nicu até que finalmente a realização se cristalizou. Suas feições se abriram e ficaram frouxas, os vestígios de sua fachada carismática deslizando completamente. —Inferno —, ele respirou. —Nicu...

—Ele realmente escolheu? — Nicu sussurrou. —Ele escolheu me deixar?

O bobo da corte simplesmente balançou a cabeça em descrença, pois seu filho nunca havia dado a menor indicação, embora como alguém pudesse ter certeza? Com Nicu, que nunca havia expressado um pensamento amoroso por alguém em sua vida, e com seu entusiasmo incondicional por parentescos, como era possível distinguir os dois? Como era possível ter certeza do que Nicu sentia?

Eu tinha certeza agora.

Apenas duas almas tinham o poder de deixar Poet sem palavras. O filho dele e a princesa.

—Quando vimos Lyrik partir, ele embarcou com relutância e um coração pesado —, relatei gentilmente, pelo que valia a pena. —Eu acredito que ele se importa com você.

—Mas não o suficiente. — Disse Nicu.

Ele piscou para os campos de trigo ao longe, a floresta além. A rota para Inverno, ele sabia ou não.

Olhando para Poet, os olhos de Nicu lacrimejaram. —Papai. — Ele sussurrou, a palavra caindo de seu peito, forjada por um grande puxão.

Poet abriu os braços, murmurando *Venha aqui*, e Nicu esmagou-se contra o pai. Abaixei minha cabeça quando o bobo da corte abraçou seu filho chorando de coração partido.

Depois de um momento, Poet assentiu por cima do ombro de Nicu e eu me afastei, deixando-os à sua privacidade.

Eu mal podia prever onde meus pés me levariam a partir daí, mas eu deveria saber, uma vez que meu ritmo acelerou em direção aos estábulos, em direção ao meu cavalo. De lá, ele galopou, levando-me ao manto de bétulas perto da cidadela, o vento varrendo minhas roupas, me impulsionando adiante.

Nos últimos anos, muitas noites de solidão e luto haviam me deixado de joelhos, comigo implorando silenciosamente: *O que será preciso? O que é preciso para parar essa dor? O que devo dizer? O que devo fazer?*

Eu queria arrancar minha carne, me despir dessa dor. Nada parecia certo, nada parecia mais necessário, além de me cobrir de armadura e balançar uma espada. Além disso, a tristeza me deixou preguiçoso, tão preguiçoso que me cegou por muito tempo.

Um homem não desonra a memória de sua esposa mergulhando nela.

Saltando do meu corcel, passei por arbustos e troncos para chegar ao túmulo, o arco de pedra gravado com o nome dela, uma trepadeira pendurada no lado esquerdo.

Ajoelhei-me, lembrando-me do medo de cavalos, do amor por flores de palha e das cores do Inverno. Lembrei-me não apenas de seus pontos fortes, mas de suas falhas, as verdadeiras e cruas sobre ela, as peças que eu apreciava. Lembrei-me dela sem escolher o que me veio, sem a necessidade de guardar essas coisas em algum lugar eterno.

Ao fazer isso, lembrei-me de Robin não como um monumento, mas como uma alma. Lembrei-me dela mais vividamente do que nunca.

Inclinei minha cabeça e confessei, contando a ela a jovem que eu conheci. Essa donzela preferia marshmallows, pica-paus e chapéus de penas. Ela era feminina, mas apaixonada por armas. Ela falava uma língua de madeira e, quando criança, tentara construir o céu com blocos de madeira.

Essa donzela me escandalizou, me superou com ousadia, me decepcionou e me inspirou, me taxou e me confortou, me fez rir apesar de mim. Ela me lembrou o que significava ser um soldado. Ela provou que contos de fadas e contos reais precisavam um do outro. Ela me lembrou que inocentes poderiam cometer erros e vilões poderiam mudar para melhor.

Falei do que poderia ser para essa garota, por essa garota, com essa garota.

Falei de outras coisas, proferindo palavras que nunca esperava dizer, desejos que nunca esperava, um futuro que nunca esperava ter, uma vida que nunca esperava levar.

Enquanto sussurrava, uma brisa levantou meus cabelos e fez cócegas em meus dedos. Robin uma vez me disse que a melhor maneira de lembrar era liberar a necessidade de lembrar. E então senti aquele leve empurrão do vento como se uma mão segurasse a minha.

E com uma carícia final, eu deixei ir.

Meu corpo cresceu asas. Minha mente atravessou aquelas asas.

E meu coração voou.

Eu costumava pensar: o que significa dizer adeus? Era o suficiente dizer essa palavra uma vez? Ou é preciso dizer isso infinitamente, repetidamente, ao longo da vida?

Alguém vive para sempre com *adeus* nos ombros, à beira dos lábios? Nós já nos recuperamos o suficiente para realmente dizer adeus?

Eu não sabia antes, porque nunca havia tentado.

Eu não tinha uma razão até agora.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

FANTASIA

Passei o descascador de madeira ao longo da borda, uma tira de casca descascando da superfície. Eu estava adicionando uma curva sutil à manivela do machado, uma torção no comprimento, esperando que isso correspondesse à praticidade enquanto também aparentava ser durona. Um machado com estilo. Com uma atitude.

O teste viria quando eu o jogasse, avaliando como ele se compararia ao impacto ou se o design da alça comprometeria a aderência do usuário, forçando uma pessoa a manejá-la de maneira diferente.

Recostei-me no banquinho e segurei a haste no alto. —Pensamentos?

Mãe virou-se em seu próprio assento, da mesa ao lado da minha. Ela inspecionou meu progresso, seus olhos lúcidos e pacíficos hoje.

—É uma beleza. — Disse ela.

Mordi o lábio inferior. —Realmente?

—Bem. — Com seu furador, ela indicou o topo da alça. —Eu nivelaria isso mais.

Ela estava certa. Apertando os olhos, vi o que ela via, a superfície irregular.

Eu trabalhei nisso enquanto minha mãe continuava com seu próprio projeto, uma estante de livros que ela havia sido contratada para fazer. Os sons

de escultura e raspagem encheram a sala. Folhas temperadas batiam contra a janela, uma luz tépida da manhã filtrando e iluminando os cabelos da mãe.

Manchas de poeira e madeira cobriam nossos aventais de cânhamo. Meus dedos começaram a enrijecer, exigindo outro ajuste em breve. Meu pulso tinha marcas de cortes anteriores, de tentativas anteriores de acertar o punho.

Acima da minha mesa, prendi uma dúzia de rascunhos de armas: bestas, espadas, machadinhas, cajado. Principalmente, eu estava trabalhando para acertar os elementos de madeira de cada um primeiro, enquanto comunicava - através de missivas para a cidade baixa - com um ferreiro, metalúrgico, espadachim e cuteleiro para o resto.

Pequenos passos. Muitos fracassos no começo.

Eu estava melhorando. Eu até tive um pedido, um trabalho humilde, um aprimoramento em vez de um design totalmente personalizado. Não era uma maneira ruim de começar, no entanto. Eu ganhara o suficiente para comprar mais materiais de trabalho, semente de pássaro extravagante para Punk e um novo avental bordado para a mãe.

Ah, e um saco de marshmallow para mim.

Do lado de fora, uma rajada de vento sacudiu as persianas. Ao mesmo tempo, ouvi a faísca de aço sobre aço, sobrepondo-se ao relincho de um cavalo. Minha cabeça se levantou, meu aperto no descascador se apertou, da mesma forma que meu coração. Como se aqueles barulhos ao ar livre sinalizassem... como se quisessem dizer... como se fosse...

Depois de um momento, balancei minha cabeça. Que idiota da minha parte.

Isso vinha acontecendo cada vez menos, mas ainda assim. De vez em quando, ouvia algo ou via algo pelo canto do olho e pensava... pensava que talvez... talvez fosse...

Claro que não era. Fazia três meses.

Uma palma esfregou minhas costas com ternura. Eu me balancei na cadeira para encontrar o olhar gentil de mamãe em mim, as linhas do rosto dela enrugando. Eu disse a ela sobre o meu tempo longe dela, os amigos que fiz, o amor que encontrei. Contei a ela sobre Aire, minha cabeça em seu colo e minhas lágrimas encharcando seu avental.

Tínhamos contado muitas coisas quando nos reunimos. Portanto, pelo menos um relacionamento, um em toda essa história bagunçada, havia sido recuperado. Eu não poderia ter pedido mais do que isso, mais do que ela.

Eu dei a ela um sorriso fraco. —Estou bem.

—Mas se você não estiver, eu estou aqui. — Ela colocou uma mecha perdida atrás da minha orelha. —Me desculpe, eu não estava antes, deixe-me terminar —, disse ela quando comecei a balançar a cabeça. —Às vezes posso estar perdida, mas sempre vou olhar para você e saber quem você é. Eu sempre vou te conhecer. —Os olhos dela brilharam. —Não vou esquecer de novo.

Tantas reações. Uma dor de garganta. Olhos que ardiam.

Ela estava lá quando eu era pequena.

Ela estava lá quando sua mente começou a deslizar.

Ela estaria lá enquanto continuava a acontecer.

No momento em que pensei que ela me esmagaria em pedaços como se seu outro trabalho tivesse sido real. Mas o momento em que ela se deteve também foi real. Isso nos deu esperança e vontade de enfrentar o que quer que viesse.

As árvores ainda a assustavam. Ela ainda trabalhava com relutância às vezes, ainda sentia vontade de destruir tudo o que tinha feito. Outros dias, ela continuava, ganhando força com seu trabalho, reacendendo sua antiga paixão. Era um constante vaivém.

Ela não estava melhorando, mas também não estava piorando. Ela estava aprendendo a viver com sua condição, a administrá-la. Estávamos aprendendo a possuí-la e a superá-la, nossas diferenças, semelhanças entre nós e com todos os outros.

Na sala do trono, com minha pele carnuda e minhas mãos atadas, ela ainda me conhecia. Ela não tinha ficado aliviada com a perda da minha pele, porque sempre me amou assim. Ela me amava, não importava a pele que eu usasse.

E talvez demorou para me ver despida de madeira e acorrentada em ferros para tudo clicar. Talvez me perder, perder quem eu tinha sido, a lembrou de como ela me viu uma vez. Talvez.

Uma coisa era certa. Eu não tinha sido apenas uma criação. Eu sempre fui filha dela.

Eu exalei. —Eu fiz um novo rascunho dessa besta. Você quer ver?

Ela sorriu, nervosismo e alegria juntos. —Eu adoraria.

Logo depois, a hora mudou, hora de ir para casa. Arrumei minhas ferramentas, rascunhos e machados, enquanto minha mãe recolocava o furacão de roupas que eu jogara no peito. Depois de consertar meus esforços desleixados, ela pegou meu chapéu e o colocou na minha cabeça, depois mexeu na minha capa até que eu gemia para ela parar.

Na porta da frente do bangalô, seu queixo tremia. Agarrei-a em um abraço sufocante. Desde que voltamos para ela, nos cuidamos, mais igualmente do que antes. Quando ela não conseguia aguentar a ansiedade e o

medo, eu fazia as tarefas, jantava, aperfeiçoava os estágios finais de seus projetos.

Quando meu coração se partiu, quando chorei, ela me segurou até parar, até as lágrimas cessarem, até eu seguir em frente.

Ela se agarrou a mim e sussurrou: —Minha garota de madeira.

Sim, eu era.

A caminhada pela colônia da casa da árvore não foi tão emocionante quanto havia sido quando eu voltei pela primeira vez. Naquela época, as memórias haviam me drenado, fazendo meu rosto queimar e meu peito doer.

Agora melancolia escovava minha boca em um meio sorriso. Eu assisti as crianças no terraço, um grupo de meninos e meninas lutando na clareira, casais passeando por pontes abertas e passarelas cobertas, residentes descendo escadas, construtores martelando.

O barulho de sapatos em pranchas de madeira. Rodas rangendo quando alguém encheu um balde do poço. Bichos voando nas árvores.

Bordos, tupelos e carvalhos brilhavam com cores. Alguém acendeu a fogueira, madeira queimada flutuando no ar fresco. A fumaça se desenrolava dos troncos, os sons crepitantes saltando pela área.

Era o mesmo, mas diferente aqui. Reparado, reforçado. Plantas e vegetais de raiz brotavam dos jardins. Conversa ao meu redor.

Os moradores haviam retornado à colônia. Rostos velhos e novos, baseados nas histórias que me contaram quando os conheci.

A bolota final havia abençoado essa floresta, ou pelo menos eu gostava de acreditar. Tornou o solo mais fértil e deu vida aos bangalôs, varrendo-os de poeira e enchendo a paisagem com uma aura esperançosa. O lugar havia se derramado como uma segunda pele, atraindo os habitantes de volta.

Uma vida feliz, uma nova vida, uma vida restaurada.

Aconteceu que um cavaleiro visionário não tinha sido o único que poderia fazer uma previsão. Eu fiquei perplexa, mas não realmente perplexa, quando a natureza e a Estação provaram que minha suspeita estava correta. Eu informei o bobo da corte e a princesa que isso poderia acontecer.

Mas o conto de fadas não conseguiu todo o crédito. Foi um esforço conjunto.

Os camponeses que retornaram haviam feito sua própria colônia, acrescentando suas próprias contribuições. Eles fizeram seu próprio destino honesto.

Fantasia e realidade haviam trabalhado juntos.

Melhor ainda, sob a orientação de Poet e Briar, sob a aprovação da rainha Avalea, esse lugar havia se ramificado em outro paraíso de Outono. Pessoas com mentes debilitadas - anteriormente rotuladas de tolos nascidos, como simplórios - viajavam para cá por breves períodos, para reflexão e recuperação. Eles se amontoavam em bangalôs, com guardiões para supervisionar seu progresso. Depois, eles se estabeleceriam aqui para sempre ou retornariam às suas raízes.

A colônia da casa na árvore havia se tornado uma residência e um santuário.

Isso me ganhou uma sentença morna da Coroa. Poet, Briar e Nicu apelaram para Sua Majestade. Então eu expliquei minha teoria da bolota para a Rainha e, como um grupo, fizemos a jornada, onde a confirmação floresceu diante de nós.

Aire não se juntou a nós. Não que eu esperasse que ele fizesse.

Como compromisso, a rainha me colocou em prisão domiciliar, confinando-me a um dos bangalôs. Eu só tinha permissão de sair para ajudar

na manutenção quando as pessoas começaram a voltar. Isso, e eu tive que limpar e cuidar de cada peça de armamento entregue a mim.

Eu tinha feito isso. Eu mereci o perdão deles.

Algum dia, poderia até ganhar o patrocínio deles. Algum dia, eu poderia me tornar uma mestra em armas para eles.

Depois da minha sentença, mamãe foi autorizada a viajar para cá e estabelecer seu próprio alívio. Este lugar e sua proximidade com o conto de fadas a ajudaram a se acostumar com as árvores novamente, mesmo que não a curasse. Pouco a pouco, ela vagou entre os carvalhos.

Porcos malhados gritaram. Uma porca mamãe levou seus filhotes através de uma passarela.

Ao sair, parei do lado de fora da antiga sala de poções de Lyrik, as prateleiras agora cheias de batatas em vez de curiosidades. O caldeirão borbulhava com sopa em vez de um pouco de bebida volátil.

Ouvi dizer que ele retornou apenas uma vez, para coletar seus suprimentos e doar seu cavalo antes de ir para Inverno. Ele deve estar lá agora, na terra da ciência e dos estudos. Eu me perguntei se ele se arrependia.

Talvez um dia eu descubra.

Talvez um dia Nicu o perdoasse.

Acenei para os vizinhos da mamãe e desci uma escada em espiral, meu corpo estremecendo, embora eu tivesse desfrutado de uma bela cama de pedras quentes antes da minha viagem. Caminhando ao longo do riacho, olhei para o meu reflexo na água e pisquei.

Os parafusos dos meus nós dos dedos. O nó de madeira acima do meu lábio.

Uma outra coisa que aconteceu enquanto aqui: eu tinha uma realização em atraso. Os desejos eram ótimos, mas eu não podia confiar nisso. Não em uma cura ou tesouro mágico.

Ninguém poderia. Foram nossos desejos e vontades, nossas esperanças e ações que nos deram vida - que a moldaram.

Mãe e eu sempre tivemos o que precisávamos. Nós tinhamos uma a outra.

O funcionamento de sua mente não a fazia inútil. Minha pele não me fazia distorcida. Mostraríamos ao mundo que vivemos uma vida criativa e habilidosa, contribuindo para este reino, vivendo como um exemplo disso. Mostraríamos ao mundo que éramos como todos os outros, falhos e dificultados, mas reais.

Eu tinha sido despojada das minhas feições de conto de fadas, apenas para querer elas de volta, sabendo que isso nunca aconteceria. E assim, eu havia caminhado pela floresta, pelos gafanhotos, limpando uma madrugada, e esculpi meu desejo em um tronco de árvore, em meio a todos os outros anseios inscritos ali por estranhos. Eu esculpi o que mais sentia falta de mim mesma, reconhecendo e esperando nada em troca.

Simplesmente dei meu desejo à floresta. Eu entreguei. Eu deixo ir.

E assim, a natureza tinha sido generosa. E naquela manhã, me surpreendeu, voltando ao corpo com o qual nasci. Uma vida restaurada.

Isso me devolveu minha pele de madeira.

No pomar, Punk empoleirou-se entre as orelhas da mula e gorjeou, ansiosa por sua casa de pássaros. Em mais três meses, voltaríamos para buscar mamãe e levá-la para casa, de volta à nossa casa na cidade baixa. Até então...

—Só você e eu. — Eu disse a Punk.

A mula zurrou. Revirei os olhos e arranhei o pelo. —Você também.

Ao longo da rota comercial, a carroça balançava, colidindo com pedras e espinhos perdidos. Eu não me importei com a ideia de acampar ao longo do caminho. Era bom estar sozinha por uma vez.

A certa altura da viagem, parei o veículo precisamente ao meio-dia e esperei nas nogueiras. Momentos depois, uma garota escorregou da floresta. Ela usava uma saia xadrez, uma aljava pendurada no ombro. Uma raposa rondava seus pés.

Ela inclinou a cabeça. —Demorou o suficiente.

Eu franzi meus lábios. —As pessoas esperam por mim. Não o contrário.

Ok. Então, talvez uma parte de mim não tivesse se convertido.

A donzela-raposa riu. Cheguei à carroça, retirei um conjunto de flechas e as entreguei a ela. —Pontas de flecha em espiral de madeira Mista afiada, conforme solicitado. Além disso, seu nome inscrito no radical - em letra cursiva. Esse último toque foi meu.

Ela fez uma careta. —Por quê?

—Porque é bonito.

Ela empunhava as flechas, examinando minha obra. —Não é ruim.

—Exatamente. — Eu disse.

—Qual o seu preço?

Dei de ombros. —Passe meu nome para o seu clã. Se você quiser mais da minha lindeza, conversaremos sobre moedas então.

Um sorriso. —Combinado.

Eu bati os reinados e continuei. Depois de dias e noites solitárias, entrei na cidade baixa. Edifícios de madeira e gesso, abóboras apoiadas nos peitoris das janelas e a agitação do comércio. Casa.

Eu faria uma visita aos meus ex-lacaios em breve, na esperança de fazer as pazes. Eu tentaria amizade de verdade, para variar, se eles concordassem com isso. Se eles me perdoassem.

Por enquanto, eu andei em direção à casa e estacionei a carroça no galpão. Punk voou, pronta para uma soneca de passarinho.

À deriva, desembalei, acendi o fogo e subi as escadas correndo para a oficina. Precisava espanar e varrer. Eu comecei a trabalhar, me perdendo na tarefa. Este seria o meu espaço por três meses até a mãe voltar. Todo meu até então, para que houvesse muito tempo para realizar muitas coisas.

No final da tarde, eu estava lascada, suja e yay!

Eu, sorrindo como uma idiota.

Na cidade baixa, lavei os panos sujos sob uma bomba local, depois os pendurei para secar em uma linha no jardim da frente. Quando o sol começou a se pôr, velas brilhavam nas vitrines e nas janelas dos vizinhos. Peguei o pino final, o grão ao longo da minha nuca formigava quando senti os olhos em mim à distância.

Olhando por cima do ombro, vi apenas uma mulher andando com um carrinho de repolhos pela rua, o encadernador fechando sua loja e outros cuidando de seus negócios.

Provavelmente apenas o vento.

Uma brisa agitou os cabelos soltos do meu rabo de cavalo, desde que eu havia tirado meu chapéu há um tempo. Entrei, deixando a porta da frente aberta para deixar entrar aquela corrente fresca e soltei minhas botas. Cantarolando comigo mesma, eu trouxe um atarraxamento para a mesa e depois peguei pederneira e isca. Quando o pavio ficou amarelo, debati sobre o jantar.

Atrás de mim, as botas pararam na porta. Uma batida bateu contra a moldura.

Gritei: —A oficina está fechada até amanhã!

—Existe uma chance de você fazer uma exceção? — Uma voz perguntou.

Eu congelo. Uma voz masculina, etérea e vibrante, como se estivesse voando.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

FANTASIA

Um coração de bolota bateu no meu peito. A vela tremeu quando a sombra dele se estendeu pelo chão ao meu lado. Apertei meu estômago, o lugar em que minha respiração se prendia, onde um milhão de pássaros batiam e as raízes cavavam fundo.

Eu não conseguia olhar. Eu tinha que olhar.

Meus pés nus deslizaram pelo chão quando me virei e encontrei o céu. Um cavaleiro de ouro enchia minha porta, sem armadura e sem capa, como a última vez que eu o vi. Só agora, as linhas desagradáveis de seu rosto haviam desaparecido, substituídas por cores naquelas maçãs do rosto aviárias.

Se o retorno da minha pele de madeira o surpreendeu, ele não demonstrou.

Em vez disso, ele me observou com uma espécie de afeto ardente.

Eu queria agarrá-lo, bater nele. Eu queria bater a porta na cara dele. Eu queria pegar aquele rosto. Eu queria abraçá-lo e rasgar suas roupas. Eu queria amaldiçoar seus ouvidos e dizer o quanto eu sentia falta dele. Eu queria ter esperança. Eu queria resistir.

Para o inferno com tudo isso.

Eu cruzei meus braços. —Posso te ajudar, senhor?

Pensativo, seus olhos voaram através da sala para mim. —Ouvi dizer que uma armeira mora aqui. Eles a chamam de menina de madeira do Outono.

—Ela não está aberta para negócios. — Eu avaliei seu corpo como se eu nunca tivesse posto os olhos nele antes. —Por outro lado, posso ser persuadida. Você pode me chamar de Aspen.

—Um prazer, Aspen. Meu nome é Aire.

—Qual é a sua história, Aire?

Ele retirou a espada da bainha da cintura e a equilibrou sobre as palmas das mãos viradas para cima. —Receio ter superado essa lâmina e talvez precise de algo novo. Sua opinião sobre o assunto seria de grande ajuda.

Isso exigiria chegar perto dele.

Passei perto o suficiente para avaliar a arma, se não por realmente testá-la, pelo menos pela aparência. Inclinei minha cabeça, sentindo o suave movimento de seus olhos ao longo da minha bochecha.

—Ele tem a aparência de um design superior —, eu disse, minhas palavras tremendo nas bordas. —Não sei se algo que eu possa oferecer corresponderia a isso.

—Eu discordo. — Ele sussurrou, sua respiração na minha têmpora.

—Pelo que vejo, não há nada de errado nisso. Por que você quer uma nova? — Engoli as nozes na minha garganta. —Por que você veio até mim?

Ele deu outro passo, sua resposta brotando de um lugar no fundo. —Porque eu estou apaixonado.

Calor floresceu no meu rosto, atrás dos meus olhos, no meu pescoço. Corri meus dedos ao longo do punho, aproximando-me da mão dele e deslizando seu pulso, depois seus dedos.

Seus dedos nus.

Ele removeu o anel.

Imaginei que estava escondido em algum lugar especial, em algum lugar seguro, em algum lugar privado entre eles. E tudo bem. Amá-la fez de quem ele era, e eu amava quem ele era. Eu não esperava ou queria que ele esquecesse essa vida. Eu só queria que ele continuasse vivendo outra vida.

Feliz, nova, restaurada.

Eu não tinha ousado desejar isso, por ele aqui, agora. Eu não tinha ousado desejar que a voz dele moldasse essas palavras.

—Você já mentiu, sir Aire? — Eu perguntei.

—Uma vez —, ele respondeu calmamente. —Para a garota que roubou meu coração.

—Uma ladra também? Você com certeza sabe como escolhê-las.

—Mas eu não a escolhi. — Ele embainhou a espada. —Ela não é uma marionete, simplesmente para ser escolhida. Em vez disso, eu ansiava por ela, mesmo enquanto a negava. Mesmo quando eu me apaixonei por ela. Mesmo enquanto eu enlouquecia por ela, delirava por ela. Mesmo assim, eu fiz a escolha errada. Eu tinha sido um tolo.

—Você não é o único.

—Isso nos torna bem adequados.

Com um sorriso choroso, eu olhei para ele. O vento jogou seus cabelos loiros. Seus olhos brilhantes olhavam de volta.

—Se você quer meus conhecimentos, sou uma garota cara. — Funguei.

—Nomeie seu preço, e eu pagarei. — Seu polegar traçou meu queixo, o círculo da minha marca de beleza, a ponta do meu nariz. —Vou me ajoelhar e rastejar, se você solicitar. Vou escalar esta casa ou trazer-lhe um pacote de marshmallow todos os dias...

—Caros são os meus favoritos.

—Torrado, é claro.

—Para ser claro, você está cedendo?

—Eu acredito que isso aconteceu há muito tempo. — Seu sorriso humilde se derreteu. —Diga-me o que devo fazer, Aspen.

Abri minha boca, mas uma língua com ponta de prata gemeu alto: — Caramba, apenas beije-a!

Nossas cabeças giraram em direção à explosão, em direção à rua de paralelepípedos onde uma carruagem fechada estava parada, carregando a crista real. Os habitantes da cidade pararam para olhar boquiabertos para o trio reluzente cutucando a cabeça da porta do veículo. O bobo da corte, a princesa do Outono e o filho real aplaudiram e vaiaram em nossa exibição enquanto estávamos no limiar.

Poet balançou as sobrancelhas para nós. Sua boca se abriu para dizer mais, mas Briar apertou a mão com carinho, roçou os lábios contra sua bochecha e o arrastou para dentro - mas não antes de nos lançar um olhar de encorajamento.

Nicu foi o último a desaparecer, suas feições mais esculpidas agora, amadurecendo nos últimos meses. Embora ele ainda usasse aquela trança do templo ao lóbulo da orelha, parecendo um elfo. Ele sorriu para nós, depois mergulhou na carruagem enquanto ela se afastava.

Aire e eu rimos, envergonhadas.

—Como eles sabiam? — Eu perguntei. —De fato, como você sabia que eu estaria em casa?

—Os membros da realeza têm seus próprios métodos de inteligência. Quanto a mim, eu poderia ter contratado um falcão de vigilância para verificar antes do tempo. Atualmente, ele está instalado no seu lote, visitando seu pica-pau. Eles têm muito o que piar. Assim, posso esperar um pouco.

—Você quer entrar? — Eu ofereci.

—Se eu posso ser ousado, quero mais do que isso. — Disse ele.

Mantendo meus olhos nele, chutei a porta.

Mantendo os olhos em mim, ele agarrou meus quadris e me levou para trás até meus ombros baterem em uma parede, em alguma parede, em qualquer parede.

Chamas balançavam na lareira. Meu peito bombeava quando ele traçou a coluna do meu pescoço, depois se estabeleceu nos raios das minhas pseudo clavículas. Seu toque preguiçoso, que não era preguiçoso, fez minhas pálpebras tremerem. Ele me observou o tempo todo, prolongando o momento.

Ele perguntou sobre minha pele, e eu contei, e ele sorriu.

—Senti sua falta —, ele murmurou. —Muito mesmo.

—Da mesma forma. — Eu disse.

—E enquanto você sentiu minha falta, você... — Ele corou. —Você me imaginou? Como eu imaginei você?

Meu, meu, meu. O cavaleiro tem um lado diabólico. —Você está perguntando se minhas fantasias eram gráficas?

—Não. — Achatando as mãos em ambos os lados da minha cintura, ele se inclinou, sua boca espreitando pela minha orelha, seu hálito quente me fazendo tremer. —Estou perguntando se podemos usar essas fantasias.

Ainda bem que eu fechei as persianas mais cedo. Nós não estávamos chegando no meu quarto.

Seu corpo estava corado com o meu, seu torso esmagando meus seios. Nossos lábios tinham encontrado um caminho para o outro, escovando, provocando. O ponto de pulsação entre minhas coxas começou a pulsar, enrolando mais forte que uma bobina.

—Eu sou seu, Aspen —, ele murmurou contra mim. —Você vai me receber também?

Eu assenti freneticamente, e ele assentiu de volta.

Nossas bocas se inclinaram em beijinhos quentes. Eu me dissolvi, arranhando seus cabelos, meus quadris se contraindo e puxando um gemido dele. —Você se lembra do que eu disse na fogueira durante o Festival de Halloween? Entre os dançarinos do prado?

—Você sabe que sim. — Eu respondi entre beijinhos.

Sua boca mergulhou, aninhando-se debaixo da minha mandíbula. —E o que eu disse?

Minha cabeça pendeu, batendo contra a parede. —Que você me beijaria novamente.

—E? O que mais, minha senhora?

—Que você me levaria para a cama.

Minutos depois, ele me jogou debaixo dele na frente da lareira em chamas. Eu arqueei, nua e me contorcendo com o ritmo de seu corpo, o rolar de sua cintura, o impulso de sua pélvis. Ele agarrou meus pulsos e os prendeu acima da minha cabeça, meus joelhos espalhados ao redor dele enquanto ele balançava dentro de mim, um ritmo ondulante que me colocou no tapete. A umidade se acumulou na testa, pelos músculos do abdômen, na parte inferior das costas.

Eu gemia: —E o que você diz agora, Aire?

—Eu te amo, Aspen. — Ele cantarolou.

—Me diga de novo.

—Eu te amo.

—Novamente.

E de novo. E de novo.

Mais tarde, descansaríamos junto ao fogo e sussurraríamos. Mais tarde, eu ferveria água para o chá, e ele pediria para me cortejar, e nós fazíamos planos. Permaneceríamos nesta cabana, derrubando e reconstruindo as paredes, nossas mãos e lábios por toda parte, nossos corpos incansáveis.

Até então, como uma ladra, roubei cada gemido dele. Tudo se condensou no lugar em que nos juntamos, onde nossos corações batiam, onde suas palavras encontraram um buraco no meu peito e o encheram.

Juntos, fizemos os sons mais honestos que já tivemos.

Um ruído rouco escapou dele quando ele pegou meu rosto em suas mãos, seus lábios me separando, nossas línguas deslizando. O movimento dos quadris de Aire ganhou velocidade, a dureza me atingiu, atingindo um lugar que me fez voar.

Nós nos dirigimos ao esquecimento.

Eu o trouxe para a terra. E ele me jogou no céu.

EPÍLOGO

FANTASIA

Era uma vez uma mentirosa.

No Reino do Outono, ela fora criada das árvores e tinha um coração em forma de noz. Ela era vaidosa. Ela era má.

E sim, ela contou mentiras. Muitas.

Por que essa garota merecia um conto de fadas?

Garotas como ela não mereciam suas próprias histórias, muito menos ganhavam finais felizes. Elas não colheram a glória, nem atraíram o honesto e nobre cavaleiro. Elas não eram mansas o suficiente, ou gentis o suficiente, para serem recompensadas.

Serem desejadas. Serem amadas.

Era isso que os contos de fadas queriam que o mundo pensasse. Porque geralmente, contos de fadas eram estúpidos.

Mas não este. Este conto era diferente.

Tão diferente quanto a própria garota. A garota feita de árvores.

Terminou assim: ela viajou para uma floresta de contos de fadas, fez amizades improváveis e se apaixonou.

O melhor de tudo, ela aprendeu a se amar. Ela aprendeu a amar sua madeira.

Ela aprendeu a dar mais do que tomar, embora ainda contasse mentiras aqui e ali. Ela ainda estava aprendendo, porque sempre havia mais para aprender.

E na terra das folhas que caíam, vivia um cavaleiro.

E esse cavaleiro acreditava em apenas três coisas: cavalheirismo, bravura e honestidade.

A última, acima de tudo.

Até que ele soube que as pessoas eram boas e más, certas e erradas, honestas e falsas. Elas eram honoráveis e equivocadas. Elas eram corajosas e assustadas. Elas eram feitas de carne e madeira, de verdades e mentiras, de realidade e fantasia. Elas eram do céu e da terra, de ventos e raízes.

O amor era o passado e o futuro.

A vida era todas essas coisas e tudo mais.

Nesse reino, o cavaleiro e a garota se conheceram. Eles já foram inimigos, que então se tornaram amigos, que então se tornaram amantes.

A Coroa revelou a verdade ao público, tudo sobre as bolotas de conto de fadas e os detalhes de uma história de amor desonesta. Alguns se divertiram, outros amargurados, outros desapontados. Mas com a influência da realeza, a maioria recebeu as notícias com graça, aceitando que a mãe carpinteira da garota encontrara a segunda bolota de maneira justa e sabendo que a bolota final havia trazido de volta à colônia a casa da árvore, o que beneficiou muitos.

Também explicava a pele da menina, fascinando todos que a conheciam. Não impediu que estranhos olhassem, mas ela lidava com isso com delicadeza. Ela andava confiante.

Uma noite, um ano após o namoro, o cavaleiro montou seu cavalo na cidade baixa, para a oficina da casa de campo. A jovem havia se tornado uma ferreira para nobres e raposas. Ela havia sido recentemente designada para designar a guarda real, a serviço da coroa. Tornara-se uma garota de madeira a sério, conquistando o respeito do povo através de seu ofício, através de suas contribuições para o reino.

Ela estava sentada em sua oficina, construindo à luz de velas ao lado de sua mãe, enquanto a ajudante pica-pau estava empoleirava num balanço de pássaro. Lá fora, a névoa flutuava através das estrelas. Lá dentro, o vapor ondulava em uma xícara de cidra e um chapéu de penas pendia de um cabide na parede. Apenas os sons de ferramentas e madeira enchiam a sala.

Ela nunca substituiu o dedo queimado, mesmo que eles tivessem uma peça de reposição.

No entanto, ela substituiu seus machados gêmeos por um único maior, mais adaptado ao seu corpo.

A garota estava terminando o dia, colocando os últimos toques em outra maçaneta, quando algo atingiu a janela. Um pequeno estalo, e depois outro, e outro. Três pepitas minúsculas em sucessão. Seixos?

Não. Não seixos. Nozes.

A garota estremeceu, pensando: *que diabos?*

Ela levantou-se do banquinho, abriu a janela e sentiu a porca de seu coração saltar.

O cavaleiro esperava na pista de paralelepípedos, parado entre as lâmpadas da tocha, seus olhos azuis brilhando para ela. As mangas de sua camisa estavam arregaçadas, e uma brisa noturna girava em torno dele, como se ele tivesse descido das nuvens e mudado para ser.

A garota da madeira levou um momento para se gabar e adorar em particular. Com ela morando na cabana e ele no castelo, os encontros eram um desafio, que ia do quarto ou do quarto dele, a um quarto na estalagem, a esconderijos ao ar livre.

Uma vez, durante um torneio de justas, eles batizaram sua tenda. Ela estava aguardando o retorno dele do campo, vestindo nada além de um pedaço de sua cota de malha. Ele cambaleou no lugar ao vê-la, seu escudo

amassado escorregando de seus dedos. O rugido da multidão lá fora abafou os sons que eles fizeram.

Mas, na noite atual, ela antecipou que eles fossem ao seu lugar favorito nos pomares do castelo. Ele sempre trazia velas sempre que faziam amor lá.

Mas era muito cedo. Eles não tinham planejado se encontrar por mais uma hora.

Ela cruzou os braços sobre o peitoril, bateu nos cílios e brincou: —O que posso fazer por você, senhor?

O cavaleiro sorriu. —Você pode dizer *sim*.

Ela piscou. Algo em seu tom. O tremor amoroso em sua voz.

A mãe da garota baixou a cabeça, sorrindo. Recolhendo sua própria xícara de chá, ela se desculpou na sala. O pica-pau vertiginoso gorjeou e bateu pela janela, indo para a casa de passarinho.

O cavaleiro chocou a garota subindo pela fachada da cabana, subindo para a oficina. Um herói dourado escalando as paredes para ela. Um gesto dramático que a fez rir.

Ele pulou pela janela. E então ele afundou em um joelho.

E do bolso, ele retirou um anel.

E ela parou de rir.

Ela nunca tinha visto isso antes, esse círculo de madeira em forma de pena. Ela reconheceu o artesanato e teria olhado para o banquinho onde sua mãe estava sentada, mas a voz do cavaleiro roubou o fôlego da moça da madeira.

Ele perguntou, e ela respondeu - uma vez que ela terminou de gritar.

Depois que ela terminou de atacá-lo, o abraço os empurrou contra a mesa de trabalho, formões e goivas no chão.

Depois que ela terminou de beijá-lo sem sentido. Uma vez que ela finalmente puxou sua boca da dele, e ele a puxou para perto, os dois sorrindo. Depois que eles fizeram isso, ela disse: *Sim*.

Embora esse nobre e garota de madeira viessem de classes diferentes, elas receberam uma bênção real para casar. E logo depois disso, em uma clareira da meia-noite, em uma colônia de casas na árvore iluminada por luminárias, o cavaleiro colocou o anel em seu dedo e a moça de madeira colocou uma réplica no dele.

Naquela floresta, eles trocaram promessas. Em um bangalô naquela noite, ela o montou nu, e ele perdeu o fôlego.

Mais tarde, haveria um aposento no castelo, onde o nobre cavaleiro e sua garota de madeira morariam. Ela estabeleceria uma forja própria na cidadela, mas ainda trabalharia ao lado de sua mãe durante visitas frequentes à oficina.

Embora a menina da madeira e seu cavaleiro não pudessem conceber, haveria uma criança órfã, uma menina que precisava de um lar. E haveria outra criança órfã, um garotinho que precisava de um lar.

No futuro, haveria muitas coisas pela frente. Porque a garota da madeira ganhou o cavaleiro, e ele a conquistou, então não era mais apenas a história dela. Era deles.

Era minha e dele. Éramos eu e ele.

E nós vivemos sinceramente para sempre.

Bem, ok... na maioria das vezes.